

Coleção **CODAS**

CODAS



Volume 1

Ricardo Ernani Sander



SOBRE O CRESCER OUVINTE COM PAIS SURDOS



Editora
Arara
Azul

RICARDO ERNANI SANDER

CODAS:
SOBRE O CRESCER OUVINTE
COM PAIS SURDOS



Copyright © Editora Arara Azul Ltda, 2022

Produção editorial
EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20
25725-055 – Araras, Petrópolis – RJ
Cel/WhatsApp: (24) 98828-2148
E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br
www.editora-arara-azul.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 9.610/98).

Os conceitos emitidos neste livro são de inteira responsabilidade do autor.

Gerência de produção

Clélia Regina Ramos
Karine de Fátima Ribeiro da Cruz

Projeto Gráfico de Capa

Taty Tanaka Horn Paciulo

Projeto Gráfico de Miolo

Gleide Ferraz

Editoração Eletrônica

Gleide Ferraz

Revisão

Fátima Cristina Kneipp Borde

Sobre a capa:

A família Paciulo Castilho na capa.

Roberto e Taty, e o filho Enzzo.

Tarcísio e Bruna, e o filho Benjamin.

Ambos os casais são surdos usuários da Libras, com seus filhos ouvintes.

Somos amigos cúmplices, padrinhos e afilhados há muitas décadas.

Agradecido a todos pela capa do livro, em especial à arte da designer Taty Tanaka Horn Paciulo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sander, Ricardo Ernani

Codas [livro eletrônico] : sobre o crescer ouvinte com pais surdos /
Ricardo Ernani Sander. – Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2022. –
(Coleção CODAS ; 1)

ISBN 978-85-8412-042-0

1. Educação 2. Família - Aspectos sociais 3. Língua Brasileira de Sinais
4. Pais e filhos 5. Relacionamento familiar 6. Surdez - Aspectos sociais I.
Título II. Série.

22-120316

CDD-362.42

Dedico este estudo aos **Codas brasileiros**.

Agradecimentos:

Aos Codas sujeitos participantes desta pesquisa
(Nina, Kayke, Kauê e Guaracy) e à Libras.

Aos colegas e professores do grupo de pesquisa Lalis
(Unesp de Marília) e Gepdi (Unesp de
Bauru) pelo crescimento e pelos caminhos inacabados
que surgiram.


Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin

Navegamos barcos diferentes, mas sulcando
as mesmas águas.

Dirceu Galdino Cardin

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS



ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ASL	Língua de Sinais Americana
Auslan	Língua de Sinais Australiana
BSL	Língua de Sinais Britânica
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Codas	Filhos ouvintes de pais surdos (designados de Codas a partir dos 18 anos)
Febrapils	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais
Feneis	Federação Nacional de Educação e de Integração dos Surdos
Gipes	Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
Kodas	Crianças ouvintes de pais surdos (designados de Kodas até os 18 anos)
LBI	Lei Brasileira de Inclusão

LDB	Lei de Diretrizes e Bases
Libras	Língua Brasileira de Sinais
ONU	Organização das Nações Unidas
PNE	Plano Nacional de Educação
SNPG	Sistema Nacional de Pós-graduação
SSE	Sinais com suporte do Inglês
SSRS	Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul – RS
TILS	Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas – RS
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS
UnB	Universidade Nacional de Brasília – DF
Unesp	Universidade Estadual Paulista – SP
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR

PREFÁCIO

Ronice Müller de Quadros

O convite do Ricardo Ernani Sander me chegou e me fez sentir muito honrada, pois comecei minha carreira profissional ao seu lado, no início da década de 1990. Ricardo Sander me encontrou e me introduziu o termo “Coda”: – Ah, você é Coda! Ele me explicou que em sua estada nos Estados Unidos tivera a oportunidade de participar de um evento internacional de Codas, ou seja, de filhos ouvintes de pais surdos, assim como eu era. Eu, Coda, filha ouvinte de pais surdos em uma família de vários surdos, acabava de ser introduzida ao mundo Coda que me integrava, apesar de não ter consciência a respeito. Assim, ao ler o seu trabalho, fiquei muito honrada em escrever este prefácio.

O trabalho sobre narrativas de filhos ouvintes de pais surdos elaborado por Ricardo Sander é muito interessante, pois apresenta olhares a partir de um não Coda. Inicialmente, pode parecer estranho alguém escrever sobre o outro que não o integra totalmente, mas, ao mesmo tempo, traz vantagens de estabelecer olhares a partir de outra perspectiva. Para o Ricardo Sander, de certa forma, as experiências Codas o identificam enquanto falante de língua de herança alemã no Brasil. A sua experiência contribui significativamente para a condução de suas entrevistas com Codas, assim como para as suas análises.

Seus olhares trazem elementos sensíveis que compreendem o ser bilíngue em contextos monolíngues, num país como o nosso, o Brasil. Além disso, sua inserção nas co-

comunidades surdas, quando escolheu se apropriar da Libras entre seu repertório de línguas, o tornou um pesquisador diferenciado. Como ele mesmo percebe, o ser bilíngue Coda não escolhe ter esta condição, eles simplesmente são por nascerem em famílias surdas sinalizantes de Libras em um país ouvinte falante de Português. No entanto, ele escolheu fazer parte das comunidades surdas brasileiras ao decidir aprender a Libras e tornar-se um mediador entre Libras e Português. Eu respeito muito essa escolha.

As suas escolhas permearam a sua vida e culminam com este trabalho, que analisa filhos ouvintes de pais surdos. O autor analisa a constituição bilíngue de Coda, assim como o orgulho de serem o que são, como experiências visuais surdas entre outros que falam. A questão da maturidade precoce alcançada por estes Coda também é tema de suas análises. Além disso, os entrevistados acabaram se constituindo profissionais que atuam com outros surdos. De certa forma, apesar da diferença entre ser e não ser Coda, as experiências relatadas também permeiam as experiências do autor. Ao escolher adentrar o mundo surdo, ele aprende a Libras e compartilha vários dos sentimentos e experiências trazidos pelos seus entrevistados. O fato de lidar com os olhares que permeiam a diferença no mundo ouvinte, as circunstâncias de mediar línguas e culturas, assim como de se orgulhar dos surdos, são exemplos de questões que constituem o Ricardo Sander.

Minha experiência, enquanto Coda e enquanto colega deste querido profissional, me trouxe aqui para compartilhar com vocês o valor desta obra. Os trechos selecionados por Ricardo Sander falam sobre os Coda e falam sobre ele. São pérolas que brindam a interseccionalidade das expe-

riências surdas, ouvintes e Cotas. O terceiro lugar é ocupado entre vários outros lugares, tornando-se fronteira, nos entremeios de tantas diferenças linguísticas e culturais. Assim, tornamo-nos o que somos, mediadores de excelência, com identidades Cotas.

Este trabalho, portanto, é um presente para todos que escolheram ocupar este espaço, assim como para os Cotas e seus pais surdos. Aborda pontos importantes das experiências que estão intrincadas na posição do terceiro espaço, com experiências nas fronteiras e no cruzamento delas.

Assim, convido a cada leitor desfrutar desta leitura que foi permeada por muito amor e carinho.

Gratidão ao Ricardo Ernani Sander por dedicar parte da sua formação neste trabalho.

Ronice Müller de Quadros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REVISÃO DA LITERATURA	31
Artigos	35
Biblioteca Digital Europe PMC	37
Biblioteca Digital PubMed	38
Revista Científica da Escola Superior de Coimbra	39
Dissertações	40
Tese	53
E-Book	56
Livros físicos	60
Considerações sobre este capítulo	69
2. CONSTITUIÇÃO SINGULAR DOS CODAS	77
Língua	77
Identidade/Subjetividade e Cultura	93
O Coda ao espelho: constituindo a imagem de si – identidade, cultura e subjetividade	118
3. PERCURSO METODOLÓGICO	135
Local da pesquisa	141
Participantes da pesquisa	141
Procedimentos e produção dos dados	146
Forma de registo das entrevistas	151
Metodologia da pesquisa aplicada à análise dos dados	152
4. DISCUSSÕES E RESULTADOS	165
Narrativas que marcam a maturidade precoce na constituição da subjetividade dos Codas	166

Formação identitária dos Codas como sujeitos bilíngues e biculturais	186
Orgulho dos pais como cidadãos de direitos em sociedade	200
Aspectos do processo formativo escolar e universitário	211
Codas: os primeiros Tils nas relações dos pais surdos em sociedade	229
5. NARRATIVAS	242
Questões das entrevistas para os Codas	242
Narrativas de Nina	244
Narrativas de Kauê	291
Narrativas de Kayke	320
Narrativas de Guaracy	343
CONSIDERAÇÕES FINAIS	382
REFERÊNCIAS	390

INTRODUÇÃO

A condição bilíngue sempre esteve presente em minha vida e me instigou a pesquisar sobre esta temática, ancorada na minha própria formação bilíngue. A minha infância, no interior gaúcho, aconteceu imersa em duas línguas e culturas diferentes, a língua alemã e a língua portuguesa.

Crescer bilíngue foi um privilégio e me possibilitou, além da apropriação das duas línguas, também circular nas fronteiras, de modos outros de comungar valores éticos, simbólicos, religiosos e crenças, potencialmente humanizadoras na minha história de vida. Houve, muitas vezes, fusões que se mestiçavam tanto pelo lado das línguas, quanto pelas culturas, pelo modo de ver e de representar o mundo. Sensação permanente de uma perspectiva de inacabamento, de não consciência à época.

Dummer e Schmöckel (2002), Engelman (2007) e Hunsche (1977) tratam da historicidade dos imigrantes alemães (da região do Hunsrück e da Pomerânia, em especial), nos anos 1826 a 1870, que vieram em navios a vapor para o Brasil, trazendo os antepassados da família Sander, que se instalaram no interior do Rio Grande do Sul¹. Os imigrantes, a maioria de fé protestante, traziam sua língua, sua cultura e sua identidade. Passaram-se cinco gerações até a

¹O filme *Die andere Heimat* (2013) = A outra Pátria, dirigido por Edgar Reitz, retrata a saga do sonho das famílias que deixavam a Alemanha para recomençar a vida no Rio Grande do Sul.

minha, a qual teve mais contato com a língua portuguesa. Na década de 1960, deu-se o início mais expressivo de uso das duas línguas – alemã e portuguesa.

Lembro-me das incompatibilidades entre elas, de momentos em que uma língua era mais usada do que a outra. Por exemplo, assuntos que eram mais recorrentes lá em casa e entre os moradores de Vila Progresso, no município de Vera Cruz, interior gaúcho, do que os assuntos conversados quando chegávamos à cidade.

Em determinados ambientes e com as pessoas iguais a nós – os brancos e de cabelos loiros –, a língua era alemã e fortalecia a informalidade e as relações de confiança. Já em ambientes escolares e outros eventos formais, a língua portuguesa era aquela considerada erudita e que denotava conhecimentos, de gente da cidade, mas também, de menos confiança. Nós, os de descendência alemã, chamávamos os outros de “brasileiros”, como se nós não fôssemos nascidos no mesmo país, e como se nós não fôssemos compatriotas deles. Em minhas raízes afetivas sempre senti essas vivências tão demarcadas pelo permitido e aceitável, enquanto referência de pertencimento aos modos de ver a vida. Hoje, compreendo essa eugenia preconceituosa que me marcou à época, porém, não tinha a consciência cognoscível, como diz Bakhtin, em relação ao meu contexto social, cultural, familiar. As vivências e o conhecimento adquirido ao longo da trajetória me fizeram ver a necessidade de desconstrução de muitas “verdades” em minha própria construção e permitir nova constituição a partir do outro, uma outra visão de mundo, outra de homem, enfim, uma cosmovisão outra, mais alargada, mais potente, justa e verdadeira, sem perder as minhas origens.

Voltando aos meus embates com as línguas alemã e portuguesa na infância, descubro uma citação que me alenta e me faz compreender a mim mesmo. Afirma Karnopp (2008, p. 75): “Toda tentativa de aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras da primeira língua”. Parecia-me que a minha primeira língua era mais correta e honesta nas relações dialógicas do que a segunda língua. Segundo Karnopp: “[...] a língua é o material fundador do nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (KARNOPP, 2008, p. 75).

Por isso, ao pesquisar sobre a condição bilíngue dos filhos ouvintes de pais surdos, denominados de Codas², usuários da língua de sinais, também olho para dentro de mim, descrevendo o que se passa na tessitura do meu psiquismo, o qual me constituiu e ainda o faz continuamente. Somos seres inacabados e eternos, com infinitas possibilidades, e, portanto, únicos.

Aprender com os Codas e saber o que eles pensam sobre seu crescer e constituição bilíngue, como foi sua escola e seu aprendizado, seus limites e dificuldades, me faz conhecer e compreender a mim mesmo, como ser humano, na minha identidade/subjectividade, assim constituído. Conhecer os Codas no seu contexto familiar e educacional é compreender aspectos da minha própria constituição, como foi meu processo de crescer bilíngue e bicultural num país

² Codas – Acrônimo na língua inglesa que significa Children Of Deaf Adults, é usado desta forma na literatura. Diz respeito aos filhos ouvintes de pais surdos com idade a partir dos 18 anos. Há também a ONG internacional denominada de CODA <<https://www.coda-international.org>> e outras organizações com o mesmo nome em muitos países mundo afora.

que se reconhece tão somente monolíngue, imposição essa de natureza eminentemente cultural e política.

Contrária a esta afirmativa, o censo do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2010) comunga com a ideia de haver atualmente 274 línguas faladas no Brasil, das quais temos 305 etnias diferentes. Afora a língua portuguesa, essas outras línguas dizem respeito às línguas indígenas (aproximadamente 180) e às línguas de sinais como a Urubu Ka'apor³ e a Libras. São incluídas também as línguas trazidas pelos imigrantes como o alemão, ucraniano, italiano, e diversas outras línguas orais (aproximadamente 56) que ainda são faladas e ensinadas no Brasil. Há, também, dezenas de línguas de origem africana, que vieram com os povos escravizados, as quais se juntam à totalidade, perfazendo um complexo contexto linguístico e cultural em nosso território.

Nosso vasto Brasil tem ainda fronteira com os países de língua espanhola (Uruguai, Argentina, Paraguai, Peru, entre outros), de língua francesa (Guiana Francesa), de língua inglesa (Guiana) e de língua neerlandesa (Suriname), o que garante que haja as chamadas línguas de fronteiras, que se encontram e criam uma terceira língua, não oficial, mas usada entre os povos fronteiriços, com influências culturais e linguísticas de ambos os lados. Não podemos esquecer que as línguas indígenas também se misturam com a língua portuguesa, sempre quando há contato entre elas.

³ Urubu Ka'apor – nome de origem indígena, cujo grupo vive na floresta amazônica do estado do Maranhão. Eles têm um número significativo de membros surdos que usam uma língua de sinais diferente da Libras.

Desse modo, temos um rico caldeirão em línguas diferentes, culturas e etnias. Por isso, o país é considerado como um lugar abundante na questão linguística e cultural, pois abarca três grandes troncos linguísticos – as línguas indígenas, as línguas africanas e as línguas europeias, conforme o censo do IBGE (2010).

Nessa direção, não podemos continuar a ver o Brasil como uma sociedade que fala somente a língua portuguesa, mas sim concebê-lo como uma sociedade multilíngue e multicultural. Tomo consciência disso! A língua portuguesa é a língua oficial falada pela grande maioria das pessoas, bem como é nela que se publicam as leis e os documentos oficiais. Incluem-se todas as publicações literárias e é, portanto, a língua de maior prestígio. Entretanto, torna-se importante que vejamos um Brasil na multiplicidade e pluralidade de línguas, culturas, vozes, usos e costumes, de um território de complexas origens, que se movimentam e coexistem.

Sensível à situação dos Codas, este estudo permite não só saber de mim, mas também discorrer sobre possibilidades de visões outras, me colocar na escuta dos seus medos, preconceitos, obscurantismos, das vivências ao lado dos seus pais surdos.

Nesse contexto, ou melhor dizendo, nesse caldeirão de sentimentos, emoção e desejo de conhecer melhor como os Codas se constituem bilíngues, voltamos o nosso pensamento aos quatro Codas do meu estudo. Quem são? São sujeitos ouvintes bilíngues adultos, todos atuando em escolas públicas, sendo dois professores doutores e dois mestres tradutores/intérprete da Libras. Esses Codas vêm de lares

cujos pais surdos têm a língua de sinais e a cultura surda como constituição fundamental e como modelos linguísticos e culturais para os filhos. Os pais foram fundamentais nos movimentos surdos, bem como, o lar desses Codas serviu de local para a fundação da associação de surdos das suas respectivas cidades.

O meu encontro com a língua de sinais se deu de forma casual, por meio do contato informal com pessoas surdas fluentes em língua de sinais. Isso aconteceu no início de 1980 na Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul⁴, sempre aos sábados e domingos, em ambiente natural. O papo acontecia sobre os mais diversos temas. Não tive dificuldade em aprender a língua de sinais. O contato frequente com os surdos e o desejo de aprender foram determinantes para essa apropriação. Não se falava em Libras ainda, pois o conjunto de sinais empregados pelos surdos não era reconhecido como língua oficial, como compreendemos nos dias de hoje. Atuei como intérprete de língua de sinais durante muitos anos, tanto em eventos no Brasil como em outros países, tendo uma participação ativa em movimentos em prol da Educação da comunidade surda brasileira. Eram atuações voluntárias e minha formação foi totalmente empírica e com raras leituras às quais tinha acesso à época. Os eventos fora do Brasil foram fundamentais para o meu conhecimento e prática na área, os quais serviram de base para a forma que os profissionais estão organizados e como atuam hoje, aqui no Brasil.

⁴ Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), fundada em 14 de abril de 1962.

Em 1989, participei de um evento chamado *The Deaf Way*⁵, que aconteceu na Universidade Gallaudet, de 9 a 14 de julho de 1989, em Washington, D.C., Estados Unidos. Três membros da diretoria da Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, fundada em 1987, no Rio de Janeiro, participaram do evento e eu fui convidado para ser o tradutor/intérprete de Libras e língua inglesa. Essa foi minha primeira experiência como intérprete a nível internacional. Foram a esse evento: a presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), Ana Regina e Souza Campello, o vice-presidente Antônio Campos de Abreu, e o tesoureiro Fernando Valverde. Foi uma experiência impactante, grandiosa, que me fez ver as possibilidades na área aqui no Brasil. Havia surdos de todas as partes do mundo, com diferentes línguas de sinais, dos diferentes países. Suas apresentações artísticas celebraram a cultura surda, suas línguas e as pessoas surdas. A presidente da Feneis também apresentou um relatório dos trabalhos iniciais da entidade do Brasil. Para mim foi um enorme aprendizado, e a certeza de que essa seria minha área de atuação profissional.

Na sequência, após o término do *The Deaf Way*, recebi o convite do professor da Universidade Gallaudet, também Coda, Eli Savanick, já falecido, para participar do Congresso Internacional dos Codas (1989)⁶. Foi uma honra

⁵ *The Deaf Way I*, em julho de 1989, na Universidade Gallaudet, Washington, D.C. Evento de magnitude internacional de celebração da cultura surda. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=bqJxAcmA9yEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR-v=onepage&q&f=false>>. Em julho de 2002 aconteceu o *The Deaf Way II*, mesma Universidade.

⁶ VI Conferência Nacional dos Codas, em 15-18 de julho de 1989. Local: Auditório College Conference Center do Hotel Quality Inn, MD, EUA.

para mim poder assistir a esse evento. Um dos principais palestrantes convidados para o evento foi o Coda Louie Fant, cujo título da sua fala foi *Blessings from My Parents' Deafness*⁷, na qual fala do orgulho de ter pais surdos e da sua pessoa enquanto Coda. Houve representantes de muitos países, bem como a participação de pessoas não Codas (como professores, pesquisadores, cônjuges e simpatizantes da causa). Parte da programação promovia momentos exclusivos para os Codas. Os participantes não Codas foram separados e discutiram assuntos sobre a língua de sinais, cultura surda, família com surdos e relacionamentos com os Codas. Nesse encontro foi deliberado que os próximos eventos seriam direcionados somente para os filhos ouvintes de pais surdos⁸.

Olhando para meu passado, no evento dos Codas de 1989 nos Estados Unidos da América, e somando à minha trajetória profissional na área dos surdos, reconheço a honra em ter participado como único brasileiro presente nesse encontro tão singular, cuja especificidade dos Codas me fez descobrir parte da minha subjetividade pessoal e profissional. É um olhar que dá início a novas compreensões, também na aceitação da minha constituição bilíngue. Portanto, justifica-se este estudo pelos motivos pessoais expostos e pela constante necessidade de pesquisas acadêmicas na área dos estudos da Educação, na linha da Educação Especial. Ora, a constatação sobre os benefícios que experimentei, como resultado da compreensão do univer-

⁷ Louie J. Fant, Jr. (1931-2001), *Blessings from My Parents' Deafness* = Bênçãos da surdez dos meus pais.

⁸ Organização Internacional dos Codas. <<https://www.coda-international.org>>

so Coda, permite inferir que esse conhecimento pode alcançar e beneficiar outros sujeitos que tenham vivido experiências semelhantes.

De acordo com o Coda estadunidense Thomas H. Bull (2013), a organização não governamental dos Codas, como é conhecida hoje em dia, era primeiramente denominada de HCDPs⁹ – Filhos Ouvintes com Pais Surdos – antes de 1983. Entretanto, o acrônimo CODA foi bem mais aceito entre os próprios Codas e popularmente divulgado, a partir do mesmo ano, também entre a sociedade dos surdos. Logo após, a organização dos Codas estadunidenses aceitou membros de outros países e se tornou conhecida internacionalmente. O primeiro encontro da organização dos Codas aconteceu em 1986, na Califórnia, EUA (BULL, 2013).

Aqui, lembro de um dos postulados de Arfuch (2010, p. 62) em relação ao espaço biográfico, pois “[...] parte de uma decisão epistemológica, da não coincidência essencial entre autor e narrador”. Ao contrário dessa afirmativa, posso dizer que a minha trajetória epistemológica e profissional não é por acaso, nem da não coincidência. Há uma atuação constante na área e encontros diretamente ligados ao crescer bilíngue, educação bilíngue, educação de surdos, atuação na área da tradução/interpretação de Libras e pesquisa na área dos Codas.

Há um espaço biográfico onde me constituo como sujeito bilíngue, como autor e pesquisador. Nele, as narrativas biográficas não acontecem apenas a partir dos narradores, isto é,

⁹ HCDPs – Hearing Children with Deaf Parents = Filhos Ouvintes com Pais Surdos.

dos Codas participantes do estudo, os meus coautores. Como diz Amorim (2001, p. 268): “[...] o pesquisador está na casa do outro”, visto que “a linguagem é a própria hospitalidade, pois é aí que as trocas e os acolhimentos se dão” (AMORIM, 2001, p. 27), e ainda, segundo o autor, “somos anfitriões e hóspedes, ao mesmo tempo” (p. 26).

Sendo assim, as narrativas também são minhas, acontecem a partir do meu espaço biográfico, da minha visão ontológica, enquanto sujeito que se vê pelos outros e se constitui a partir dos outros, e na pesquisa, a partir dos narradores Codas.

Concordamos com Amorim (2001, p. 11) na sua afirmação:

Toda pesquisa só tem começo depois do fim. Dizendo melhor, é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém, uma vez terminado, é possível ressignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e que passou a ser.

No Brasil, os Codas, como um grupo, tiveram a sua primeira reunião no ano de 2010, em Florianópolis, Santa Catarina. Foi uma primeira oportunidade de os Codas se encontrarem e falarem a respeito de si mesmos. A professora Ronice Müller de Quadros, que é Coda, fez o convite informal para que os Codas, os quais estavam presentes em um outro evento, fossem até uma pizzaria para conversarem. Nesse primeiro encontro, a professora explicou sobre o movimento internacional dos Codas e anunciou que haveria no ano de 2012, em Miami, nos Estados Unidos, uma

conferência específica para Codas. Na ocasião, quatro Códas brasileiras participaram do evento.

No ano de 2013, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu o *I Encontro Nacional de Códas*, formalizando, assim, o grupo de Códas brasileiro. No ano de 2014, o encontro foi na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2015, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2016, novamente aconteceu no Rio de Janeiro, com as atividades organizadas pelo estado de São Paulo. Em 2017, o *V Encontro dos Códas* aconteceu novamente na cidade do Rio de Janeiro, com a organização dos Códas do Estado de Goiás. No ano de 2018, o *VI Encontro Nacional* foi na cidade do Rio de Janeiro com o tema “Imaginário Coda: Nós e o país das maravilhas”, de 24 a 26 de agosto daquele ano. Em 2019, os Códas se reuniram em Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Não participei desses eventos aqui no Brasil.

A organização CODA Brasil pontua que o objetivo desse grupo formal é:

Estabelecer uma conexão entre Códas de todas as partes do país. A base de nossos princípios está relacionada com o empoderamento das nossas heranças Surdas em nossas vidas de ouvintes. Nós queremos vitalizar nossas conexões Surdas e entender mais e mais sobre nós mesmos enquanto filhos ouvintes de pais surdos. (CODA BRASIL, 2018, p. 2).

Dessa forma, os Códas são aqueles que tiveram a língua de sinais como sua primeira língua, pois seus pais surdos são usuários da língua de sinais. Os Códas são também

bilíngues, pois, quase concomitantemente, aprenderam também a língua oral de seus avós, da escola que frequentaram ou mesmo dos vizinhos que serviram de modelos orais para eles.

Este estudo dá continuidade à minha pesquisa de mestrado, na qual investiguei a educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos, a partir do olhar dos pais surdos, usuários da língua de sinais. Esta pesquisa de doutorado terá o olhar dos Codas, que narraram sobre a sua trajetória de vida, isto é, os próprios Codas falam sobre si.

Os Codas – participantes deste estudo – narram sua vida por meio de entrevistas evidenciando sua história e sua condição bilíngue desde o nascimento, tendo como língua materna uma de modalidade visual espacial, a Libras, e uma segunda língua de modalidade oral auditiva, a Língua Portuguesa.

A comunidade surda brasileira vive uma situação bilíngue, tendo a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, na modalidade escrita. A história mostra que a língua de sinais ficou proibida por mais de cem anos¹⁰. Desde o congresso fatídico que aconteceu em 1880, na Itália, na cidade de Milão, a língua de sinais foi proibida de circular nas escolas para surdos, ou até mesmo em outros espaços.

Aqui no Brasil, somente na década de 1990 surgem várias discussões a respeito da língua de sinais e do bilin-

¹⁰ LANE, H. *When the mind hears*. A history of the deaf. Nova York: Vintage, 1989. Obra que traz toda a história do povo surdo a partir do século XIX na França e nos Estados Unidos.

guismo para surdos. À frente dos debates estavam os surdos (por meio dos movimentos surdos), os pesquisadores da área da surdez, os familiares, entre outros. O que motivou as discussões acerca da importância da língua de sinais foi o impacto que a sua proibição teve no campo educacional e, conseqüentemente, o insucesso escolar e profissional que a maioria dos surdos experimentava.

Na atualidade, muito se tem discutido a respeito de políticas públicas orientadoras da questão do bilinguismo para os surdos no Brasil. Embora tenhamos uma farta legislação de apoio à questão, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que de fato se implemente no país uma política linguística verdadeiramente bilíngue para os surdos. No ano de 1993, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro o *II Congresso Latino-Americano de Bilinguismo* (língua de sinais e língua oral) *para Surdos*, organizado pela professora e pesquisadora Lucinda Brito, por meio do grupo de pesquisa Estudos da Libras, Aquisição da Linguagem e Aplicação à Educação de Surdos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nos dias 12 a 17 de setembro daquele ano¹¹. A professora Lucinda foi uma das pioneiras no Brasil a trazer a temática para os campos da Linguística e da Educação. Nesse evento, entre outros professores e pesquisadores que defendiam o bilinguismo para surdos, participava o professor argentino Carlos Bernardo Skliar. Segundo Lopes (2011): “[...] em 1996, o professor argentino Carlos Skliar foi convidado, na qualidade de professor visitante, para integrar o Programa de Pós-graduação em

¹¹ MONTEIRO, M.S. Disponível em: *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 292-302, jun. 2006 – ISSN: 1676-259 2.

Educação da UFRGS”. Desta forma, constituiu-se o Núcleo de Pesquisa em Políticas de Educação para Surdos (Nuppes), o que permitiu que muitos alunos ouvintes se inscrevessem nos cursos de mestrado e doutorado, inclusive alunos surdos, cujas discussões giravam em torno da educação de surdos na perspectiva dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais (LOPES, 2011).

Nosso estudo está voltado a uma população que também experimenta a condição de bilinguismo no seu dia a dia, pois os Codas permanecem invisíveis aos olhos dos programas curriculares, assim como os surdos. A proposta que defendemos é a de que haja consciência sobre a existência dos Codas na escola básica, onde os professores tenham informações a respeito das condições linguísticas e sociais dos alunos Codas, bem como atendimento psicológico para esses alunos, quando necessário. Desta forma, a adaptação e as dificuldades seriam bem mais fáceis de serem superadas nos anos iniciais escolares.

A questão discutida foi vivenciada pelo pesquisador em uma visita a um Centro de Educação Infantil em uma cidade do interior do Paraná. Por solicitação de uma professora desse Centro, pude ter contato com duas crianças ouvintes de cinco anos, que eram primos e ambos crianças de pais surdos – Kodas¹². O relato da professora sobre o desenvolvimento desses dois alunos não correspondia às afirmações idealizadas pelo senso comum, de que filhos ouvintes

¹² Koda – Kids of Deaf Adults, acrônimo na língua inglesa que significa crianças ouvintes de pais surdos com idade de zero aos 18 anos. Já o termo Coda é usado para maiores de 18 anos na condição linguística e cultural da língua de sinais.

de pais surdos não apresentariam nos anos iniciais da vida problemas linguísticos e nem sociais, pois estariam expostos às duas línguas, tanto à língua de sinais, na modalidade espacial-visual, quanto à Língua Portuguesa, na modalidade oral-auditiva, já que estariam recebendo estímulo linguístico e social duplicado.

Constatamos, pelas narrativas das professoras, que as crianças encontravam dificuldades na fala e na interação social, em sala de aula, com a professora e com os demais colegas de turma. Elas apresentavam, muitas vezes, comportamento arredo e de isolamento. Inicialmente, a professora pensou que talvez fossem surdos, e não imaginava que a dificuldade deles era social e linguística. A professora desses dois Kodas me informou que não tinha nenhuma informação a respeito das suas famílias, pois os pais eram surdos, ou se os avós ou tios participavam da educação dos dois Kodas ou não. Ela não sabia como lidar com as questões e se sentia limitada.

A visão que tive dos dois Kodas em um canto da sala, sozinhos, longe dos demais alunos, imprimiu uma questão reflexiva em mim, e me instigou a pensar a respeito daquela lembrança. A visita ao Centro de Educação Infantil foi o estopim para o início da minha pesquisa no doutorado. Era ali que se encontrava uma questão importante na constituição de alunos ouvintes, porém, social e emocionalmente limitados, devido a questões linguísticas e culturais. São questões que se aproximam da subjetividade na constituição desses alunos Kodas.

De acordo com o objetivo deste estudo, seria possível identificar marcas constitutivas da(na) identidade/subje-

tividade¹³ dos Codas em casa, na escola e fora dela? A subjetividade é parte da nossa constituição (o eu e o outro), enquanto seres humanos, sendo que se dá socialmente, segundo Bakhtin e Volóchinov (2014). Desta forma, ela se manifesta na linguagem, no diálogo, no discurso do outro, revelando um sujeito que assume sua posição frente a outros discursos, sendo também apreendida nos enunciados alheios.

O desejo de estudar os Codas surgiu fortemente a partir dessa percepção no Centro de Educação Infantil, no entanto, já me inquietava essa condição dos Codas desde 1989, quando participei pela primeira vez de um congresso voltado para Codas e simpatizantes. Durante aquelas discussões, pude perceber que não era somente a questão dos Codas utilizarem duas línguas precocemente que os diferenciava, mas também toda a sua constituição como pessoa ouvinte que se apropriava primeiramente de uma língua minoritária, com outra modalidade que é visualmente percebida. Esse fato chama muito a atenção das pessoas, o mundo externo, que os veem como diferentes.

As pesquisas desenvolvidas nesta temática, que são produzidas na sua maioria por pesquisadores Codas (ANDRADE, 2011; BOGAERDE; BAKER, 2008; NAPIER, 2008; PRESTON, 1994; QUADROS, 2017; REPERT, 2016; SILVA, M.M., 2016; SOUSA, 2010; SOUZA, 2014), têm evidenciado que são recorrentes os efeitos restritivos da traje-

¹³ Identidade/subjetividade = neste estudo, será usado desta forma, sempre que necessário, por entender que um termo completa o outro, pois ambos fazem parte da consciência humana. Ao longo do texto essa categoria de compreensão será mais apreendida.

tória de filhos ouvintes de pais surdos. Dentre esses efeitos destacam-se o amadurecimento precoce, a infância roubada em função de terem que interpretar constantemente para seus pais, desde a tenra idade, assuntos situados além do seu entendimento, revelando ainda que os Codas sofrem o estigma de cortesia¹⁴. Estigma de cortesia, segundo Goffman (1988), é o rótulo que todos os membros da família carregam, frente à sociedade, quando um deles tem alguma deficiência. É uma marca preconceituosa e mítica que os demais familiares e amigos levam de carona por conviverem com a pessoa deficiente, cujo olhar distorcido é oriundo da própria sociedade.

Nesse sentido, a escrita de Lane, Hoffmeister e Bahan (1996)¹⁵ confirma minha visão, pois resume uma parte do que acredito ser a constituição dos Codas.

Como membros biculturais e bilíngues da comunidade de Surdos, eles são o “elo crítico (intérpretes e mediadores culturais) da cultura ouvinte alienígena, uma fonte de informação para a tomada de decisões e um porta-voz da família (e conseqüentemente) alguns crescem sentindo que se privaram da infância”. (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996, p. 171).

¹⁴ Erving Goffman, 1988.

¹⁵ As bicultural and bilingual members of the Deaf community, they are the “critical link [interpreters and cultural mediators] to the alien hearing culture, a source of information for making decisions, and a spokesperson for the family [and consequently] some grow up feeling they have deprived os their childhood”. (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996, p. 171).

A partir do que narramos, construímos nossa questão de pesquisa: quais marcas constituem a identidade/subjetividade de filhos ouvintes de pais surdos – Codas – no que diz respeito ao seu desenvolvimento linguístico, afetivo-emocional, educacional e social?

Ao longo da minha jornada de trabalho, na convivência com vários Codas e na leitura de materiais científicos a respeito, em especial produzidos por eles mesmos, surgem indagações como: Que narrativas os Codas trazem referente ao fato de que sempre foram defensores de seus pais? De que forma eles, muitas vezes, tiveram que ajudá-los a resolver assuntos não apropriados para a sua idade? Ou ainda, eles interpretaram temas que não tinham maturidade para interpretar? Existe uma situação ambígua, pois, dentro de casa, os pais são os que proporcionam os cuidados básicos de alimentação, afeto e proteção, sendo os provedores e as figuras de autoridade do ambiente doméstico. No entanto, as pessoas ouvintes do mundo fora de casa, quando se dirigem aos seus pais surdos, revelam uma percepção de fragilidade e formulam perguntas aos filhos ouvintes, conferindo a esses filhos o *status* de autoridade e poder, pela possibilidade de traduzirem o pensamento dos pais em palavras faladas. Essa condição “desvantajosa”¹⁶ dos seus pais na relação com as pessoas ouvintes causa marcas na identidade/subjetividade dos Codas. Essa questão foi instigante para mim. Pretendi conhecer a história de vida de quatro

¹⁶ O termo “desvantajosa” está entre aspas propositalmente para chamar a atenção e levar à reflexão. Investiga-se: é desvantajoso? Por que a sociedade ouvinte os veem com desvantagem? Por que os Codas e demais simpatizantes da causa surda os veem como privilegiados?


Codas adultos participantes deste estudo, com o olhar de um pesquisador não Coda. De alguma maneira, este estudo apontará aspectos importantes para a compreensão desta condição/situação observada nos discursos dos participantes desta pesquisa. A condição de ser Coda revela aspectos constitutivos da subjetividade aos que se reconhecem enquanto bilíngues, biculturais e tantas outras possibilidades que lhes forem possíveis, em relação aos que nascem em lares monolíngues e de não surdos?

Acreditamos que as respostas às perguntas permitam alargar a compreensão sobre fatores que interferem no desenvolvimento linguístico, afetivo-emocional, educacional e social dos Codas, e que comportam traçar novas reflexões sobre a qualidade de vida, principalmente na infância, tão importante e demarcada nos relatos da literatura específica da área. Tais como:

- Codas se orgulham de serem filhos de pais surdos, embora enfrentem obstáculos frente à sociedade ouvinte.
- Codas enunciam que os estigmas de cortesia vivenciados (por serem filhos de pais surdos, logo entendidos e reconhecidos socialmente como tais) constituem a formação da sua subjetividade, que promove o amadurecimento e a autonomia precoce na infância.
- Codas revelam percalços na infância pela compreensão e/ou descobrimento tardio dos sentidos de se reconhecerem como sujeitos bilíngues e biculturais.
- Codas se identificam profissionalmente com a área da surdez.

O objetivo geral da pesquisa é **discutir** o que filhos ouvintes de pais surdos – Codas – narram sobre o seu desenvolvimento linguístico, familiar, educacional e social. O objetivo específico é **analisar** as marcas que revelam a constituição da/na identidade/subjetividade dos Codas, que se reconhecem como sujeitos bilíngues e biculturais. Quais implicações tais marcas revelam sobre o seu crescer bilíngue e bicultural nas relações estabelecidas na família, na escola e em contextos sociais?

1 REVISÃO DA LITERATURA



Este capítulo tem como objetivo levantar e analisar o que foi produzido nos últimos anos na área dos estudos sobre Codas, no Brasil e no exterior, disponíveis pela internet. Realizamos um levantamento das produções disponíveis em cinco bases de dados diferentes, consideradas as mais adequadas para a localização de pesquisas para o desenvolvimento deste estudo bibliográfico, a saber: a) biblioteca digital da SciELO, biblioteca Sucupira-Capes; b) revista científica de Coimbra, o Exedrajournal; c) biblioteca digital americana ProQuest; d) biblioteca digital Europe PMC; e) biblioteca digital americana PubMed – Publicações médicas e livros específicos.

A biblioteca digital da SciELO¹⁷ caracteriza-se como Biblioteca Científica Eletrônica *On-line*, de formato eletrônico, que agrega uma coleção qualificada de periódicos científicos brasileiros. Já a biblioteca Sucupira-Capes¹⁸ denomina-se como uma ferramenta *on-line* para “[...] coletar informações, realizar análises, avaliações e servir como base de referência do Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG)”. Foi criada em 2014 e disponibilizada “[...] em tempo real e com muito mais transparência as informações, processos e procedimentos que a Capes realiza no SNPG para toda a comunidade acadêmica”, de acordo com

¹⁷ SciELO – Scientific Electronic Library Online – Biblioteca Científica Eletrônica *On-line*.

¹⁸ Sucupira-Capes – <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>>. Criada em 2014.

a primeira página do *site*. O nome da ferramenta virtual de pesquisa é em homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer 977, de 1965, que trata da estrutura da pós-graduação no Brasil. Esse Parecer¹⁹ conceitua, formata e institucionaliza a pós-graduação no Brasil nos moldes como é até os dias atuais.

A revista científica portuguesa, da cidade de Coimbra, chamada *Exedrajournal*²⁰, da Esec – Escola Superior de Educação de Coimbra, tem sido considerada uma revista importante para estudos na temática para a área de investigação mencionada. A plataforma de busca ProQuest²¹ caracteriza-se como um banco digital americano privado com milhares de publicações acadêmicas nas diversas áreas do conhecimento.

Já a biblioteca digital denominada Europe PMC²² – Central Europa de Publicações Médicas, constitui-se como uma base de dados *on-line* que oferece acesso gratuito a uma grande e crescente coleção de literatura de pesquisa biomédica. Era conhecida como UK PubMed Central até 1º de novembro de 2012, segundo a Wikipédia. A base de dados da biblioteca digital da PubMed²³ é uma rede de busca de livre acesso à base de dados MEDLINE de citações e resumos de artigos de investigação em biomedicina. Oferecida pela

¹⁹ Parecer 977, de 3 de dezembro de 1965. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Parecer_CESU_977_1965.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

²⁰ Exedrajournal – <<http://www.exedrajournal.com>>.

²¹ ProQuest LLC é uma empresa de tecnologia e conteúdo global de informação. Está sediada em Michigan, EUA, fundada em 1938, por Eugene B. Power. A ProQuest fornece aplicativos e produtos para bibliotecas. (Google Wikipédia). Inicialmente era um banco para publicações de teses. Depois passou a oferecer aplicativos e produtos para bibliotecas.

²² Europe PMC – <<https://europepmc.org>>.

²³ <<https://pt.wikipedia.org/wiki/PubMed>>.

Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos como parte de uma companhia chamada Entrez (Global Query Cross-Database Search System), que é um meta-buscador mantido pelo National Center for Biotechnology Information (NCBI). É uma seção da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (NLM), que reúne acervos da medicina e áreas afins, nas mais diferentes formas convencionais e digitais. Essas são as seis ferramentas digitais de busca que utilizamos.

A localização dos materiais recolhidos foi realizada nas bases mencionadas a partir da ferramenta de busca pelas palavras-chave “Codas”, “Codas/Surdos”, “Codas/Identidade”, “Codas/Língua de Sinais” e “Codas/Libras”, nas bases mencionadas.

O levantamento foi realizado no período de março de 2017 a novembro de 2018. Além das obras digitais, integram os dados para o estudo livros em formatos impressos e digitais produzidos por autores/Codas, sendo dois em língua portuguesa e quatro em inglês, que pertencem à coleção individual do autor deste estudo. Apresentamos os livros físicos:

- 1) *Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families*, de 311 páginas, dos editores Michele Bishop e Sherry L. Hicks, de 2008, da Universidade Gallaudet, com 20 autores diferentes, sendo a maioria Coda.
- 2) PRESTON, Paul. *Mother Father Deaf. Living between sound and silence*. EUA: Harvard, 1994.
- 3) QUADROS, R.M.; MASSUTTI, M.L. Estudos Surdos II. In: *Codas Brasileiros*. Ronice M. de Quadros; Gladis Perlin (Org.). Petrópolis: Arara Azul, 2007, p. 238-266.

- 4) QUADROS, R.M. *Língua de Herança*. Porto Alegre: Pense, 2017.
- 5) REPERT, R.A. *Adventures of a CODA – child of deaf adult*. EUA: Xulonpress, 2016.
- 6) WALKER, L.A. *A Loss for Words: the story of deafness in a family*. Nova York: Harper Perennial, 1987.

Os trabalhos encontrados e listados nesta investigação foram lidos na sua íntegra e trazidos para análise. Estão agrupados em três artigos, cinco dissertações, uma tese, cinco livros físicos e um *e-book*, em um total de quinze obras, conforme apresento na próxima seção.

Há contribuições significativas na leitura dos trabalhos selecionados para análise neste estudo. Dentre elas, o fato de que há poucos estudos sobre Cudas na atualidade e que, até bem pouco tempo, esse tema não era pesquisado e pouco se sabia a respeito do *modus vivendi* desses filhos singulares. Parecia que havia um mistério e segredos que não poderiam ser revelados, uma vez que era comum no passado referirmos aos Cudas como sujeitos que somente sabiam dar gritos sem limites, nas correrias em meio aos adultos na associação de surdos que frequentavam. Desde essa época interessava saber: por que os pais surdos ficavam conversando entre si e não “ligavam”²⁴ para os filhos? Pelo menos, é isso que me pareceu inicialmente. Não continuarei a investigar essa questão, já que os objetivos não estão formulados para as minhas indagações iniciais. Apenas achei

²⁴ O termo “ligavam” está entre aspas intencionalmente para chamar a atenção e levar à reflexão. Os pais surdos que conversavam em Libras sobre diversos assuntos com outros surdos, e os filhos ouvintes corriam, brincando livremente no amplo espaço entre os adultos.

importante trazer essa questão que dá início a este estudo. A questão central poderia ser: como os Codas narram esse processo educacional e formativo em meio às possíveis dificuldades e situações conflitantes como filhos de pais surdos, em meio à sociedade?

1.1 ARTIGOS

Os artigos são em número de três. Um artigo é de autoria brasileira e americana, outro da África do Sul e um de Portugal. Todos os autores pesquisados são Codas. Itens que compõem o quadro quantitativo, na primeira linha: tipo de fonte, buscador, origem, área, filiação, ano, palavras-chave, se é Coda ou não e referência bibliográfica.

Quadro 1 Artigos sobre Codas

Tipo		Buscador	Origem	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Referência bibliográfica
1	Artigo	Europe PMC	Internet	Linguística	Universidade Connecticut, EUA e UFSC	2016	Bimodal, Bilinguismo, Linguagem	Sim	MARTIN, Lilo; QUADROS, Ronice. Best Practices for Building a Bimodal/ Bilingual Child Language Corpus.
2	Artigo	PubMed	Internet	Educação	University Witwatersrand, África do Sul	2018	Codas, Pais surdos, Intérpretes, Gêneros	Sim	MOROE N. F.; de ANDRADE V. AJOD (African Journal of Desability). Hearing children of Deaf parents: Gender and birth order in the delegation of the interpreter role in culturally Deaf families.
3	Artigo	Repositório Exedrajournal	Internet	Educação	Universidade Católica Portuguesa Lisboa – Portugal	2010	CODA, Mundo Bilingue, Mundo Bicultural, Comunidade surda, Língua Gestual.	Sim	SOUSA, J. As crianças ouvintes filhas de pais surdos e a aquisição da língua gestual portuguesa e catalã: história de vidas cruzadas. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. Portugal. 2010.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

1.2 BIBLIOTECA DIGITAL EUROPE PMC

Utilizamos a biblioteca virtual Europe PMC (PubMed-Central), uma base de dados *on-line* que oferece acesso gratuito a uma vasta coleção de literatura de pesquisa na área Biomédica. Tivemos o retorno de 2.716 resultados, a partir da entrada dos termos “Hearing Children of Deaf Adults” (Codas). Fizemos um segundo filtro, inserindo o par de palavras “Codas/Educação Bilíngue”. O buscador retornou apenas um artigo sob o título *Best Practices for Building a Bimodal/Bilingual Child Language Corpus*²⁵, das autoras Lilo Martin e Ronice Quadros, publicado em janeiro de 2016.

O artigo apresenta os desafios especiais associados à coleta de amostras longitudinais da língua de sinais espontânea e da produção de linguagem falada por jovens bilíngues bimodais. As autoras trazem os métodos usados no estudo sobre crianças nos Estados Unidos e no Brasil. Um dos objetivos é observar a língua de sinais e a fala, bem como qualquer mistura de idiomas. As autoras abordam importantes questões de escolha de idioma e técnicas para direcionar a criança participante ao uso principal do idioma de destino em cada sessão, sugerem e orientam os pais a como alcançarem isso. Ainda, mostram as habilidades linguísticas dos filhos com seus pais. As orientações e estratégias apresentadas no estudo pelas autoras são passadas às famílias participantes, proporcionando experiências agradáveis às famílias.

²⁵ Melhores Práticas para a Construção de um Corpus Bimodal/Bilingual na Linguagem Infantil.

1.3 BIBLIOTECA DIGITAL PUBMED

No *site* da PubMed, pesquisamos inicialmente o termo “Codas” e encontramos 726 retornos, envolvendo diversas áreas, em especial as áreas da medicina, biologia e linguística. Utilizamos o primeiro filtro com o par de palavras “Codas/Língua de sinais”, cujo retorno foi de 6 artigos, porém apenas um foi considerado para incorporar esta pesquisa. O artigo foi publicado na *Revista Africana de Deficiência* (Ajod), em abril de 2018, dos autores Moroe e Andrade (2018), sob o título “Filhos ouvintes de pais surdos: Gênero e ordem de nascimento na delegação do papel de intérprete em famílias culturalmente surdas”²⁶.

O artigo apresenta dados de pesquisa com dez participantes Codas, com objetivo de analisar o papel dos Codas na função de tradutores/intérpretes de língua de sinais para seus pais surdos. Os participantes relatam que se sentem responsabilizados culturalmente a mediar para seus pais, sendo que os Codas irmãos mais velhos passam essa função para os Codas mais jovens da família. Ainda referem que não se sentem competentes/preparados o suficiente em relação a alguns assuntos a serem sinalizados para seus pais. O estudo mostra a necessidade de uma formação para os serviços de tradução/interpretação, garantindo a acessibilidade pela língua de sinais da África do Sul – SASL²⁷.

²⁶ Hearing children of Deaf parents: Gender and birth order in the delegation of the interpreter role in culturally Deaf families.

²⁷ SASL – South African Sign Language = Língua de Sinais da África do Sul.

1.4 REVISTA CIENTÍFICA DA ESCOLA SUPERIOR DE COIMBRA

A próxima ferramenta digital é um *site* português chamado Exedrajournal²⁸, que nos apresenta um artigo a partir de uma dissertação da pesquisadora portuguesa Sousa (2010), com o título: “Crescer bilíngue: As crianças ouvintes filhas de pais surdos”. Teve por objetivo mostrar o percurso de vida de um grupo de dez Codas portuguesas e catalãs, trazendo as suas vivências e experiências como membros ouvintes na comunidade surda Portuguesa e Catalã. O estudo foi desenvolvido na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra, para a obtenção de título de mestrado.

No trabalho, a autora discute questões sobre o bilinguismo e biculturalismo, a partir da realidade dos Codas portugueses e catalãs. O estudo foi realizado por meio de pesquisa qualitativa, com um grupo de cinco Codas portuguesas e cinco Codas catalãs. Os pesquisados trouxeram dados acerca dos seus percursos de vida, que foram analisados e mostraram que é uma vantagem para os Codas terem adquirido duas ou mais línguas na infância, segundo a autora portuguesa. Caracterizado como um estudo qualitativo, a investigação se apresenta do tipo etnográfica, e de um número reduzido de participantes.

De acordo com Sousa (2010), não se pretende quantificar os dados colhidos, cujas entrevistas foram feitas na língua materna da sua comunidade majoritária, ou seja, em língua portuguesa ou catalã. Os resultados do estudo evi-

²⁸ O artigo é com base na dissertação de Joana Conde e Sousa (2010). Publicado como Número Temático de 2012 – Português: Investigação e Ensino da *Revista Científica Exedra*, p. 404-413. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&ca-t=13&idart=263>>.

denciam excertos das narrativas dos Codas organizadas nos seguintes eixos: que não façam do filho um intérprete; que seja dada menos responsabilidade ao filho; que respeitem a infância do seu filho; que não o pressionem; que tenham orgulho na sua comunidade e na sua língua; que falem em língua gestual com o seu filho; que lhe transmitam informação sobre a sua comunidade. A autora interpreta os eixos apresentados como conselhos, a chamar a atenção para a forma como os Codas cresceram e vivem em suas famílias.

Finaliza o estudo descrevendo sobre a riqueza cultural e linguística dos Codas de ambas as regiões investigadas, portuguesa e catalã, cuja minoria é inserida numa maioria, referindo-se aos usuários da língua de sinais como minoria dentro da sociedade majoritariamente ouvinte e usuária da língua oral. Na minoria, participam surdos usuários da língua de sinais e Codas. São essas as informações que obtivemos do estudo de Sousa (2010).

1.5 DISSERTAÇÕES

Na localização de busca virtual na Biblioteca SciELO Brasil, não foi possível identificar nenhuma pesquisa com as palavras mencionadas. Já na Biblioteca Sucupira-Capes, localizamos cinco dissertações relacionadas ao tema de estudo. A fim de analisarmos o *corpus* encontrado em cada uma delas, apresentaremos as dissertações por ordem de ano de publicação.

Quadro 2 Dissertações sobre Codas

Classificação Original	Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Autor(es) Referências	
1	Dissertação	Repositório UFG-GO	Internet	Sociologia	UFG-GO	2011	Sociologia em família, Identidade, Ouvinte, Surdo	Não	ANDRADE, P. Regis. Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, 2011.
2	Dissertação	Tede Metodista	Internet	Educação	Universidade Metodista São Paulo-SP	2012	Surdez, Língua de Sinais, Libras, Surdo, Coda, Filho de pais surdos	Sim	PEREIRA, Osmar Roberto. Nascidos no Silêncio: As relações entre filhos ouvintes e pais surdos na Educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

Classificação Original	Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Autor(es) Referências	
3	Dissertação	PPE-UEM	Internet	Educação	UEM/PR	2016	CODAs, Pais Surdos, Família, Educação Bílingue Familiar, Aprendizagem e Desenvolvimento	Não	SANDER, Ricardo Ernani. Educação Bílingue de Filhos Ouvintes de Pais Surdos (CODAs): com o olhar de pais surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, PPE, 2016.
4	Dissertação	Repositório da UFSC	Internet	Tradução	UFSC	2016	Coda, Língua de Sinais, Cultura surda, Profissionalização, Tradutor- intérprete	Sim	SILVA, Maitê Maus da. Intérpretes CODAS – percurso profissional 2016. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Classificação Original	Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Autor(es) Referências	
5	Dissertação	Repositório	Internet	Tradução	UFSC	2014	Intérprete, Libras, Coda, Identidade	Sim	SOUZA, José Carlos Ferreira. Intérpretes Coda: Construção de identidades. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

Encontramos cinco dissertações sobre a temática Coda: duas da área da educação, duas da tradução e uma da sociologia. O ano de defesa está entre 2011 e 2017. Dois dos cinco autores não são Codas. Do total, apenas uma é de universidade privada, as demais provêm de universidades públicas.

Na sequência, apresentamos mais detalhes de cada pesquisa.

A primeira dissertação, de Andrade (2011), sob o título “Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização”, foi defendida na Universidade Federal de Goiás, no Programa de Pós-graduação em Sociologia. A referida pesquisa apresenta uma discussão sobre a construção das identidades dos Codas, a partir de reflexões sobre a família, socialização e surdez. Por meio de memórias narrativas sobre a infância e a adolescência de sete sujeitos participantes da pesquisa, o autor vê os Codas com identidades que se aproximam dos seus pais surdos. A pesquisa é na área da Sociologia e se restringe à região metropolitana e cidade de Goiânia-GO.

Segundo Andrade, sua fundamentação tem como base os teóricos da área da sociologia relacional como Bordieu (1998, 2002 e 2009) e Goffman (1988 e 2008); para discutir a constituição de identidade e questões pertinentes são usados os autores como Hall (2006) e Bhabha (2003); para discutir o tema família são trazidos autores como Fonseca (1995) e Mussen (2001). Em relação à surdez, usa a visão da diferença e alteridade de Skliar (2005) e os aspectos linguísticos da Libras, Quadros e Karnopp (2009). Sob os fundamentos da metodologia qualitativa, Andrade (2011) entrevista sete Codas, usando um roteiro de entrevistas se-

miestruturadas com “quinze ideias” a serem discutidas nas entrevistas, seguindo a base teórica de Minayo e Sanches (1993), para posterior construção de eixos para a análise das informações colhidas.

O trabalho apresenta considerações sobre o processo de construção de identidades de ouvintes filhos de surdos, discutindo questões como surdez, alteridade, diferença, família, língua, socialização e o próprio sentido de identidade.

Destaca-se o fato de o autor não empregar a designação “ouvintes filhos quando os pais são surdos” ou “ouvintes filhos de surdos”, ou ainda “pessoas que escutam” ao invés de Coda, porém, esta última aparece em seu trabalho e no processo de localização das buscas efetuadas pelo fato de utilizar tal registro em suas citações. O autor Andrade não justifica epistemologicamente sua posição acadêmica quanto ao uso da designação em questão.

A dissertação de mestrado de Pereira (2013), sob o título “Nascidos no Silêncio: As relações entre filhos ouvintes e pais surdos na Educação”, foi defendida pela Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, no Programa de Pós-graduação em Educação.

O autor Coda buscou apresentar as vivências de três outros Codas, além das suas, totalizando quatro pesquisados, bem como os pais surdos dos Codas entrevistados, discutindo as relações familiares. Mostra as diferenças em relação às famílias que não têm pessoas surdas em seu meio, “desmistificando preconceitos e pré-conceitos”.

O autor faz uma autobiografia da sua formação e da sua profissão, em que a língua de sinais e a história da educação de surdos servem de pano de fundo, trazendo os seguintes títulos nos quatro capítulos: Nascido no silêncio; Sou filho

de surdos: relações entre pais e filhos; Não estou sozinho: os outros filhos de surdos; Filhos de surdos lado a lado: estratégias envolvidas e direitos adquiridos.

O pesquisador estrutura sua investigação para organizar os capítulos com situações de como foi sua educação, ilustrando suas vivências com teóricos ao longo da pesquisa. Sua revisão teórica revisita estudos de Wrigley (1996), Lacerda (1998), Moura (2000), Sacks (2007), Quadros (2004) e Perlin (1998), entre outros teóricos do campo dos estudos surdos e da área de Antropologia, como Hall e Gomes; além de trabalhos de autores que problematizam as relações familiares a partir da leitura dos estudos de Lacan, Ferraroti, Peneau e Demartini.

O percurso metodológico da pesquisa foi demarcado por narrativas de histórias de vida que lhe ajudaram a compreender o fenômeno investigado. Por meio de entrevistas registradas em vídeo, trouxe Codas e seus respectivos pais, o que lhe ajudou a compreender a situação investigada a partir de fragmentos autonarrativos direcionados para fatos e temas do cotidiano. Seu estudo possibilita ao leitor a compreensão sobre fatos da história de vida dos Codas e de seus pais surdos, com trechos de depoimentos do autor “evidenciando que ser filho de pais surdos pode ser tão normal quanto ser filho de pais ouvintes”, conforme anuncia no resumo. Nas considerações finais do estudo, aponta que a maior dificuldade do Coda é a falta de acessibilidade dos pais surdos, o que coloca o filho na situação de mediador entre o mundo surdo e o ouvinte; servir de intérprete da Libras; é necessário dar voz aos surdos e aos Codas, para que possam exercer seus direitos; muitos familiares ouvintes veem os membros surdos como incapazes de serem inde-

pendentes e de criarem seus filhos ouvintes; no crescimento dos Codas não haverá diferenças significativas se compararmos com os não Codas, porém eles aprendem desde cedo a conviverem na diferença.

A próxima dissertação é a de Souza (2014), com o título “Intérpretes CODAS: construindo identidades”, realizada no Programa da Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2014. O autor Coda procura “compreender como se estabelece o perfil profissional dos Codas enquanto tradutor/intérprete da Libras”. Para a metodologia foram usados elementos de entrevistas semiestruturadas e grupo focal com sujeitos participantes Codas, que atuam como tradutores/intérpretes “intrinsecamente relacionadas às suas singularidades oriundas do contexto familiar”, segundo o autor.

No resumo da pesquisa, o autor parte “das contribuições teóricas pós-modernas, nas quais o sujeito se compõe por identidades fragmentadas”. Como objetivos, a “pesquisa buscou compreender como se estabelece o perfil profissional desse sujeito enquanto tradutor/intérprete de Libras, pressupondo que tais motivações trazem desdobramentos para o perfil profissional”.

O autor fundamenta-se nos estudos de teóricos da área da linguística da língua de sinais, tais como: Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), Stokoe (1960). Para a história da língua de sinais no Brasil, recorre aos trabalhos de Strobel (2009). Faz referências a trabalhos que discutem a construção da consciência do Coda, como por exemplo os estudos de Preston (1994), Quadros e Massutti (2007), sendo Preston e Quadros pesquisadores Codas. Destaca como os Codas, em geral, são conduzidos a atuar como in-

térpretes para seus pais, com ênfase nos trabalhos e citações de Hadjikakou (2007, 2009), que tem sido recorrentemente referenciado na literatura sobre essa temática.

A marca da sua pesquisa concentra-se nas discussões que envolvem atuação do Coda como intérprete da Libras desde a mais tenra idade para os seus pais e para os demais surdos da comunidade onde convivia.

Como considerações finais do seu estudo, enfatiza aspectos das “[...] marcas culturais que o intérprete Coda traz a partir das experiências familiares fortemente ligadas ao fato de que a vida dos intérpretes Codas [...] ocorre desde muito cedo” (SOUZA, 2014, p. 127). O autor completa reiterando a importância do olhar próprio do Coda sobre si e sobre a constituição das identidades fragmentadas dos Codas, enquanto seres bilíngues e biculturais, cujas existências são a contínua travessia das zonas de fronteiras entre o mundo dos surdos e sua cultura e o mundo dos ouvintes e a sua cultura.

Datada de 2016, há a dissertação de Sander intitulada “Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos (Codas), com o olhar de pais surdos”, realizada no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. O estudo objetivou investigar sobre os processos comunicativos e aspectos da aprendizagem e desenvolvimento dos filhos ouvintes na visão dos pais surdos em contexto familiar de educação bilíngue – Libras e Língua Portuguesa – estruturados nos aspectos: social, emocional e educacional. Participaram do estudo dez casais surdos que concederam entrevistas ao pesquisador com o propósito de verificar como se estabeleceu o processo de comunicação entre eles e seus filhos ouvintes.

Toda a coleta de dados foi exclusiva com os pais surdos, filmada e transcrita. O objetivo foi o olhar dos pais surdos sobre seus filhos ouvintes, na direção dos filhos que crescem bilíngues. A teoria de embasamento para esse estudo foi a Histórico Cultural, sendo Vygotsky a referência principal. Para apresentação e análise dos dados, as questões da entrevista foram agrupadas em seis eixos: Expectativas e sonhos dos pais em relação ao filho; O desenvolvimento de linguagem no processo de comunicação com o filho ouvinte – Coda – crescendo bilíngue; Os familiares ouvintes como modelos linguísticos orais; A vida acadêmica do filho ouvinte; Coda como intérprete de Libras; Família surda como modelo para outras famílias surdas.

O estudo está centrado no olhar dos pais surdos sobre seus filhos ouvintes. O objetivo foi o de conhecer mais os Codas, mas a investigação traz respostas a partir do olhar dos seus pais. O primeiro eixo traz as expectativas e sonhos dos pais surdos em relação ao filho ouvinte. O segundo eixo apresenta o desenvolvimento da linguagem no processo de comunicação dos Codas, enquanto crescem bilíngues. O terceiro eixo apresenta os membros ouvintes da família maior como modelos linguísticos orais. O quarto traz a vida escolar dos Codas. O quinto eixo apresenta o Coda como intérprete de Libras e o último eixo traz a família surda como modelo para outras famílias surdas.

Nas considerações finais, temos um panorama sobre a educação bilíngue dos Codas sob a ótica dos próprios pais surdos a respeito de seus filhos ouvintes. Pais surdos afirmaram a importância dos filhos aprenderem as duas línguas e de crescerem bilíngues e biculturais. Esse estudo se articula

com a presente pesquisa de doutorado, como continuação de aprofundamento nesta área específica.

A última dissertação localizada foi a de Silva (2016), sob o título: “Codas Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira: percurso para o profissionalismo”, defendida no Programa de Pós-graduação dos Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho busca compreender como as experiências de interpretação na infância dos Codas, em suas famílias, os influenciaram na escolha da profissão de tradutores/intérpretes de Libras.

As bases teóricas para conduzir a realização da pesquisa foram “Estudos da Tradução e Interpretação, os Estudos Surdos e bibliografia sobre os Codas”, usando a via do *Google Forms* para a metodologia qualitativa do tipo exploratória e a etnografia para a coleta de dados. A autora é Coda e tradutora/intérprete de Libras e Língua Portuguesa. Segundo Silva, os Tils (Codas ou não), experimentam situações desde as mais informais até as formais ao atuarem entre as duas línguas. Ainda, a autora traz reflexões acerca da trajetória percorrida pelo Coda para se tornar tradutor e intérprete de Libras. Desde a sua infância, o Coda tem contato com a língua de sinais e a cultura surda. Ao se tornar adulto, passa a ser um profissional na área da tradução/interpretação.

Este é o recorte da investigação de Silva. A partir de autores da literatura pertinentes ao seu campo teórico, baseado pelos estudos de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2013), Del Ré (2006) e na Linguística, Santos (2013), Shreve (1997) e Hurtado (2003) na área da tradução e interpretação, Skliar sobre identidades, faz uso de trabalhos

do campo de pesquisa da autoetnografia para conduzir os procedimentos de coleta com os entrevistados. Em sua dissertação, a autora recorre ao levantamento da legislação brasileira da Lei da Libras, do profissional tradutor/intérprete de Libras, entre outras leis. O conteúdo do capítulo três conta um pouco da história dos Cotas que passaram da informalidade e voluntariado para a situação de profissionais tradutores/intérpretes com formação superior. Nem todos os Cotas são profissionais tradutores/intérpretes, porém, a população investigada para esta pesquisa atua profissionalmente na área.

A pesquisadora também problematiza na revisão teórica a afirmativa a respeito das “[...] culturas em que os Cotas cresceram e seus desdobramentos frente à escolha pela profissão” (SILVA, 2016, p. 28). Ela conceitua cultura segundo autores como Gomes (2007), Balandier (1969) e Hall (2003), bem como teóricos surdos, professores de universidades públicas, que discutem a respeito de cultura, como Miranda e Perlin (2003).

Ao tratar de um tema tão complexo como foi a definição de cultura, descreve que sua compreensão se coaduna com as disponíveis nas traduções e interpretações e “[...] requer um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando [...]”, e não as línguas em si, defendidas por Massutti, Quadros e Preston. Tais referências situam as zonas de fronteiras da vivência dos Cotas em duas culturas diferentes: a dos ouvintes e dos seus respectivos pais surdos.

Para proceder a coleta, utilizou-se a ferramenta social do *Facebook*. Participaram da sua pesquisa um total de 266 Cotas cadastrados, dos quais apenas 16 aceitaram res-

ponder as entrevistas. A maioria dos Codas entrevistados, 50%, relatou domínio de duas línguas – a Libras e o Português (oral/escrito) –, sendo ambas suas primeiras línguas. Um menor grupo colocou a Libras como primeira língua e apenas 2 responderam ser o Português a sua primeira língua. Outro aspecto interessante do estudo refere-se ao fato de que a maioria dos pais surdos e comunidade surda incentivaram os Codas a serem intérpretes, como profissionais da área da tradução/interpretação, por meio de cursos de formação.

Dessa forma, o estudo confirma a indicação da atuação dos Codas no campo da profissionalização para seguirem a carreira de intérpretes, saindo da informalidade à formação e atuação profissional ao apresentar dados a partir de recortes das narrativas dos entrevistados. No que diz respeito aos aspectos da referência à identidade, seus respondentes disseram que são enormes os desafios para o filho de pais surdos. Os entrevistados ainda destacaram como importante considerar, para os estudos nesta temática, os movimentos entre as duas línguas e culturas, a formação profissional existente em cursos acadêmicos de universidades brasileiras hoje em dia, do grupo social que se forma com os membros Codas, as identidades singulares nas quais se constituem e na constituição de sujeitos que participam de mundos diferentes – de sujeitos que ouvem e dos que não ouvem.

Na sequência, trazemos a única tese específica sobre Codas, encontrada no sistema de buscas, assim apresentada.

1.6 TESE

Quadro 3 Tese sobre Cotas

Classificação Original		Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Autor(es) Referências
1	Tese	Biblioteca ProQuest	Internet	Filosofia	Universidade Capella, EUA	2016	Surdos, Língua de Sinais, Cotas, Educação, Intérprete	Não	WOOD, Betsy Anne. A survey of hearing children with deaf parents regarding their role as sociolinguistic agents. Tese. (Doutorado em Filosofia). Harold Abel School of Social and Behavioral Sciences. Universidade Capella, 2016.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

Nesta base de dados encontramos uma única tese produzida por Wood (2016) intitulada *A survey of hearing children with deaf parents regarding their role as sociolinguistic agents*²⁹. A peculiaridade dessa investigação de doutorado é que aconteceu de forma virtual. A Universidade Capella, que conferiu o título de doutora em Filosofia à aluna, é uma universidade virtual, não existe fisicamente. Os professores participantes da banca e a orientadora são de vários outros lugares estadunidenses e ligados a diferentes universidades. Tudo foi construído virtualmente, isso inclui a Universidade Capella. A autora é intérprete, pesquisadora e professora da Língua de Sinais Americana, porém não é Coda. Por meio de um estudo qualitativo, de caráter fenomenológico, Wood (2016) respondeu à questão de pesquisa, que era: compreender qual a experiência vivida por Cotas que atuaram como condutores linguísticos e culturais para seus pais durante seus anos de formação. Participaram da pesquisa 12 adultos ouvintes, acima de 25 anos de idade, de pais culturalmente surdos, em que a Língua Americana de Sinais (ASL) foi o idioma principal em sua casa de origem, e que foram intérpretes para seus pais. Os participantes foram selecionados a partir do site do *Facebook*, cujos nomes ou codinomes continham o termo Coda.

As entrevistas foram conduzidas por perguntas abertas que estimularam respostas autodirigidas das percepções dos entrevistados sobre experiências desejáveis e desafiadoras. Os resultados evidenciaram que os Cotas entrevistados são oriundos de diferentes regiões americanas, desde o Leste até o Oeste do país. A idade dos

pesquisados está na faixa etária de 31 a 55 anos. A idade inicial de interpretação dos Codas para seus pais foi de uma extensão de 1 até 6 anos, de acordo com suas memórias e em quais situações interpretaram: comércio, igreja, família, médico, saúde mental, telefone e justiça. Ainda relatam sobre a relação com os pais demonstrando informações, cientes da expectativa de seus genitores; tinham escolha; não tinham escolha; tinham escolha, mas sentiam que deveriam interpretar; pais resistentes ao filho interpretar; participantes preocupados na competência de conteúdo cultural, linguístico e conceitual; “não sabia o que não sabia”.

Outra questão apresentada nos resultados foi a influência que os Codas tiveram em seu desenvolvimento pessoal. As respostas agrupadas foram as seguintes: traços pessoais; quem sou realmente; influências positivas; influências desafiadoras; criação; conhecimento de mundo; escolha de carreira. A autora comenta que são os diferentes impactos que moldaram os Codas como são hoje, como se constituíram para serem o que são hoje. Na sequência, aponta aspectos narrados pelos participantes Codas sobre as situações e locais dos mais variados, como igrejas, bancos, lojas, justiça e demais locais que seus pais frequentavam, além de aspectos sobre como o crescimento enquanto Codas influenciou seus traços de personalidade e desenvolvimento pessoal, contribuindo para o que são hoje.

A autora conclui que reuniu aspectos variados dos depoimentos da condição do Coda, em especial sobre a abrangência cultural e multigeracional dos entrevistados,

que constitui um grupo de vivências sociais, educacionais e tecnológicas. Os Cudas que usam a língua de sinais, uma língua visual, como a sua língua principal para se comunicar com os surdos, por outro lado percebem que há muitas outras formas de se comunicar com o mundo dos ouvintes devido à tecnologia de hoje. Há uma maior conscientização sobre o fato de serem orientadores e conselheiros aos Cudas novos, ou Kudas, compartilhando as experiências sobre suas vidas, legando orgulho da língua de sinais e de seus pais surdos às novas gerações, conclui a pesquisadora.

1.7 E-BOOK

Nos tempos atuais do século XXI, temos cada vez mais acesso imediato a livros e artigos por meio virtual. Há livros que não são editados em papel – meio físico, mas virtual.

Quadro 4 E-book sobre Codas

Classificação Original	Buscador	Tipo de Fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Editor(es) Referências	
1	Internet Google	Universidade Gallaudet	<i>E-book</i>	Educação Linguística Sociologia	Editora Gallaudet University	2008	Bimodal, Bilinguismo, Coda, Koda, Sociolinguística, Identidade e Línguas de contato	Sim	BISHOP, M.; HICKS, S. (Ed.). Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008. (e-book).

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

A próxima referência que constitui este estado da arte é um livro digital (*e-book*). Este livro intitula-se *Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families*, dos editores Michele Bishop e Sherry L. Hicks, de 2008, da Universidade Gallaudet. Os editores apresentam a obra com seus 19 autores de vários países.

A obra é prefaciada pelo prestigiado Coda americano Paul Preston, cuja bibliografia também é usada neste trabalho. Nela, os autores revelam aspectos de dados autobiográficos e de relatos de vida de diferentes Codas. Segundo os editores na introdução do livro, para ser um Coda você deve ser ouvinte e pelo menos ter um dos pais surdos, ou ambos. Falam em bilinguismo bimodal, no qual duas línguas diferentes com duas modalidades distintas são as primeiras línguas em relação às línguas orais. Discutem também, na introdução, que os Codas quando crianças não se sentem diferentes dos seus pais surdos, vindo a perceber a diferença quando mais velhos. Da mesma forma falam que a comunidade surda e sua língua são mal-compreendidas pela sociedade, de maioria ouvinte.

O livro se apresenta dividido em quatro grandes partes e subdividido em temas, tendo um ou dois autores Codas em cada um dos capítulos. São as quatro grandes partes: I – Bilinguismo Bimodal em Adultos. II – Códas. III – Contato entre a língua sinalizada e falada. IV – Experiência e Identidade Coda.

A primeira grande parte, que trata do bilinguismo bimodal, se divide em subtemas como: I – A face do bilinguismo bimodal: Marcadores da gramática ASL são produzidos

quando bilíngues falam a monolíngues do Inglês. II – Fala de Coda: Discurso bimodal entre ouvintes e sinalizadores nativos. Já a segunda parte do tema Kodas se organiza subdividida pelos temas: I – Aquisição da Língua Bimodal em Kodas. II – Olhos sobre ouvidos: O desenvolvimento de estratégias visuais pelos Codas. III– Aspectos sociolinguísticos da comunicação entre filhos ouvintes e pais surdos. Na terceira grande parte da obra, Contato entre a língua sinalizada e falada, temos os subtemas: I – Libras e Português em zonas de contato, capítulo traduzido do original Português, das autoras Ronice Quadros e Mara Lúcia Massutti, no capítulo do livro *Estudos Surdos II*, de 2007, capítulo 9, citado também neste texto. Por fim, a quarta grande parte intitulada: Experiência e identidade Coda, com os subtemas: I – Explorando a Identidade linguística e cultural: minha experiência pessoal. II – Guias Virgilenses: assuntos estéticos em Coda, autobiografias. III – Características da experiência Coda na cultura contemporânea do século XXI.

1.8 LIVROS FÍSICOS

Quadro 5 Livros físicos sobre Codas

Classificação Original		Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Editor(es) Referências
1	Livro	Internet	Livro	Antropologia	Editora Harvard	1994	Família, Codas, Kodas, Língua de Sinais, Intérprete	Sim	PRESTON, Paul. Mother Father Deaf. Living between sound and silence. EUA: Harvard, 1994.
2	Livro	Internet	Capítulo de livro	Educação	Editora Arara Azul	2007	Estudos Surdos II – Série Pesquisas	Sim	QUADROS, R.M; PERLIN, G. Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
3	Livro	Internet	Livro	Educação, Linguística, Sociologia	Editora Penso	2017	Língua de Herança – Língua Brasileira de Sinais	Sim	QUADROS, R.M. Língua de Herança. Porto Alegre: Penso, 2017.

Classificação Original	Buscador	Tipo de fonte	Área	Filiação	Ano	Palavras-chave	É Coda?	Editor(es) Referências	
4	Livro	Internet	Livro	Educação, Antropologia	Editora Xulon	2016	As aventuras de uma Coda	Sim	REPERT, R. A. Adventures of a Coda – child of deaf adult. EUA: Xulonpress, 2016.
5	Livro	Internet	Livro	Autobiografia, Antropologia, Educação	Editora Harper Perennial	1987	Uma história de surdez na família	Sim	WALKER, L. A. A Loss for Words: the story of deafness in a family. Nova York: Harper Perennial, 1987.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

Foram encontrados cinco livros sobre os Codas, sendo que quatro deles tratam inteiramente da temática e, em apenas um, somente um capítulo. A internet foi a fonte para a aquisição desses livros. Quatro livros são da área da educação, sendo três deles também da antropologia, da sociologia e da linguística e um deles uma autobiografia. Os anos de publicação estão em um recorte histórico entre 1987 e 2017. Todos os autores são Codas, sendo três autores americanos e duas autoras brasileiras.

Um dos livros mais admirados e usados sobre nosso tema é a obra do prestigiado autor americano, que é Coda, Paul Preston, que é célebre entre a comunidade surda americana e entre os Codas internacionais. Escreveu uma extensa obra intitulada *Mother Father Deaf. Living between sound and silence*³⁰, sobre sua condição de filho ouvinte de pais surdos, entrevistando diversos outros Codas de diferentes estados americanos. Sua obra é de 1994, sendo citada nos estudos na área da surdez, da linguística da língua de sinais e da educação. É dele a famosa pergunta: “Sou surdo ou ouvinte?”³¹.

Essa sua questão existencial dá início às discussões sobre a identidade dos Codas e o crescer bilíngue. Nessa obra, ele aborda assuntos como: colisões entre culturas – a surda e a ouvinte; retratos de famílias diferentes de Codas; lembranças da infância dos Codas; identidade à margem da cultura. Seu objetivo não é apenas trazer diversas biografias e his-

³⁰ Mother Father Deaf. Living between sound and silence. = Mãe Pai Surdo. Vivendo entre o som e o silêncio. (Tradução nossa).

³¹ A mesma questão foi levantada pelo Coda Thomas H. Bull num artigo de 20 out. 2013. Disponível em: <http://www.codaukireland.co.uk/uploads/1/3/0/0/13000270/bull_t_deaf_family_issues.pdf>.

tórias de vida dos Codos, mas também mostrar o sentido e a compreensão da condição de ser filho ouvinte de pais surdos. Evidencia seu crescimento entre o som e o silêncio.

A obra de Lane, Hoffmeister e Bahan, (1996)³² confirma esta questão existencial quando afirma que “[...] em certo sentido, o Coda é ‘quase surdo’. Os Codos possuem a parte cultural de serem surdos, incluindo o conhecimento do mundo surdo, mas não possuem diferenças físicas [...]. Eles têm a cultura, mas não a constituição” (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996, p. 171).

O livro intitulado *Estudos Surdos II* foi publicado em 2007 pela Editora Arara Azul e tem como organizadoras as professoras Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin, que atuam como professoras em universidades federais. Seus autores são professores surdos de universidades públicas que apresentam a visão de ser surdo, a respeito do outro e da diferença e cultura surdas. A obra está organizada em nove capítulos que abordam a história da educação de surdos, cenas do atendimento especial, professores surdos, pedagogia visual, educação de jovens e adultos surdos, o currículo e a língua de sinais e a escrita da língua de sinais. Nosso destaque é o último capítulo, o nono, intitulado “Codos brasileiros: Libras e Português em zonas de contato”, escrito por Ronice Muller de Quadros e Mara Lúcia Massutti.

O texto foi elaborado a partir de um estudo de caso, envolvendo uma filha de pais surdos, brasileira, com o objetivo de analisar as zonas de contato entre as línguas faladas e

³² In a sense, the Coda is “almost Deaf”. Codas possess the cultural part of being Deaf, including the Deaf-World knowledge, but they lack the physical differences. They’ve got the culture, but not the constitution. (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996, p. 171).

de sinais. Para elaboração do artigo, as autoras mostram um panorama do bilinguismo no Brasil, com destaque à língua de sinais e, em seguida, analisam as zonas de contato, marcadas, em especial, com elementos linguísticos e culturais que formam os Codas como singulares.

O próximo livro a ser apresentado é da autora Coda sob o título *Língua de herança* (Língua Brasileira de Sinais), de Quadros (2017). A obra está dividida em seis capítulos, dos quais apenas o capítulo seis, intitulado “Biografias: o que os filhos ouvintes de pais surdos contam sobre as línguas, as identidades e as culturas”, apresenta uma discussão a respeito dos Codas.

Por meio das histórias de alguns Codas, relatadas em conversas sobre as histórias de vida deles, a relação com os pais, com as comunidades ouvinte e surda, com a língua que herdaram dos seus pais, a língua de sinais e com a língua portuguesa falada em vários espaços da sociedade, a autora destaca, com um olhar mais antropológico, momentos que mostram, na fala dos Codas, a relação deles com as culturas, com zonas de conforto e de conflito, as fronteiras entre o mundo dos surdos e dos ouvintes e recordações que os constituíram, formando a sua identidade. Relata ainda que, após as conversas, percebeu o quanto há de comum entre os Codas, inclusive se coloca nas narrativas.

Mesmo com histórias de vida diferentes é possível perceber uma identidade comum que os aproxima, que os une como filhos ouvintes de pais surdos que utilizam duas línguas desde o nascimento, a língua de sinais e a língua portuguesa, uma visual-corporal e outra oral-auditiva e escrita que faz com que eles se conectem. Quadros (2017) assume

a responsabilidade de, nesse capítulo, recontar as histórias de pessoas que, de acordo com ela, não pertencem nem à comunidade surda e nem à ouvinte, e sim a uma terceira: os Codas.

Encontramos nos livros e artigos descritos temas em comum, os quais abordam a questão dos Codas. Apresentamos alguns temas que aparecem na área: Identidades; Identidade bilíngue; Crescendo bilíngue entre duas línguas, duas culturas, dois mundos; Codas são culturalmente os intérpretes da língua de sinais para seus pais em casa, na escola, na sociedade, colocando-os como responsáveis por seus pais; Bilinguismo – língua de sinais e língua oral; Kodas; A família dos Codas; Língua como herança dos pais; As zonas de contato entre as duas línguas; Biografias de Codas (dificuldades, desafios e superações). O texto ainda traz temas como o “termo zonas de contato”, que para Quadros (2017) é como o universo surdo e o ouvinte marcam as fronteiras entre Codas e seus pais surdos. As zonas de contato são locais que disputam o poder, mas também se ajustam um ao outro. Locais seguros sociais e culturais, onde se consolidam as suas identidades e se protegem socialmente (QUADROS, 2007, p. 246). Nesses locais se sentem em casa, dialogam com outros iguais e usam as duas línguas (língua de sinais e a língua oral), sem se preocuparem com as formas corretas de uso de ambas.

O livro *Adventures of a Coda – child of deaf adults* (REPPERT, 2016) traz uma autobiografia que relata histórias de vida desde a infância da autora, sua formação, seu casamento e seu trabalho, até sua aposentadoria e mudança de estado. Na contracapa do livro encontramos um comentário

escrito pelo primeiro reitor surdo da Universidade Gallaudet, em Washington, D.C., em 1988 pelo movimento surdo DPN³³, o qual escreve sobre a obra e autora:

Como alguém que viveu tanto no mundo ouvinte quanto no surdo, eu ainda aprendi muito e achei graça durante todo esse memorando maravilhoso.

Conhecendo ou não qualquer coisa sobre a surdez ou surdos, recomendo que você leia esta história. Você ficará muito satisfeito por isso.³⁴

A obra inicia em 1933, com o nascimento da autora em um hospital na cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. Os pais surdos renderam muitas situações inusitadas, complicadas e divertidas nas linhas que seguem na obra de Reppert. Anos mais tarde, a autora se forma como professora e vai lecionar em uma escola especial para surdos. O livro apresenta muitas fotos da autora ao longo da sua vida com seus pais, avós, familiares e amigos. No final, vemos a autora usufruir da sua aposentadoria nas praias da Flórida, para onde se mudou com seu marido em 2013. O posfácio do livro homenageia alguns amigos surdos dos seus pais já falecidos, com uma foto, e a biografia de cada uma das pessoas

³³ DPN = Deaf President Now (= reitor surdo já). Movimento forte dos surdos estadunidenses em prol de uma universidade cuja direção tivesse o olhar de surdos, que instituiu o primeiro reitor surdo na universidade.

³⁴ As someone who has lived in both the Hearing and Deaf World, I still learned a great deal and smiled all the way through this wonderful memoir. Whether or not know anything about deafness or deaf people, I recommend you read this story. You will be very glad you did.

que aparecem na foto. Ela fez parte desse grupo com seus pais, enquanto crescia.

O livro *A loss for words*³⁵, de Walker (1987), trata de questões próprias de família, com histórias de vida dos seus pais surdos e de acontecimentos experimentados pela própria autora. Na capa e na contracapa há um comentário do escritor Oliver Sacks³⁶, que pontua:

Um relato comovente, muitas vezes humorístico e bonito do que significa ser a criança ouvinte de pais profundamente surdos, amar e ser amado por eles, mas também experimentar quase desde a infância o “abismo intransponível” entre surdo e ouvinte. Muito tem sido escrito sobre esse abismo oculto, cuja existência é desconhecida para a maioria de nós, mas eu raramente li nada sobre o assunto mais poderoso ou pungente do que este relato pessoal extraordinário de Lou Ann Walker.³⁷

A autora detalha episódios pessoais nos relacionamentos com seus pais num vilarejo na zona rural. As histórias do livro começam em setembro de 1973, quando a autora é levada pelos pais para a Universidade Harvard

³⁵ *A Loss for Words* – Uma perda de palavras (tradução nossa).

³⁶ Oliver Sacks – foi um neurologista, escritor e químico amador anglo-americano. Renomado professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Columbia, segundo a Wikipédia. Autor de um clássico na área da surdez, *Vendo Vozes*.

³⁷ A deeply moving, often humorous and beautiful account of what it means to be the hearing child of profoundly deaf parents, to love and be loved by them, but also to experience almost from infancy the “unbridgeable gulf” between deaf and hearing. Much has been written about this hidden gulf, whose existence is unknown to most of us, but I have rarely read anything on the subject more powerful or poignant than this extraordinary personal account by Lou Ann Walker.

para iniciar curso superior. O livro fala sobre dificuldades, olhares diferentes e conquistas dos seus pais frente à sociedade ouvinte. No final da obra, detalha o sepultamento de seu avô materno, em setembro de 1983, tempo em que a autora ainda estava na universidade. Segue um recorte do diálogo de despedida entre ela e sua mãe surda (WALKER, 1987, p. 12), antes de voltar aos estudos na universidade:

{Me promete que você vai me escrever mais vezes}
(ela sinalizou).

{Eu sempre escrevo, mãe}.

{Você virá pra casa pro Natal, não é?}

{Não}.

{O que?} (Mamãe olhou decepcionada).

{Estou apenas brincando. Claro que estou. Como não ir pra casa para vê-los?}

A obra fala de coisas extraordinárias e comuns do dia a dia de pessoas comuns. A autora deixa transparecer que a vida é normal e simples enquanto Coda. Apesar dos conflitos existenciais e as conquistas que se apresentam aos Coda, a vida pode ser simples e vivida como a grande maioria das pessoas na sociedade ouvinte.

A autora constrói toda sua obra com três verbos, que se tornam os três capítulos: olhando, ouvindo, aprendendo. Os significados são explicados desta forma: desde sua infância aprendeu a olhar as coisas, o mundo, assim como seus pais surdos; o ouvir diz respeito a aprender a ouvir depois, a segunda língua com seus avós ouvintes, que é a língua oral; o terceiro verbo, aprender, diz respeito à compreensão da

vida e de seus objetivos enquanto Coda, como também conheceu a si mesma ao longo das linhas escritas da sua obra, conforme escreveu.

1.9 CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTA SEÇÃO

As temáticas mais recorrentes dos materiais selecionados para este estudo foram agrupadas nos seguintes tópicos: a) Infância dos Codas, b) Família, c) Língua de sinais, d) Bilinguismo, e) Cultura, f) Identidade, g) Educação bilíngue, h) Intérpretes, i) Mundo dos surdos e ouvintes, e j) Biografias.

Na sequência, teceremos comentários a respeito de dois temas, que elegemos como principais para o presente estudo, a saber, a infância dos Codas e a família. Traremos apenas os autores Codas pesquisados, que tratam desses temas em suas dissertações, e que constam em nossa bibliografia.

Nossa primeira atenção está voltada a Sousa (2010), a autora portuguesa Coda, que em sua investigação traz conselhos para os pais surdos, a partir das investigações com Codas portugueses e catalães no tempo da infância. Os conselhos sugeridos pela autora são resultados da investigação a partir das entrevistas com Codas. A autora aconselha os pais surdos, informando que deveriam respeitar o tempo da infância dos seus filhos e não os pressionarem a serem responsáveis pelos seus pais e nem solicitados a serem continuamente intérpretes dos pais para as pessoas ouvintes em seu entorno. Há uma enorme pressão sobre esses Codas, para que cheguem à maturidade preco-

amente. A própria família, os avós e os tios, delegam essa responsabilidade aos Codas, para que cuidem de seus pais surdos em casa e fora.

Pereira (2013) é Coda e fala de si mesmo, descrevendo que na sua infância pensava que era o único Coda. Conta que tinha medo da professora da educação básica, pois a sua mãe surda lhe contava sobre o tempo da palmatória, que os professores utilizavam para punir os alunos. Daí o medo que passou para ele quando começou a frequentar a escola, aos sete anos de idade. Em outra fala, expõe sobre as dificuldades que os Codas apresentam com a escrita da língua oral. No seu caso, não apresentou dificuldades, pois havia parentes ouvintes que eram próximos e que ajudaram no seu aprendizado da escrita. Sua mãe, no tempo da escola, foi ensinada pelo método oral cujo foco era instruir o surdo a falar, causando muitos traumas nos alunos surdos e solidificando uma visão de incapacidade. Essa experiência difícil fez com que a mãe surda passasse esse sentimento de medo ao filho.

Souza (2014) fala que o ambiente onde o Coda é criado em sua infância, pode ser “o estimulador ou o limitador verbal”, pois poderá ocorrer um atraso no desenvolvimento da sua fala. Argumenta que o Coda está inserido em um ambiente linguístico visual e que a língua oral fica em segundo plano, muitas vezes. Por outro lado, pode haver a expectativa por parte dos surdos adultos sobre os Codas “[...] quanto ao domínio da língua oral, que nem sempre é correspondida” (SOUZA, 2014, p. 108). Pelo fato de ser ouvinte, o Coda não sabe sobre tudo. Há Codas que passam por reabilitação fonoaudiológica pelo fato de falarem de forma diferente de-

terminadas palavras da língua oral, pois não têm modelos orais adequados próximos de si, para pronunciarem a forma padrão da fala. Apenas para cancelar essa questão, Singleton e Title (2000) afirmam que “[...] muitos filhos ouvintes de pais surdos desenvolvem a fala e a linguagem normalmente se sua vida familiar é normal e se eles têm alguma exposição a falantes normais”³⁸.

Silva (2016), em sua investigação de mestrado, pontua sobre como se constituiu enquanto intérprete desde a mais tenra idade. O que apresenta é a questão das vivências dos Codas, as quais desde a sua infância até a fase adulta o motivou a escolher a profissão. Pergunta a respeito do “processo de mediação que ocorrera durante a infância” que reflete sobre suas escolhas profissionais (SILVA, 2016, p. 51). Para Silva, as vivências e processos da infância determinaram a escolha da futura profissão dos Codas investigados.

Entendemos que nesse crescer bilíngue, em que a Libras é a língua materna e a Língua Portuguesa a língua que vem concomitante, ou logo após a aquisição da primeira língua, há uma singularidade na constituição dos Codas. Justifica-se pelo fato das duas línguas serem de modalidades diferentes – uma de modalidade visual-espacial e a outra de modalidade oral-auditiva – bem como a cultura na qual as línguas estão constituídas. É logo na infância que os Codas aprendem as especificidades das duas línguas e das duas culturas, pelos desafios na prática que os forjam a serem maduros antes do tempo das demais crianças, muitas vezes.

³⁸ Many hearing children of Deaf parents do develop speech and language normally if their family life is otherwise normal and they have some exposure to normal hearing speakers. (SINGLETON; TITTLE, 2000, p. 225).

Enquanto seus amigos vizinhos estão brincando na rua, os Codas estão muitas vezes ocupados com responsabilidades, interpretando para seus pais os telejornais ou as reuniões de pais na escola. Como afirma Preston (2014, p. 20): “[...] alguns perderam sua infância, pois não tiveram quadros de referências para as suas experiências”. Quer dizer, constantemente, os Codas não sabiam como compreender ou mesmo explicar o mundo ouvinte para seus pais surdos e vice-versa.

Passamos para o tema da família dos Codas. A partir de uma perspectiva afastada e geral não diferenciamos uma família de Codas das famílias ouvintes da sociedade, nem da forma como ela se constitui. Todavia, ao analisarmos as relações entre os membros da família, a língua que usam e a forma como veem o mundo, nosso entendimento muda.

As características próprias da língua de sinais mudam o nosso modo de perceber e de apreender o mundo, as pessoas, os objetos. A língua de sinais, usada nas famílias dos Codas, aponta como constitutivo principal que a torna diferente e singular. Por conseguinte, a cultura que se forma na família e em seu entorno segue as diferenças e as singularidades dessa língua. Essas características dos Codas em família são chanceladas por Sousa (2010, p. 403), pois eles crescem em ambiente bilíngue e bicultural. Pelo fato de o Coda aprender primeiro (na maioria das vezes) uma língua de sinais e depois uma língua falada, já estabelece a diferença. Todavia, o que nos chama mais atenção é o ambiente bilíngue que diz respeito a duas línguas de modalidades diferentes (uma língua sinalizada e outra língua oral) e, conseqüentemente, na biculturalidade que as línguas envolvidas

oferecem, uma cultura da sociedade ouvinte e outra cultura da comunidade surda onde os Codas estão envolvidos.

Essa situação única acontece apenas nas famílias de Codas e, por isso, há singularidade do bilinguismo e do biculturalismo. As duas fontes (línguas diferentes e culturas diferentes) constituem a diferença ímpar do modo de ser Coda. “Tendo a família um papel preponderante no desenvolvimento global da criança, a existência de uma comunicação fará com que a criança cresça saudável linguística e emocionalmente” (SOUSA, 2010, p. 406).

Pereira afirma que a educação em famílias de Codas, isto é, a transmissão de conhecimentos, língua e valores acontece de forma semelhante como nas demais famílias de ouvintes, entretanto com o viés da língua de sinais. No caso da história de vida de Pereira, os pais dele permitiram que os tios ficassem com ele por um período em sua infância para ter mais contato com a língua oral e ensiná-lo a falar. Nesse tempo, a família maior ouvinte não via capacidade nos pais surdos para cuidar e ensinar suficientemente seus filhos ouvintes. Os próprios surdos não se viam capazes. Foi um período de trevas e de olhares negativos sobre pais surdos e seus filhos ouvintes. Quando seus pais se deram conta de que isso não estava certo, pegaram de volta seu filho. Pereira diz que esse foi “o dia mais feliz da sua vida” (PEREIRA, 2013, p. 17).

Nada substitui o amor e o elo dos pais com seus filhos. Na família dos Codas a verdade é a mesma. Pais surdos são capazes de se responsabilizar por seus filhos ouvintes da mesma forma que os pais de famílias ouvintes. Em outro momento, Pereira (2013) diz que sempre houve uma forte influência da parte ouvinte da família em sua edu-

cação, bem como nas relações que envolvia ele e seus pais surdos. Eles se tornaram uma família livre das interferências dos ouvintes, quando ele tinha oito anos de idade, pois eles se mudaram para outro lugar, longe dos avós e tios ouvintes.

Não universalizando, entretanto, parece que há um mito de que pais surdos são incapazes de educar seus filhos ouvintes. Encontramos em lares de casais surdos situações de dependência de outros, de olhar caritativo e de submissão pelos parentes ouvintes, nas quais os pais surdos não têm autonomia e condições de criar e ensinar seus filhos.

Todavia, há exemplos dignos de nota e publicação, nos dias de hoje, nos quais casais surdos, com formação universitária e com profissões consolidadas, demonstram outras formas de se relacionar com seus filhos ouvintes e com demais membros da família e parentes. Digo isso pelos colegas e amigos surdos, que são pais de filhos ouvintes. Interessante, neste sentido, é o trabalho que mães surdas da Sociedade de Surdos do Rio Grande do Sul realizam na colônia de férias da SSRS, quando se reúnem lá no período de férias. O projeto chama-se “Uma casa, duas línguas”, promovido pelo Gipes – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a participação de Renata Ohlson Heinzelmann Bosse e Carolina Hessel Silveira – ambas surdas e mães de crianças ouvintes³⁹.

³⁹ Live do projeto difundida em 12 de junho de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVe3NC3R_UM>.

Souza (2014), tecendo comentários sobre sua família, diz que uma das características principais na sua infância em casa foi a sua constituição enquanto intérprete da língua de sinais. No seio da família aprendeu a dar os primeiros passos na área da interpretação mediando para seus pais e para os vizinhos ouvintes, nesse sentido, chama os “Codas de porta-vozes” (SOUZA, 2014, p. 49).

Um dos espaços onde os Codas se constituem, além da família, é a associação de surdos, onde a língua de sinais acontece de forma natural e livre. Os filhos ouvintes são trazidos pelos pais surdos, que se relacionam e se identificam com outros Codas, “onde exercitam a língua de sinais”. (SOUZA, 2014, p. 40). Portanto, sempre que se falar em Coda, deve-se levar em conta a questão cultural dos membros da comunidade surda, usuários da língua de sinais, o que inclui os pais surdos e os demais surdos da sociedade, de cujo grupo os Codas fazem parte naturalmente.

Silva, outra Coda da nossa investigação, também afirma sua condição de intérprete, iniciada em sua família para seus pais. Desde pequena, foi intérprete para seus pais “[...] assistindo novela, durante conversas em família, em consultas médicas, na escola, e também em situações mais formais como no trabalho, em negociações bancárias e até mesmo em formaturas” (SILVA, 2016, p. 34). A indagação de Silva é se as práticas no uso da língua de sinais, em casa com seus pais, vivendo em ambiente bilíngue e bicultural, direcionaram os Codas a optarem por escolherem sua profissão hoje.

Para a autora, muitos Codas se tornam profissionais da área da tradução/interpretação justamente pela sua história tecida enquanto filho(a) de pais surdos, passando da

informalidade e voluntariedade para a profissionalização de tradutores e intérpretes de língua de sinais, também devido aos cursos de formação na área da tradução/interpretação da língua de sinais em nível superior que temos hoje no Brasil.

Reiteramos que os Codas convivem diariamente entre duas línguas e duas culturas, enquanto crescem, constituindo-se mediadores naturalmente, desde a mais tenra idade, entre o mundo sonoro para seus pais surdos e o mundo visual para os demais ouvintes. Nessas idas e vindas entre as duas línguas e culturas há embates, pressão e disputas de poder, como veremos mais adiante. Nas fronteiras bilíngues e biculturais, os Codas crescem e assim são constituídos.

2 CONSTITUIÇÃO SINGULAR DOS CODAS

Neste capítulo, trataremos de alguns aspectos da subjetividade/identidade que são representações da constituição do ser humano por excelência. Da mesma forma, aspectos sobre a linguagem e a língua serão discutidos, com viés à temática dos Codas.

2.1 LÍNGUA

Uma palavra na língua é metade de alguém mais. Ela só se torna própria de alguém quando o falante a povoa com uma entonação própria, um acento próprio, quando se apropria da palavra, adaptando-a a sua própria semântica e intenção expressiva. Antes deste momento de apropriação, a palavra não existe em uma língua neutra e impessoal, mas antes, ela existe na boca de outras pessoas, em contextos concretos de outras pessoas, servindo a intenções de outras pessoas: e é daí que devemos tomar a palavra e fazê-la nossa. (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 1990, p. 113).

Aprendemos a primeira língua de modo prazeroso, natural e sem esforço consciente, pois nos apropriamos da língua materna em família, entre risos e comida de-

liciosa feita por quem nos ama e cuida, entre abraços e carinhos, envolvidos num contexto tipicamente humano. Essa é uma situação ideal para grande parte das crianças que vivem essa experiência. O ambiente é agradável, com sensações de felicidade, alegria, prazer e lembranças boas. Diferentemente, quando aprendemos uma língua estrangeira na escola ou no curso particular de idiomas, estudamos formalmente as regras sociais e da língua, há um esforço consciente e a aprendizagem não é nada fácil, se comparada à língua que aprendemos com nossos pais, em casa. Muitas vezes, esse ambiente é artificial e o ensino da língua é dissociado da cultura que essa língua carrega.

Afirmamos que o contexto familiar dos Codas é idêntico ao de uma família com pais ouvintes. Porém eles aprendem desde cedo a se comunicarem com seus pais por meio da língua de sinais. Não há uso de dicionário ou gramática. A apropriação se dá por imersão natural, em um ambiente informal, como em qualquer família.

Afirmamos, outrossim, que tanto a língua oral como a língua de sinais são por excelência a expressão da linguagem, pois ambas são línguas, instrumentos de representação simbólica, e são, também, responsáveis pela ação de organização e de constituição do pensamento.

Vemos a linguagem como uma extraordinária rede de associações do pensamento, que usa um sistema de símbolos dos mais diversos, para a comunicação interior e exterior. Ela é a organizadora do pensamento. O ser humano se constituiu na sua relação com o outro, no social, a partir da linguagem. Essa existência acontece na cultura determinada da sociedade em que ele se desenvolve. Por isso que os

signos são construídos cultural e ideologicamente, segundo Bakhtin.

Nas palavras de Fanti (2003, p. 109) em relação à concepção de Bakhtin e o Círculo⁴⁰ sobre linguagem:

[...] a linguagem está presente no conjunto da obra do Círculo; por isso, não permite um conceito “linear”, “fechado”, uma vez que ela se constitui “em relação a”. Isso se deve à sua própria natureza – o caráter dialógico – que não permite um acabamento, mas sim um permanente devir.

O universo da linguagem inclui elementos concretos e abstratos daquilo que imaginamos ou não, em infinitas possibilidades para a expressão, comunicação, interação e encontros dialógicos na existência do ser humano. Para Bakhtin (2006), a linguagem é vista como atividade, não como um sistema amorfo, sem significado, destituído de organização. É um sistema vivo e de constante transformação, sendo que na língua é onde a linguagem tem sua expressão por excelência. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 209): “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam”.

Ainda na concepção do autor:

⁴⁰ Conquanto o termo Círculo de Bakhtin não seja adotado de forma unânime pelos estudiosos da teoria, ele será utilizado neste estudo em consonância com os postulados de Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, entre outros, e de acordo com a convicção deste pesquisador. Desta forma, o Círculo é um grupo formado por estudiosos que tinham interesses filosóficos sobre os estudos da linguagem. Eles se encontravam para discutirem suas ideias, sobretudo entre os anos 1920 e 1930, na antiga Rússia.

Se fizermos abstração da consciência individual subjetiva, e lançarmos sobre a língua um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. (BAKHTIN, 1992, p. 90).

Assim sendo, para Bakhtin a língua sofre mudanças e evolui no tempo, em suas normas, assim como a vida para Bauman (2011). Nada é estanque ou limitado. Nem a vida, nem a língua.

Na perspectiva do materialismo dialético, Marx e Engels (2004) consideram que tudo no mundo está em constante transformação, isto é, a sociedade, a língua, as relações humanas, os materiais transformados pelo homem, a natureza estão em maior ou menor grau de mudança incessante. O homem é um ser histórico, complexo e ativo, está em mudança ininterrupta por meio do trabalho e das relações com outros homens. Como afirma Leontiev (2004, p. 301),

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Esse processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

Todas as transformações que acontecem no mundo são de responsabilidade exclusiva do homem, pois é o único ser do mundo animal dotado de capacidade de gerar as transformações. Isso se deve ao fato de que o homem é munido de faculdade superior, que lhe permite adquirir e desenvolver processos mentais extraordinários, que são mediados por instrumentos físicos e por instrumentos simbólicos. É interessante atentar que o homem nasce sem experiência de vida, sem conhecimento nato sobre a sociedade, vida. Entretanto, já existe um conhecimento histórico acumulado, aguardando pelo bebê que vai nascer, para ser incorporado pelo mesmo e, a partir daí, continuar a evoluir na sua consciência, atitudes e visão de mundo. Os nossos avós tinham acesso a menos conhecimentos do que nós temos hoje.

A partir da visão sob uma perspectiva dialógica e social, a linguagem encontra-se na base do pensamento filosófico de Bakhtin, na qual a expressão do indivíduo é um produto de várias vozes interligadas, “fala-se a respeito daquilo que os outros dizem” (BAKHTIN, 2002, p. 139).

Somos constituídos pelos outros, isso inclui os olhares dos outros sobre nós, as vozes dos outros sobre nós. Muitos olhares, muitas vozes nas quais se estabelece nossa essência cujos componentes que se reúnem são constituídos do humano. Bakhtin e seus colaboradores com interesses voltados à filosofia, política, ciências sociais, linguística e outras, formam um grupo conhecido como Círculo de Bakhtin, cuja visão inovadora é a de enxergar a linguagem como um constante processo de interações, mediados por diálogos.

Por isso, Bakhtin é chamado de teórico da enunciação. A enunciação é sempre única, singular, nunca se repete no tempo e no espaço, mas é social. Ninguém enuncia sozinho. Para quem? Sempre há o outro que recebe o que enuncio, e há o eu, recebendo a troca do outro. A enunciação se constitui a partir dos encontros dialógicos, que são as relações como espaços de tensão entre os enunciados. Bakhtin usa o termo arena, que é o espaço onde ocorrem os embates de valores sociais divergentes. São tensas pelo fato de que cada pessoa é única e com aceções e valores diferentes.

A singularidade, a unicidade de cada ser humano vão além das aparências, da forma, da estética, do exterior. De acordo com Faraco:

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. [...] é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam. (FARACO, 2010, p. 21).

Quando uma pessoa fala sobre determinado assunto, o outro pode ter uma posição contrária, valorando diferentemente o seu enunciado que, por sua vez, concede uma resposta num outro valor e com outro significado. Por isso os encontros dialógicos são tensos, como uma arena de gladiadores, pois podem estar ligados a visões e contextos sociais, políticos e históricos contrários.

Por sua vez, na sua aceção em relação à língua, Bakhtin valoriza a fala, a enunciação e o signo, que são de na-

tureza social, pois surgem no social, por isso diz: “[...] que está ligada indissolúvelmente às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 15).

Em outra citação, Bakhtin (2006, p. 82) sustenta sua concepção a respeito da complexidade da língua. Afirma: “A lógica da língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis”.

Para Fanti (2003, p. 103), sobre a língua em Bakhtin:

A língua não se reduz a um sistema padronizado, mas sim se materializa em vozes sociais que se cruzam, em diferentes dialetos, jargões profissionais, linguagens de gerações familiares. Há linguagens de momentos, de lugares, transitórias, que possuem estruturas e finalidades próprias a determinados contextos. A linguagem, assim, está em movimento, ou seja, há uma orquestração discursiva que a constitui.

Confirma-se que a língua para Bakhtin é vida, é movimento, se modifica, instiga ao pensamento e às interações sem ser redundante, insossa e repetitiva. É desafiadora, tensa, interativa. E é justamente aí que as ideias novas surgem, projetos são criados e reformas no campo social e político são constituídas. Para Bakhtin, os enunciados nunca são os mesmos, mas são únicos e irrepetíveis. A língua é viva, expressando a cultura de um povo, seu modo de ser, de agir e de ver o mundo. A língua é ativa, trazendo uma visão de

mundo diferente de outra língua, que é diferente de uma terceira e assim por diante.

Para o autor, “cada pensamento meu, junto com seu conteúdo, é um ato ou ação que eu realizo – meu próprio ato ou ação responsável individualmente”⁴¹. Assim como cada sujeito é único, assim também cada um dos seus pensamentos e atos. Únicos e repetíveis.

Pratt (2000) é pesquisadora na área da linguagem e literatura de línguas modernas, como espanhol e português, da Universidade de Nova Iorque, autora da expressão “zona de contato”, usado pela primeira vez em 1991 quando discursou na Academia de Línguas Modernas da sua universidade. É uma teoria muito citada na área da linguística, estudos culturais e transculturais (SILVA, 2014; SKLIAR, 1998). Quando se refere à “zona de contato”, explica que as línguas se encontram e nesse espaço há competição de poder entre as línguas. Os encontros dizem respeito a espaços sociais e culturais. A autora pontua que, quando as pessoas migram de um país para outro, deixam muitos de seus pertences em seus locais de origem, porém a língua vem junto. As línguas também viajam com seus donos, e isso é muito evidente nos dias de hoje com a globalização (refugiados, imigrantes), que é a grande causa desses encontros entre as línguas. São embates sociais e culturais. São disputas de poder entre as línguas. Afirmamos, portanto, que as línguas são vivas e se movimentam mundo afora, modificando-se, receben-

⁴¹ Every thought of mine, along with its content, is an act or deed that I perform – my own individually answerable act or deed. (BAKHTIN, 1993, p. 3).

do influências do tempo, do espaço e das diferentes culturas dos povos.

De forma semelhante, Paula e Luciano (2020) trazem uma concepção outra a partir dos axiomas filosóficos bakhtinianos, em especial, compreendendo as obras de Bakhtin (2011), de Medviédev (2012) e de Volóchinov (2017)⁴². Desta forma, os autores nos oferecem uma visão tridimensional em relação à palavra quando consideramos as relações do sujeito e signo. A verbivocovisualidade, cujo termo cunhado por Paula é a palavra que “[...] se articula e realiza-se na interrelação das dimensões verbal (semântica), vocal (sonora) e visual (imagética)” (PAULA; LUCIANO, 2020, p. 706). Por isso, tridimensional.

A verbivocovisualidade diz respeito ao falante e à sua palavra, objeto fundamental dessa relação, que o Círculo de Bakhtin chama de dialogia, isto é, a parte da essência do ser humano que nos faz seres conscientes e subjetivos. Essa palavra, anunciada pelo sujeito na dialogia, traz aspectos visuais, verbais e sonoros, ou seja, a sua constituição é tridimensional. Toda palavra é constituída por imagem, significado e som. No caso da língua de sinais, o som é compreendido pelo movimento do sinal.

Segundo Paula e Luciano (2020, p. 708), a verbivocovisualidade “[...] constitui a linguagem em qualquer materialidade enunciada, com maior ou menor vigor, como potencialidade a ser explorada”, cujo caminho possibilita e alarga o entendimento de alguns conceitos de Bakhtin, propostos neste estudo.

⁴² De acordo com os autores, respectivamente, *Estética da criação verbal*, *O método formal nos estudos literários* e *Marxismo e filosofia da linguagem*.

Partindo dessa concepção, podemos pensar em traçar pontes com a língua visual e com a constituição dos Cotas, pois, em cada uma das línguas empregadas, há a possibilidade de estabelecermos a tridimensionalidade, tanto para a língua de sinais como para a língua oral. Para os Cotas, há possibilidades de incomum ganho no sentido de entendimento de visão e de audição, ou seja, de excepcional lucro na compreensão das interrelações com os sujeitos e na verbivocovisualidade bilíngue que os constitui.

Quando pensamos em questões linguísticas, podemos nos reportar às pessoas surdas que experimentam a situação escolar bilíngue, ou seja, têm a Libras como língua de instrução e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como sua segunda língua. O bilinguismo dos surdos está garantido como política pública no Decreto 5.626/2005, no Plano Nacional de Educação de 2014, na Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, de 2014, na Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, e, o documento mais recente, no Decreto 10.502, de 30 de setembro de 2020⁴³. Os referidos documentos orientam a criação de ambientes linguísticos para a aprendizagem da Libras como primeira língua, bem como o ensino da Língua Portuguesa como segunda, para todas as crianças surdas.

⁴³ No momento da defesa desta tese estavam acontecendo embates significativos relativos a este decreto que, mesmo garantindo a educação bilíngue para surdos, tinha em seu teor a desestabilização da política de educação inclusiva constituída desde a LDB, em que a educação pública era preconizada como direito aos alunos com deficiência. Aqui se anunciam as dificuldades de políticas públicas efetivamente darem conta das diferenças dos diferentes grupos para/sobre as quais elas se organizam.

De acordo com Fernandes (2011, p. 104),

Em uma situação de bilinguismo considerada ideal, as crianças surdas deveriam aprender primeiro a língua de sinais no ambiente familiar, viabilizando a apropriação da linguagem e a capacidade de simbolização até os 3 anos. Tendo essa base linguística consolidada, processar-se-ia o ensino do Português na escola, aprendido por meio de metodologias voltadas ao ensino de segundas línguas. Esse aprendizado deveria se iniciar já na educação infantil.

Há um padrão que corresponde mundialmente à regra, que a maioria dos surdos nasce em lares ouvintes, conforme Sacks (1998), e cujas famílias ouvintes não sabem a língua de sinais. O aprendizado da língua de sinais se efetivará tardiamente, com a entrada da criança surda na escola. A criança acumula duas funções: aprender a língua de sinais e os conteúdos acadêmicos. Daí a necessidade da criação de políticas linguísticas que garantam espaços de aquisição de língua de sinais por crianças surdas – na educação infantil – o mais cedo possível.

Codas, por sua vez, crescem com uma condição bilíngue que se aproxima das crianças surdas, uma vez que sua primeira língua é a língua de sinais. Quadros e Massutti (2007) alertam que a questão bilíngue do aluno Coda é negligenciada: “[...] o reconhecimento dessas características culturais, sociais e linguísticas, que deveriam ser tomadas como elementos relevantes para o seu processo

interativo escolar, é neutralizado” (QUADROS; MASSUTTI, 2007, p. 256).

Dessa forma, a escola é outro mundo para os Codas, diferente do mundo de casa, da língua, das interações dialógicas. O início na escola poderá ser penoso, já que a língua oral é a única língua veiculada nesse ambiente. Os pais dos Codas e a língua de sinais tornam-se invisíveis na escola, assim como as especificidades dos alunos Codas que não são notadas e nem valorizadas pela escola e pelos professores, em sua condição bilíngue/bicultural.

A autora Coda Napier (2008, p. 220) postula a respeito das línguas apreendidas por ela, no contexto familiar e educacional, e menciona não ter crescimento igual aos demais Codas. Explica que a diferença que possui em relação aos demais Codas deve-se ao seu conhecimento e a sua fluência em várias línguas de sinais e pelo domínio de línguas orais. Demonstra consciência de quem é e das oportunidades que teve, desde criança, quando seus pais a estimulavam e a levavam para conhecer muitas coisas do mundo onde viviam.

Seguindo por essa linha de pensamento, inferimos que os Codas têm um diferencial positivo por serem bilíngues e biculturais⁴⁴, na concepção de Napier (2008). Dessa forma, está estabelecido que há um contexto linguístico e cultural para o Coda, que pode ser usufruído por ele. Portanto, os dados da nossa pesquisa mostram as possibilidades e van-

⁴⁴ Segundo Napier (2008, p. 225): “Pessoas ouvintes de pais surdos são frequentemente descritas como bilíngues e biculturais (LANE, HOFFMEISTER; BAHAN, 1996; SINGLETON; TITTLE, 2000), pois cresceram com dois idiomas e duas culturas – a cultura ouvinte dominante e a comunidade minoritária – a cultura dos Surdos”.

tagens dos Cudas em detrimento aos que possuem apenas uma língua na sua constituição. O ambiente dialógico e social onde o Coda se desenvolve oferece enormes possibilidades de aprendizagens e múltiplos horizontes. Napier (2008, p. 24) afirma

[...] que o termo bilíngue pode ser caracterizado de acordo com parâmetros diferentes como se as duas línguas foram adquiridas naturalmente ou de modo formal, simultaneamente desde o nascimento ou não, se são bilíngues proficientes na leitura, escrita, audição e fala, e seu grau de biculturalidade⁴⁵.

Napier (2008) se considera uma intérprete poliglota pertencente à comunidade surda. A condição de poliglota se relaciona à sua participação como integrante ativa nessa comunidade, e assim se posiciona. Mesmo sendo ouvinte, ela se sente mais próxima à cultura surda⁴⁶, definindo-se como uma pessoa multilingual e multicultural (NAPIER, 2008, p. 230):

Eu gostaria de ser identificada pelo que constitui a minha individualidade, minha identidade pessoal e minha subjetividade – minha *ipseidade*. *Seidade* é definido

⁴⁵ Bilinguals can be characterized according to a wide range of parameters, such as whether their languages were acquired naturalistically or formally, simultaneously from birth or consecutively; whether they have bilingual proficiency in reading, writing, listening, and speaking; and their degree of biculturalism.

⁴⁶ Segundo Strobel (2008, p. 24), Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, para torná-lo acessível e habitável, ajustando-o às suas percepções visuais, as quais contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.

como “aquilo que constitui o eu, individualidade” (Wikipédia, 2006), e eu consideraria ter identidades diferentes, dependendo do contexto em que estou⁴⁷.

Traçamos uma ponte que nos leva até nossa temática. Os Cudas crescem numa fronteira imaginária marcada por um universo surdo e um universo ouvinte, segundo Quadros e Massutti (2007). É lá que a Libras e o Português se encontram, se embatem, resistem e se confrontam. É um evento natural entre as línguas. Nesses espaços, são construídas linhas de diferenças e de poder entre uma língua e outra, entre uma cultura e outra. Cada um desses traços entre as línguas e culturas são distintos. É nesse ambiente de embate linguístico e cultural que os Cudas crescem e se constituem enquanto sujeitos bilíngues e biculturais.

Na sequência, trazemos uma nova categoria de compreensão – língua de herança (LH), cujo termo nasceu no Canadá, de acordo com Cummins e Danesi (1983), e divulgado nos Estados Unidos, passou a ser usado nos mais diferentes contextos da esfera linguística e social. A língua de herança diz respeito a qualquer língua minoritária usada em meio a uma sociedade cuja língua é outra, majoritária. Falar de língua de herança reflete o fenômeno das disputas desiguais de duas línguas – a língua da maioria do país de acolhimento e a língua da minoria, isto é, a língua de herança.

Como exemplo, podemos citar os imigrantes alemães que vieram ao Brasil entre os anos 1824 e 1826. Eles trouxe-

⁴⁷ I would like to be identified by what constitutes my selfhood, my personal identity, and my individuality – my ipseity. Seity is defined as “that which constitutes the self, selfhood” (Wikipedia, 2006), and I would consider myself to have different identities, depending on the context I am in.

ram muito pouco dos seus pertences em suas poucas bagagens, entretanto, a língua alemã veio junto. A língua materna deles era a alemã, que também desembarcou em terras brasileiras e se confrontou com a língua portuguesa, língua essa da maioria na sociedade brasileira. A língua alemã se tornou a língua da minoria, dentro de uma maioria que falava a língua portuguesa. Os filhos dos alemães chegados aqui, ou que nasceram depois, receberam dos seus pais a língua alemã como uma herança, como um legado deixado para os filhos. Não havia outra herança. Todavia, era a mais preciosa herança para os filhos, sem custo nenhum e apreendida de forma natural.

Desta forma, a língua de herança torna-se preciosa às gerações que a recebem e aprendem uma língua de minoria, numa sociedade de maioria com outra língua. Ela é muito preciosa aos que a recebem.

Quadros (2017) também usa o termo *língua de herança* e traz essa concepção para a área da língua de sinais e cultura surdas, bem como liga e transfere para a situação linguística e cultural dos Codos. Segundo a autora:

Os pais que ainda preservam sua língua nativa e a usam em casa passam a sua língua para seus filhos, embora essa língua não seja falada por outras pessoas na comunidade onde estejam inseridos [...]. Assim, língua de herança está diretamente relacionada linguística e culturalmente aos usos de uma língua por pessoas de um grupo social específico dentro de um grupo social maior. (QUADROS, 2017, p. 7).

A partir daí, imaginamos um cenário com as seguintes peças: na grande sociedade ouvinte que usa a língua oral

da maioria, há alguns redutos que se destacam pela diferença, onde a língua de sinais tem curso natural e não se ouvem sons de língua oral. Lá, os movimentos são valorizados e os olhares têm significado fundamental. Fora desses espaços fechados e protegidos a língua de sinais não é vista, não é reconhecida. Por isso, é uma herança preciosa e ao mesmo tempo frágil, que deverá ser valorizada e aprendida para que as futuras gerações possam se beneficiar.

Os pesquisadores que são referência para os Estudos Culturais como Skliar (1998) e Silva (2014), que se aproxima dos Estudos Culturais, falam da virada linguística e a centralidade do discurso na produção de sentidos. Ambos cancelam a importância de se ter uma língua desde o nascimento, que permita a aquisição de conceitos por meio de mediações significativas. Os Codas apresentam o desenvolvimento do pensamento mediado pela língua de sinais – que é completa e complexa, sendo possível acessar as funções superiores do pensamento utilizando outras vias, que não a oral auditiva, e sim a visual gestual.

Preston (2008, p. 9-12) autoafirma:

Nossa herança bilíngue e bicultural fornece uma fonte única de visão e de compreensão da extensão da experiência humana [...] somos iguais e somos diferentes. E, como aprendemos com nossos pais e nossas famílias, as diferenças devem a ser reconhecidas, valorizadas e comemoradas⁴⁸.

⁴⁸ Our bilingual and bicultural heritage provides a unique source of examining and understanding the range of human experience. We are the same – and we are different. And, as we have learned from our parents and our families, differences are something to be acknowledged, cherished, and celebrated. (PRESTON, 2008, p. 9-12).

Seguimos para o próximo subcapítulo, que trata de três categorias de compreensão diferentes, que são inseparáveis e necessariamente fazem parte da constituição do sujeito – identidade/subjetividade e cultura.

2.2 IDENTIDADE/SUBJETIVIDADE E CULTURA

Minha imagem de mim mesmo. Qual é a índole da concepção de mim mesmo, do meu eu em seu todo? Em que ele se distingue essencialmente da minha concepção do outro? [...] Eu-para-mim e eu-para-o-outro, o *outro-para-mim*. O que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro. (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Nesta seção, propomos a discussão das seguintes categorias de compreensão: identidade/subjetividade e cultura, com o aporte teórico de Bauman (2011), Hall (2006, 2011) e Canclini (1997), entre outros, e, posteriormente, as concepções de autores Cotas como Preston (1994), Napier (2008), Quadros (2007, 2017) e Souza (2014). Entendemos que as categorias não estão isoladas ou separadas, estanques ou sem dialogias. Elas são concepções complexas nas suas acepções trazidas em parte, neste estudo, pelos teóricos citados.

Entendemos que identidade e cultura estão imbricadas⁴⁹, pois ambas constituem o ser humano na sua subjetividade.

⁴⁹ Imbricada = entrelaçada, estreitamente unida, inseparável.

vidade. Discutiremos inicialmente identidade e cultura para depois, na sequência, concluirmos a respeito da subjetividade. Essas concepções estão epistemologicamente constituídas no ser humano, sendo difícil separá-las para uma compreensão em uma só essência.

Ao introduzirmos nossa discussão sobre a temática identidade e cultura⁵⁰, trazemos uma citação que aproxima estas duas concepções sem tentar concretizá-las ou isolá-las, pois acreditamos que uma e outra fazem parte da complexa constituição do ser humano. De acordo com Araújo Netto e Ramos (2000, p. 1) sobre a relação dos dois termos:

Cultura e identidade são pertinentes, pois cultura não só é um produto da vivência dos homens, é também um processo dessa produção. E identidade é constituída sempre em uma certa relação com o onde o homem está situado; nessa relação o homem se define. As condições de existência do homem são aquilo através do qual ele se constitui. Então, o homem se dá sempre por perspectivas e/ou delimitações.

Na edição brasileira do livro *Formação humana e capacitação*, Maturana e Rezepka (2003) afirmam que a identidade não é uma propriedade fixa, mas sim uma maneira nas relações de viver, conservada no convívio com os demais seres humanos pela confiança e respeito, oriundas de uma educação que serve para qualquer sociedade e tempo existencial.

⁵⁰ O filme *Le fils de l'autre* (2012) = O filho do outro, França, direção Lorraine Lévy, oportuniza uma reavaliação a respeito de cultura, identidade, crenças e valores.

A convivência humana diz respeito à responsabilidade de um pelo outro, no sentido universal, pois cada indivíduo é constituído pelo outro (Bakhtin, 2017). É preciso pensar como um ato responsável a partir da sua consciência social.

O ato responsável é um conceito fundamental nos postulados de Bakhtin. Diz respeito aos atos que tomamos e assumimos em relação ao outro e a si.

Cada um dos meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular, responsável meu; é um dos atos de que se compõem a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato completo; eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. (BAKHTIN, 2017, p. 44).

Responsabilidade sobre a sua fala, seus atos e seus pensamentos. Consciência da sua existência como um ser único e singular, assim como o outro. O ato responsável inclui o meu escutar o outro, ver o outro e ser favorável ao outro, pois “este é o sentido de toda moralidade cristã e é o ponto de partida para a moralidade altruísta” (BAKHTIN, 1993, p. 75)⁵¹. Portanto, o outro me constitui assim como eu constituo o outro, por isso a responsabilidade para com o outro. Não somos nada sem o outro. Não existimos sem o outro.

Mais adiante, Bakhtin (1993, p. 16) autoafirma :

⁵¹ This is, after all, the sense of all Christian morality, and it is the starting point for altruistic morality. (BAKHTIN, 1993, p. 75).

[...] ou seja, se eu deixasse de ser único, então este momento do meu não ser nunca poderia se tornar um momento da minha consciência; o não ser não pode se tornar um momento no ser da consciência – ele simplesmente não existiria para mim, ou seja, o ser não seria realizado através de mim naquele momento⁵².

Para Woodward (2000, p. 82), que problematiza as questões sobre identidade e diferença, não está assumindo para si estes entendimentos, mas afirma:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”.

As fronteiras são demarcadas pelas identidades. Quem está dentro dessas fronteiras e quem está fora? Quem são eles? Quem somos nós? Quem está dentro são os sujeitos que se identificam entre si pela língua, cultura, visão, e assim por diante. Os “eles” estão fora pois não se identificam com os que estão dentro das fronteiras.

Bakhtin (2017, p. 11) adiciona a sua voz à filosofia do ato responsável, cuja concepção é “[...] a compreensão res-

⁵² If I ceased to be unique, then this moment of my not-being could never become a moment of my consciousness; non-being cannot become a moment in the being of consciousness – it would simply not exist for me, i.e., being would not be accomplished through me at that moment. (BAKHTIN, 1993, p. 3).

ponsiva que salienta a conexão entre compreensão e escuta, escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente, por meio de compreensão e pensamento participante”. A visão da concepção de ato responsável diz respeito ao modo de pensar e agir em relação ao outro. É uma filosofia existencial e que muda a visão de mundo e sociedade, além da visão que se tem de si mesmo. “A filosofia [de Bakhtin] é uma semiótica particularmente interessada no signo verbal, na palavra, na medida em que essa parte da escuta, e requer a escuta” (PETRILLI, 2019, p. 71).

Portanto, sou responsável não só pelo meu pensar, agir e do local onde falo, mas também pelo escutar o outro. Eu assumo o que penso, o que falo, como vejo, como escuto. É um agir ininterrupto de cada um dos meus atos, que são atos sempre únicos, singulares, individuais. Essa concepção também se estabelece em relação a nossa identidade e cultura onde estamos inseridos com os outros sujeitos. Somos uma parte dos outros e vice-versa.

Na obra bakhtiniana *O espelho ao homem* (2019), uma das mais recentes publicadas no Brasil, Petrilli comenta a aceção de Bakhtin sobre identidade e as forças antagônicas que a envolvem:

Ao considerar a relação com o outro, Bakhtin move a própria atenção da identidade entendida como “identidade fechada”, com a sua consequente força centrípeta (quer se trate da identidade do indivíduo, como, por exemplo, da consciência de si, quer se trate da identidade coletiva, a comunidade estendida, a língua, o sistema cultural), para a alteridade, e, portanto, para sua força centrífuga. (PETRILLI, 2019, p. 72-73).

As duas forças, centrípetas e centrífugas⁵³, são termos concebidos por Bakhtin. As forças confrontam-se constantemente e, aqui, são empregadas na constituição da identidade do indivíduo. Para Bakhtin, há uma identidade centrada de si, dos outros, da sociedade, do sistema cultural; e há a identidade para a alteridade, expandida. É no encontro com o outro que o ser se reflete no outro e refrata com sua singularidade. Quando o sujeito se constitui, ele também se altera. Isso acontece constantemente.

Em consonância com o pensamento bakhtiniano, Geraldi (2015) afirma, todavia, que não podemos demarcar o entendimento da temática identidade com base em construções de traços distintivos de oposição binária que nos definem como “sou isso”, porque “não sou aquilo”. Ou seja: “sou alemão”, porque “não sou francês”; sou “branco”, porque “não sou preto”. Tais características de distinção oposicionistas respaldam concepções que enfatizam coincidência de aspectos do funcionamento das características humanas, como nacionalidade, traços físicos, comportamentais, culturais, entre outros.

Geraldi (2015, p. 153), ao criticar essa visão binária, alerta para designações que usamos como “uma camisa de força em nome da liberdade” para nos identificarmos. Segundo o autor, muitas vezes, sentimo-nos pressionados a seguir os demais – os mais animados – a fim de não enfrentar-

⁵³ Na concepção bakhtiniana, as forças centrípetas dizem respeito à vida social, linguística e ideológica, forças que buscam subordinar o sujeito em suas constantes lutas pela manutenção da hegemonia bem como seus valores. As forças centrífugas, ao contrário, são as descentralizadoras, as que resistem à subordinação da hegemonia e buscam a afirmação da diversidade de valores, qualificando uma constante batalha entre diferentes posições ideológicas pela conquista ou manutenção da hegemonia, portanto uma situação de permanente instabilidade. (PEREIRA; SANCHIS; MOREIRA, 2010).

mos ou criarmos conflitos. Embora seja possível reconhecer tal posição, temos que nos abrir para o reconhecimento de identidades múltiplas, no sentido de que somos constituídos por diversas identidades, apesar de, às vezes, nos sentirmos pressionados para nos adaptar de acordo com “[...] as identidades que conformem grupos consumidores: étnicos, etários, de gênero, profissionais, doutrinários, etc.” (GERALDI, 2015, p. 153).

Como podemos perceber, há diferentes construções e variadas possibilidades de nos identificarmos ou não com as pessoas. Mesmo que não as conheçamos, um item em comum, um mesmo aspecto ou uma mesma visão são pontos com os quais podemos construir uma mesma identidade com as pessoas com que partilhamos pontos de vista. Também há identidade que se fundamenta em um significado comum entre as pessoas; existe, da mesma forma, identidade cuja formação se fundamenta em vários significados, visões ou em outros itens que podem se aproximar. Isso significa dizer que há coisas em comum que aproximam um ser humano a outro, ou seja, um mesmo tema, um mesmo símbolo, um mesmo produto e um mesmo objeto, por exemplo, oportunizam trocas e diálogos entre os sujeitos que se identificam.

O renomado teórico da sociologia e da filosofia – o polonês Zygmunt Bauman – é citado por Regis (2015, p. 290-295), que define identidade

[...] pelo pertencimento de um indivíduo a uma dada comunidade, sob a condição deste indivíduo dotar de características específicas prescritas pela comunidade, dentre as quais hábitos, comportamentos, valores,

sentimentos, ações, ideias, preferências, ascendência, fenótipos.

Percebe-se que todo indivíduo pertence a uma determinada comunidade, segundo Bauman (2011), que o dota de características daquela sociedade, constituindo sua identidade, dentro daquela cultura que a sociedade apresenta.

A vida não é um processo estanque e imóvel; é um movimento, está sempre em contínua mudança, evolução e alvoroço. As identidades também estão em movimentos, em encontros e em desencontros. Quando existe afinidade, há, igualmente, identidade e encontros. Bauman (2011) chama os dias atuais de sociedade líquida, na qual nada é feito para durar. Vale mais o temporário, já que as formas não duram por muito tempo; o sólido já não é mais sólido, mas fluido, líquido. Somos o que temos hoje; amanhã, teremos outros produtos e objetos aos quais daremos valor, justamente porque também são eles valorizados na sociedade.

As relações humanas são transitórias e carecem de fundamentos sólidos. Da mesma forma que as pessoas se conectam rapidamente e trocam informações entre si, elas igualmente se desconectam e se bloqueiam. As ligações humanas não são mais sólidas e permanentes, mas fugazes e superficiais; por isso, Bauman (2011) usa a expressão “líquida” para adjetivar a sociedade da pós-modernidade. Para ele, as redes sociais promovem a identidade com determinados objetos que são valorizados e exaltados, ao redor dos quais milhares de seguidores e ávidos consumidores estão reunidos. Entretanto, como são efêmeros,

esses objetos, tão desejados e amados, podem perder repentinamente seu valor, fomentando descontinuidades e desinteresses nos elos humanos.

Seguindo esse pensamento, reiteramos que, no decurso da nossa existência, podemos verificar mudanças em nós mesmos, tanto físicas quanto psíquicas; alteramos nossa visão sobre o mundo, sobre a sociedade e sobre os objetos. Isto é, nossa identidade vai sofrendo transformações e evoluções, às quais chamamos de maturidade. É com ela que substituímos nossos olhares, nossas percepções e nossas ideias a respeito das coisas, das pessoas e do mundo.

Para Hall (2014), pesquisador dos estudos culturais, o termo identidade pode ser compreendido desta forma:

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. (HALL, 2014, p. 111-112).

Para o autor, as identidades estão sempre sendo reconstruídas ao longo do tempo, não são fixas. Nessa perspectiva, Hall (2011) nos leva a refletir sobre as três concepções diferentes de identidade: a do sujeito iluminista, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. Para o sujeito iluminista, a concepção de identidade surgia quando o sujeito nascia e se desenvolvia ao longo da sua existência, quase sem mudanças, em uma perspectiva individualista, baseado em um sujeito centrado, unificado

e dotado de razão (HALL, 2011). A segunda concepção é a do sujeito sociológico. O entendimento aqui é o de que o núcleo interior do sujeito moderno não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação da pessoa com a sociedade, no diálogo contínuo com os “mundos culturais exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2011).

Em consonância à segunda concepção de Hall, lembramos de um dos postulados fundamentais de Bakhtin (2010): “somos constituídos pelo outro”. Assim como Hall, que argumenta em um sujeito sociológico, isto é, na relação da pessoa com a sociedade e os sujeitos, em um diálogo contínuo, Bakhtin apresenta a dialogia, na constituição na relação com o outro.

A compreensão é que o eu e o outro se relacionam dialogicamente e, assim, se constituem enquanto seres humanos. Dependemos dessa constituição, isto é, do outro, porque faz parte da nossa humanidade. Não nos constituímos sozinhos, mas sempre em relação ao outro. Nos construímos, nos fazemos com o outro, pelo outro e no outro, continuamente. O outro existe e se constitui em mim, através de mim e com minha existência. É um ir e vir entre os seres humanos, sem nunca ter fim. É a dialogia continuamente a nos constituir enquanto sujeitos humanos, segundo as concepções de Bakhtin.

Por último, a concepção do sujeito pós-moderno, segundo Hall, não tem uma identidade fixa ou permanente. Ela é definida historicamente e não biologicamente.

[...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unifica-

das ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2014, p. 13).

A compreensão do sujeito pós-moderno está em sintonia com a nossa realidade de globalização. Para Anthony McGrew, citado por Hall (2014, p. 67-68),

[...] a “globalização” se refere àqueles processos atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Desta forma, a globalização tem influências sobre a constituição das identidades dos indivíduos na medida em que há um declínio da identidade individual, surgindo novas identidades, agora híbridas, que tomam o lugar das identidades nacionais, isto é, locais. Assim se fala em hibridismo das identidades, em outras palavras, a constituição das identidades vem de naturezas distintas e ausência de simetria entre elas, segundo Hall (2014).

Ainda para o referido autor (2006, p. 9), os movimentos duplos dos homens pelo mundo, que “[...] chama de deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”.

A partir dos deslocamentos dos indivíduos e da globalização surgem as culturas híbridas nomeada por Canclini (1997), para dar significado à mistura de diferentes culturas, povos de diversas origens, raças, credos religiosos, pois já não existem mais rótulos de uma separação do culto, do popular e do massivo, visto que convivem num mesmo ambiente social⁵⁴. As forças da modernidade, as migrações e os movimentos dos povos por toda parte do planeta causam a mescla das naturezas distintas (línguas, etnias, credos, etc.), e as impõem em uma cultura consumista hegemônica, as transformam numa cultura única – a de consumo –, apressada, cultura do *fast food*, isto é, híbrida. Não se trata de misturas de diferentes culturas, mas da desnaturalização de essenciais culturais em espaços em que diferentes culturas se aproximam – envolvidas em relações de poder. Culturas híbridas têm a ver com diluição de fronteiras que localizam sujeitos e grupos em espaços simbólicos puros.

O autor tenciona e problematiza dicotomias, tais como, tradição/modernidade, local/global. Apresenta conflitos gerados pela interculturalidade e ajuda a compreendê-los. Utiliza o termo hibridação para descrever fenômenos moder-

⁵⁴ Na obra *Diferentes, desiguais e desconectados*, da Editora UFRJ, 2007, Canclini traz discussões sobre o tema da globalização e os desdobramentos das culturas híbridas e a interculturalidade.

nos, tais como: interculturalidade migratória, econômica e mediática.

Canclini (1997, p. 4) denuncia:

Em uma época em que a cidade, a esfera pública, é ocupada por agentes que calculam tecnicamente suas decisões e organizam tecnoburocraticamente o atendimento às demandas, segundo critérios de rentabilidade e eficiência, a subjetividade polêmica, ou simplesmente a subjetividade, recolhe-se ao âmbito privado. O mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de status. As ruas tornam-se saturadas de carros, de pessoas apressadas para cumprir obrigações profissionais ou para desfrutar uma diversão programada, quase sempre conforme a renda econômica.

A citação de Canclini (1997) parece um desabafo e é compreendida pelo *modus vivendi* no qual se encontra a atual sociedade capitalista da pós-modernidade. Tudo é rápido, apressado. O tempo voa e a sociedade do nosso tempo vive cada vez mais célere para cumprir as metas estabelecidas pelos escravocratas do capitalismo selvagem e pelas agências financeiras mundiais. A sociedade é refém de um tempo fugaz que tira uma das características do sujeito, a sua humanidade, a essência de sermos humanos, furta o tempo para as interações dialógicas, rouba o tempo para nos constituirmos enquanto humanos e subjetivos. É cada vez mais curto o tempo para o ser humano, ser humano.

A concepção de Bakhtin (2017) diz respeito à constituição do tempo consciente, da escuta responsiva, do agir

responsável, que são características do ser humano. Essa acepção constitui a identidade e a subjetividade do homem.

Quando falamos em tempos atuais de globalização e de culturas híbridas, é possível observar modos outros de referir as formas de organização social que reconhecem a diversidade cultural a partir das designações multi. A autora Walsh (2009) traz os termos **multi**, **pluri** e **interculturalidade**, referindo-se às possibilidades das diversidades culturais; cada um dos prefixos aponta para diferentes formas de conceituar essa diversidade e desenvolver políticas e práticas relacionadas a ela nas organizações culturais e sociais.

Walsh (2009, p. 44) explica cada um dos conceitos das perspectivas dos tempos atuais:

[...] o multiculturalismo normalmente se refere, de forma descritiva, à existência de diferentes grupos culturais que, na prática social e política, permanecem separados, divididos e opostos; ao contrário, o pluriculturalismo indica uma coexistência de culturas em um mesmo espaço territorial, embora sem uma profunda inter-relação equitativa entre elas⁵⁵.

Entendemos que, tanto o multiculturalismo como o pluriculturalismo, não se aproximam das concepções que este estudo traz. Entretanto, a outra perspectiva de luta – o

⁵⁵ Walsh (2009, p. 44): La multiculturalidad normalmente se refiere, en forma descriptiva, a la existencia de distintos grupos culturales que, en la práctica social y política, permanecen separados, divididos y opuestos; por el contrario, la pluriculturalidad indica una convivencia de culturas en el mismo espacio territorial, aunque sin una profunda interrelación equitativa entre ellas.

que a autora chama de interculturalismo – aponta para uma relação mais próxima, complexa, imbricada pelos dois lados e dialógica, ou seja, entre Codas e sua constituição.

Conforme Walsh (2009, p. 45) esclarece:

A interculturalidade é diferente em termos de relações complexas, negociações e intercâmbios culturais, busca desenvolver uma interação entre pessoas, conhecimentos, práticas, lógicas, fundamentos e princípios de vida culturalmente diferentes; uma interação que admite e parte das assimetrias sociais, econômicas, políticas e de poder, e das condições institucionais que limitam a possibilidade de o “outro” ser considerado um sujeito – com identidade, diferença e agência – com capacidade de agir⁵⁶.

Sendo assim, a interculturalidade se aproxima do nosso estudo e dos pressupostos que discutimos em relação à constituição do Coda. Segundo Walsh ainda, esta perspectiva de luta também consiste em trocas ativas de intercâmbios entre as diferentes culturas, “[...] construindo espaços de encontros, diálogo, articulação e associação entre seres e saberes, sentidos e práticas lógicas e racionalidades distintas” (WALSH, 2009, p. 45). Para a autora, a interculturalidade é inseparável da identidade e da diferença, ou seja, é

⁵⁶ Walsh (2009, p. 45): La interculturalidad es distinta en cuanto se refiere a complejas relaciones, negociaciones e intercambios culturales, y busca desarrollar una interacción entre personas, conocimientos, prácticas, lógicas, racionalidades y principios de vida culturalmente diferentes; una interacción que admite y que parte de las asimetrías sociales, económicas, políticas y de poder, y de las condiciones institucionales que limitan la posibilidad de que el “outro” pueda ser considerado sujeto – con identidad, diferencia y agencia – con capacidad de actuar.

inseparável da maneira como nós nos identificamos ou nos diferenciamos das outras pessoas.

Para Woodward (2000, p. 82):

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”.

Nesta mesma direção, construímos uma ponte aproximando o momento de globalização dos nossos dias, com a concepção de culturas híbridas e de interculturalidade. Assistimos nos dias atuais ao homem que perde sua essência humana no tempo, passando a se envolver cada vez mais em tramas da pressa com o trabalho, ocupação constante em nome da sobrevivência e da necessidade, numa sociedade individualista, na qual se acha preso, sem poder ver outras possibilidades. Corremos e sentimo-nos forçados a imitar apressados o dia a dia, sermos desenfreados para tudo. Nossa vida é sinônimo de celeridade. Com isso aflora a impaciência, a angústia, a urgência, a precipitação, a imprudência, a confusão, o alvoroço, enfim, somos sufocados por nós mesmos, e não sabemos a razão.

A identidade estável e segura é substituída pelas múltiplas identidades que o mundo globalizado impõe ao homem, sem opções. Regis (2015), parafraseando Bauman, o qual afirma que nossa sociedade de hoje é uma sociedade onde as redes sociais oportunizam milhares de encontros

entre as pessoas, mas os elos humanos não são sólidos. Da mesma forma, os relacionamentos entre os sujeitos são efêmeros, desfazendo-se com facilidade. Os produtos que o homem utiliza, que foram transformados e adaptados por ele para as suas necessidades, são construídos para não durarem, assim, o ciclo de novos produtos e de descartados é cada vez mais rápido.

Pelos motivos explicitados, parece haver uma aproximação dos constructos da interculturalidade com os estudos de Canclini como potência, para ajudar a compreender possibilidades identitárias dos sujeitos se constituírem Codas.

Canclini (1997, p. 30) afirma que

[...] todas as culturas são de fronteiras. Todas as artes se desenvolvem em relação com as outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

É parte da globalização e do hibridismo cultural a mistura de eventos e de produtos globais, aos quais uma maioria tem acesso. Sentir-se pertencente ou compartilhar um mesmo item com outro grupo faz o ser humano sentir-se bem, realizado e satisfeito. Por isso, o sujeito divide, aproxima-se, dialoga, interage e se agrupa. É uma necessidade humana.

Trazemos ainda autores que discutem cultura, identidade e subjetividade tomando como base teórica o materia-

lismo dialético. Para Marx e Engels (2004) e Markus (1974), a cultura surge a partir do trabalho do homem como ação que transforma o meio em que vive e a ele mesmo. A cultura surge nas relações do homem com a natureza. Marx e Engels afirmam:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o ser humano e a natureza, um processo em que o ser humano, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural, como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo sua própria natureza. (MARX; ENGELS, 2004, p. 36).

Markus (1974, p. 87), de acordo com o pensamento de Marx, explica sobre a constituição do ser humano: “[...] o homem é um ente genérico; isto é, um ser social, histórico e coletivo. Esse seu modo de ser é diretamente dado pelo trabalho enquanto atividade vital especificamente humana”.

Para Bakhtin (2014), na sua crítica ao Marxismo e Filosofia da Linguagem, que vê a origem da cultura nas mudanças e sentido das palavras, que se originam nas relações dialógicas,

[...] a realidade, ou seja, (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em

transformação [...]. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. (BAKHTIN, 2014, p. 42).

Entendemos que a transformação constante na sociedade é causada pelas mudanças dos signos, isto é, dos significados que se criam entre os indivíduos, usados no seu dia a dia, no seu trabalho de transformação da natureza, no meio social. A origem da cultura, e como ela é produzida, tem suas raízes na existência do próprio homem, que usa sua capacidade intelectual e interage com a natureza, que é modificada com as forças dele próprio. A interação (trabalho) modifica não somente a natureza sobre a qual o homem age, mas também a ele próprio.

Machado (2013), numa reescrita da concepção de cultura em Bakhtin, afirma:

Ao entender o dialogismo como movimento elementar da relação do signo com a signicidade da cultura, a semiótica mantém a linguagem no lugar que lhe havia designado o pensamento bakhtiniano: o lugar de transformações dialógicas motivadas pela dinâmica das interações em sistemas culturais. (MACHADO, 2013, p. 136-156).

O dialogismo de Bakhtin, que também é conhecido pela sua teoria da enunciação, compreende o dialogismo como

sendo as relações sociais, as trocas necessárias dos sujeitos entre si, que constituem a cultura e nos fazem humanos. Ao mesmo tempo, a dialogia nos identifica enquanto humanos, caracterizando a identidade humana. Cultura se constitui no dialogismo, onde os sujeitos se cruzam, trocam e estabelecem novos pensamentos, olhares.

Numa outra perspectiva em relação à dialogia, que envolve a tradução e a interpretação entre as línguas e culturas, Kumar (2014, p. 89) afirma que há na teoria dialógica de Bakhtin, em relação aos processos de tradução/interpretação entre línguas e culturas, um potencial dialógico. Segundo o autor: “uma teoria bakhtiniana da tradução entrelaça os ‘fios dialógicos vivos’ entre cultura-fonte e cultura-alvo criando um ambiente aberto-inacabado”⁵⁷.

Para compreendermos este ponto de vista, o autor argumenta que no dialogismo de Bakhtin o tradutor (e intérprete) carrega a intenção de conhecer os dois lados (as duas línguas e as duas culturas), numa dialogia que leva e traz sentidos e informações de uma língua para outra. São trocas recíprocas, únicas e conscientes para o outro.

De acordo com o autor:

A tradução requer o mesmo “dialogismo” entre o eu e o outro. Esse “dialogismo” exige uma apreciação da cultura da língua-fonte e da cultura de língua-alvo. Para um tradutor, a consciência, no sentido bakhtiniano, é sempre a consciência sobre o outro. O outro aqui não é

⁵⁷ A Bakhtinian theory for translation interweaves “living dialogic threads” between the source-culture and the target-culture to create an ambience of open-endedness.

simplesmente a cultura da língua-fonte, mas é também a cultura da língua-alvo. (KUMAR, 2014, p. 91)⁵⁸.

Concordamos com Kumar que, nas trocas entre línguas, isto é, nas traduções e nas interpretações, é necessário que estejam presentes as respectivas culturas, inerentes a cada língua.

Na mesma linha de raciocínio, Duarte e Martins (2012) compreendem a cultura como a atividade humana acumulada, que envolve a ação do ser humano e sua relação com a natureza, e assim produz sua própria existência. O termo cultura é concebido etimologicamente como lavoura, cultivo, isto é, a cultura é um elemento que deriva da natureza, da modificação da ação do homem. Assim, podemos dizer que a cultura é de natureza humana e que se origina na essência do homem. Falamos em cultura nos referindo aos seres humanos. Não haveria cultura fora do segmento humano. Cultura diz respeito ao homem. Portanto, não haveria cultura sem os seres humanos.

Nossa próxima categoria de compreensão é subjetividade. O termo é tão abstrato quanto sua própria existência na constituição do ser humano. Queremos apresentar teóricos que trazem suas concepções e as tentam transcrevê-las para seus leitores, que é trabalho árduo. O termo participa da constituição de termos como cultura e identidade.

⁵⁸ Translation requires the same “dialogic” between the self and the other. This “dialogic” demands an appreciation of both SL culture and TL culture. For a translator, in the Bakhtinian sense, consciousness is always consciousness about the other. The other here is not merely the SL culture, but it is also TL culture.

Iniciamos pela concepção basilar do termo oferecida pelo dicionário sob a ótica das Ciências Filosóficas⁵⁹:

Estado psíquico e cognitivo do sujeito cuja manifestação pode ocorrer tanto no âmbito individual quanto no coletivo, fazendo com que esse sujeito tome conhecimento dos objetos externos a partir de referenciais próprios.

Para Leontiev (2004, p. 44), o sentido de subjetividade é como “uma propriedade do sujeito ativo”. É uma característica que responde a um sujeito singular, único, existente, constituída na relação com o outro, entre os outros. O autor afirma que:

Os indivíduos, para se humanizarem, precisam se apropriar da cultura e dos mediadores culturais criados pela humanidade. Portanto, o homem só se torna homem ao apropriar-se do mundo, e a constituição da sua subjetividade caminha desse ir e vir do mundo interno para o mundo externo, numa relação dialética entre objetividade e subjetividade. (LEONTIEV, 2004, p. 35).

Tanto a cultura quanto a subjetividade fazem parte da constituição do ser humano, elas estão juntas, entrelaçadas e em constante transformação. Para Silva (2007, p. 43), a gênese da subjetividade

⁵⁹ Dicionário *on-line* de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/subjetividade/>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

[...] se dá conforme o sujeito se apropria das relações sociais. Cada indivíduo faz isso de forma única, o que não significa dizer que a gênese da subjetividade está no interior do sujeito. A subjetividade se constitui conforme o sujeito internaliza, subjetiva, as relações sociais que são externas a ele, num processo dialético entre o interno e o externo.

Em consonância com o pensamento de Silva e de Bakhtin, a subjetividade de cada sujeito é única e se dá por meio das relações com outros sujeitos, dialogia.

Na compreensão de Silva (2007, p. 34), a subjetividade tem o seguinte entendimento:

Por meio da lógica dialética, Saviani (2004) procura compreender o conceito de subjetividade segundo Marx. Evidencia que, para Marx, “o conteúdo da essência humana reside no trabalho [...] o ser do homem, a sua existência, não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens” (SAVIANI, 2004, p. 28). O homem constrói, assim, sua essência em sua existência, em sua atividade prática chamada trabalho. O homem difere de outros animais nesse sentido, visto que os animais, em geral, para garantirem sua existência, precisam apenas adaptar-se à natureza, e ela garante sua sobrevivência. Já para o homem, não basta adaptar-se à natureza, é preciso transformá-la. Essa transformação ocorre por meio do trabalho.

De acordo com Vygotsky (1988), a partir do que chamou de funções psicológicas superiores existentes no ser humano desde o seu nascimento, declara:

O homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens. (AITA; FACCI, 2011, p. 36).

Numa síntese das acepções dos autores citados a respeito da subjetividade, consentimos que o ser humano nasce com a capacidade psíquica superior para transformar o ambiente no qual vive, pois não pode viver sem uma adaptação, sem mudanças. O homem é diferente dos animais, que não precisam mudar a natureza para viverem nela. O trabalho do homem é a transformação de tudo. O tempo é ocupado para evoluir. A transformação, a evolução, o trabalho, acontecem somente no encontro entre os homens. Esse encontro é o que Bakhtin chama de dialogia, e Vygotsky de mediação.

Para finalizar este tópico, no título “Em busca de uma possível imagem amorosa de si e do outro”, do livro *O espelho ao homem* (2019, p. 24), Mello e Miranda trazem uma fala de Bakhtin, que comenta a respeito da concepção de Paracelsus, de homem e de sua subjetividade. Paracelsus (1493/1494-1541) foi um físico e filósofo, entre outras coisas, no tempo da Renascença. Nas palavras de Mikhail Bakhtin lemos:

Paracelsus diz que o homem “por um lado não é nada para ele a não ser reflexo da imagem no espelho, for-

mado por quatro elementos e assim como esse do espelho não pode dar a ninguém noção sobre a sua essência, sobre o que ele é, porque ele está sozinho lá como uma imagem morta; assim o homem existe em si mesmo e não é possível extrair nada dele, a não ser aquilo que é dado a partir do conhecimento externo, cuja imagem ele representa no espelho. Apesar de tudo, esse reflexo morto contém em si todas as forças da pura subjetividade, todas as forças do conhecimento e da inquietação e por isso em algum sentido novo torna-se um centro e a concentração do mundo”. (MELLO; MIRANDA, 2019, p. 24).

O homem que se olha no espelho e não consegue se definir por seu próprio olhar necessita do olhar do outro para se constituir. A imagem de homem a partir dos seus próprios olhos é uma imagem morta, sem ânimo. Somente há vida, há forças do conhecimento e da inquietação na sua subjetividade, e é aí que ela mora. Aí está o centro da vida, das intranquilidades que trazem os movimentos da existência, dos ânimos na sociedade, do espírito da cultura. Com os meus olhos somente, a subjetividade é invisível no espelho, enquanto a representação do corpo físico não. Por conseguinte, “[...] eu olho a mim mesmo com os olhos de um outro, me avalio do ponto de vista de um outro” (BAKHTIN, 2019, p. 53).

Na sequência, traremos o olhar dos Códas. Eles narram a respeito das categorias de compreensão debatidas neste subcapítulo, que trata da identidade, cultura e subjetividade. O que dizem sobre a constituição de si mesmos? Quais

marcas da sua constituição podemos apresentar? Como se veem enquanto sujeitos bilíngues e biculturais?

2.3 O CODA AO ESPELHO: CONSTITUINDO A IMAGEM DE SI – IDENTIDADE, CULTURA E SUBJETIVIDADE

Ao desenvolver um senso de quem somos, nos comparamos a algumas pessoas e contrastamos com outras. Usamos semelhanças e diferenças para estabelecer nossas identidades. (PRESTON, 1994, p. 216)⁶⁰.

Neste subcapítulo, traremos os autores Preston (1994); Napier (2008); Souza (2014); Quadros (2007, 2017), que falam a respeito das suas concepções de cultura e identidade, que nos ajudam a compreender o que os sujeitos investigados narram sobre si e quais marcas constituídas trazem como sujeitos Codas.

A visão dos autores Codas nos permite relacionar o objetivo geral e específico do estudo, que é: investigar o que os Codas narram sobre seu desenvolvimento familiar, linguístico, educacional e social, revelando aspectos da constituição da subjetividade do crescer bilíngue e bicultural. Trazer autores Codas ajuda na compreensão do que entendemos ser as diferenças dos demais indivíduos, que os constituem enquanto sujeitos singulares na/da identidade/subjetividade.

⁶⁰ No original: In developing a sense of who we are, we compare ourselves to some people and contrast with others. We use both similarities and differences in establishing our identities.

Iniciamos por Preston (1994), que relata que, na sua infância, teve dificuldades para saber se era surdo ou ouvinte, pois nas relações com seus amigos ouvintes, estes atestavam que ele era ouvinte, todavia em situações dialógicas em casa, seus pais diziam que ele era surdo. Tal situação o deixava inseguro, sem que pudesse se reafirmar como os outros o enxergavam – surdo ou ouvinte. Surgiam dúvidas conscientes, mas ao mesmo tempo não havia uma definição que fosse segura e tranquila.

Essa dúvida sobre sua identidade levou Preston (1994) a descrever a respeito da categoria de compreensão da identidade, afirmando: “A identidade é um dos vários conceitos inter-relacionados que usamos para falar sobre nós mesmos. [...] A identidade cultural é parte integrante da identidade geral, que inclui expressões públicas e noções particulares de si” (PRESTON, 1994, p. 209). Para o autor, a identidade cultural diz respeito às características que herdou e aprendeu de seus pais, no convívio em casa, ou seja, a primeira língua, os valores, a visão de mundo dos seus pais, da existência. Esses traços culturais foram constituídos em família, nos primeiros contatos com a cultura. A identidade cultural diz respeito “à orientação subjetiva do sujeito a um grupo cultural”, autoafirma o autor (PRESTON, 1994, p. 208).

Para Hall (2006, p. 47), no entanto, a identidade cultural diz respeito à identidade nacional, conforme afirma: “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Hall, aqui, está se referindo a uma perspectiva – e não a uma totalidade conceitual. Inclusive, ele problematiza o quanto, na modernidade, este é um dos marcadores identitários fortes. Entretanto, de forma nenhuma o autor fecha o conceito de identidade.

Assim afirma o autor a respeito das culturas nacionais:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é o discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] elas produzem sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 2011, p. 51).

Entendemos que as culturas nacionais são construídas em nós, desde a mais tenra idade. Os sujeitos crescidos em suas nações se identificam com símbolos e valores do seu país, sendo diferente para cada um. A exemplo disso, nos jogos olímpicos a nível mundial, o atleta que tira o primeiro lugar é premiado com medalha e com o hasteamento da bandeira do seu país, sob o hino nacional do seu país. É esta bandeira e este hino com o qual o atleta vencedor se identifica. É um exemplo de cultura nacional.

Nesse sentido, passamos a discutir em relação à identidade dos Codas. Uma das marcas que nosso estudo aponta é a maturidade precoce dos Codas diante do mundo e de seus pais. Pela idade, ainda não compreendem situações da vida, não entendem as diferenças das línguas envolvidas e seus embates territoriais, ainda não perceberam que nasceram na zona de fronteira da cultura surda e da cultura ouvinte. Essa marca específica, trazida aqui, contribui para a constituição da identidade dos Codas.

Preston (1994, p. 20) afirma que os Codas perdem parte da infância ou a vida coloca-os à parte, no sentido

de estarem, muitas vezes, cuidando dos pais surdos ou interpretando para eles, enquanto as outras crianças viviam situações próprias ao desenvolvimento na infância. Esse exemplo retrata, significativamente, a constituição do Coda, cuja identidade é constituída desde cedo com responsabilidades e tarefas que fogem ao padrão da grande maioria das crianças.

Quadros (2017) afirma que a língua de sinais e a língua portuguesa desempenham um papel central na constituição das identidades dos Codas, e acrescenta à discussão:

Quando os filhos ouvintes de pais surdos se identificaram como Codas, houve o reconhecimento de uma identidade híbrida que fortaleceu os laços dos filhos com seus pais e estabeleceu uma relação de pertencimento com a comunidade surda. (QUADROS, 2017, p. 227).

A autora explica a sua concepção de identidade híbrida, visto que a língua de sinais faz parte da comunidade dos surdos. Os Codas partilham e usufruem desse ambiente como “sinalizantes nativos”, assim como seus pais e pessoas de referência fazem parte, afirma a autora. Nesse espaço envolvente, os Codas encontram-se com outros Codas, porque há outras famílias cujos pais são surdos e que também têm filhos ouvintes, os quais participam dessa comunidade. Lá todos se encontram. Os Codas se identificam com a língua, olhares, visão, sentimentos de outros Codas.

Nos ambientes da família e na comunidade surda os Codas se sentem seguros, de acordo com Preston (1994),

os quais denomina de “lares seguros”⁶¹. Em um artigo sobre o assunto, Fox (2018)⁶² aborda a respeito de locais que são lares seguros para os Kodas e seus pais surdos. Trata-se de um programa de acolhimento e de apoio aos Kodas adolescentes entre 12 a 17 anos, oferecido pelo Centro Médico da Universidade Rochester, em Nova Iorque. A autora traz um dado importante. De acordo com a pesquisadora, em lares de pais surdos há uma tendência de 90% nascerem filhos ouvintes, e, por outro lado, acima de 90% dos filhos surdos nascem em lares de pais ouvintes.

Napier (2008), pesquisadora na área e professora, assume-se com uma forte carga identitária de Coda. Ela revela aspectos da constituição da sua identidade, comentando sobre sua infância, vivida na casa dos e com seus pais surdos, e sobre a sua vida em família. Ela cresceu aprendendo a Língua de Sinais Britânica (BSL), Inglês oral; mais tarde, ainda aprendeu a Língua de Sinais Australiana (Auslan) e a Língua de Sinais Americana (ASL).

Em relação à compreensão das marcas constitutivas identitárias dos Codas, nos aproximamos de Bakhtin (2010), quando sustenta que todos somos únicos, e que essa unicidade está em cada um, a partir do outro – que se dá *na* e *pela* alteridade.

Não existimos, tampouco nas falas e nas enunciações, se não aceitarmos que a nossa existência se dá pelo *hápax*⁶³, cuja ocorrência acontece uma única vez,

⁶¹ “Safe house”, Preston (1994), Quadros (2017), numa tradução literal: casa segura.

⁶² A place to belong: A support group curriculum for hearing adolescents of deaf parents (Kodas). Por Meghan L. Fox (2018).

⁶³ De acordo com a Wikipédia: “Um *hápax* ou *hápax legómenon* é uma palavra que aparece registrada somente uma vez em um dado idioma”.

em determinado contexto existencial. Na verdade, a formação identitária ocorre a partir do reconhecimento das diferenças que nos constituem como singulares, conforme a fala de Ponzio⁶⁴:

Há diversos autores que me são queridos (começando com Pedro Hispano, além de Bakhtin, Kierkegaard, Marx, Giuseppe Semerari, Rossi-Landi, Blanchot, Barthes, Kristeva, Deleuze, Verdiglione...), diversos tanto no sentido de que são muitos, quanto no sentido de que são diferentes entre eles. Mas todos eles têm em comum a ideia de que é na relação com o outro que se decide o nosso próprio destino, que sem o outro não vamos a lugar nenhum, e a ideia de que contra, em conflito com o outro, presos em nossa própria identidade, morremos e a própria vida, se assim a pudermos chamar, rapidamente se enfraquece, se esclerosa e seca. (BOENO, 2013, p. 267).

Ancorados nessa perspectiva, podemos inferir que nos constituímos a partir do outro, pelo outro, com o outro, o que também é verdadeiro em relação à constituição do outro. Nós participamos da constituição do outro, pelo outro e com o outro; a relação entre os olhares e a dialogia entre os pares humanos nos constituem. Não há possibilidades de

⁶⁴ Augusto Ponzio, em uma entrevista à *Revista Polifonia*, por ocasião do 3º Círculo – Rodas de Conversa Bakhtiniana, evento organizado e promovido pelo Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso (Gege) da Universidade Federal de São Carlos (São Carlos – SP), organizado pelo Prof. Valdemir Miotello, em 2010.

sermos alguém – um ente, um ser pensante – sem o outro (BAKHTIN, 2010).

No depoimento de Jemina Napier, que atua como intérprete e como professora da Universidade de Edinburgh, Inglaterra, autoafirma: “Sou bilíngue balanceada”⁶⁵ (NAPIER, 2008, p. 220), visto que, sendo fluente em BSL e no Inglês oral, desde a infância, considera-se nativa nas duas línguas. Seu irmão mais novo, ouvinte, também usa a BSL; seus pais usavam toda forma de comunicação com ela, desde a leitura labial, o alfabeto manual, os gestos e as demais possibilidades, ou seja, tanto Jemina como seu irmão foram expostos à língua oral com sinalização, que, no Reino Unido, é conhecida como Sinais com Apoio do Inglês (SSE)⁶⁶, quer dizer, trata-se de um sistema que mistura os sinais e a língua inglesa.

Como desde muito cedo ela recebeu estímulos da BSL e do Inglês oral, não considera que uma das línguas seja a sua primeira, mas ambas. Quando, porém, ela fala de sentimentos e de assuntos mais pessoais, prefere fazê-lo por meio da língua de sinais. Quando trata de assuntos nas áreas da política e da linguística, bem como de assuntos profissionais, prefere utilizar a língua oral. Assim argumenta:

Eu cresci como um membro da comunidade surda, aculturada ao estilo de vida surda, e sou uma pessoa cuja primeira (e, às vezes, preferida) língua é uma língua sinalizada. Quando estou com pessoas surdas,

⁶⁵ Bilíngue balanceada é conhecimento e uso equilibrado entre as línguas, num mesmo nível. No caso, a Língua Britânica de Sinais (BLS) e Inglês falado.

⁶⁶ Signed Supported English.

eu me comporto como elas, uso a linguagem que elas fazem e compartilho suas crenças⁶⁷. (NAPIER, 2008, p. 228).

Por diversas vezes, a Coda britânica afirma que é parte da comunidade surda e que se sente bem na cultura que a constitui. Aliás, ela sente-se confortável na língua de sinais e na cultura surda, interagindo com os surdos. Por isso ela define-se como poliglota e multicultural (NAPIER, 2008). A explicação para essa definição vem dos seus estudos escolares nas línguas francesa e espanhola, além de ter adquirido a Auslan e as diferentes formas do Inglês da Austrália, por ter morado, durante alguns anos, nesse país. Também aprendeu a ASL que, devido à sua forma de aquisição, apresenta-se como limitada. Nesse sentido, podemos observar que as diferentes línguas de sinais e as línguas orais, assim como suas respectivas culturas, constituíram Napier como a pessoa que é. Parece ser ponderado pensar que as formas de se relacionar com os pais e com os ouvintes contextualizam a zona de fronteiras em que vivem os filhos ouvintes de pais surdos.

A esse respeito, Souza (2014) intitula-se pertencente às comunidades surdas e ouvintes (SOUZA, 2014, p. 48), ressaltando sua condição bilíngue e bicultural. Como ouvinte, manifesta-se como integrante do grupo majoritário, que usa a língua oral, e como surdo, utiliza a língua de sinais e transita na cultura desses grupos. Ora mais ouvinte, ora mais

⁶⁷ No original, lê-se: I grew up as a member of the deaf community, enculturated to the deaf way of life, and I am a person whose first (and sometimes preferred) language is a signed language. When I am with deaf people, I behave as they do, use the language they do, and share their beliefs.

surdo. Ser Coda é sentir-se como o “[...] encontro das águas do Rio Negro com as do Rio Solimões, na Amazônia brasileira” (SOUZA, 2014, p. 61). Em outros termos, a vida se apresenta para ele em constante mudança, da mesma forma que os encontros das águas de origens diferentes, porém, que se encontram e criam um espaço intermediário entre elas. É a zona de fronteira que Canclini (1997) e Quadros (2007) falam. Os encontros e desencontros das águas estabelecem a constituição de um sujeito único, cujas próprias experiências estimulam a geração de novas produções culturais, a exemplo de como se misturam as águas dos rios, com suas características que se integram, aos poucos, um ao outro. Em resumo, no entendimento de Canclini (1997, p. 14), a “vida consiste em passar constantemente fronteiras”.

Entendemos que nessa arena de disputas entre as línguas de modalidades e de prestígio diferentes, de culturas com visões de mundo diferentes, há constante tensão, contestações e oscilações em ambos os lados, ora pelo uso da língua de sinais, língua minoritária, ora pelo uso da língua portuguesa, língua majoritária.

Parafraseando Silva e Martins (2020) quando afirmam, “[...] nos espaços ocupados por surdos e ouvintes, os encontros entre o tilintar das vozes e o tremular das mãos possibilitam a experiência ampliada de conhecer com o outro e não sobre o outro” (SILVA; MARTINS, 2020, p. 19). Podemos dizer que os Codas estão em ambos os espaços, bem como entre os espaços, e assim constituem-se tanto surdos quanto ouvintes. Isto posto, Codas alargam suas experiências epistemológicas pelas possibilidades de conhecer sobre os outros, mas também com os outros (tanto surdos, quanto ouvintes).

Aí as marcas singulares dos Codas aparecem: a sua maturidade precoce frente ao mundo na mediação entre os seus pais e a sociedade ouvinte; identidade bilíngue e bi-cultural, tendo Libras como sua primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda; Codas como tradutores/intérpretes constantemente; o orgulho pelos seus pais surdos e aspectos do processo formativo escolar e universitário.

Não há tranquilidade ou desfecho total. Os embates entre as línguas e culturas continuam sempre que elas se reencontrarem, quando estiverem entre os surdos e os ouvintes. No caso dos Codas não é opcional e nem ocasional, é constitutivo o estado de fronteiras. O encontro com o outro é entendido enquanto alteridade, que parte de toda e qualquer atividade humana, desde que mediada.

Ainda Santos Neto (2020, p. 13) tem consciência da sua constituição enquanto Coda adulto e pesquisador. Ele afirma: “[...] meus pais me apresentaram a Libras logo nos primeiros meses de vida, dessa forma, fui conhecendo o universo cultural e identitário do surdo, traduzido pela sua língua de modalidade e lógica visual-espacial”.

Todas as concepções e discussões que levam a diferentes abordagens em relação à constituição do ser humano fazem parte da subjetividade de cada autor apresentado. Há tantas possibilidades de subjetividades quanto o número de seres humanos em toda a sua história.

Neste sentido, Bakhtin assevera que o ser humano é um sujeito inacabado, a história que ele produz e pela qual é produzida é descontínua. Conforme Geraldi (2016, p. 10):

[...] é preciso introduzir o princípio da separação, da distância do outro, que nos permite a exotopia em que

nos situamos. É deste lugar que damos um acabamento temporal, provisório ao outro, inconcluso por natureza porque histórico, segundo uma memória de futuro na escolha entre horizontes de possibilidades.

O termo exotopia é concebido por Bakhtin e compreende um distanciamento do outro. Este estudo está estabelecido a partir de um olhar outro, situado de outro lugar, de um pesquisador não Coda. É desse lugar que olhamos, numa perspectiva histórica, temporal e inconclusa. “Toda unidade acabada sempre é em ausência; o infinito interior do ser humano é, por princípio, inacabado” (BAKHTIN, 2019, p. 30). E mais adiante, de acordo com Amorim (2001, p. 289), um olhar dialógico “[...] porque afirma a necessidade do olhar do outro sobre mim para compor de mim um olhar inteiro, para ver de mim o que não posso ver”.

A subjetividade é a parte mais profunda da nossa existência, não é racional e nem compreendida como um cálculo quantitativo na área das ciências exatas, mas se constitui socialmente. Nossa decisão a respeito de algo é definida pela nossa subjetividade; nosso olhar sobre um episódio existencial é aceito ou não, compreendido ou não, a depender da nossa subjetividade. Somos únicos em nossa constituição. Somos singulares em nossa composição. Cada sujeito é único, irrepetível, singular na existência do tempo, segundo a concepção da dialética de Bakhtin (2010, p. 351): “[...] ser significa ser para o outro e, através dele, para si mesmo”. Nesta linha de compreensão, a assertiva de Bakhtin (2019, p. 53),

O mundo está povoado por imagens criadas das outras pessoas (este é o mundo dos outros e eu vim para esse

mundo); entre elas ainda há imagens do eu nas imagens das outras pessoas. A posição da consciência na criação da imagem do outro e da imagem de si mesmo. Hoje este é o problema nodal de toda a filosofia.

A consciência do sujeito não surge por si, sozinha, ou de maneira própria, mas ela se consolida socialmente, a partir das interações, das palavras e dos signos. O sujeito constitui-se socialmente. Em outro viés, Bakhtin refere-se à autoconsciência e autoavaliação. Conhecer a si por meio do outro. A autoavaliação a partir do olhar do outro. A simples imagem no espelho que reflete a si mesmo não é o suficiente, pois é uma imagem morta, para Bakhtin. A imagem do homem representa uma confissão, uma autobiografia. É necessário que a autoconsciência e a autoavaliação se revelem pela “complexidade extraordinária” da dialogia dos participantes (os autores e atores da linguagem literária), mas ao mesmo tempo aponta para os protagonistas da existência, isto é, para o próprio homem (BAKHTIN, 2019).

Na mesma linha, Amorim (2001, p. 192) reitera a concepção de Bakhtin:

A palavra do outro deve se transformar em minha-estrangeira (ou em estrangeira minha). Distância (exotopia) e respeito. O objeto, no curso do processo de troca dialógica ao qual dá lugar, transforma-se em sujeito (no outro eu).

Há, na filosofia de Bakhtin, uma concepção focada na valorização da singularidade, da responsabilidade, no dialogismo e no inacabamento. O ser humano está constante-

mente em transformação, em busca de novas descobertas, de conhecimentos, de desafios. Percebe-se um crescente instinto para evoluir, mudar e transformar. Para nosso teórico, cada ser humano é único, sem par, singular, que se estabelece no outro, com o outro e pelo outro.

Apesar da singularidade de cada ser humano, ele é social, pois já nasce em sociedade e se constitui em sociedade a partir do outro. Cada sociedade é constituída por sua cultura, isto é, pela sua forma de ver as coisas, entendê-las, e vivenciar sua forma de ser. A cultura faz parte da constituição do ser humano. É ela que permite as diferentes visões a respeito de mundo, de homem, de sociedade, entre outras.

Seguindo esta linha do pensamento, seguimos para o que entendemos de cultura surda. Preston (1994, p. 14) apresenta a concepção de cultura surda, a partir da sua visão enquanto antropólogo:

Meu ponto de vista sobre a cultura surda é esclarecido por uma compreensão de “cultura” que inclui quatro componentes: (1) um sistema de ideias e comportamentos compartilhados, (2) que são distintos, (3) que são aprendidos, e (4) que fornecem um modelo para interação pessoal e social. A cultura explica e restringe como as coisas são conhecidas, afetando tanto o domínio prático quanto o simbólico⁶⁸.

⁶⁸ My views on deaf culture are informed by an understanding of “culture” that includes four components: (1) a system of shared ideas and behaviors, (2) which are distinct, (3) which are learned, and (4) which provide a template for personal and social interaction. Culture explains and restricts how things are known, affecting both the practical and the symbolic realm. (PRESTON, 1994, p. 14).

A língua é o principal traço que constitui a cultura de uma sociedade. Isso também é verdade em relação à língua de sinais, para o autor. Ele se refere à cultura das pessoas ouvintes como cultura distinta. Entretanto, a cultura não se resume à língua, pois é muito mais do que apenas a língua.

Para a professora surda Perlin (2003, p. 93), a concepção de cultura é entendida como:

Ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, de uma experiência que nos toca. Um que-fazer político que envolve a diferença. Experiência de ser surdo ou experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Oliveira (2020, p. 122), que também é Coda, afirma sobre a cultura surda:

Não é necessário comprovar a existência da cultura dos surdos. Falar sobre a cultura dos surdos não quer dizer que estou procurando convencer alguém de que há uma cultura surda. Precisamos discutir sobre como caminha a cultura dos surdos.

A origem da cultura, segundo Bakhtin, tem suas raízes nas relações entre os sujeitos e suas trocas, que constituem

a cultura e a sua condição humana. Codas circulam nas duas culturas – dos surdos e dos ouvintes –, portanto, são biculturais naturalmente, desde a mais tenra idade. Neste transitar constante entre as duas culturas, nas duas fronteiras, têm contato com cada uma das línguas destas duas culturas, assim, crescem bilíngues – na língua de sinais e na língua falada.

Segundo Faraco (2009, p. 69), Bakhtin usa a expressão “um tenso combate dialógico ocorre nas fronteiras”, uma vez que, para o autor, nas fronteiras da dialogia não há apenas um mesmo senso no entendimento das relações, mas entendimentos multidirecionais. Isto é, as trocas nem sempre estão de acordo entre as respostas, às vezes são opostas, às vezes andam na mesma direção. Por isso, a fronteira é um espaço tenso, lugar de negociações e de barganha entre os embates das línguas e das culturas.

A partir da constituição de duas línguas, os Codas percebem os embates e tensões que o encontro das duas línguas traz. Ali a cultura também colide e permite comparações, poderes, privilégios e prestígios ora mais de uma, ora mais de outra. Constitui-se a subjetividade.

O Coda é o sujeito, por excelência, do encontro das duas culturas e duas línguas de forma epistemológica. Onde ele cresce não é um ambiente simulado, planejado, pseudo ou artificial. Os espaços onde o Coda vive, junto com seus pais e irmãos, são de crescimento bilíngue de forma existencial e natural. Porém, as línguas também se encontram e se cruzam em situações diferentes, como em eventos internacionais, cursos de idiomas, pesquisas acadêmicas por interesse, escolas, entre outros. Nesses espa-

ços, entretanto, não são tão naturais e constitutivos quanto as atividades dos Codas, de encontros que cruzam e decruzam as línguas e as culturas. Esses encontros oportunizam, conforme nos relatam em suas obras Preston (1994), Napier (2008) e Quadros (2017), o uso do termo terceira cultura para identificar os Codas.

A terceira cultura foi concebida pela antropóloga estadunidense Ruth H. Useem⁶⁹, nos anos 1950, a partir de vivências como pesquisadora na Índia, para descrever crianças que passam parte dos anos do seu desenvolvimento numa cultura estrangeira por causa do trabalho dos pais no exterior⁷⁰. De acordo com Pollock e Van Reken (2001, p. 9), o termo define “[...] uma pessoa que passou uma parte significativa de seus anos de desenvolvimento fora da cultura dos pais⁷¹.

Esta expressão – terceira cultura – é também usada para a compreensão da constituição dos Codas, também atribuída para os filhos de militares, missionários, empresários, entre outros, que moram no exterior. Os filhos da terceira cultura – Codas – sofrem influências significativas de ambos os lados – da sua família e da sociedade onde vivem.

Napier (2008, p. 229) pontua que “o reconhecimento de uma terceira cultura permite que as culturas surdas e auditivas se misturem, e explica como as pessoas ouvintes podem

⁶⁹ Third Culture Kid (TCK) = Terceira cultura em crianças, por Ruth Hill Useem, em 1952. Disponível em: <<http://www.tckworld.com/useem/art1.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁷⁰ Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20041102091837/http://www.iss.edu/pages/kids.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁷¹ Third culture kid is defined as “a person who has spent a significant part of his or her developmental years outside the parent’s culture”. (POLLOCK; VAN REKEN, 2001, p. 19).


se sentir confortáveis por fazer parte da comunidade surda sem serem surdas”⁷².

Para Quadros, é o “interstício Coda – a terceira cultura compartilha modos de vida e as línguas da comunidade surda e da comunidade ouvinte” (QUADROS, 2017, p. 218).

As autoras Codas afirmam que a terceira cultura convive na existência deles, às vezes mais consciente, às vezes menos consciente. Porém, é nesta condição de ser que os Codas se apropriam, herdam as duas partes e se constituem, enquanto indivíduos únicos e singulares, em um espaço outro. É neste universo que os Codas se constituem, enquanto sujeitos plenos na sua identidade/subjetividade.

Como pesquisador não Coda, entendemos que a terceira cultura dos Codas é uma marca na sua identidade/subjetividade, cujos sujeitos são expostos precocemente a dois ambientes culturais e linguísticos diferentes. Ambas as forças – língua e cultura – participam na sua constituição de um sujeito singular, fronteiriço e resiliente. A terceira cultura constitui os Codas com possibilidades outras, que não apenas duas línguas e duas culturas, mas algo a mais, que poderá ser o resultado da tessitura do ir e vir, do espaço exclusivo que somente eles possuem e sentem, cuja racionalização não seja possível.

3 PERCURSO METODOLÓGICO



“O caminho sei que é longo, mesmo assim eu vou seguir.” Jax Maromba

As atividades de pesquisa para o presente estudo foram organizadas em dois momentos. O primeiro é a pesquisa bibliográfica, e o segundo a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica corresponde a um levantamento do que já foi escrito sobre o tema, estado da arte, com destaque aos autores com mais pesquisas a respeito dos Codas. Na coletânea dos trabalhos pesquisados, destacamos os trabalhos com sintonia nas questões da área educacional, linguística e social. O assunto não se esgota aqui, bem como não pretendendo citar tudo o que já foi escrito desde as primeiras linhas sobre Codas.

No segundo momento, na pesquisa de campo, a coleta de dados se apoiou em Moriña (2017), que trata a respeito do método narrativo “[...] como aquele que pretende descrever a experiência subjetiva das pessoas entrevistadas de uma forma fiel ao sentido que estas dão a suas próprias vidas” (MORIÑA, 2017, p. 20)⁷³. São os sujeitos participantes da pesquisa: os entrevistados que narram sobre si e suas vidas, cujas histórias serão reconhecidas e valorizadas pela subjetividade que as Ciências Humanas lhes conferem. As narrativas dos participantes ofereceram possibilidades de novos olhares sobre os Codas. As entrevistas foram con-

⁷³ No original: Los métodos narrativos, per se, pretenden describir la experiencia subjetiva de las personas, de forma que sea fiel al sentido que éstas dan a sus propias vidas. (MORIÑA, 2017, p. 20).

duzidas na Língua Portuguesa, bem como a maior parte das respostas. Porém, algumas vezes, as respostas foram em Libras, aclarando algumas questões e situações específicas. Nos anexos, essas questões estão sempre em negrito e entre chaves ({}).

Outrossim, o grupo de pesquisa GEPDI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão, da Universidade Estadual Paulista – Unesp, de Bauru e de Marília, com inscrição no Capes/CNPq, que está sob o comando das professoras Lúcia Leite Pereira⁷⁴ e Sandra Eli de Sartoreto de Oliveira Martins⁷⁵, bem como os colegas participantes do grupo, foram fundamentais nas discussões e entendimentos para a escolha da metodologia e para a construção do roteiro de entrevista. Foram diversas idas e vindas. Muitas semanas de angústia e sentimento de incapacidade, medo pelas decisões não acertadas. Foram dias com sensação de desânimo, permeados de incertezas.

Passsei por momentos questionadores existenciais, não apenas sobre questões que surgiram com a pesquisa, mas também com indagações sobre a própria vida, conflitos que mexeram comigo profundamente a respeito do próprio conhecimento autógeno e da minha cosmovisão. Conforme as palavras confortantes de Bakhtin: “Não posso deixar de ser ativo nesse objeto, isso implicaria revogar-me em meu sentido, transformar a mim mesmo em máscara do meu ser; [...] posso esquecer o objeto, mas então ele deixará de existir para mim” (BAKHTIN, 2010, p. 114).

⁷⁴ Professora doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, da Faculdade de Ciências – Unesp/Bauru.

⁷⁵ Professora doutora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus Marília. Minha orientadora neste estudo.

Finalmente, surgiu o caminho a ser percorrido e as questões começaram a clarear. Dissiparam-se as nuvens pesadas e o céu azul e infinito voltou a ser visto. Em outras palavras, avançamos passo a passo na compreensão dos teóricos que embasam a nossa metodologia, que se fundamentam na investigação de histórias de vida, a biográfico-narrativa, em que os sujeitos participantes foram concebidos como copesquisadores e o instrumento de coleta de dados foi elaborado por meio de roteiro de perguntas.

A partir das transcrições das entrevistas, determinados temas que se aproximam são trazidos para a discussão por meio dos Núcleos de Significação, conforme Aguiar e Ozella (2013), e fundamentados na bibliografia, por pesquisadores Codas. Há um esforço de permanecer neutro nas transcrições das entrevistas. Cada uma das narrativas são relatos únicos, como se caracterizam nas Ciências Humanas, onde podem acontecer semelhanças nos dados narrados. São os protagonistas que narram suas próprias histórias, conforme preconiza Moriña (2017).

O lugar que ocupo, como pesquisador não Coda, olhando para os Codas como um grupo minoritário, é respaldado pela concepção exotópica⁷⁶ da teoria enunciativa de Mikhail Mikhailovich Bakhtin. O olhar exotópico é minha posição de fora do meio Coda, distanciado, para que as emoções e peculiaridades humanas não limitem ou direcionem este estudo a algum lugar surreal.

⁷⁶ Segundo Castro (2010, p. 93), a palavra “exotopia” tem origem francesa e ideia de distanciamento para Bakhtin. O lugar que cada sujeito ocupa é único, singular, ímpar. Sendo assim, o sujeito não tem uma visão igual ao que o outro tem. A posição exotópica propõe que se tenha uma visão única e singular que o outro não pode ter.

Bakhtin (2019, p. 53-54) explica que concepção tem a respeito de um olhar exotópico. “Exotopia, eu vejo a mim mesmo fora de mim.” Para o presente estudo, essa compreensão a respeito de um “olhar de fora” é uma posição suficientemente próxima ao grupo dos Codas. É de um olhar panorâmico, de compreensão e de acolhimento, pela afinidade com a minha trajetória como militante na área dos movimentos surdos, como intérprete e professor de Libras, mas também, necessariamente afastado, para uma percepção outra, uma visão minha.

Portanto, na posição de pesquisador atuante na área da educação de surdos, me coloco como parte integrante deste estudo, mantendo, todavia, uma perspectiva exotópica, para ser mais coerente com a abordagem metodológica adotada e para melhor compreender as questões históricas e culturais de vida dos participantes, lançando discussões acadêmicas a respeito.

Bakhtin (2003) chancela essa ideia quando enuncia:

Entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2003, p. 23).

A minha visão excede quando consigo ver o outro, entender o outro, me colocar no lugar do outro, calçar

os seus sapatos e compreender o que o pesquisado fala, vê e sente. Ser empático para com as falas e enunciados dos Cudas participantes, para compreender melhor, para trazer informações fundamentais na constituição de um grupo de pessoas próximas às comunidades de surdos e, ao mesmo tempo, pertencentes ao mundo da sociedade majoritariamente ouvinte. É desta forma que o presente estudo ajudará a dar um passo a mais para o acolhimento, com olhares empáticos, e para uma inclusão social e educacional na prática.

Os participantes, além de falarem sobre sua infância, educação, formação e atividades atuais, também falam das suas dores, desafios, superações e conquistas. De acordo com Moriña (2017), é preciso dar voz aos entrevistados, reconhecendo a sua subjetividade, e valorizá-los: “[...] intenta-se viver mais próximo à vida das pessoas que participam desta investigação, para compreender como foi construído o mundo deles” (MORIÑA, 2017, p. 19).

Para Bakhtin, há muitas vozes. Daí pergunta-se: de quem são essas vozes? O que dizem? Quando, por que e como enunciam? Com quem dialogam?

De acordo com Silva (2020, p. 118), em harmonia com o entendimento de Bakhtin,

Por intermédio da linguagem compreende-se o diálogo existente entre o discurso e a vida, então é possível abordar, estudar e tentar compreender parte da faceta humana identificando as vozes que compõem a arena social que caracteriza o discurso, o gênero e a linguagem, dialógica como o homem projetado em sujeito

enunciado que “reflete e refrata” valores morais e sociais na obra.

Os Códas anseiam por escuta. As suas vozes precisam ser ouvidas. Como podemos nos colocar na escuta? Suas vozes são importantes para a nossa constituição, pois são sujeitos iguais a todos os outros, que respiram, falam, têm consciência, têm subjetividade e interagem, constituindo a nossa sociedade – surda e ouvinte – numa evolução contínua. Queremos trazer as suas narrativas, transcrevendo-as por meio dos seus discursos e interpretando suas vozes, para que possamos compreender os sentidos ontológicos desse grupo tão singular.

Para Bakhtin (2019, p. 69): “Mas cada um não pode nunca conhecer diretamente essa visão do outro, mesmo que esteja na presença do outro: também quando estou diante do olhar do outro, o outro é sempre o outro-para-mim”. Suas concepções enaltecem e dão caráter de exclusividade a cada ser humano; um olhar atencioso e profundo, respeitoso, compreensível para com a constituição do outro, para com a história de cada um.

Portanto, os sujeitos participantes da pesquisa são autores da sua existência, das obras de sua vida e das narrativas. Assim sendo, cada um deles se constituiu em um sujeito singular, uma consciência exclusiva e uma trajetória singular. Nada ou ninguém se repete na existência. Tudo é exclusivo, único, singular, inacabado e em contínua transformação.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

Em função dos participantes residirem em quatro estados brasileiros diferentes e de não ter a necessidade de haver encontro presencial entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, o processo ocorreu virtualmente. Com três participantes foram realizados dois encontros, porém com um dos sujeitos foram realizados três encontros virtuais.

Foram agendadas individualmente as rodadas de entrevistas. Os encontros, cujos arquivos de gravação foram salvos em ambiente virtual no *Google Drive*, em conta pessoal do pesquisador, realizaram-se via *Skype*, sendo gravados por meio de um programa de áudio e vídeo chamado *Callnote*, para computador pessoal.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para atender aos objetivos da pesquisa, foram adotados os seguintes critérios de seleção dos participantes:

- Filhos ouvintes de ambos os pais surdos, cuja língua de sinais fora usada naturalmente em família, e que se disponibilizaram a participar da pesquisa de forma voluntária.
- Cudas que tivessem envolvimento e militância com a causa da surdez.
- Cudas com formação acadêmica.

A partir de uma lista pessoal de Codas identificados pelo pesquisador, construída ao longo dos anos de militância na área, mais especificamente a partir do início dos anos 1980, foram selecionados onze nomes inicialmente, para os quais foi enviado um *e-mail* apresentando a presente pesquisa e convidando-os a participarem. Houve um retorno afirmativo de quatro participantes, cujos nomes originais foram mascarados por nomes indígenas, não apenas pela questão do sigilo ético de acordo com as pesquisas nas Ciências Humanas, mas também para homenagear a comunidade indígena brasileira, que cresce e vive bilíngue, assim como os Codas. Não houve escolha específica de participantes, nem em qual situação acadêmica ou profissional estariam. Outrossim, não houve escolha de gênero ou de estado de residência dos sujeitos participantes. Essa primeira etapa aconteceu de forma aleatória, sem regras prefixadas. Com o retorno afirmativo pelo aceite dos Codas para a participação neste estudo, deliberou-se por este quórum de quatro participantes e dar início à práxis da pesquisa.

No quadro a seguir, apresentamos as informações individuais dos participantes.

Quadro 6 Identificação geral dos participantes

Nome	Idade	Formação	Profissão	Estado	Agenda
Nina	51	Graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação	Professora Municipal e EJA	Minas Gerais	2 Skype 1h44min 4 e-mails mensagens
Kayke	36	Bacharelado em Letras/Libras e mestrado em Educação	TILS do Instituto Federal	Espírito Santo	3 Skype 1h03min 3 e-mails mensagens
Kauê	30	Graduação em Pedagogia e mestrado em Estudos da Tradução	TILS e Professor de Libras do Instituto Federal	Amazonas	2 Skype 1h24min 3 e-mails mensagens
Guaracy	29	Bacharelado e Licenciatura em Geografia, mestrado e doutorado em Geografia	Geógrafo/Professor do EF e EM	Mato Grosso	2 Skype 1h25min 3 e-mails mensagens

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2020).

A pesquisa apresenta quatro sujeitos participantes, sendo que um deles é do sexo feminino e três do sexo masculino, na faixa etária entre 29 e 51, em 2018, quando ocorreram os encontros.

Detalhando um pouco mais o Quadro 6, discorreremos sobre cada um dos participantes do estudo em relação aos aspectos de vida familiar, formativo, atuação profissional e militância nos movimentos surdos e de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (Tils). Na última coluna, à direita, vemos os detalhamentos da coleta dos dados, que mostram o total (em horas e minutos) das entrevistas com cada participante, o total dos *e-mails* trocados com cada um, além de diversas mensagens pelo *WhatsApp*, para informações pontuais que possam ter sido esquecidas durante as entrevistas. Não houve preocupação com um número determinado para a coleta de dados nas três modalidades.

A percepção do pesquisador e do participante foi o determinante para se chegar ao número de entrevistas, *e-mails* e mensagens com cada um deles.

Nina, a participante mais velha, com 51 anos, é casada e tem um filho adolescente. É graduada em Pedagogia e atua na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seus alunos têm idades que variam entre 17 e 35 anos. Nina atende alunos surdos em sala de aula como pedagoga e usa a Libras como língua de instrução. Possui, ainda, mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, defendido em 2015. É militante na área dos movimentos surdos; inclusive, quando criança, uma associação de surdos, de uma cidade de Minas Gerais, nasceu na casa dela. Seus pais e familiares surdos sempre atuaram e apoiaram grandemente as atividades sociais e culturais da comunidade das pessoas surdas

em sua cidade. A atuação como intérprete de Libras está vinculada a sua existência. Desde criança atuou como Tils, dentro e fora de casa. Foi presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-intérpretes da Língua de Sinais (Febrapils) e continua a atuar nos movimentos associativos dos intérpretes de Libras. É uma profissional reconhecida em todo o território nacional.

Kayke tem 36 anos, é nosso participante do Estado do Espírito Santo, com bacharelado em Letras/Libras e mestrado em Educação. Tem uma filha. A defesa de sua dissertação foi em 2018, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Em sua casa, nasceu a associação de surdos da sua cidade e toda a sua família sempre esteve engajada nas atividades sociais e culturais da comunidade surda. Neste meio nasceu o intérprete Kayke, que desde a mais tenra idade atua como Tils. Hoje ele é um profissional na área da interpretação, no Instituto Federal do Espírito Santo.

Nosso próximo participante é Kauê, que tem 30 anos e casou-se recentemente. Possui graduação em Pedagogia, com mestrado em Estudos da Tradução, em 2016, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em sua casa, sempre houve atividades sociais e culturais dos movimentos surdos da região, inclusive com surdos de outros países da América do Sul. Sempre atuou como intérprete para seus pais e hoje é um profissional concursado no Instituto Federal do Amazonas, atuando como intérprete da Libras.

O quarto participante é Guaracy, que tem 29 anos, é casado e pai de três filhos. Tem bacharelado e licenciatura em Geografia, com mestrado na mesma área, e doutorado em

Geografia, pela Universidade Federal de Goiás, defendido em 2019. Usa a língua de sinais com seus pais surdos e na associação com surdos da região Centro-Oeste. A Associação de Surdos foi fundada em sua casa.

Os entrevistados residem em estados diferentes da República Federativa do Brasil, a saber, Espírito Santo, Minas Gerais, Amazonas e Goiás. Todos atuam como professores ou intérpretes de Libras em escolas de educação básica ou em universidades públicas.

É importante destacar aspectos que se assemelham nos quatro Codas participantes, apresentamos alguns: todos são bilíngues, usam a Libras como primeira língua, possuem formação e atuação na área da educação, dois são professores de escolas públicas e dois são intérpretes em institutos federais. Todos estão engajados nos movimentos surdos e de intérpretes de Libras. Por fim, uma informação bastante relevante, na casa dos quatro nasceu a Associação de Surdos, o que evidencia que pessoas surdas e a língua de sinais sempre estiveram presentes em suas vidas de forma intensa.

3.3 PROCEDIMENTOS E PRODUÇÃO DOS DADOS

A partir do aceite dos participantes, enviamos primeiramente, por *e-mail*, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, para que fosse impresso, preenchido e assinado por eles e enviado de volta para meus arquivos, seguindo as normas éticas da pesquisa em Ciências Humanas. Os termos assinados também foram escaneados e estão sob a guarda do pesquisador.

Dando prosseguimento à pesquisa⁷⁷, foi elaborado um roteiro de perguntas abertas para auxiliar na condução das entrevistas de forma que os participantes pudessem narrar suas histórias de vida. As entrevistas aconteceram de forma individual, a partir desse roteiro semiestruturado, que direcionou os encontros e possibilitou sólidas transcrições das narrativas, as quais se tornaram o *corpus* fundamental de dados para o estudo. É importante registrar que, a partir do objetivo geral e do objetivo específico constituídos, as questões das entrevistas foram elaboradas com vistas a responderem aos mesmos.

Não foi fácil escolher um caminho, diante das diversas possibilidades, quanto ao percurso metodológico a ser adotado. Qual seria o método mais adequado para que se pudesse estabelecer uma sincronia de todos os dados diferentes, incomuns e diacrônicos? Vale dizer aqui que a subjetividade e a escolha do pesquisador pesaram muito nesse sentido, juntamente com as discussões e conduções da professora orientadora.

O roteiro de perguntas abertas auxiliou na condução das entrevistas, de forma que os participantes puderam narrar suas histórias de vida, seguindo as concepções da metodologia biográfico-narrativa. Inicialmente, o pesquisador apresentou uma questão para o participante, o qual narrou as memórias e acontecimentos que marcaram sua constituição, desde a infância até a fase adulta. Esporadicamente, o pesquisador interferiu ou questionou algum detalhe que ajudou a esclarecer as respostas dos participantes que, por

⁷⁷ Autorizada pela comissão de ética da Plataforma Brasil nº 2.670.132, de 23 de maio de 2018, assinado pela coordenadora Cristiane Rodrigues Pedroni.

sua vez, responderam de forma mais completa aos objetivos propostos neste estudo.

As questões abertas permitiram que os autores narrassem sobre suas histórias de vida de forma fluida e livre, sem que houvesse uma rigidez por parte do pesquisador, no sentido de serem levados a responderem linearmente ao roteiro de perguntas ou de serem induzidos a determinadas respostas. Não havia questões únicas e fechadas, nem respostas sistêmicas e definitivas.

No primeiro encontro com cada participante, nem sempre as questões apresentadas foram contempladas satisfatoriamente. Outrossim, o tempo dos encontros, inicialmente, foi combinado de ocorrer ao longo de uma hora relógio, o que na maioria das vezes não foi seguido, devido a se perceber as condições do entrevistado, de se seguir com as narrativas ou de terminar a sessão naquele dia. Dessa forma, outros encontros foram agendados, que permitiram conversarmos a respeito das demais questões que ainda não tinham sido trazidas anteriormente. Optamos pelos pressupostos postulados na metodologia qualitativa biográfico-narrativa, que dizem respeito a histórias de vida, na concepção inclusiva, participativa e emancipatória; a linha de vida narrada pelo autor/participante foi editada pelo pesquisador.

Para que se chegasse ao roteiro de perguntas no formato final, foi necessário um tempo de amadurecimento e o uso de diversas fontes que serviram de inspiração para a constituição final do roteiro. A busca por diversos trabalhos na área, em nível de mestrado e doutorado, foi fundamental.

A área pesquisada trata de pessoas singulares, de histórias de vidas de pessoas únicas e, por isso, muita atenção e sensibilidade compuseram todo o estudo. Houve um cuidado do pesquisador com a forma de diálogo utilizada com os participantes.

As questões do roteiro de perguntas a que se chegou no final foram trabalhadas e ajustadas em consonância com os objetivos da investigação, cujo tempo abrangeu quase um ano. Mesmo assim, como se trata de uma ciência humana, caminhos outros surgiram durante as narrativas. Por isso, foi pensado em questões abertas e subjetivas, que revelassem, a partir das respostas a elas dadas, características das histórias de vida.

O roteiro de perguntas abertas foi constituído em duas partes. A primeira é a apresentação do participante, contendo nome, sinal, endereço, formação e profissão. A segunda corresponde à seção de questões abertas que foram organizadas em três etapas de vida. A primeira etapa foi a respeito de questões sobre a infância; a segunda sobre a formação e, a terceira, a respeito do momento atual na profissão.

As questões sobre a infância, que compõem a primeira etapa, investigaram a aquisição das línguas: a língua materna e a segunda língua; fatos que marcaram a infância e que se diferenciaram de fatos dos amigos ouvintes; modelos orais; episódios no início da vida escolar; descobrindo a diferença nos pais dos colegas; Coda como tradutor/intérprete para seus pais em casa e fora de casa.

A segunda etapa buscou obter informações sobre episódios no período da formação; *bullying* na escola ou facul-

dade; constituição da visão de mundo, identidade e cultura surda em analogia com a ouvinte; a militância dos participantes nos movimentos dos Codas, dos surdos e dos tradutores/intérpretes da Libras, no Brasil; as novas possibilidades de trabalho na área e onde exercem atualmente sua profissão com a formação que possuem.

Organizamos de forma didática as questões que totalizam quinze, e que possibilitaram a organização nesses dois grupos, conforme mencionados anteriormente. Nem todas as entrevistas contemplaram as quinze questões de uma vez, ou os sujeitos conseguiram responder de forma objetiva o que foi inicialmente proposto. A segunda entrevista serviu para tirar dúvidas e enriquecer algumas respostas que faltaram do ponto de vista do pesquisador. Além disso, outras questões mais objetivas também foram respondidas pelo aplicativo *WhatsApp*, bem como através da troca de *e-mails*.

Os participantes foram informados previamente por *e-mail* sobre as questões formuladas, para que tomassem conhecimento dos assuntos a serem abordados, nas entrevistas agendadas. Também aconteceram comunicações e trocas extras de informações pertinentes à pesquisa, por meio de *e-mails* e aplicativos de mensagens, com a intenção de dirimir dúvidas que surgiram de última hora, assim como pequenas questões discordantes.

Todos os encontros foram agendados previamente e ocorreram no período de setembro de 2018 a fevereiro de 2019. Tiveram duração entre 40 minutos e 1 hora e 10 minutos, com uma média de 55 minutos. Ao todo foram nove encontros virtuais realizados.

Por fim, não queremos esquecer a subjetividade do pesquisador, da pesquisa e dos pesquisados. Conforme afirma Moriña (2018, p. 5)⁷⁸:

Esse tipo de pesquisa frequentemente gera uma crise no meio paradigmático de conhecimento, em que o papel do pesquisador é repensado, juntamente com a necessidade de incluir subjetividade, a fim de realmente entender as experiências e situações das pessoas que estão narrando suas histórias.

Talvez seja a subjetividade uma das características mais marcantes nos estudos das Ciências Humanas, pois não se trata de investigações quantitativas. Tanto o pesquisador quanto os pesquisados podem se constituir em um universo de subjetividade, mas, na verdade, todos somos constituídos por subjetividade. Assim sendo, as produções científicas receberão parte dessa subjetividade, e o nosso estudo também.

3.4 FORMA DE REGISTRO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas semiestruturadas, com quinze questões abertas, foram agendadas com os quatro sujeitos participantes previamente. No dia e hora marcados, os encontros aconteceram pelo *software Skype*, que permite áudio e vídeo em

⁷⁸ This type of research often engenders a crisis in the established paradigmatic means of knowing, in which the role of the researcher is rethought, along with the need to include subjectivity in order to truly understand the experiences and situations of the people who are narrating their histories. (MORIÑA, 2018, p. 5).

tempo real entre o pesquisador e os pesquisados. Outrossim, os encontros foram gravados por um outro *software* chamado *Callnote*, que é um sistema de gravação de áudio e vídeo, cujos arquivos eletrônicos estão salvos no *Google Drive*, na conta pessoal do pesquisador.

Os registros foram fundamentais para as transcrições das entrevistas e para a observação das expressões faciais e sinais que os entrevistados usaram, uma ou outra vez, no momento de responder. Houve informações valiosas em Libras e gestos dêiticos que trouxeram muitas informações e que não foram desprezadas pelo pesquisador.

3.5 METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA À ANÁLISE DOS DADOS

Método é aqui entendido, para além de sua função instrumental, como algo que nos permite penetrar no real, objetivando não só compreender a relação sujeito/objeto, mas a própria constituição do sujeito, produzindo um conhecimento que se aproxime do concreto, síntese de múltiplas determinações. (AGUIAR; OZELLA, 2013).

A apresentação da metodologia do tratamento e análise dos dados, bem como as discussões apresentadas neste estudo, foram baseadas na perspectiva teórico-metodológica dos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013, 2006). Os teóricos tratam os dados coletados por meio de três etapas importantes, nomeadas de: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação para a apreensão da cons-

tituição dos sentidos e da subjetividade⁷⁹ dos pesquisados. São três estágios que se interligam, conforme vão sendo amadurecidos e construídos.

A leitura flutuante constitui a primeira etapa, seguida da construção dos pré-indicadores, indicadores e, por fim, dos núcleos de significação. Cada uma das etapas é um pré-requisito para a próxima.

As entrevistas foram transcritas para o Português, cujo trabalho laborioso ofereceu as informações de base da coleta de dados para este estudo. Nas transcrições foram anotadas as datas e horários constantes das gravações.

As narrativas na Língua Portuguesa, bem como as expressões não verbais e os sinais da Libras que foram enunciados durante as entrevistas, foram contempladas nas transcrições de dados, sempre que necessário, para que tivéssemos o máximo de informações disponíveis para a organização dos núcleos de significação, a fim de atingirmos o objetivo deste estudo.

Na metodologia, em primeiro lugar utilizamos as leituras flutuantes. Esse nome foi dado devido às diversas leituras feitas dos textos de base da pesquisa, para construir a lista dos pré-indicadores, isto é, leitura das narrativas transcritas a partir da coleta de dados nas entrevistas. Não houve limite para a construção das listas dos pré-indicadores e indicadores. Cada um dos textos usados na pesquisa serviu de fundamento para a constituição da lista dos pré-indicadores. Nessas falas dos participantes Codas, des-

⁷⁹ Subjetividade é aqui entendida como uma possibilidade humana de organizar experiências convertidas em sentidos. É uma dimensão da realidade que podemos denominar dimensão subjetiva da realidade objetiva. (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 305).

tacamos as que foram mais reiterativas, com maior carga emocional ou componentes de valores e sentidos opostos ou não. Na concepção de Aguiar e Ozella (2006), a leitura “flutuante” diz respeito aos primeiros contatos com os documentos transcritos, olhares e análise subjetiva do autor, idas e voltas nas narrativas, procura de pontos padrões entre as narrativas, pontos divergentes, pontos que chamam mais atenção, pontos singulares, etc., mas sempre com os olhos voltados aos objetivos do estudo. Neste momento o pesquisador está indeciso, vacilante nos pensamentos e decisões. Com as diversas leituras o pesquisador deixa-se fluir na sua subjetividade e permite-se a diversas impressões iniciais e orientações. Não há pressa. É necessário um tempo para o amadurecimento do pesquisador para que consiga elencar quais são os pré-indicadores.

De acordo com Aguiar e Ozella (2006, p. 230):

Os pré-indicadores são em grande número e irão compor um quadro amplo de possibilidades para a organização dos núcleos; são, portanto, trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, carregam e expressam a totalidade do sujeito e, portanto, constituem uma unidade de pensamento e linguagem.

Os pré-indicadores foram escolhidos a partir de palavras, ideias, sentidos, enunciados ou temas que foram listados livremente, por meio das leituras feitas dos textos das transcrições das entrevistas dos participantes, que demonstram mais preocupação do entrevistado com determinada questão, época da sua vida, ou situação vi-

vida. Os pré-indicadores podem ser definidos também pelas dúvidas e contradições que apontam um determinado tema.

Um dos critérios fundamentais para filtrarmos os pré-indicadores foi o de averiguar se ajudariam a responder aos objetivos propostos no estudo.

Ainda para os mesmos autores Aguiar e Ozella (2006, p. 228):

A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele.

Trazemos, aqui, a subjetividade das respostas dos participantes. Elas não são únicas ou definitivas, mas podem ser parciais, respostas com dúvidas ou com sonhos expressados. A ciência nas pesquisas humanas constitui-se na/em subjetividade, pois cada pesquisado apresentará questões únicas vivenciadas por ele.

Apresentamos no quadro 7 exemplos do levantamento dos pré-indicadores a partir dos excertos das entrevistas. A integralidade dos pré-indicadores selecionados neste estudo, de cada um dos participantes, poderá ser visualizada no capítulo 5.

Quadro 7 Exemplo do levantamento dos Pré-indicadores a partir dos excertos das entrevistas

EXCERTOS

NINA: – Meu tio surdo, irmão da minha mãe disse **signalizando**: “Este será o sinal dela”;

KAUÊ: – **Meus pais me deram esse sinal** desde criança: configuração em “R” na bochecha;

KAYKE: – O que marcou muito e tenho muito essa lembrança. **A minha constituição dentro de associação de surdos**, na Associação de Surdos;

GUARACY: – As memórias que tenho, são quando meus pais começaram a me **ensinar Libras**. Eles mostravam o objeto, a geladeira, a televisão e faziam o sinal;

NINA: – São tantas **histórias** que a gente tem **com os pais da gente**, né;

KAUÊ: – Ia e vinha entre língua de sinais e língua portuguesa;

KAYKE: – A **maioria eram surdos** que nos visitavam e **tudo era em Língua de Sinais**. O **Português veio na idade escolar**, na idade entre 7 e 8 anos, quando adentrei à escola;

GUARACY: – O que faz a diferença para mim é essa **questão da espacialidade e da visualidade**, que **sou bilíngue**, e isso eu levo na vida;

NINA: – Mamãe olhou pra mim e disse com expressão de orgulho: “**Porque você sabe duas: sinais e fala**”;

KAUÊ: – Meus pais sempre me **davam conselhos**;

KAYKE: – Os **pais assumiram esse papel de criar e educar** os filhos. Meus avós nunca interferiram;

GUARACY: – Aos domingos íamos **numa praça**, onde nos sentávamos e ficávamos **conversando**, e muitas pessoas ficavam olhando, outras curiosas perguntavam sobre os **sinais**.

EXCERTOS

NINA: – Quando chegamos na escola, eu senti o olhar outro, aquele olhar diferente;

KAUÊ: – **Eu sempre dizia pras pessoas: eu sei Libras**, uso Libras em casa; meus pais são surdos;

KAYKE: – Quando cheguei na escola, eu estava com sede e eu falava “apo” para água. Porque é a pronúncia que minha mãe faz pra água. Aí eu olhei e pedi “apo”. **Na escola foi uma dificuldade, porque eu fiquei pedindo “apo, apo, apo” e nada.**

GUARACY: – Meu pai sempre muito presente na escola, mas lá não tinha como comunicar. **Na escola os professores não sabiam se comunicar em Libras.**

NINA: – Eu não me via como intérprete do meus pais, nunca me via;

KAUÊ: – Em casa eu interpretava sempre, sempre, sempre;

KAYKE: – Eu **interpretava temas muito íntimos e sensíveis**, para os surdos, além de meus pais;

GUARACY: – O que me marca na adolescência foi ser **tradutor para meus pais pra tudo.**

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

No quadro 7 foram construídos exemplos do levantamento dos pré-indicadores, assinalados em negrito e elencados por diferentes acepções por temas parecidos, diferentes, próximos ou contrários, a partir de possíveis temas de palavras, ideias, que foram sendo pinçadas do texto das transcrições de cada uma das entrevistas originais, de cada um dos sujeitos participantes.

Após a seleção dos pré-indicadores, iniciamos o trabalho de compreensão dos sentidos, que a lista nos oferecia. É o movimento da aglutinação, resultado das articulações das ideias, das construções dos enunciados e movimentos que irão constituir os futuros indicadores.

A partir da construção dos indicadores, foi feita uma segunda aglutinação, também com os mesmos movimentos de aproximação das ideias e enunciados “pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição”, segundo os autores. Poderemos apresentar os mesmos temas com pontos de vista diferentes dos entrevistados, fazendo equivalência ou contrapontos entre si e trazendo as diferentes visões dos Codas a partir de um mesmo tema. As ideias foram sendo costuradas entre as falas de cada um. Vale lembrar que a subjetividade do pesquisador e das opções pela construção dos indicadores fizeram parte do estudo.

De acordo com Aguiar (2006, p. 19-20) que esclarece:

Os indicadores são fundamentais para que identifiquemos conteúdos e sua mútua articulação, de modo a revelarem e objetivarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito. Nesse processo de organização dos núcleos de significação – que tem como critério a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou

contraditórios – é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e dos significados, o que possibilitará uma análise mais consistente.

A combinação foi “[...] pela similaridade, pela complementaridade ou pela contraposição, de modo que nos levem a uma menor diversidade, no caso já dos indicadores” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 309). Não houve limite para os indicadores, porém eles já foram em menor número, pois são um resumo dos temas surgidos na lista dos pré-indicadores. Afirmam Aguiar e Ozella (2006, p. 310) que “[...] os indicadores são fundamentais para que identifiquemos os conteúdos e sua mútua articulação, de modo a revelarem e objetivarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito”.

Estes indicadores, por sua vez, foram novamente reorganizados por aglutinação e passaram a existir como núcleos de significação. Houve um amadurecimento em cada uma das etapas. Uma dependeu da outra e foi inserida de forma objetiva ou subjetiva na etapa seguinte. Cada etapa foi sempre uma síntese da anterior.

Apresentamos a seguir, no quadro 8, exemplos de construção dos indicadores, cujos resultados foram a aglutinação de todos os pré-indicadores elencados.

Quadro 8 Exemplos de construção dos Indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
<p>1) Sinalizando; 2) Este será o sinal dela; 3) Meus pais me deram esse sinal;</p> <p>4) Minha constituição dentro de associação de surdos; 5) Faziam o sinal; 6) A maioria era surdos; 7) Era em língua de sinais;</p> <p>8) Ensinar Libras; 9) O Português veio da idade escolar; 10) Questão da espacialidade e da visualidade; 11) Sou bilíngue; 12) Língua de sinais e Língua Portuguesa; 13) porque você sabe duas: sinais e fala;</p> <p>14) Davam conselhos; 15) pais assumiram esse papel de criar e educar; 16) na praça conversávamos em sinais; 17) eu sempre dizia pras pessoas: eu sei Libras e que meus pais eram surdos;</p> <p>18) Na escola foi uma dificuldade, porque eu fiquei pedindo “apo, apo, apo” e nada; 19) na escola os professores não sabiam Libras; 20) na escola, eu senti o olhar outro, aquele olhar diferente;</p> <p>21) não me via como intérprete dos meus pais; 22) em casa eu interpretava sempre, sempre, sempre; 23) eu interpretava temas muito íntimos e sensíveis; 24) eu interpretava temas muito íntimos e sensíveis; 25) tradutor para meus pais pra tudo.</p>	<p>1) Sinal pessoal em Libras;</p> <p>2) A língua de sinais na constituição dos Codas;</p> <p>3) Os Codas crescem bilíngues;</p> <p>4) Pais orgulhosos e responsáveis;</p> <p>5) As barreiras na escola e os olhares preconceituosos;</p> <p>6) Coda sempre Tils;</p>

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Nesse momento, o pesquisador e os pesquisados estabelecem uma relação dialógica em que aquele, a partir das falas dos participantes da pesquisa, identificou os caminhos para a compreensão dos sentidos construídos pelos quatro Cotas, a partir das narrativas sobre suas vidas. Reiteramos que a subjetividade do pesquisador também está presente em todas as etapas desse processo, nas escolhas dos temas dos pré-indicadores, na organização dos indicadores e, finalmente, na construção dos núcleos de significação.

A partir da construção dos indicadores, os quais passaram por uma terceira aglutinação, foi possível chegar aos núcleos de significação. Dessa forma, a partir dos núcleos de significação constituídos, podemos analisar os temas mais relevantes para cada um dos sujeitos participantes em relação a um tema determinado. Todos os participantes falaram sobre cada um dos temas, uns mais outros menos.

Seguindo as orientações metodológicas de Aguiar e Ozella (2013), e conforme relatado neste estudo, segue no quadro 9 uma síntese dos procedimentos de análise do material recolhido dos participantes que integram esta etapa da pesquisa, e de como foram construídos os núcleos de significação, a partir da aglutinação dos indicadores. Os núcleos são os eixos/tópicos/temas sobre os quais faremos nossa análise de dados e as discussões desses cinco núcleos.

Quadro 9 Exemplo da construção dos Núcleos de Significação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
Sinal pessoal em Libras;	Narrativas que marcam a maturidade precoce na constituição da subjetividade dos Codas (NS 1)
A língua de sinais na constituição dos Codas; Os Codas crescem bilíngues;	Formação dos Codas como sujeitos bilíngues e biculturais; e biculturais (NS 2)
Pais orgulhosos e responsáveis;	Orgulho dos pais como cidadãos de direitos em sociedade (NS 3)
As barreiras na escola e os olhares preconceituosos;	Aspectos do processo formativo escolar e universitário (NS 4)
Coda sempre Tils.	Codas: os primeiros Tils nas relações dos pais surdos em sociedade (NS 5)

Fonte: Dados da Pesquisa (2020).

Chegamos aos núcleos de significação, conforme estão constituídos e apresentados no quadro 9. Reiteramos que os temas dos núcleos de significação foram constituídos a partir da aglutinação dos indicadores, que foram constituídos a partir da aglutinação dos pré-indicadores.

A última etapa foi a construção dos núcleos de significação, a etapa final, para que os dados estivessem prontos a ponto de seguirem para a análise e discussão de cada um dos núcleos. Esses núcleos se referem aos temas que depreendemos a partir das entrevistas dos sujeitos, que seguiram as etapas dos pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

Ainda sobre os núcleos de significação, Aguiar e Ozella (2006, p. 310) colocam que: “[...] os núcleos devem ser constituídos de modo a sintetizar as mediações constitutivas do sujeito; mediações essas que constituem o sujeito no seu modo de pensar, sentir e agir. Os núcleos devem expressar aspectos essenciais do sujeito”.

Em resumo, a metodologia dos núcleos de significação retirou o dado do texto, lapidou e o preparou para que fosse analisado e discutido pelo pesquisador. A subjetividade do conteúdo dos sujeitos pesquisados não foi percebida inicialmente. Porém, durante as etapas da construção dos núcleos de significação, foi possível obter subsídios para atender aos objetivos desta pesquisa.

Os núcleos de significação ajudaram a responder os objetivos do estudo, que são: objetivo geral da pesquisa é discutir o que os filhos ouvintes de pais surdos – Codas – narram sobre o seu desenvolvimento linguístico, familiar, educacional e social. E de maneira mais específica, o objetivo pretendido é o de analisar as marcas que revelam a

constituição da/na identidade/subjetividade dos Codos, que se reconhecem como sujeitos bilíngues e biculturais. Que implicações tais marcas revelam sobre o seu crescer bilíngue e bicultural nas relações estabelecidas na família, na escola e em contextos sociais?

4 DISCUSSÕES E RESULTADOS

O modo de composição e apresentação dos dados nesta etapa da pesquisa foi organizado para trazer os núcleos de significação como base para as nossas discussões a seguir, sendo respaldados pelos excertos das narrativas dos participantes. Os dados analisados dizem respeito aos quatro Codas – Nina, Guaracy, Kauê e Kayke. Não há uma ordem estabelecida para a exposição dos excertos, mas sim, para os temas e afirmações que vão sendo trazidos na análise, a partir dos subtítulos deste capítulo.

A organização dos dados dos quatro coautores se originou a partir das narrativas coletadas nas entrevistas, as quais foram transcritas, elencadas e organizadas em quadros denominados de pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação. Os pré-indicadores foram aglutinados em indicadores, que por sua vez foram aglutinados em cinco núcleos de significação, nesta sequência.

Apresentamos a seguir os cinco núcleos de significação: 1. Narrativas que marcam a maturidade precoce na constituição da subjetividade dos Codas; 2. Formação dos Codas como sujeitos bilíngues e biculturais; 3. Orgulho dos pais como cidadãos de direitos em sociedade; 4. Aspectos do processo formativo escolar e universitário; e 5. Codas: os primeiros Tils nas relações dos pais surdos em sociedade.

Cada um dos cinco núcleos de significação foi organizado em subtítulos para este capítulo e são analisados e

discutidos sob os postulados e afirmativas científicas por um significativo número de autores da área das Ciências Humanas, bem como, e em especial, por autores Codas. Seguimos para o primeiro núcleo de significação.

4.1 NARRATIVAS QUE MARCAM A MATURIDADE PRECOCE NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOS CODAS

Só a gente sabe o que foi deixar de brincar na rua para ajudar os pais surdos. Só a gente sabe o quanto choramos ao ouvir palavras toscas e todo o preconceito da sociedade por sermos uma família diferente do padrão. Só a gente sabe o quanto lutamos, juntas, para conquistar a acessibilidade aos nossos pais. Só a gente sabe o quanto a vida nos cobrou, deixamos de ter uma infância para viver como adultas em consultas médicas, filas de banco, palestras, reuniões escolares, etc. E... as circunstâncias nos fizeram mulheres quando ainda meninas. Silvia Vitória e Cassyane Camparoto – Codas⁸⁰.

Neste primeiro núcleo de significação, os participantes Codas narraram sobre suas experiências na infância. Conforme podemos notar, uma infância, muitas vezes, destituída de facilidades, pois tiveram que assumir grandes respon-

⁸⁰ CAMPAROTO, Silvia Vitória de Souza. Maringá, 19 mar. 2018. Facebook: Silvia Vitória. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100003656084762>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

sabilidades, que deixaram marcas, e os obrigaram, muitas vezes, a desenvolver uma maturidade precoce em determinada área.

O contexto social e político brasileiro à época mostrava aos Codas uma realidade bem mais dura do que hoje, em que a legislação e a sociedade são mais próximas ao respeito e à tolerância, aos direitos das minorias e à aceitação das diferenças.

Consideremos, primeiramente, os excertos destacados a partir das narrativas de Nina:

Nina [1 – 10:30] Quando tinha um aninho, não me lembro ao certo, mas meu pai conta isso, com muito orgulho. Nós estávamos em casa, meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. Meu irmão tinha um mês ou pouco mais. Minha avó chegou em casa e bateu à porta. Não tinha campainha visual naquele tempo. Minha vovó chegou lá em casa e bateu à porta e disse alto:

– Nina, fala pro papai que a vovó tá aqui.

Daí cheguei até meu pai, bati na perna dele e disse:

– **{Vovó está à porta}** (sinalizando e apontando pra porta). Meu pai me olhou e ignorou.

Aí, minha vó gritou outra vez:

– Nina, fala pro papai que a vovó tá aqui. Só que agora ela me disse em um tom de voz diferente, mais forte. Fui até meu pai. Segundo meu pai, a minha expressão foi diferente, mais enfática. Eu contei novamente pra ele (sinalizando), apontei pra porta. Daí meu pai me olhou, foi atender a porta e abriu.

- Ah, como você sabia que estava aqui? (Perguntou a vovó pro papai).
- A Nina me disse. Daí a vovó falou:
- Não ouvi ela dizer.
- Meu pai disse (sinalizando):
- {**Ela é surda.**}

No fragmento desta narrativa, verifica-se uma parte bem espirituosa, além de trazer alguns pontos interessantes para serem discutidos, como dispomos a seguir.

Nina já usava a língua de sinais, na tenra idade, em nível suficiente para se comunicar com seus pais surdos. Quando a avó chega na casa deles e grita de fora, dizendo para a Nina avisar o pai que ela havia chegado, para abrir a porta, a menina entende a situação e avisa seu pai surdo, tocando na sua perna e apontando para a porta da frente e fazendo o sinal de {**vovó**}. O pai surdo não dá atenção no primeiro momento. Podemos imaginar que o casal surdo (pais da Nina), estavam concentrados em um papo em língua de sinais, entre eles, e não se deram conta da situação. Naquele tempo a tecnologia não oferecia facilidades e acessibilidade para as pessoas surdas, como hoje temos campainhas luminosas, *smartphones* para mensagens e vídeos instantâneos, que permitem a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes de forma efetiva e rápida.

Devido à demora para ser atendida, a avó volta a chamar Nina, porém, desta vez, com mais ênfase em sua voz, pedindo para abrirem a porta. Nina repete o chamado da vovó, tocando na perna do pai e informando. Foi daí que o pai se deu conta e foi atender a porta. Um comentário interessante acontece nesse instante entre a avó ouvinte e

seu filho surdo, pai da Nina. A vovó pergunta: “Como você sabia que estava aqui?”. A avó havia chamado a Nina lá de fora por duas vezes. Ela tinha consciência da audição da neta que, por sua vez, deveria avisar seu pai surdo, em língua de sinais, de que a avó havia chegado e queria entrar. Por que a avó questiona ao pai “Como você sabia que estava aqui?”

À pergunta de chegada da avó, o pai retrucou: {**A Nina me disse**}. A réplica da avó é “Não ouvi ela dizer”. A avó esperava ouvir a voz da Nina, avisando seu pai. Para a vovó, Nina deveria oralizar sua voz para informar. Entretanto, a resposta do pai denota que pensava que a filha era surda. Ele disse: {**Ela é surda**}. Eis o inusitado da questão. Enquanto a avó ouvinte esperava ouvir Nina avisar seu pai que a vovó está à porta, o pai da Nina disse que a filha era surda, porque ela o avisou da chegada da avó usando a língua de sinais. Será que o pai imaginava que sua primeira filha fosse surda ou talvez tivesse feito uma piada com sua mãe? Ou talvez imaginasse que surdo e ouvinte fossem a mesma coisa? E quanto à avó, não imaginava que a neta, sendo ouvinte, poderia aprender a língua de sinais? Que sua neta usasse a fala com a avó e a língua de sinais com seus pais? Será que a vovó não percebeu esse fato em relação a sua neta?

Nessa dicotomia, na visão de dois mundos, o surdo e o ouvinte, o pai da Nina talvez imaginasse que a família dele seria toda de surdos, já que era casado com surda. Apesar de ela ouvir a voz da avó e avisar o pai em sinais, o pai

a via como surda. Preston (1994, p. 17, tradução nossa)⁸¹ esclarece que: “como adultos, a maioria das pessoas surdas mantém uma visão homogênea, até o nascimento do seu filho ouvinte”.

Por outro lado, a pequena Nina lidava com duas línguas, desde muito cedo, tentando compreender como funcionava a relação entre as duas línguas, de modalidades diferentes. Usava a língua de sinais com seus pais e a língua oral com sua avó, tudo ao mesmo tempo, no mesmo ambiente. A princípio se mostra uma situação sem clareza do que seja, o porquê e como, tratando-se de uma criança, exposta a duas línguas e a duas visões de mundo – a língua dos pais e a língua dos avós. Hoje, Nina acha graça e se diverte com a situação ocorrida, que nos mostra um ambiente típico e naturalmente bilíngue.

Reppert (2016, p. 26)⁸² traz uma situação semelhante à de Nina, onde a pequena Ruth emprestou sua audição para seu pai surdo, numa situação cotidiana, mas incomum para a maioria de nós ouvintes. Ela é Coda estadunidense e narra a seguinte história em sua obra autobiográfica intitulada *Aventuras de uma Coda – Filha de pais surdos*.

A autora conta que estava na idade entre 2 a 3 anos.

Ela e seus pais se encontravam na cozinha, quando Ruth corre até seu pai e o toca para dizer algo. Ele olhou

⁸¹ As adults, most culturally Deaf people maintain a highly homogeneous world – until the birth of their hearing child. (PRESTON, 1994, p. 17).

⁸² We're in the kitchen today when I run to Daddy and tap him, and he looks at me questioningly. I point and sign, “I hear a funny sound in there”. He walks into the basement and comes back with a mouse in a trap. I watch him with curiosity. “This is a mouse trap, and this is how it works. When a mouse tries to eat the cheese, this bar snaps and catches him. Then I take the mouse to the field and let him go. We don't want mice in the house because they eat our food”. (REPPERT, 2016, p. 26).

questionando. Ruth aponta e sinaliza {**Ouvi um barulho estranho lá dentro**}. O pai, então, vai até o porão da casa e volta trazendo um rato dentro de uma armadilha. “Eu olhava curiosa o que era isso.” Meu pai explica {**esta é uma ratoeira, e é assim que funciona: quando um rato tenta comer o queijo, esta barra fecha e pega o rato. Daí levo o rato até o campinho e deixo ele ir. Não queremos ratos em nossa casa porque eles comem nossa comida**}.

A história terminou com Ruth adotando o ratinho como seu animal de estimação com todo o cuidado, e por onde passava fazia o maior sucesso pela vizinhança.

Queremos chamar a atenção a um ponto que converge em ambas as histórias de vida das Codas. Tanto a Coda brasileira como a estadunidense têm algo em comum, quando chamam a atenção dos pais surdos por ouvirem a informação sonora a que eles não tinham acesso. As situações exigiam ouvir para que tivessem um retorno em ações positivas. Sem acesso ao som nos dois episódios, não haveria possibilidade de ciência sobre o que estava ocorrendo, tampouco a tomada de uma atitude satisfatória. A mediação das duas Kodas foi fundamental. Reiteramos o termo “mediação”, que foi de intervenção nas duas situações com diferentes circunstâncias, mas muito importantes naquele momento. Entretanto, o pai foi quem agiu, mediante ciência do evento e tomada de decisão afirmativa, pois, como adulto, deveria tomar a devida liberação.

Com base nas narrativas dos pesquisados, Codas ouvem coisas que não gostariam de ouvir, assuntos de adultos

que não compreendem, pois ainda não estão suficientemente maduros para alguns tipos de conversa. Eles emprestam seus ouvidos aos seus pais surdos. Os pais surdos por sua vez, com diligência, tomam as decisões.

Kayke também menciona sobre essa questão, na seguinte narrativa:

Kayke [1 – 27:00] Eu interpretava temas muito íntimos e sensíveis, para os surdos, além de meus pais. Para mim era tudo muito natural. Mas hoje quando olho eu digo: “Caramba”. Era tudo muito louco.

Essa situação constrangedora que os Codas enfrentam muitas vezes é conferida em Burge (2018, p. 33) numa das narrativas de vida de Emily – uma das suas entrevistadas: “Quando eu era criança, ouvia pessoas xingando e eu traduzia para minha mãe os xingamentos das pessoas, e daí, as pessoas me amaldiçoavam porque traduzia”⁸³.

Aqui temos um claro exemplo de situação preconceituosa para com pessoas surdas, Codas e para com a língua de sinais. Pessoas da sociedade majoritária se incomodam, por vezes, com pessoas diferentes. É evidente que a língua de sinais, pelos seus movimentos corporais e pelas expressões faciais, chama a atenção dos ouvintes. Os Codas passam por surdos, pois se comunicam em Libras com seus pais naturalmente. As pessoas ouvintes não fazem ideia do que se passa entre eles. O diferente e “[...] essa diferença passa a receber interpretações especiais, sugerindo que se trata

⁸³ Emily: And when I was a kid, I would hear people swearing, and then translate to my mum the swear word and then I'd get told off for swearing.

de algo a ser evitado por pessoas comuns da coletividade. A pessoa que possui esse tipo de diferença é tratada como desviante” (OMOTE, 2004, p. 287).

No excerto a seguir, lemos a narrativa de Kayke nos seus primeiros dias na escola básica e o que marcou em relação à fala oral:

Kayke [1 – 20:37] Aí quando cheguei na escola, sempre lembro dessa história, eu estava com sede e eu falava “apo” para água. Porque “apo” é a pronúncia que minha mãe faz pra água. Aí eu olhei e pedi “apo”. Só que em casa era normal. Quando cheguei na escola foi uma dificuldade, porque eu fiquei pedindo “apo, apo, apo” e nada. Aí foi que a professora me levou pra fora da sala e eu vi o bebedouro e eu falei: “apo, apo, apo” ...e aí ela assimilou. E depois, mais tarde, quando começaram as reuniões e eventos na escola, comecei a entender, pois eu não participava.

A oralidade da mãe referente à palavra “água” é repetida pelo filho Coda. A professora não sabia do que se tratava. Houve a necessidade de uma ação de apontar para dar clareza e significado ao pedido. Com as situações estranhas surgidas, não comuns para a escola, o entendimento da diferença e a subjetividade do Coda se constituem.

Neste sentido, há as contribuições de Guaracy e Nina, cujas narrativas também apontam barreiras para seus pais na escola, percepção de *bullying* e preconceitos na vida escolar.

Guaracy [2 – 15:50] Na escola lembro que não tinha nada de diferente. Ela seguia seu ritmo e fluxo normais,

independente se minha mãe pudesse estar presente lá ou não. Não tinha mudança.

E mais adiante:

Guaracy [1 – 10:23] Meu pai também sempre muito presente na escola. Então, lá não tinha como comunicar. Porque na escola os professores não sabiam se comunicar em Libras. Lembro que fui matriculado pelos meus pais no prezinho. As pessoas na escola não sabiam se comunicar com ele e foi um desespero. Por fim, acabaram me matriculando. Foi desesperador, pois deu pra ver na cara das professoras. Na escola havia olhares e *bullying*, às vezes, por parte dos meus colegas, éramos crianças e eles me chamavam de “filho do mudinho”, “surdinho” ... E também havia preconceito por parte de uma professora, a Vera, que pensava que eu não precisava aprender. “Pra que aprender? Filho do mudinho.” Eu sentia sim. Porém, uma outra professora viu meu potencial e daí fui colocado numa série mais avançada, pois eu tinha capacidade. Essa professora tinha uma parente surda, e penso que isso contribuiu para ter outra visão sobre mim e os surdos.

É muito difícil e doloroso sentir-se invisível e desvalorizado pela escola. O professor é um auxiliar na educação dos filhos, já que os pais não podem ensinar todos os conteúdos das áreas do conhecimento, atualmente, nem estar o tempo todo na escola. Guaracy não recebeu todo o incentivo da sua professora na escola básica. O menino percebia a visão

preconceituosa e limitada da professora. Ela nem imaginava que estava diante de um futuro professor universitário de Geografia. Por outro lado, assim como os demais alunos Cotas, a escola de Guaracy não sabia se comunicar com seus pais. Reitera-se da necessidade de a escola estar preparada e de seus profissionais acolherem conscientemente alunos Cotas.

Há um dilema, nos tempos atuais, na sociedade brasileira, em relação aos direitos à acessibilidade. Por um lado, existe estabelecida uma ampla legislação em prol dos direitos à igualdade de todos os cidadãos, respeito e dignidade para todos, e cuja filosofia todos aplaudem e querem seguir. Entretanto, por outro lado, enfrentamos olhares e atitudes estigmatizados constituídos que não são superados na prática do dia a dia.

No Brasil, repetidamente assistimos aos berros racistas do futebol. Por um lado, o esporte une, congrega multidões, traz à tona muitos sentimentos positivos e vibrantes de uma torcida acalorada, porém, ao mesmo tempo, por vezes, expõe feridas profundas quando vemos a mesma torcida em vozes uníssonas lançando dardos afiados com palavras e atitudes racistas e preconceituosas para os jogadores do mesmo time para que torcem.

Os preconceitos⁸⁴ trazem dores profundas, desavenças e até conflitos bélicos, deixando cicatrizes na sociedade. Em relação ao tema do nosso estudo, isso não só diz respeito às próprias pessoas com deficiência, mas também aos familiares e simpatizantes das causas desses grupos minoritários e

⁸⁴ A voz de Djamilia Ribeiro em *Pequeno manual antirracista*, Cia da Letras, 2019, sobre preconceito e outros temas urgentes dos embates sociais.

diferentes, existentes no permeio dos estratos da sociedade, ou seja, a língua de sinais, a pessoa surda, os Codas. O estigma é aplicado aos demais que atuam junto com e nos grupos diferentes e minoritários. É o que Goffman (1988) chama de “estigma de cortesia”, que leva o indivíduo que se relaciona em linha direta com a pessoa estigmatizada a descobrir que também sofre os preconceitos próprios do grupo que assumiu suas questões de identidade, de língua, de visão do mundo, de determinada opinião.

Ao longo da caminhada com surdos e língua de sinais, já sentimos o estigma devido ao uso da língua visual, a qual chama atenção, com amigos surdos e, assim, sermos confundidos com surdos, sendo, por vezes, também estigmatizados. Foram diversas vezes. Porém, na maioria das experiências, os olhares foram de aceitação e de admiração.

Para Bakhtin (2014), não há uma só voz ou um único discurso na sociedade, mas diferentes vozes, outros discursos e alteridades. Diferentes vozes produzem diferentes diálogos, sentidos e formas. Diferentes e diferenças constroem olhares outros e pontos de vista outros, que não únicos, singulares e uníssonos. Aceita-se aquele que não é como eu, pois eu me constituo a partir do outro, dos diferentes outros que formam a sociedade na qual estou inserido. Os diferentes olhares dos outros, as diferentes opiniões dos outros me constituem no que sou, no ser diferente, único, sem igual a mais ninguém. Em reciprocidade mútua, os meus olhares e visões de mundo constituem o outro, também. Os olhares e as falas dos outros nos constituem e podem deixar cicatrizes, mas também podem deixar orgulho e empoderamento. Somos constituídos no social. Uma voz sozinha não produz diálogo. O diálogo é

social. Para Bakhtin, a palavra também é social, não individual. “Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 117).

Os Codos, muitas vezes, também constituem-se pelas marcas de uma sociedade na qual coexiste um assombroso dilema, que expõe duas premissas: aceitação e rejeição. A sociedade existe nesse dilema, no qual o olhar acolhedor estende a mão, numa compreensão e aceitação por um lado, porém, em outro momento, o mesmo olhar é de rejeição, de preconceito. Dessa forma, Codos são forjados a uma maturidade precoce, sem igual, cujas narrativas confirmam essas marcas, que doem, que machucam, mas que também cicatrizam, se superam e trazem sucesso, triunfos e vantagens nas suas vidas.

A seguir, passaremos a analisar um trecho da narrativa de Kauê, que apresenta com tranquilidade e de forma segura algumas memórias da sua infância, que também têm marcas na idade precoce, que o fizeram amadurecer antes do tempo.

Consideremos os excertos a partir das narrativas de Kauê expostas a seguir:

Kauê [1 – 04:10] Desde cedo, quando comecei a compreender, em casa era supernatural conversar em língua de sinais, moramos sempre próximo aos meus avós maternos, com eles eu falava em Português. Ia e vinha entre língua de sinais e língua portuguesa. Só percebia isso depois de alguns anos. Via outras famílias conversando apenas em língua portuguesa, mas,

no início, eu não percebia diferença. Meus pais sempre me davam conselhos. Não lembro quando me ensinaram língua de sinais, conversamos naturalmente e eu ia aprendendo, não lembro de perguntar qual o sinal de caneta, telefone, medicamento. Conversávamos naturalmente, e eu ia aprendendo, nunca imaginei trabalhar com isso, era supertranquilo o diálogo com eles. Só mais tarde percebi que eu já tinha um vocabulário para conversas.

[1 – 17:50] Nas reuniões de família, as outras crianças podiam brincar lá fora, mas eu tinha que ficar ali com meus pais, interpretando as conversas chatas. Pra mim não fazia o menor sentido. Mas eu ficava ali conversando, porque tinha que obedecer a meu pai, eu sempre estava interpretando, caso contrário, ficaria de castigo. Assim, eu sempre interpretava. Todos os momentos das reuniões de família, de amigos.

[1 – 28:00] Meu pai me pedia para ir comprar, ele fazia assim: Ele dizia: você pode comprar {classificador de **lâmpada enroscar**} algo por cima da lâmpada para enroscar no teto}. Se eu perguntava o que é isso, ele ficava nervoso. Eu simplesmente dizia: Tá, ok. Daí eu ia comprar, chegava lá na loja de materiais de construção e pedia o que eu tinha entendido. Perguntava assim: Você tem um, um objeto que a gente coloca por cima da lâmpada pra ela funcionar, de número 20 ou 40 [...]. Mas quem não entendia era o vendedor. Ele me perguntava: Como assim? O que é isso? Qual o nome? Eu não sei, dizia. Mas é uma coisa de tal formato e tem dois pontinhos e é pequeno assim, mais ou menos [...], mas eu não sabia o nome.

As lembranças de Kauê mostram que o uso da língua de sinais era natural na sua família. Ele aprendeu a língua de sinais com seus pais surdos. Esse é um dos traços fundamentais que constituem o Coda – a aquisição da língua de sinais como primeira língua é mais forte. Diferentemente da experiência de vida da Nina, Kauê sempre foi intérprete para seus pais. A discussão sobre as questões do Coda intérprete ficarão para um dos próximos núcleos de significação. Por ora, discutiremos sobre as narrativas que marcam a maturidade precoce de Kauê, tema deste núcleo.

Logo no início da narrativa, na primeira entrevista, ele expõe com toda segurança sobre o uso cotidiano da língua de sinais, em casa, com seus pais. Ele afirma que não houve dificuldades em aprender a Libras, pois os pais usavam-na como língua na comunicação e interação entre o casal. Kauê é o filho mais velho. A língua portuguesa foi apreendida logo após a primeira, pelo fato dos seus avós maternos residirem próximo à casa dele. O ambiente foi favorável para a aquisição da língua, pois ela se dá de modo natural, no cotidiano. Aos poucos Kauê percebe que sabe sinais, e sem se dar conta de como aprendeu, os diálogos com seus pais acontecem de forma natural. Essa maturidade precoce em aprender duas línguas, quase ao mesmo tempo, com modalidades diferentes, em dois mundos culturais diferentes é uma marca da maioria dos Codas.

A grande maioria dos bebês são expostos a uma língua oral, a língua de seus pais ouvintes. Poucos pais, mesmo aqueles com possibilidades financeiras, oportunizam aos seus filhos mais de uma língua enquanto são bebês ou crianças. Geralmente é na escola que a criança é exposta a uma segunda língua oral. No caso dos Codas, a realidade é

bem diferente das crianças ouvintes filhos de pais ouvintes. Há uma enorme exposição a duas línguas diferentes: uma delas privilegiando a visão e a outra a audição. Com isso, há enormes possibilidades no desenvolvimento intelectual, da linguagem e do intelecto do Coda.

Vygotsky diz que “[...] o crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (VYGOTSKY, 1993, p. 44). Nina, Kauê, Guaracy e Kayke tiveram um desenvolvimento de linguagem adequado, pois a língua de sinais foi adquirida como primeira língua, e a língua portuguesa veio em seguida. São Codas bem-sucedidos, com trajetória acadêmica e profissional admiráveis.

Rego (1999, p. 71) é enfática ao afirmar que “[...] a criança só aprenderá a falar se pertencer a uma comunidade de falantes”. Os pais de ambos os Codas são falantes naturais da Libras, e para os filhos a língua de sinais é a língua de herança.

Kauê é um filho obediente e dócil. Não há questionamentos em relação a seus pais. Não há comportamentos de aborrecimentos ou má vontade, por parte do filho. A vontade dos pais sempre prevalece. Kauê aceita os conselhos dos pais de forma resignada, mesmo sem ter vontade de ficar interpretando conversas de adultos nas chatas reuniões de família, prefere brincar lá fora com os primos.

Essa condição singular de Coda para Kauê nem sempre foi um “mar de rosas”, pois, embora as suas experiências tenham permitido importantes aprendizados e crescimento, também impuseram dores e sofrimentos.

No episódio da compra da lâmpada, podemos perceber a educação rígida do pai quando o assunto era mandar

Kauê comprar algo. À época, os sinais da Libras eram compostos por classificadores⁸⁵ bem mais do que temos hoje. Os classificadores estão presentes nas línguas orais e nas línguas de sinais. No caso da língua de sinais eles imitam o objeto, pessoa, animal e muitas outras situações, por meio das expressões faciais e corporais. São elementos linguísticos que fazem parte da Libras e são de fácil compreensão, mesmo para pessoas que não conhecem a língua.

Aqui, concebe-se o termo heteroglossia, usado por Bakhtin (1988), na sua concepção de que a língua não é estanque, hegemônica, acabada, mas sim, a língua é viva, num contínuo movimento em mudanças sem fim, causado por influências socioideológicas no tempo e no espaço. Nesse sentido, a Libras se desenvolveu expressivamente nos últimos vinte anos, nas comunidades de surdos, usuários da língua de sinais. Além disso, o seu *status* atual na academia a faz um objeto de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento.

Da mesma forma, a idade, as experiências e interações com usuários da Língua Portuguesa, não davam oportunidade à Kauê de trazer um repertório mais elaborado na Língua Portuguesa. Isso fez com que ele não soubesse pedir ao vendedor da loja, pelo termo adequado, o que seu pai tinha pedido. Kauê não sabia o termo em Português. Seu pai também não o sabia. Era necessário o termo correto para que o vendedor entendesse o que Kauê queria comprar. Cada vez que Kauê chegava em casa com o produto errado, seu pai

⁸⁵ Classificador na Libras: podemos considerar como um elemento linguístico de imitação ou mímica de objetos, pessoas, animais, entre outras possibilidades.

ficava nervoso. Até ao ponto de ele próprio ir com Kauê à loja e apontar para o produto que precisava.

Essa atribuição de mediador entre seu pai e o dono da loja não era um papel fácil de desempenhar. Seu pai era exigente. Foi a duras penas que Kauê conseguia satisfazer as ordens de seu pai. Kauê era um filho solícito, de boa vontade para deixar seu pai satisfeito. Isso era importante! Reiteramos que não estamos falando do papel de intérprete de Kauê, cujo tópico será discutido mais adiante.

Aqui temos um Coda diligente, prestativo para com seu progenitor. Ele sempre dava razão ao ponto de vista do pai, não do ouvinte vendedor. Isso custava esforço dobrado, muitas vezes, pois a sociedade não conhecia o surdo. A língua de sinais era vista com mais preconceito à época.

A aquisição das duas línguas – Libras e Português – se dá desde o início da sua infância. Na casa de seus pais surdos é a língua de sinais que tem pleno curso entre eles, cujas benesses são usufruídas pelo menino Kauê. Já a língua oral é adquirida ao mesmo tempo, na casa dos avós maternos, que moram próximo, talvez no mesmo pátio. Entre idas e vindas, Kauê cresce bilíngue, mesmo não se dando conta desse privilégio, inicialmente. Ambos os ambientes são naturais e favoráveis à aquisição de línguas. Nesses espaços linguísticos, Kauê se sente tranquilo quanto às interações usando línguas diferentes e de forma inconsciente, a princípio.

Apenas mais tarde se dá conta das duas línguas e das suas diferenças. Essa é uma outra marca da maturidade precoce na constituição dos Codas, isto é, serem bimodais bilíngues. Bimodal no que se refere às modalidades diferentes, ou seja, da Libras ser visual-espacial e do Português

ser de modalidade oral-auditiva. Quanto ao serem bilíngues, é pela aquisição das duas línguas em si, de maneira natural.

Como relatam Bogaerde e Baker (2008, p. 99, tradução nossa)⁸⁶ sobre a aquisição de duas línguas pelos Codas, pois “[...] sabe-se que a aquisição da língua de sinais ocorre da mesma maneira geral que a aquisição da língua falada, no que diz respeito ao tempo e às propriedades universais”. Elas dizem que os Codas não apenas aprendem a língua oral com seus parentes e amigos ouvintes, mas também com seus pais surdos, usuários da língua de sinais, pois, em família, em casa, muitas falas e oralidade também acontecem, além da língua de sinais. Muitos pais surdos são oralizados e sabem o suficiente para uma comunicação oral padrão. Isso influi significativamente na aquisição da língua oral dos filhos Codas, pois podemos dizer, de certa forma, que os pais também são bilíngues bimodais.

Ao discorrer sobre a apropriação da língua materna, Riestra (2018)⁸⁷ diz que crianças que têm o contato com mais de uma língua terão, elas mesmas, a possibilidade de decisão sobre a sua primeira língua. Em situações de apropriação da língua materna na mais tenra infância, o bebê será encantado pelas relações dialógicas na língua dos seus pais, que, de forma positiva e prazerosa, nas interações com a língua falada ou sinalizada, cativará e estimulará o bebê na

⁸⁶ Sign language acquisition is known to take place in the same general way as spoken language acquisition, with regard to timing and universal properties. (BOGAERDE; BAKER, 2008, p. 99).

⁸⁷ RIESTRA, Dora. Professora da Universidad Nacional de Rio Negro, Argentina, convidada para o curso na pós-graduação da FFC na Unesp/Marília, maio de 2018. Apontamentos de sala de aula. Registros pessoais do autor.

aquisição de duas ou mais línguas, possibilitando-lhe vivências na condição de sujeito bilíngue e bicultural.

De acordo com os estudos de Bakhtin e Volóchinov (2014, p. 104): “[a] palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério”.

Este postulado é uma afirmação clara da intimidade da nossa primeira língua, a palavra nativa, a primeira língua apropriada, como uma expressão profunda da alma humana, que é o outro que nos constitui, ou ainda, como uma roupa que é íntima à nossa essência, próxima ao nosso corpo. Ambas se encaixam em sintonia perfeita de tal forma que farão parte da nossa constituição e essência para toda a vida. Portanto, é a língua e são as pessoas que nos constituem no que somos hoje.

Seguimos para nosso próximo excerto do participante Guaracy, como lemos:

Guaracy [1 – 00:00] As memórias que tenho são quando meus pais começaram a me ensinar Libras. Eles mostravam o objeto, mostravam a geladeira, a televisão e faziam o sinal da geladeira e da televisão. Sempre quando ia pedir alguma coisa e eu não sabia o sinal, eu mesmo ia lá e mostrava o que queria. Essas imagens são muito fortes em minhas memórias. Por exemplo, eu queria comer macarrão, estava com vontade de comer macarrão, daí ia lá e apontava o macarrão. Daí meus pais mostravam o sinal. Numa segunda vez, eu já fazia

o sinal. Assim ia aprendendo com eles. Tinha aproximadamente 3 anos de idade, então. Lembro que eu descobri muito cedo que precisava fazer sinal para minha mãe, para receber retorno dela. Devo ter à época 1 ano e meio de idade. Pois sei que ela me respondia com sinais, e não adiantava falar para ela.

Guaracy é um menino cheio de vida, cujos pais são práticos no ensino da Libras. A narrativa inicia logo com marcas da sua memória. Os pais se preocupam em ensinar os sinais dos objetos de casa, como geladeira, televisão, macarrão. O filho sabe se virar para mostrar aos pais o que quer. Situações, como tais, marcam profundamente sua infância e a forma como se comunicava com seus pais. Já cedo, percebeu que não adiantava falar ou gritar para sua mãe, pois ela não respondia. A comunicação só era possível pelos sinais, pela visualidade.

Essas e outras marcas alicerçam os traços da maturidade precoce de Nina, Kauê, Kayke e Guaracy. Nada de sobrenatural ou de superdotação herdada, mas sim fruto de uma infância vivida na essência da língua, da cultura dos seus pais e em família. Outras narrativas poderiam ter sido adicionadas ao tema discutido, cujos tópicos constituídos pela similaridade, complementaridade ou pela contraposição, acrescentariam ao nosso entendimento desse núcleo de significação. Poderiam também ter sido adicionadas aos objetivos do estudo, isto é, de discutir sobre o desenvolvimento linguístico, familiar, educacional e social; e específico, analisar as marcas de uma maturidade precoce na constituição epistemológica dos Codas.

Na sequência, apresentaremos e discutiremos o próximo núcleo de significação, dando voz aos Codas, que contam como, desde a infância, foram se constituindo bilíngues – com a língua de sinais e a língua oral –, formação de suas identidades e as travessias pelas duas culturas.

4.2 FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS CODAS COMO SUJEITOS BILÍNGUES E BICULTURAIS

Nossa herança bilíngue e bicultural fornece uma fonte única de análise e compreensão do leque de experiências humanas. Paul Preston – Coda

A identidade de uma pessoa é a parte mais profunda do seu ser, constituindo a própria essência. A identidade é formada por diferentes interesses, gostos, possibilidades, sentimentos, impressões, olhares, entre muitos outros. Os Codas adquirem a sua identidade com a influência ora da língua e da cultura surdas, ora da língua oral e da cultura ouvinte.

A partir das narrativas dos participantes, observamos fatos que contribuíram para a formação da identidade deles e para a constituição como sujeitos que cresceram bilíngues, tendo a Libras como língua materna e a Língua Portuguesa como uma segunda língua. Ambas foram adquiridas concomitantemente, a língua de sinais por imersão natural, a partir das interações com os pais surdos e comunidade surda que se comunicavam em língua de sinais; a Língua Portuguesa na modalidade oral em contato com avós, ouvindo rádio ou assistindo à TV e na escola, e a modalidade escrita da Língua Portuguesa na escola, de maneira formal.

Traremos excertos das falas de Nina, Kauê, Kayke e Guaracy, que contam como a língua de sinais faz parte de sua vida, desde o nascimento. Os participantes não têm a consciência de quando começaram a usá-la, porque é muito natural a comunicação em língua de sinais em suas vidas. O visual prescinde do oral.

Excerto da narrativa de Nina:

Nina: [2 – 07:12] Minha mãe abria os livros diante de nós três irmãos, e ela contava as histórias. Meu pai não contava histórias, mas minha mãe contava histórias. Ela lia as gravuras e a partir daí contava as histórias. Ela era analfabeta no Português. Ela mostrava um passarinho e sinalizava:

– {**Olha o passarinho. Que lindo. Que cores lindas nas penas**}.

Assim, não prestava atenção nos cantos dos passarinhos, mas nas expressões visuais, formas, cores. Outro dia vovó me perguntou:

– Você viu que o passarinho canta?

– Não, não vi que ele cantava.

Para mim ele grita e não canta. Cantar era outra coisa, pra mim. Nestes e noutros aspectos eu vejo que Coda é diferente. A gente é diferente.

[1 – 51:12] Libras veio um pouco antes. É uma língua visual. Contato primeiro por ser filha de pais surdos. Eu via a outra língua. Mas eu acho que foi simultâneo. Claro que me sinto mais confortável em língua de sinais, noutros momentos em Português. Mas na maioria é no silêncio. No silêncio visual.

[1 – 1: 07:12] Já vi muitos depoimentos de muitos Co-

das que tiveram dificuldades com a Língua Portuguesa. Engraçado. Eu não tive dificuldade em escrever. O processo para mim foi muito tranquilo. Eu acredito que pelo fato da minha mãe usar gravuras e livros de imagens para contar estórias para mim e meus irmãos na infância, isso me ajudou muito. Eu gostava. Lembro que na sala de aula eu era uma das primeiras a aprender a ler. A minha mãe já mostrava as imagens em casa, mas na sala de aula que aprendi a leitura. Foi rápido. Fui uma das primeiras a aprender a ler. Lembro disso. Não tinha dificuldades. Eu gostava de ler. Não tive dificuldades com a leitura. Não tive dificuldades com a escrita. O mundo das letras foi um processo muito tranquilo pra mim. Meus irmãos tiveram um pouco de dificuldades, mas eu não.

A mãe da Nina não foi alfabetizada na Língua Portuguesa, mas, por meio das imagens, lia para seus filhos. Ela não frequentou a escola. Antes da década de 1990, muitos surdos não frequentavam escola. A única metodologia utilizada nas escolas para ensiná-los era a oral, o que, à época, era o renomado oralismo, cujo objetivo era a reabilitação da audição e da fala. Skliar (1997, p. 111) explica que: “[...] medicalizar a surdez significa orientar toda a atenção à cura do problema auditivo, à correção de defeitos da fala, ao treinamento de certas habilidades menores, como a leitura labial e a articulação [...]”. A escola parecia mais uma clínica pelo seu foco voltado bem mais para um tratamento da fala do que para ensinar e aprender. Os professores estavam no papel de quase médicos e terapeutas da fala, e os alunos eram vistos como pacientes.

Todo o insucesso escolar recaía sobre o próprio aluno surdo, não nas metodologias inadequadas utilizadas pela escola, nem sobre os professores e suas práticas estéreis. Da mesma forma, na escola não havia uma língua comum de interação que possibilitasse a aquisição de conhecimento, diálogos, e muito menos do conteúdo escolar. Eram anos de aprendizado aparente, o aluno surdo não aprendia a falar e nem aprendia os conteúdos acadêmicos. A escola era traumática, cansativa e enfadonha.

O paradigma era o da integração, no sentido de que o aluno surdo deveria se adaptar à maioria para que conseguisse participar da escola e da sociedade. Ele era o responsável, tão somente para a efetividade da sua integração na escola e sociedade. À época, não se falava em inclusão, muito menos de uma concepção social e educacional de inclusão, como está constituída nos dias de hoje.

A partir da década de 1990, a discussão a respeito da Educação Especial é centrada no processo de inclusão. Para Omote (2004, p. 3): “[...] certamente a proposta de inclusão implica algumas profundas mudanças na concepção de educação”. Hoje, o entendimento que se tem é o de que a escola precisa se transformar para receber todos os alunos, independente da sua condição.

Na contemporaneidade, temos farta documentação legal que fundamenta a educação de surdos, que vem sendo construída por uma longa trajetória. Citamos a Declaração de Salamanca, em 1994, por exemplo, que foi um marco inicial para muitos países na questão da acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência, inclusive para o Brasil. Essa declaração é chancelada pela ONU, na qual o Brasil é signatário. De maneira específica, em nosso país,

temos também estabelecidas muitas leis e políticas voltadas para a educação de surdos e a inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiência. Citamos apenas algumas, a fim de registro: a Lei da Acessibilidade 10.098, de 19 de dezembro de 2000; a Lei da Libras, Lei 10.436, de 24 de abril de 2002; o Decreto 5.626/2005; o Plano Nacional de Educação; a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/2015 (BRASIL, 2005, 2014, 2015), que orientam para que o aluno surdo, no seu processo de escolarização, receba nas escolas do ensino comum, ou classes especiais, ou escolas especiais, uma educação bilíngue que garanta o uso da língua de sinais, como língua de instrução, em sala de aula e o aprendizado da Língua Portuguesa com estratégias de ensino como uma segunda língua. A mãe de Nina certamente não teve acesso a uma escola acolhedora e foi obrigada a abandonar os estudos no início do Ensino Fundamental, sem a apropriação da leitura e da escrita.

O episódio do passarinho cantando, narrado por Nina, evidencia que suas experiências com a oralidade e percepções sonoras eram diferentes das de uma criança filha de pais ouvintes. Quando Nina diz que pensava que o passarinho gritava e não cantava, certamente era o que percebia. Nina ouvia o passarinho, mas seus pais não. Eles não diziam “escuta o canto do passarinho como é lindo”, porque essa é uma experiência de quem ouve. O som, certamente, não estava na lista de prioridades dos pais da Nina, até porque a língua que usavam não tem as mesmas características de uma língua oral.

A percepção do canto para surdos é diferente daquela dos ouvintes. As concepções dos pais surdos sobre o pas-

sarinho são fundamentadas nas características visuais, nos diferentes *inputs* que recebem visualmente, que são repassadas e ensinadas aos filhos. Para os filhos ouvintes de pais ouvintes, o ponto de vista do aprendizado vem por outro viés, ou seja, o auditivo.

Os pais ouvintes ouvem os sons do que chamam de canto do passarinho. Os pais chamam a atenção a respeito do canto e o ensinam para seus filhos. Eis um ponto de vista diferente, não inferior ao outro. Uma concepção visual e outra concepção auditiva. Ambas, porém, vêm com informações garantidas importantes e que constituem uma perspectiva, uma visão outra sobre o passarinho, que não a auditiva. Eis um exemplo potente da linguagem dando sentido às experiências, ou seja, os processos de significação, na qual a avó de Nina deu a entender o som produzido pelo passarinho, que para Nina não tinha o mesmo significado. Neste sentido, vemos aqui a proximidade da cultura surda com a dos Codas. Essa proximidade entre ambas é devido à mesma língua e visão que constroem. Diferentemente, para o mundo ouvinte, a visão das coisas e suas concepções estão baseadas na audição e na visão.

Pratt (2000) confirma a ideia dos dois mundos, pontuando que o universo surdo e ouvinte marcam as fronteiras dos Codas, que define zonas de contato como aqueles espaços sociais em que as culturas se encontram e se constroem em linhas de diferenças, em contextos assimétricos de poder.

Respalhando essa concepção, Quadros e Massutti (2007, p. 248) afirmam que:

São nas convivências, no cenário cotidiano, que os sentidos e as operações tradutórias vão sendo exigidas dos sujeitos envolvidos nas relações de grupo, desafiando linguagens e articulando a língua dentro dos laços culturais. Os Codos, desde a sua tenra idade, aprendem que nem sempre o princípio de equivalência linguística é possível, trata-se de mundos diferentes e que tornam abissais as diferenças.

Nesse recorte de vida narrado por Nina, fica evidente a sua diferença em relação aos demais filhos que crescem em uma família de ouvintes. São marcas que constituem os Codos de modo singular, com percepções outras, mas que não os fazem menos do que os outros filhos. Ao contrário, elas lhes acrescentam informações e percepções que vão além do padrão para o ser humano, as quais constituem suas identidades.

As próximas narrativas são de Kauê. Suas experiências em atuar como mediador entre seu pai e os ouvintes lapidaram sua identidade bilíngue e bicultural.

Excertos das narrativas de Kauê:

Kauê [3 – *E-mail* 23 de junho de 2019] Recordo que durante a infância algumas perguntas como pertencimento identitário ainda não existiam pra mim. Eu me via como uma pessoa que possuía uma habilidade que me diferenciava dos demais, por ser extremamente natural pra mim saber Libras. Porém, conforme fui crescendo, comecei a me identificar com a comunidade surda e me sentir meio {“**surdo**”} proporcionalmente ao entender como era estabelecida, em torno dos 13/14 anos.

[2 – 15:16] Não, não precisei fazer fono [...] A minha fala foi natural.

A experiência que fui adquirindo, às vezes eu preciso me comunicar em Português, mas eu acredito que em Libras eu possa expressar mais as situações de emoção. Quando estou tímido prefiro conversar em língua de sinais, e ela quebra um pouco essa timidez, é onde me sinto muito mais à vontade e eu me expesso. Há coisas que diria em língua de sinais e que não diria em Português. Me vejo expressando mais eu. Até hoje, minha preferência é usar a língua de sinais, dependendo da situação. Mas em língua de sinais sou mais natural. Por exemplo, esta entrevista é feita em vídeo. Algumas vezes, uso as mãos, não sei se estou me controlando para não falar em Libras ou falando naturalmente. Dependendo da situação acabo falando em Libras ou mais em Português. Se falo com um ouvinte que não sabe muito a língua de sinais, eu uso mais o Português do que os sinais. Se o ouvinte sabe língua de sinais, talvez eu usaria mais língua de sinais. Mas eu consigo me expressar melhor em língua de sinais.

As narrativas de Kauê estão próximas às de Nina. Ele narra sobre a sua língua materna e a sua segunda língua, o Português.

Kauê conta sobre a sua primeira língua. Ele deixa bem claro que é a Libras. É nela que se constitui primeiramente, quando está introspectivo, tímido, sozinho. É nela que prefere pensar e se expressar com outros que sabem a língua de sinais. Libras é natural para Kauê, pois sempre foi a língua utilizada em sua casa. Já o Português é a língua

da formalidade, do trabalho, com os colegas ouvintes. É a língua da escola. Kauê não precisou de terapia fonoaudiológica. Aprendeu com os amiguinhos da escola e professores. Assim, ele se tornou bilíngue e bicultural desde a tenra idade.

Trazemos as narrativas de Guaracy:

Guaracy [1 – 02:03] Lembro de outra ocasião, quando nós saíamos. Íamos frequentemente aos domingos para uma praça e ficávamos sentados conversando, eu, meus pais e meus dois irmãos mais velhos, e muitas pessoas ficavam olhando e outras curiosas perguntavam:

– “O que vocês estão conversando?”

– “O que é isso?”

– “Que tipo de língua é essa?”

Naquele tempo não se sabia muito sobre a Libras. Isso foi em 93, 94. Se hoje a Libras precisa ainda mais do uso e da difusão, imagina no século passado.

Então, me lembro bem das vezes que íamos passear na praça. Passava um carro, uma bicicleta, passava alguma coisa, meus pais apontavam e me mostravam como era o sinal. Por meio da vivência na aquisição da Libras, era assim que meus pais me ensinaram a língua de sinais.

Esses momentos são importantes para mim, quando penso na minha infância quando comecei a aprender Libras.

Domingo era o dia de passear com a família, de reencontrar outros surdos que usavam a língua de sinais. Havia uma profunda e íntima identidade nos vínculos entre esta minoria. Havia muito que conversar, atualizar, apren-

der, enfim, trocar. Os Cudas estavam no meio. Corriam pelos espaços e brinquedos da praça. Todavia, os pais do Guaracy tinham um objetivo a mais, apresentar o mundo aos seus filhos pela língua deles. Há intenção no ensino dos pais. Há comprometimento. É tudo muito divertido. A aprendizagem da língua é prazerosa em meio às demais crianças de outras famílias ouvintes. Há um orgulho dos filhos pelos pais que usam as mãos para se comunicarem. Esses passeios aos domingos marcaram para sempre a vida de Guaracy.

Em sua autobiografia, Reppert (2016, p. 106) afirma sobre sua constituição bilíngue: “Sim, acho que sou e sinto que sou ouvinte e surdo, como um sapo que pula de um lado para o outro, entre terra e água, à vontade nos dois mundos”⁸⁸. Lembramos aqui de Pratt (2000) e de Quadros e Massutti (2007), que mencionam as fronteiras dos Cudas, cujo encontro de duas línguas de modalidades diferentes suscita aos seus usuários. Igualmente, lembramos de Faraco (2009), que explicita Bakhtin com a concepção de fronteira da dialogia, cuja arena é o lugar de trocas de palavras e contrapalavras, ideias e conceitos que os sujeitos trazem e levam na sua constituição de humanos. É um espaço de escambo da essência do ser humano.

Os dois mundos dos quais trata Reppert (2016) são o mundo dos surdos e o dos ouvintes, tendo a apropriação de duas línguas e duas culturas, que se somam à capacidade do

⁸⁸ Yes, I guess I am, and I feel like I am both hearing and deaf, like a frog that hops back and forth between land and water, at ease in both worlds. (REPPERT, 2016, p. 106).

Coda de se posicionar tanto no lugar do surdo, quanto no lugar do ouvinte.

Na concepção de Riestra (2018) sobre a apropriação da língua materna, ela sustenta que crianças que têm o contato com mais de uma língua terão, elas mesmas, a possibilidade de decisão sobre a sua primeira língua. Em situações de apropriação da língua materna na tenra infância, a criança será cativada pelas relações dialógicas na língua dos seus pais, que, de forma positiva, nas interações com a língua falada ou sinalizada, cativará e estimulará o bebê na aquisição de duas ou mais línguas, possibilitando-lhe vivências na condição de sujeito bilíngue e bicultural.

Podemos afirmar que é o aspecto emocional, o afetivo, o agradável que irá atrair o bebê para apropriar-se da sua primeira língua. O impulso biológico é a motivação primeira. Por exemplo, a mãe oferece uma mamadeira na hora que a criança estiver com fome. O alimento trará saciedade e satisfação ao bebê. Nesse ambiente, nas interações dialógicas é que acontece a apropriação da língua materna. São lembranças felizes que permanecem para a vida toda.

Os autores Maturana e Rezepka (2003), numa publicação intitulada *Formação humana e capacitação*, consideram que a identidade não é uma propriedade fixa, porém, uma maneira nas relações de viver, conservada no convívio com os demais seres humanos. Posto isso, podemos afirmar que o convívio dos Codas com seus pais beneficia os filhos com a visão dos pais surdos, suas percepções de vida, assim como a língua e a cultura. A identidade é constituída no convívio com os outros.

Na narrativa de Kayke, a seguir, fica clara a sua relação com a associação de surdos, entidade fundada por seus pais, e a convivência com outros surdos.

Kayke [1 – 00:00] O que marcou muito e tenho muito essa lembrança. A minha constituição dentro de associação de surdos, na Associação de Surdos de Vitória, fundada em 1989. Meu tio foi o fundador e minha mãe foi secretária. Os meus amigos estavam ali. Tinha bilhar na época, era baralho, sinuca, eram brinquedos que eu não tinha em casa, não tinha na rua, mas tinha na Associação. Viagens eram muito bacanas, pois os surdos se encontravam muito em clubes, então era piscina. Pra infância era tudo isso e meus pais estavam sempre ali, porque a gente se comunicava em língua de sinais e isso marca muito a minha infância. Conheci muitos lugares por causa da Associação, pois acompanhava a Associação em eventos esportivos. A minha história o que me marca é isso, meus pais, meu crescimento em Associação.

É na associação de surdos que Kayke se constitui. Ele mesmo afirma essa marca. Lá, os outros Cudas corriam soltos e brincavam entre si, cujas horas passavam voando. Lá é o espaço linguístico essencial da língua de sinais e da identidade dos surdos. Os Cudas, em simbiose com a língua e cultura, as absorvem naturalmente, que os constituem dessa forma. A associação de surdos também é o espaço de adquirir muitas informações, de atualizações, de trocas e de aprendizagem. Tudo isso é muito divertido e

o mundo se abre para muitas possibilidades, em especial quando os surdos viajam em grupo. Para o próprio Kayke, a associação de surdos é uma marca da sua constituição bilíngue bicultural.

Em referência ao processo de constituição da linguagem dos Codas, é importante mencionar que, em geral, se formam pela mesma língua dos seus pais surdos – a língua de sinais –, pois ocorre em um ambiente prazeroso, harmonioso, familiar, ou seja, em casa. As emoções são estimuladas por sentidos que fazem aflorar as interações entre pais e filhos. As interações entre os pais surdos e os filhos ouvintes são feitas por meio da língua comum a todos, a língua de sinais, que é a nativa dos Codas. Enfatizamos que a língua de sinais é a comunicação natural, eficiente, que se realiza sem erros ou preconceitos, pois ela é a língua comum a todos na família dos Codas.

Ainda mediante estudos de Bakhtin e Volóchinov (2014), podemos afirmar que a língua e a cultura estão social e intrinsecamente imbricadas, por isso não podemos analisá-las separadamente. Elas se relacionam mutuamente pela dialogia, na medida em que refletem e refratam o homem e os seus processos sociais. Nessa concepção, a língua não é um sistema fixo; ela se apresenta como uma corrente ininterruptamente em desenvolvimento, caracterizando-se como um “[...] processo contínuo de transformação linguística” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 94), isto é, com mudanças a cada instante. A língua muda conforme o tempo. Ela só existe dentro da ideologia e tem sentido vivencial, posto que é prática concreta e faz parte da vida das pessoas.

Não são as regras e os princípios formais e frios que despertam a consciência da linguagem e da fala em nós. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 2014, p. 99).

O que ficou mais evidente na narrativa da Nina é a sua percepção visual do passarinho e não o canto sonoro, e pergunta: – Que canto? Quanto ao Kauê, sua narrativa diz respeito à constituição interior da sua língua materna – a Libras –, enquanto a sua segunda língua – o Português – é mais para o uso na sua profissão com o mundo ouvinte e para a formalidade.

Kayke afirma uma marca da sua constituição – a associação de surdos – onde ele se encontrava com outros Codos e as brincadeiras entre eles eram muito divertidas, assim como as viagens dos surdos em grupo, pela associação. Guaracy era levado pelos pais, aos domingos, até a praça. Lá, se encontravam com outros surdos e outras crianças. Era muito divertido e aprendia os objetos pelos sinais que os pais mostravam.

Essas e outras marcas alicerçam os traços da formação dos Codos Nina, Kauê, Kayke e Guaracy como sujeitos bilíngues e biculturais.

Na sequência, apresentaremos e discutiremos o próximo núcleo de significação, dando voz aos Codos que nararam o orgulho sobre seus pais como cidadãos de direitos em sociedade e o seu orgulho pelos seus pais.

4.3 ORGULHO DOS PAIS COMO CIDADÃOS DE DIREITOS EM SOCIEDADE

Comecei a escrever sobre meus pais. Aprendi tremendamente sobre a vida. E acabei encontrando muito sobre mim mesma. Lou Ann Walker – Coda

O sentimento de orgulho enquanto pessoa surda implica uma identidade constituída e assumida, altivez no uso da língua de sinais e nas relações com outros surdos da comunidade surda e da sociedade ouvinte. O orgulho de ser surdo é constituído de uma consciência enquanto ser humano no mundo e na sua capacidade de enfrentar os percalços da existência como as demais pessoas da sociedade ouvinte. Por isso, trazemos inicialmente reflexões acerca de um termo importante na constituição da identidade surda, denominado de “ser surdo”. Ela se reflete no orgulho enquanto cidadão surdo, pai e mãe de filhos ouvintes. Reflete as representações das lutas e da militância dos movimentos do povo surdo.

O pesquisador surdo britânico Paddy Ladd cunhou o termo *deafwood* (na língua inglesa), em 1990, o qual é traduzido e usado no português brasileiro como “ser surdo”, ou “surdidade” em Portugal. O autor objetiva trazer um significado díspar, que não uma visão clínica de deficiência e de necessidade de reabilitação, de restauração da pessoa surda usuária de uma língua visual. Para ele, os surdos não são como as pessoas idosas que já perderam a acuidade auditiva, ou vistos como se fizessem parte do grupo dos deficientes auditivos. Entretanto, os surdos se constituem a “[...]”

verdadeira natureza da existência coletiva de surdos que foi dada como invisível” (LADD, 2003, I 280).

Ladd (2003, I 291) postula:

Ser surdo não é visto como um estado finito, mas como um processo pelo qual os indivíduos surdos passam a efetivar sua identidade surda, postulando que esses indivíduos constroem essa identidade em torno de vários conjuntos de prioridades e princípios ordenados de forma diferente, que são afetados por vários fatores, como nação, época e classe⁸⁹.

Ladd, ao discutir o termo cunhado por ele, descreve-o como uma jornada que se inicia a partir da descoberta da surdez e da visão clínica até o patamar conquistado da existência de ser surdo, ou seja, da surdez ao ser surdo. O autor coloca a identidade como processo, algo que precisa ser construído numa jornada de encontros e significações. A surdez e todos os métodos de reabilitação orais foram um tempo que passou na existência de muitos surdos. Agora estamos num outro estágio da jornada, a constituição da surdidade, isto é, o “ser surdo”. É como se este termo tivesse alcançado um momento de platô na história do povo surdo, das pesquisas, das línguas de sinais e das culturas dos surdos de hoje e das gerações que virão, afirma Ladd.

Ser surdo não é, para Ladd, um termo estático que representa um viés da medicina. Significa toda a sua existência

⁸⁹ Deafhood is not seen as a finite state but as a process by which Deaf individuals come to actualize their Deaf identity, positing that those individuals construct that identity around several differently ordered sets of priorities and principles, which are affected by various factors such as nation, era and class. (LADD, 2003, I 291).

enquanto surdo, reconhecido como surdo, com identidade e cultura de surdo, com sua língua visual nas interações, no seu modo todo de ser, ver, existir e se manifestar.

O pesquisador britânico ainda pontifica que o novo termo “ser surdo”

Afirma a existência de um sentido de ser surdo, tanto no indivíduo como em todo o coletivo, que, como a torrente de um rio contra uma barragem, não pode descansar até que encontre um caminho que o leve ao mar da vida, onde todas as almas humanas são habilitadas a encontrar sua mais plena autoexpressão e a se interpenetrar. (LADD, 2003, I 502)⁹⁰.

Afirmamos que houve uma evolução na compreensão do *status quo* a respeito da pessoa surda como a vemos hoje na sociedade, uma dimensão alargada das percepções, uma visão real, acertada, respeitosa, mais justa e que “talvez represente a fronteira final da humanidade”, conforme diz Ladd (2003, I 548).

Após trazermos o conceito de Ladd, passamos para o tópico do núcleo de significação intitulado “Orgulho dos pais como cidadãos de direitos em sociedade”, onde os Codas apresentam um sofrimento velado, muitas vezes, ao verem os seus pais sendo tratados com preconceito e, também, o orgulho dos pais pelos filhos. O que chamou nossa atenção nos relatos dos Codas coautores foi que o surgimento do

⁹⁰ It affirms the existence of a Deaf sense of being, both within the individual and throughout the collective, which, like a river surging against a dam, cannot rest until it can find a way through that will take it down to a sea of life, where all human souls are enabled both to find their fullest self-expression and to interpenetrate each other. (LADD, 2003, I 502).

preconceito aconteceu concomitante ao ingresso deles na escola. Em casa, conviviam com a família e com outros surdos da comunidade, ambiente onde todos se conheciam e usavam a mesma língua naturalmente. Não viam diferenças e não havia preconceitos.

Todavia, ressaltamos que a visão orgulhosa dos pais e sua compreensão de vida em relação aos filhos fez toda a diferença. Iniciamos com excertos das narrativas de Nina, que traz episódios nos quais ficou evidente que havia olhares preconceituosos permeando as relações:

Nina [1 – 01:17:45] No primeiro dia, minha mãe me levando para a escola, eu senti que as pessoas me olhavam [...] Então, perguntei à mamãe:

– **{Por que estão olhando para mim?}**

Mamãe olhou pra mim e disse, com expressão de orgulho, porque ela sabia da questão de ser surda e dos olhares.

Sinalizando, disse:

– **{Porque você sabe duas: sinais e fala}**

Nós duas nos entreolhamos e havia muito orgulho e satisfação na resposta da mamãe.

– **{Verdade}** respondi.

Daí eu me senti. Ela queria mostrar isso pra mim. Me senti empoderada. Me senti forte. Porque a minha mãe me fez forte. Naquele momento foi importante ela me dizer isso:

– **{Você sabe duas línguas, eles não sabem}**. Minha mãe me fez forte! Mamãe sinalizou:

– **{Eles não sabem}**. **{Eles não sabem}**.

A marca ativa de valor e honra é quando a mãe diz, orgulhosa, que sua filha Nina sabe duas línguas. Os demais alunos daquela escola só sabiam uma língua. Nina, porém, sabia duas. A mãe se referia à Libras e à Língua Portuguesa. Muito sábia a mãe que ajuda a filha a enfrentar os olhares curiosos dos colegas na escola, valorizando a filha, mesmo antes que compreendesse essa questão, que ainda hoje é tema de discussão, enfrentamentos, militância e movimentos.

Essa mãe surda tinha consciência das atitudes hostis, pois certamente já sofrera em relação aos olhares estereotipados lançados pela sociedade, os quais recebera ao longo da sua vida. Nina herda esse mesmo preconceito por ser filha de mãe surda e por usar a língua de sinais em um ambiente totalmente ouvinte, no qual a língua oral era a única a ser considerada. Todavia, ao mesmo tempo em que há a barreira dos olhares, há também um orgulho, um ponto afirmativo, que marca profundamente a relação entre mãe e filha. É a língua. É a língua de sinais que as une. Nina sabe duas línguas e a mãe tem muito orgulho dela por isso.

Libras sempre foi a língua da mãe que contava histórias fascinantes em casa para Nina e seus irmãos. Ela foi a responsável por passar essa língua para seus filhos. Sempre usaram Libras em casa como língua natural, em comum, na família de Nina. Por isso o orgulho pela sua filha.

Neste sentido, Faraco (2009, p. 55) afirma um pensamento de Bakhtin, que diz: “[...] o simples fato de eu ter começado a falar sobre ele já significa que assumi certa atitude em relação a ele”. Os pais falam dos filhos e os filhos dos pais, com orgulho, numa troca dialógica com elo afeti-

vo e de cumplicidade. É um ato responsável na concepção do autor.

Napier (2008, p. 234)⁹¹ se orgulha da mesma forma, assim como Nina, pois cresceu bilíngue. Ela fala desta questão.

É importante reconhecer que, na minha carreira profissional escolhida, tive uma vantagem porque cresci em uma família de surdos. Sou grata e orgulhosa de minha herança e da exposição linguística e cultural que tive devido ao contato com a língua de sinais e a língua oral, enquanto crescia.

Napier deixa claro que se sente grata e orgulhosa pelos seus pais, pois teve privilégios na escolha da sua carreira profissional. O orgulho dos pais é passado para os filhos, cujos exemplos identificam suas vidas, em especial, quando as experiências são marcadas com emoções. Assim, por outro lado, os filhos também se orgulham de seus pais, como vemos nas narrativas de Peter⁹², um dos Codas entrevistados no estudo de Preston (1994, p. 3):

Eu tive muita sorte. Sabe, eu vejo um lado da vida que a maioria das pessoas nunca vê. Aprendi coisas que até

⁹¹ It is important to acknowledge that in my chosen professional career, I had an advantage because I grew up within a deaf family. I am thankful and proud of my heritage and the linguistic and cultural exposure I have had due to growing up with a signed and spoken language. (NAPIER, 2008, p. 234).

⁹² Peter: "I was so fortunate. You know, I saw a side of life that most people never see. I learned things that even today most of my friends still don't know. My life is just so much richer because my parents were deaf. In spite of all the hardships they had to endure, they kept going, kept on. And, most of all, they loved each other, and they love me. What more can you ask for?" (PRESTON, 1994, p. 3).

hoje a maioria dos meus amigos ainda não sabe. Minha vida é muito mais rica porque meus pais eram surdos. Apesar de todas as dificuldades que tiveram que suportar, continuaram. E, acima de tudo, eles se amavam e me amam. O que mais você pode pedir?

Preston, em seu testemunho, mostra-se um Coda seguro, positivo e consciente da sua condição existencial, dos seus pais surdos, do elo afetivo na família, dos valores que lhes foram passados pelos pais. Enfim, se sente sortudo e satisfeito pelos pais que tem.

No excerto da narrativa, o Coda Guaracy também se sente feliz e orgulhoso

Guaracy [1 – 28:25] A criançada gostava muito.

– Nossa, seu pai fala com as mãos. Você sabe falar com as mãos?

Foi neste dia na praça. Daí eu dizia:

– Claro, eu sei falar com as mãos. Eu estava todo feliz e orgulhoso por conta de saber Libras e na comunicação com meus pais. Isso foi incrível.

O orgulho vem do pai que se projeta no filho. Guaracy está feliz porque pode se comunicar com as mãos como seus pais e também com seus amigos ouvintes, que brincam na praça aos domingos. O primeiro orgulho vem dos pais. O orgulho dos filhos volta para os pais.

Em um excerto mais adiante, Guaracy também deixa transparecer o entusiasmo em relação a seu pai e pela profissão escolhida.

Guaracy [1 – 16:43] Sim, principalmente por conta do meu pai. Foi também meu professor de Artes, era

muito preocupado com a educação. Meu pai escrevia muito bem. Lembro de diversos brinquedos, como por exemplo, uma vez me deu um globo terrestre, uma sanfona mesmo sendo surdo. Ele é nordestino e queria que eu tocasse sanfona. Então, tivemos uma relação muito próxima.

E mais adiante acrescenta:

Guaracy [2 – 10:10] Pelo fato de meu pai ter sido professor de Artes, talvez eu aprendi a gostar de cores, de artes, e talvez esse é um dos itens do universo surdo que carrego, que é um universo visual, e pelo fato de gostar tanto de trabalhar visualmente Geografia em minhas aulas.

O pai de Guaracy foi um modelo, um influenciador, e foi referência enquanto pai e pessoa na constituição do filho, bem como na escolha pela área da Geografia e a tendência pela sua capacidade visual. O pai era professor de Artes, cuja profissão influenciou o filho. Em um dos episódios narrados por Reppert (2016)⁹³, ela diz que seus pais surdos estavam com ela em tudo, pois a equiparam para estes tempos. “Eu era a sua criação, o seu orgulho e a sua alegria. Certamente, essa consciência lhes deu sorrisos.”

Vejamos o que Kauê nos traz pelas suas narrativas sobre seus pais.

⁹³ They were with me through it all, for they equipped me for these times. I was their creation, their pride, and their joy. Surely that knowledge prompted their smiles. (REPPERT, 2016, p. 115).

Kauê [1 – 22:11] Alguns surdos iam lá para casa e meu pai sempre dizia, meu filho sabe tudo, meu filho sabe isso, meu filho sabe aquilo, e eles sempre me perguntavam. Para meu pai, tinha um significado muito grande ali. Sempre quando havia alguma dúvida sobre qualquer assunto, eles me perguntavam.

Kauê [1 – 01:06:45] Eu sempre gostei da minha situação (como Coda). Porque nunca vi meus pais como necessitados, coitadinhos. Talvez eu tenha assumido o próprio discurso deles. Eu sempre tinha isso comigo. Não havia nada de mais em saber Libras [...] e na escola quando tinha alguma coisa, eu sempre dizia para as pessoas “eu sei Libras; uso Libras em casa; meus pais são surdos”. E os professores não viam aí algo que pudesse ser abstraído de mim. Não tinham interesse na minha habilidade. Mas eu queria que os outros soubessem que eu sabia Libras, ali na escola, na minha juventude.

Em casa, quando dizia para meus pais que precisava estudar, eles me deixavam. Isso eu percebia.

Mais adiante completa:

Kauê [1 – 04:10] Meus pais sempre me davam conselhos [...]

[2 – 01:04] Penso que pelo fato de querer explicar aos meus pais eu tive essa expressão de interesse no Português.

Todos os excertos das narrativas de Kauê são muito importantes. Cada um aponta para tópicos específicos que renderiam muitas discussões. Entretanto, iremos nos limi-

tar ao t3pico do “o orgulho dos pais como cidad3os de direito em sociedade”. O orgulho do pai pelo filho Kau4. O pai diz que seu filho sabe sobre todos os assuntos. Ele era uma refer4ncia para outros surdos que visitavam sua casa e seu filho ouvinte era incentivado a ajudar na comunica33o dos outros surdos, sob autoriza33o do pai, caso necessitassem. Os pais de Kau4 n3o tiveram oportunidade de estudar, mesmo porque, 3 3poca, o acesso e a legisla33o estavam muito aqu4m das pessoas surdas. Por4m, os pais falavam e incentivavam pelo estudo. Kau4 tinha pleno apoio para estudar, fazer suas tarefas de casa e aprender. Os pais viam no estudo a import3ncia do futuro de Kau4.

Kau4 se sente satisfeito e diferente por saber l3ngua de sinais, tem consci4ncia da sua condi33o como filho de pais surdos, pois seus pais surdos sempre lhe davam conselhos, que n3o eram jogados fora. Da3 temos um filho obediente, amado e que sente orgulho dos seus pais. Os pais t4m muito orgulho do seu filho ouvinte.

Para Vygotsky (1993), o desenvolvimento humano est3 fundamentado na apropria33o do conhecimento por meio das intera33es da pessoa com o meio. Suas concep33es dizem respeito ao sujeito interativo, que adquire conhecimento a partir das rela33es com os demais humanos, bem como nas trocas com o meio. O autor chama esse processo de media33o. Sempre h3 um sujeito que ajuda o outro a aprender, mediar o conhecimento. N3o aprendemos sozinhos. A crian3a se apropria da linguagem, da l3ngua e de todo o conhecimento, sempre por interm4dio de algu4m, segundo Vygotsky.

No excerto da narrativa de Kayke, a seguir, observa-se o orgulho dos pais na responsabilidade de educar e ensinar

seus filhos ouvintes, mesmo que devessem pedir ajuda para outros. Os pais são os mediadores no processo de ensino e aprendizagem dos filhos. É o orgulho que se projeta na responsabilidade.

Kayke [4 – 10:46] Mamãe sempre tentou me ajudar, apesar das suas dificuldades. Eu faço o mesmo com minha filha. Quando ela tem dificuldades escolares, me chama na *webcam* e me mostra. Eu explico pra ela. Tem 9 anos. Minha mãe sempre teve essa preocupação de eu ir bem na fala, no Português. Sempre pagou o meu reforço em Português. Ela sempre procurou me dar uma educação na escola particular e reforço.

Os pais surdos são os modelos para os filhos. Kayke faz o mesmo com sua filha. Tira tempo para ajudá-la nos deveres de casa. Essa atitude é um orgulho para ele, assim como foi para sua mãe. Bakhtin (1992, p. 112) postula que a fala é um ato – o ato da fala – a enunciação, que é um ato único, singular, mas social. Para o autor, a “enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Portanto, os dois teóricos – Bakhtin e Vygotsky – convergem as suas concepções no sentido da importância das relações dialógicas entre os sujeitos, para que se constituam humanos, independente da língua empregada, desde que haja um sujeito que medeia, já que no ser outro é que me constituo.

Kayke, assim como os demais Códas da minha amostra, tem um diferencial na questão do poder aquisitivo, com um padrão de qualidade de vida e de informações que parece estar acima da média nacional. Esse quesito também faz uma diferença na vida dos Códas participantes.

Esses e outros aspectos fundamentam o orgulho dos pais como cidadãos de direito em sociedade, que é refletido nos filhos Codas Nina, Kauê, Kayke e Guaracy, que sentem muito orgulho dos pais surdos.

Na sequência, passaremos para o próximo núcleo de significação, intitulado “Aspectos do processo formativo escolar e universitário”.

4.4 ASPECTOS DO PROCESSO FORMATIVO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

Meu pai imaginou exatamente isso para mim. Estudar, avançar. Ele adora meu trabalho, o que faço. Ele tem o maior orgulho. É meu fã número um. Nina – Coda

Nas entrevistas com os quatro Codas, ficou claro que todos tiveram incentivo e apoio dos seus pais desde cedo para que estudassem. Desde os primeiros dias de escola até a formação universitária seus pais tiveram participação, às vezes mais direta, outras vezes, menos. Não é sem razão que os participantes deste estudo têm uma formação excelente, pois todos possuem pós-graduação *stricto sensu*, sendo dois com mestrado e dois com doutorado. Todos na área das Ciências Humanas. A dialogia nas entrevistas foi de forma muito receptiva e agradável.

A visão dos pais em relação ao seu filho vai além, inclui o futuro. Como diz Amorim (2001, p. 289): “A distinção entre horizonte e ambiente confere aos olhares dissimetria constitutiva, nomeada por Bakhtin como um *surplus* da visão do outro sobre mim”. Os pais surdos tiveram uma visão

excedente, além, sobre seus filhos ouvintes e suas famílias. De acordo com Rodriguero e Yaegashi (2013), a família é o primeiro núcleo das interações do indivíduo. É na família que se iniciam muitos sonhos, um deles diz respeito à formação, cursos e universidade. Os pais são os grandes incentivadores.

Nossos participantes – Nina, Kauê, Kayke e Guaracy – apresentam uma família nuclear formada por pai, mãe e irmãos. Há também tios e primos surdos em todas elas, além de um enorme grupo de amigos surdos. As famílias dos Codas participantes deste estudo se mostraram afetivas na relação com os filhos, com a preocupação de educá-los, conforme os excertos das narrativas que seguem.

Nina [2 – 07:12] Meu pai sempre se preocupava com a questão para que nós, os filhos, tivéssemos acesso à leitura, apesar das dificuldades dele com a língua escrita. Assim, nós tínhamos livros de contos, fábulas, os clássicos infantis em casa.

Minha mãe abria os livros diante de nós três irmãos, e ela contava as histórias. Meu pai não contava histórias, mas minha mãe contava histórias. Ela lia as gravuras e a partir daí contava as histórias.

[1 – 27:50] Por exemplo, a televisão lá em casa, tinha um horário para assistir. Depois de certo horário papai não deixava a gente assistir.

– Papai tinha uma preocupação da influência da televisão sobre nós. Então, ele não deixava a gente assistir.

A visão consciente do pai de Nina sobre o futuro dos filhos é bem distinta, pois era avançada para o seu tempo.

Mesmo apresentando dificuldades com a língua escrita, o pai compra livros de histórias infantis para seus filhos, estimulando a imaginação, os sonhos de futuro e a familiaridade com as letras. Ele sabia que aí residia o futuro dos seus filhos, um tesouro para a vida toda. Esse homem de percepção aguçada sabia da importância do desenvolvimento da língua falada. Ele usava sempre a língua de sinais com seus filhos, em casa, mas eles eram ouvintes e teriam de aprender a língua oral e sua escrita também. Logo os filhos entrariam na escola, e lá as histórias aprendidas seriam muito úteis na constituição de suas vidas. A mãe se incumbia de passar as histórias para os filhos. Ela lia as imagens e as transformava em sinais exuberantes que levavam cores, formas e outros detalhes visuais, deixando os filhos curiosos, aguçando a imaginação deles. Os três filhos aguardavam ansiosos a cada dia por novos episódios. As histórias que a mãe contava eram apresentadas em Libras.

Os livros das histórias contadas pela mãe serviram de base para as mesmas histórias que eram lidas, mais tarde, na escola, em sala de aula com sua professora e colegas ouvintes.

Outro aspecto da narrativa de Nina mostra um pai preocupado com o que seus filhos ouvintes recebiam frente à televisão. O pai não ouvia os sons da TV, mas seus filhos, sim. Havia um horário limite para assistir.

Nina, ainda hoje, lembra da sua primeira professora, do carinho dela. Tem lembrança do primeiro livro, chamado *Barquinho amarelo*, lançado pela editora Vigília Ltda., do qual fez a leitura com muita rapidez. Em casa, procurava os livros mostrados pela mãe, que outrora eram usados para os momentos de história em família. Nina não teve dificulda-

des com a Língua Portuguesa, como muitos Cudas apresentam na etapa da alfabetização.

Ernani: [2 – 12:06] Vamos falar sobre bilinguismo, língua materna, segunda língua. Sua aprendizagem da escrita. Como foi a aquisição do Português? O letramento na escola? Foi sistematizada ou não?

Nina: Tá. Entrei pra escola aos 7 anos e completei 8 anos na primeira série. Não tive dificuldades para aprender a ler. Penso que pela forma que minha mãe buscava ler as histórias nos livros de historinhas, isso me aguçou muito a procurar a leitura. Eu gostava. Eu lembro que na sala de aula eu fui a primeira a aprender a ler.

Ernani: Entendo. Era sua mãe que mostrava as letras pra você pelos livros de histórias.

Nina: Sim. Mas na escola, foi rápido. Eu fui uma das primeiras a ler. Me lembro desse episódio. Eu tive dificuldade. Gostava muito de ler. Eu não tive dificuldade com a leitura. Não tive dificuldade com a produção escrita. Não foi nenhum entrave. O mundo das letras foi uma entrada muito tranquila pra mim. Pouco diferente para os meus irmãos.

Apropriar-se da segunda língua, na modalidade escrita, tornou-se um processo rápido e tranquilo para Nina; foi a primeira da classe a aprender a ler, segundo o relato da professora em um trecho da narrativa de Nina na segunda entrevista. Outrossim, não foi necessário fazer fonoterapia, pois a avó paterna foi seu modelo oral para aprender o Português.

O primeiro dia de Nina na escola não foi tão entusiasta, segundo ela.

Nina [1 – 40:40] Mas, são pessoas, e Deus é muito bom pra gente, mas a escola mostrou pra mim quem eram meus pais. E foi doloroso a forma com que a escola mostrou. As pessoas me olhavam. Mas a escola para mim foi massacrante. Foi para mim e para meus irmãos. Daí começaram as reuniões de pais. Mamãe foi com a minha vó uma vez, minha mãe não entendeu nada. Daí a própria escola falou, a professora falou que meu papai e minha mamãe não precisariam vir mais nas reuniões, porque é difícil. Não entendi por que era muito difícil? Eu levava as questões para meus pais, mas não sabia do que se tratava.

Mamãe disse: **{A escola é burra. A escola não sabe conversar com a gente.}**

A partir daquele momento nunca mais meus pais foram [expressão de decepcionada, indignada]. De vez em quando a minha vó ia.

Há uma profunda decepção da aluna Nina na chegada à escola, no seu primeiro dia de aula. O desencanto com a escola começou para ela e para seus pais. Há uma decepção em relação à percepção dos olhares preconceituosos sobre sua mãe e a língua visível usada com Nina. Lembramos que à época não existiam políticas públicas inclusivas e nem uma consciência social inclusiva e de respeito às pessoas com deficiência, assim como as temos agora. Entretanto, ao mesmo tempo que aconteceram atitudes discriminatórias,

sobreveio também uma marca positiva, da consciência de ser diferente e do orgulho Coda.

A escola é difícil para os pais surdos e para os seus alunos Coda, porque não há acessibilidade nas reuniões com a escola da Nina ou mesmo nos eventos escolares. Não se pensava em língua de sinais nas escolas naquele tempo. O olhar acolhedor e respeitoso falta à escola. Nas palavras da mãe da Nina “...a escola é burra e difícil”.

Anos mais tarde, já no Ensino Médio, Nina afirma que cursá-lo foi fácil, porque gostava de ler e de estudar. Tratou-se de uma época tranquila em que o tempo passou rápido. Após o Ensino Médio, Nina escolhe cursar Pedagogia. Queria ser professora. Foi escolhida pela turma para ser oradora na cerimônia de colação de grau. Na ocasião, Nina homenageou seus pais, conforme segue a narrativa, cujo momento não estava no programa da formatura.

Nina [1 – 1: 20:00] Na hora da homenagem aos pais, eu pedi para interpretar esta parte da formatura. Tinha intérprete presente, mas eu queria interpretar aquela parte. Não estava no cerimonial a minha atuação como intérprete. Mas eu queria fazer isso para meus pais surdos que estavam lá. Aí perguntei:

– Eu posso interpretar a homenagem? Me permitiram e eu subi no palco. Aí, na hora da homenagem aos pais, eu não interpretei as palavras da homenagem, mas conversei em paralelo com meus pais. Eu falei pra eles o que queria falar. Fiz a minha homenagem pros dois. Nós três choramos.

Não lembro de outros detalhes, mas desta frase ainda me lembro, e eu disse:

– {**Mamãe, eu não fui nada daquilo que você sonhou que fosse.**}

Ela falou:

– {**Verdade.**} Ela chorando, mas assentiu sinalizando.

Ela queria que tivesse casado com um fazendeiro, tivesse tido uns cinco filhos, morasse na fazenda [risos]. Eu fugi daquilo que ela sonhava pra mim. Os dois chorando, meu pai falou:

– {**Melhor assim.**} [risadas].

Os demais surdos que assistiam observavam nossa conversa.

Ernani: [1 – 1: 22:45] – Então você é o que seu pai imaginou pra sua vida.

Nina: – Sim. Meu pai imaginou exatamente isso para mim. Estudar, avançar. Ele adora meu trabalho, o que faço. Ele tem o maior orgulho. É meu fã número um.

O excerto da narrativa confirma a concepção madura dos pais de Nina, a respeito de uma formação profissional. Seus pais foram os primeiros professores de Nina. Eles sentem-se orgulhosos pelas conquistas de Nina e, em retribuição consciente, a filha faz essa homenagem de agradecimento. Como a primeira aluna da sua turma na escola básica a aprender a ler e como oradora da turma na colação de grau na universidade, Nina dá um exemplo de superação e de reconhecimento a sua trajetória e a seus pais.

Esse episódio, no momento da formatura, foi um ápice na vida da família, que selou para sempre o elo de amor e de cumplicidade entre eles. Hoje, Nina é professora, com o título de doutora em Educação, obtido recentemente.

Dando continuidade à discussão deste tópico, a fala de Guaracy se aproxima à da Nina. Parece que encontramos pontos em comum, isto é, a escola não consegue se comunicar com os pais surdos e, conseqüentemente, os alunos Cotas também sofrem pela falta de acolhimento.

Guaracy [1 – 57:52] Mas lembro de quando íamos na escola. E na escola tinha reunião de pais e mestres. Nessas reuniões havia agendamento de eventos e outras próximas reuniões. A escola, às vezes, mudava a data da reunião em cima da hora e eu avisava minha mãe sobre a reunião. Depois, a reunião foi postergada pela escola e minha mãe falava assim:

– {**Como assim, a reunião não estava marcada? Esta escola é muito enrolada. Desmarca hoje para amanhã. Isto não pode acontecer**}.

– Ela não conseguia entender muito bem isso.

Esse tipo de situação acontece ainda nos dias de hoje, embora não seja o ideal. A direção da escola reagenda e cancela eventos e reuniões devido a questões que fogem do seu controle. A mãe de Nina não compreende e não se conforma, além do mais, nesse espaço não há acessibilidade para ela, e por isso, a escola é enrolada.

Por outro lado, na vida de Kauê, há o enunciado de uma fala de seu pai, a qual se torna um conselho fundamental paterno, que perpassa gerações e toda sorte de alteridades, em qualquer sociedade, em qualquer tempo. Assim Kauê o recebeu e o vê hoje.

Kauê [1 – 01:08:46] Hoje eu sei por que estava com meus pais surdos.

– Eles não tiveram oportunidade de estudar. Mas sempre me falavam:

{Estude. É importante você estudar; não deixa de estudar}.

– Quando estudava, eles não me chamavam, eles não interrompiam para que eu pudesse estudar. Era um dos poucos momentos, mas não me chamavam. Hoje eles me contam que observavam de longe, e me deixavam quieto. Depois, quando terminava eu era solicitado a intermediar, interpretar pra eles. Claro, havia exceções, mas no geral eles me deixavam estudar.

– Quando dizia que precisava estudar, eles me deixavam. Isso eu percebia. Era diferente dos meus colegas que pediam ajuda para seus pais, com explicações de tarefas, acompanhavam alguma coisa, tiravam alguma dúvida. Eu era sozinho e tinha que me virar nos estudos.

A visão consciente, madura e projetada no futuro dos pais de Kauê equivale à visão dos pais de Nina. Temos aqui uma situação familiar típica, na qual os pais respeitam o tempo de estudo do filho. Na hora de fazer as tarefas de aula, os filhos estudam, sem distrações ou interrupções. Os pais de Kauê foram conscientes, respeitando o filho.

O que Kauê aponta de diferente é que ele não podia pedir ajuda aos pais para a realização das tarefas escolares, pois eles não saberiam auxiliar. Então, ele se virava sozinho com as leituras e a resolução de exercícios. O que marca nas narrativas de Kauê é o estímulo dos pais para que ele se dedicasse aos estudos. Nessa situação, existe um Coda constituindo-se sozinho a partir dos afazeres escolares, mas com todo apoio afetivo dos pais.

Na próxima narrativa, Kauê aponta mais uma diferença, na casa com seus pais, pois frequentava a casa de colegas da escola, e lá observava que a família e o ambiente eram diferentes.

Kauê [1 – 07:27] Depois de algum tempo eu comecei a comparar que em outras famílias, elas conversavam em Português, então era uma forma de convivência diferente para mim. Na minha casa não tinha nada disso. Na minha casa tinha sons próprios de surdos. A gente falando, eu chamando alto, havia sempre muito barulho. [Risadas]. E às vezes eu ia na casa de ouvintes e era um silêncio. Na casa de ouvintes era silêncio. As famílias de ouvintes são mais silenciosas. Percebia que era mais quieta. Aí eu comparava com minha família. Dizia: nossa, minha família é barulhenta. Minha concepção de família é diferente, sabe, de família, de vida, pois há barulho. Quando eu ia na casa de amigos ouvintes, de família que não usava a língua de sinais, eu percebia que lá era mais silencioso e fazia comparações. Como era em casa e como era lá. Minha cabeça ficava imaginando, mas nunca externalizava essa diferença. Mas ficava comigo essa questão, nunca falava para ninguém (sinal de {ironia} com o dedo médio no meio e em cima da cabeça) sobre isso.

O silêncio é um requisito padrão para quem estuda. Sons e outros barulhos no ambiente de estudo podem tornar o aprendizado muito complicado. Tanto na realização das tarefas escolares sozinho sem apoio dos pais, bem como

em um ambiente cheio de sons que distraem, são dois aspectos que podem perturbar a aprendizagem, desmotivando o aluno à concentração acadêmica necessária. Chamamos a atenção aos dois aspectos mencionados. Esses aspectos estão presentes na constituição diferente de um Coda em comparação com os filhos de famílias ouvintes. São esses tipos de configurações que caracterizam uma constituição singular ao Coda.

Kauê na escola, no que ele mais se interessou?

Kauê: [1 – 01:07:37] Na escola eu precisava mais me concentrar em nessas disciplinas como Matemática, cálculos, Física. Porque em História, Geografia, Estudos Sociais, nessas eu tinha muita facilidade. Porque quando o professor falava era algo que eu já sabia. Porque eu já tinha aprendido em casa. Eu tinha que fazer essas coisas em casa, estar inteirado dos assuntos, das informações da sociedade. Por isso tinha muitas facilidades nestas disciplinas. Os professores percebiam que sempre quando falava, parecia que eu não era dessa idade. Os professores ficavam observando, assim, que eu sabia daquele assunto, né. Me questionaram algumas coisas, até. Hoje eu sei, porque estava com meus pais surdos.

A área em que os Coda mais transitam parece ser justamente aquela que diz respeito às línguas, à educação, sociologia, isto é, nas áreas humanas. A questão de serem bilíngues e biculturais sugere que se aproximam das Ciências Humanas. Entretanto, nem todos os Coda atuam ou se formam nessa área. Kauê, pela sua sagacidade, suas percep-

ções e sua maturidade, tinha algo de diferente e isso era notado pelos seus professores na escola. Ele tinha consciência sobre a Libras, a respeito de seus pais e se orgulhava disso. O aluno Kauê estava à frente do seu tempo e dos demais colegas.

Adams⁹⁴ (2008, p. 263) descreve uma situação interessante, em relação aos primeiros anos de escola que desafiam os Codas.

Esses Codas ouvintes, tendo a Língua de Sinais Britânica (BSL) como língua materna, frequentam as escolas regulares (de ouvintes) e espera-se que eles se comportem adequadamente em uma sociedade ouvinte, cujas maneiras não têm conhecimento imediato. À medida que crescem, sua socialização com amigos, parentes e professores irá influenciar o aprendizado das habilidades necessárias para fazer trocas com o mundo ouvinte.

Talvez não seja estranho para a grande maioria das pessoas enfrentar um mundo diferente, pelo fato de passarem a fazer parte de uma escola. A família em casa é um mundo diferente do mundo da escola. Será que essa afirmação faz sentido? A escola pode parecer um espaço diferente do ambiente de casa, onde convivem com seus pais, para os Codas que não tiveram convivência com seus avós ouvintes ou em outros grupos de pessoas ouvintes, como na igreja. Eles se

⁹⁴ These hearing Codas with BSL as their first language will attend mainstream (hearing) schools and be expected to conduct themselves appropriately in a hearing society whose ways they have no immediate knowledge of. As they get older, their socialization with hearing friends, relatives, and teachers will influence their learning of skills needed to negotiate a hearing world. (ADAMS, 2008, p. 263).

apropriaram da língua de sinais e têm a linguagem visual desenvolvida. A escola deve se diferenciar do espaço familiar, pois ela é um dos espaços sociais que traz as crianças ao mundo. É nesse espaço que acontecem as possibilidades de aprenderem a conviver com aqueles com quem não têm nada em comum inicialmente. Os Codas potencializam este estranhamento fora de casa, por conta de uma imersão em um ambiente que se diferencia da família, isto é, por conta da questão linguística.

No início escolar e nos contatos mais intensivos com a língua oral, os Codas ouvem a língua sonora, mas podem não entender e interpretar, muitas vezes, tudo o que os professores e colegas falam na escola. Em casa o ambiente é constituído pela família, que favorece o visual, sons diferentes, lá, os aspectos e formas visuais tomam importância; enquanto na escola o ambiente muda, os colegas falam muito, os professores também falam, todos só falam. Não há movimentos na comunicação, não há expressões faciais ou corporais. É diferente. É um desafio.

O ambiente escolar torna-se um novo mundo possível para os Codas, que vai se abrindo a eles. A cada dia essa troca de ambientes – casa e escola – vai sendo conquistada. Os alunos Codas interagem e aprendem a ouvir e a responder pela fala, construindo assim sua segunda língua e sua cultura ouvinte. Quando chegam de volta para casa, usam a língua de sinais e vivem a cultura de seus pais. Com o acesso diário aos dois mundos, surdo e ouvinte, os Codas se desenvolvem, com as adaptações em ambos os ambientes, vão construindo as interações da interculturalidade e se constituindo bilíngues e biculturais. As interações interculturais os constituem para além de uma questão bicultural.

tural. A experiência dos Codas não se limita ao binarismo surdo-ouvinte.

Semelhante às experiências dos Codas, nesta linha de pensamento, mencionamos a experiência muito parecida com filhos de imigrantes, de refugiados, que se inserem nos espaços escolares nas novas comunidades e depois voltam para suas casas onde a língua é outra, porém, comum aos membros da família.

Kayke não falou muito do seu início escolar, preferindo falar da época que a Libras foi um choque para ele, quando tinha 18 anos de idade. Desde a sua infância, anos escolares até o Ensino Médio, Kayke nunca tinha ouvido falar que Libras era uma língua, que havia pesquisas e muitas informações linguísticas nos sinais que ele fazia com seus pais em casa. Ele nunca se tinha dado conta de que sabia uma língua rica e potente como a Libras.

Assim relata Kayke:

Kayke [1 – 43:00] Lembro, no entanto, quando completei 18 anos, tive meu primeiro contato educacional com a questão da surdez. Daí comecei a receber trabalhos. Porque no contexto da associação, seu contexto é completamente diferente. Lá interpretava muito eventos sociais, esportivos.

Quando completei 18 anos uma escola particular, que naquele tempo não exigiu certificação de interpretação, era o ano de 2000 quando não tinha leis.

Aí quando entrei, começou a questão do planejamento. Na escola tinha livros e artigos sobre isso, eu tive um choque.

Uma língua que pra mim era natural. Não tinha a noção da grandeza que ela era. Não tinha noção do que era língua. Falava em Libras, mas não tinha noção o que era língua. Quando fui entender isso, foi um choque. Aí comecei a agir diferente. A olhar diferente com as minhas práticas. Porque entendi que pra mim tudo isso era muito natural. Sabia das minhas responsabilidades. Sabia de tudo isso. Mas quando você entende que existe uma questão maior e começa a olhar. Pô, gramática?

A legislação brasileira reconhece a Libras – Língua Brasileira de Sinais – em 2002, por meio da publicação da Lei 10.436. A língua já era usada pelas comunidades surdas muito antes disso, mas não era vista como uma língua com gramática própria, complexa e completa, como a vemos hoje em dia. Para Kayke foi um choque, sim. Ele sempre usou a Libras naturalmente, desde bebê, em casa com seus pais, porém, não imaginava todo o universo que envolvia a língua de sinais. Ele não tinha noção da ferramenta poderosa que a língua de sinais lhe proporcionaria em sua vida. Este reconhecimento da língua também lhe traz uma consciência em relação aos seus pais e a si mesmo, enquanto Coda. O reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda brasileira, na Lei 10.436, de 2002, refere-se ao reconhecimento social e cultural. O reconhecimento linguístico é de outra ordem, e é muito anterior ao ano de 2002. Não podemos esquecer todos os pesquisadores e estudos no campo da Linguística e Educação, desde finais dos anos 1980 no Brasil, os quais serviram de sustentação para as lutas dos surdos pelo reconhecimento legal e tudo mais que temos hoje.

Bakhtin (2006, p. 96) traz um enunciado significativo:

Na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular.

Em outra concepção, Bakhtin fala da intimidade da língua nativa para a pessoa.

A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive, se respira. Ela não apresenta nenhum mistério. (BAKHTIN, 2014, p. 104).

Para Kayke foi assim. A língua sempre foi usada naturalmente em sua família, só depois, na escola, é que conheceu o lado linguístico-ideológico da Libras. Um novo universo estava se revelando diante da sua existência. Libras era como uma roupa familiar, igual à atmosfera que ele respirava no ambiente familiar.

Semelhante descoberta aconteceu com Guaracy. Ele também não tinha conhecimento da dimensão que a língua de sinais ocupava, embora ele a usasse desde bebê em casa, herdada dos seus pais, mas que tão somente no último ano do Ensino Médio teve plena consciência a respeito. Na sua descrição:

Guaracy [2 – 02:10] No terceiro ano do Ensino Médio, quando fui lendo alguns textos sobre isso, teve uma palestra no mês de setembro, inclusive, sobre o dia do surdo, e tudo aquilo, o setembro azul, aí acabou uma pessoa surda dando essa palestra. Tinha um intérprete da surda e eu me via muito ali, interpretando no lugar do intérprete. Foi no auditório da escola. A partir daí, tive essa consciência de que são duas línguas realmente, e fui me encarando nesta perspectiva bilíngue. E na universidade, consolidei meu pensamento enquanto consciência, enquanto conscientização, enquanto categoria, enquanto ser bilíngue.

Nessa palestra, no auditório da sua escola no Ensino Médio, Guaracy se identificou. Nem tanto pela sinalização da palestrante, uma pessoa surda, nem tanto pelo teor apresentado, porém, pela atuação do intérprete, que estava diante de si. Ele se reconhece ali. Ele compreende as especificidades do ato da atuação e há, também, a conscientização em relação à língua de sinais. Guaracy percebeu a perspectiva bilíngue, sua condição de saber e transitar nas duas línguas. Entretanto, o amadurecimento consolidou-se na universidade. Esse acontecimento único na vida de Guaracy equivale à concepção de enunciado para Bakhtin (2014, p. 99), que cada enunciado é único, é singular, é “[...] um elemento social, assim como a língua, para a consciência dos indivíduos que a falam, de maneira alguma se apresenta como um sistema de formas normativas”.

Ainda sobre a enunciação:

A enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, da sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN, 2014, p. 126).

As narrativas de Guaracy e Kayke no contexto da escola, da descoberta sobre a língua de sinais e sobre si, bem como a concepção de enunciação de Bakhtin, convergem para um momento único e social em determinada época da vida desses Codas. Compreendemos a acepção de enunciação, a partir das experiências singulares de cada Coda participante, “[...] como uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.)” (BAKHTIN, 2014, p. 128-129). Num acréscimo ao significado, o autor afirma que a “enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior”. Neste sentido, fazemos uma analogia com os Codas que surgem únicos, como ilhas, em uma sociedade diferente, conscientes de si para um universo sem limites.

A seguir, passaremos para o último núcleo de significação com a discussão do tópico Codas – os primeiros Tils nas relações dos pais surdos em sociedade.

4.5 CODAS: OS PRIMEIROS TILS NAS RELAÇÕES DOS PAIS SURDOS EM SOCIEDADE

Os outros podiam brincar lá fora, mas eu tinha que ficar ali com meus pais, interpretando as conversas chatas. Kauê – Coda

A história da tradução e interpretação da língua de sinais se dá, inicialmente, com intérpretes voluntários e sem formação acadêmica na área, especialmente nos espaços religiosos, e com uma visão assistencialista. Os Codas aparecem como os primeiros intérpretes para seus pais, em suas casas, no seio da família, na igreja que frequentavam e em outros espaços fora de casa, onde houvesse necessidade. Por isso, afirmamos que os filhos ouvintes de pais surdos – Codas – são os primeiros tradutores e intérpretes da história desde que se tem registros a respeito.

A atuação dos Codas, mesmo que discretamente em suas famílias ou em qualquer outro lugar público, é constitutiva da história, porque eles já existiam na casa dos seus pais surdos e usavam a língua de sinais com eles. Sempre que envolvia algum sujeito ouvinte, os Codas Tils entravam em cena, mesmo que ninguém se desse conta à época. Eles interagem com surdos e ouvintes desde que nasceram. Essa atividade era feita em casa, nas associações de surdos, ou mesmo quando seus pais solicitavam ajuda. Somente mais tarde, outras pessoas que não eram Codas se interessaram pela língua de sinais e suas atividades voluntárias começaram a ser vistas pela sociedade.

Preston (1996)⁹⁵ traz uma pesquisa interessante sobre o tópico, na qual apresenta uma pesquisa sobre Kodas de 4 anos de idade, realizada por todo o território estadunidense. Segundo o autor, Codas filhas são mais propensas a serem intérpretes para seus pais do que Codas filhos, e mais propensas a serem bilíngues – língua de sinais americana e Inglês falado – do que Codas filhos.

Em nosso estudo, trazemos os quatro Codas participantes como intérpretes para seus pais, desde que têm consciência disso. Nem todos os demais irmãos destes Codas são militantes ou atuam como intérpretes para seus pais. Vamos iniciar com as narrativas de Kauê sobre essa condição e como suas narrativas são enfáticas quanto à questão da interpretação para seus pais. Ele sempre foi um mediador para eles, em especial para seu pai.

Kauê [1 – 19:43] Sim, sim, sempre fui intérprete. Em casa eu sempre, sempre, sempre interpretava. Quando era um filme ou algum acontecimento, minha mãe me requisitava, mas era bem menos do que meu pai. Para o meu pai, eu tinha que interpretar toda noite o jornal, e ainda eu tinha que fazer uma síntese. Tudo que passava ele perguntava. O que foi isso, o que foi aquilo. Para cada matéria dos jornais eu tinha que trazer as informações. Ao final tinha que fazer uma síntese e explicar em Libras. Muitas vezes, eu dizia o que eu próprio entendia. Às vezes eu dizia o que sabia, às vezes eu dizia o

⁹⁵ PRESTON, P. *Chameleon voices: Interpreting for deaf parents*. 1996.

que eu achava que sabia. Podia até ser, mas eu não tinha nenhuma segurança. Mas ele queria que eu dissesse alguma coisa. Mas eu não poderia ficar sem dizer algo. Ele achava que, por ser ouvinte, tinha que saber o que estavam ouvindo, mesmo que eu não entendesse. Passavam 10, 15 segundos de fala em Português, eu tinha que interpretar alguma coisa, pois eu era ouvinte e sabia sobre tudo. Então, o jornal era sempre. Mas, às vezes, meu pai gostava de programas de humor. Gostava mesmo do programa do Ratinho, eu tinha que ficar ali. As brincadeiras que apareciam. Então, eu tinha que ficar ali com ele, traduzindo tudo. Eu não queria isso, mas era assim. Virava uma rotina diária. O que eu menos interpretava eram filmes. Eles assistiam na boa e tiravam suas próprias conclusões. Não precisavam muito de interpretação. Não me chamavam muito para interpretar filmes. Era mais jornais, notícias, informações. Filmes e novelas eram poucas vezes.

Kauê não tinha folga em casa, de acordo com suas falas. Era-lhe exigido interpretar constantemente para seu pai e para os amigos surdos do seu pai, os programas de TV. Seu pai achava que ele sabia sobre todos os assuntos, temas e atualidades, pelo simples fato de ser ouvinte. Sua casa também era visitada por surdos de alguns países que fazem fronteira com o Brasil. Dessa forma, Kauê sempre estava ocupado em atividades na área da interpretação, além de ser aluno dedicado na escola.

A esse respeito, um dos Codas entrevistados no estudo de Preston (1994, p. 41)⁹⁶ apresenta a seguinte narrativa: “Um dia estava [interpretando para] mamãe, no dia seguinte foi vovô. Ou talvez meu irmão. Às vezes eu me sentia como uma grande orelha e boca para toda a família”. A família dessa participante era formada por membros surdos, o que a ocupava constantemente, como mediadora ouvinte e conhecedora da língua de sinais.

Em outro trecho mais adiante da sua narrativa, Kauê expõe a questão das constantes mediações entre Libras e Língua Portuguesa:

Kauê [1 – 25:03] Com mais frequência [interpretava] a partir dos doze anos. Eu sempre tive que traduzir, traduzir em casa, conversas em família, meus avós paternos não sabiam língua de sinais. Isso fazia com que meus pais não gostassem muito das reuniões em família, as reuniões de fim de ano, pois ficavam ali no cantinho, isolados. Mas quando iam, eles queriam ficar conversando com todos os familiares. Pediam para eu ficar junto, conversando com eles, interpretando. Às vezes eu não queria ficar perto, queria brincar, assim como toda criança.

Participar das reuniões de família não foi nada agradável para Kauê. Ele estava ocupado o tempo todo interpretando para seus pais surdos, para seus avós e demais familiares.

⁹⁶ One day I was [interpreting for] Mom, the next day it was GrandDad. Or maybe my brother. Sometimes I felt like I was one big ear and mouth for the whole family. (PRESTON, 1994, p 71).

Ele era o único que mediava. Os primos se divertiam lá fora, correndo pelo pátio. O obediente e resignado Kauê se mantém firme junto aos seus pais, ouvindo os comentários dos adultos e interpretando tudo para seus pais. Foram-lhe subtraídas as horas de brincadeiras e de risadas com as crianças da sua idade. Mesmo que não entendesse o que os adultos diziam, ele passava para a língua dos seus pais. Por isso, os encontros da família eram chatos, sofridos, amargos.

Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 118): “O sofrimento do outro que vivencio da forma mais concreta se distingue, por princípio, do sofrimento que o outro mesmo vive, ou do meu próprio sofrimento”. Neste sentido, as festas em família que objetivavam alegrias, papos, lanches gostosos, novidades, brincadeiras e diversão, se tornavam em sofrimentos velados para Kauê.

Em relação às situações típicas que acontecem quando os parentes vêm de todos os lados, se reúnem para um encontro em família, cujos membros são surdos e ouvintes, Preston (1994, p. 75)⁹⁷ registra o seguinte:

As reuniões de família continuaram preocupando os Cudas até a sua idade adulta. O abismo entre familiares surdos e ouvintes tornou-se frequentemente uma característica rotineira e permanente na composição familiar, pois os Cudas se sentem divididos entre ser da família dos surdos e o senso de obrigação em unir esses dois mundos.

⁹⁷ Family gatherings continued to be of concern to informants through adulthood. The chasm between hearing and deaf relatives had often become a routine and permanent feature of the family landscape, and informants continued to feel torn in their affiliation and their sense of obligation to bridge these two worlds. (PRESTON, 1994, p. 74).

Kauê pontua que, mesmo nos dias de hoje, volta e meia os eventos familiares acontecem. Os encontros com os parentes de perto e de longe são marcados com antecedência. Tios, primos e avós, todos vêm. A tentativa de conversar com surdos e ouvintes já é frustrada quando um dos membros não sabe a língua de sinais. Os Codas sentem-se responsáveis pela integração de todos, surdos e ouvintes, já que são eles que sabem as duas línguas. Porém, os diálogos acontecem em grupos separados. O grupo dos membros surdos e o grupo dos ouvintes. Os assuntos em comum passam pela língua. O natural é a língua que cada grupo tem em comum. Kauê é Coda intérprete desde a mais tenra idade. Ele é a chave, a ponte, na relação dos membros da família. É constitutivo que ele seja um mediador constante para seus pais e para os ouvintes, em todos os lugares e situações. Para Kauê é natural que seja assim, mesmo que não seja sempre um deleite.

Vejamos, na sequência, o que Nina apresenta em relação ao tema.

Nina [1 – 26:30] Não me via como intérprete dos meus pais, nunca me via, uma outra diferença. Não me via como intérprete de meus pais. Eu acho importante deixar esse registro, porque meu pai e minha mãe, eles nunca pediram para que eu e meus irmãos interpretássemos alguma coisa.

Eu me lembro com muita clareza, que a primeira vez que papai perguntou alguma coisa da televisão, eu tinha por volta de 14 anos. Antes disso, meu pai não perguntou.

[1 – 29:21] Quando tinha 11 anos, na semana do motorista, meu primo surdo foi entrevistado pelo jornal da cidade. Saiu no jornal impresso. Aparece eu e meu primo no jornal, uma foto, onde aparece eu do lado

dele como intérprete. Eu me lembro com muita clareza, que a primeira vez que papai perguntou alguma coisa, de interpretação, eu tinha por volta de 14 anos. Antes disso, meu pai não perguntou. Outra coisa importante, é que meu pai me levava ao médico para as suas consultas. Eu acompanhei meu pai em consulta médica, eu tinha por volta dos 14 anos.

Há Cudas que não se sentem intérpretes de seus pais, até porque os pais não pedem. Há Cudas que só usam a língua de sinais quando estão com seus pais, e a silenciam fora de casa. Outros são mediadores para seus pais dentro de casa, em frente ao telejornal diariamente, ou interpretando novelas, filmes. Ainda interpretam para seus pais na igreja, nos passeios e no comércio.

Nina, apesar que não se sentir uma intérprete de seus pais, fazia intermediações entre seus pais e a sociedade ouvinte desde muito pequena, mesmo não tendo a consciência ou não se dando conta que era; essa situação é constitutiva do Coda. Mesmo não se dando conta, talvez, Nina atuava para seus pais e demais pessoas ouvintes. Não era de forma formal, como vemos hoje nos programas de televisão e outros eventos ao vivo a figura do profissional de Libras. As explicações que dava para seus colegas e amigos ouvintes sobre surdos, língua e cultura, e vice-versa, já configuram a forma de atuação como intérprete.

Napier⁹⁸ (2008, p. 222) também mediava como intérprete desde criança, entre seus pais e o mundo ouvinte. Ela

⁹⁸ Of course, I did some (interpreting), as it is common for any child to want to assist their parents with communication if they cannot access the majority language. This is prevalent among children of immigrant parents, as well as children with deaf parents. Children who take on this role have been described as language brokers. (NAPIER, 2008, p. 222).

diz que a mediação é prevalência dos Cudas em serem intérpretes para seus pais, quando estes não têm acesso à língua majoritária. Afirma também que essa mediação na língua se equivale a filhos de pais estrangeiros, os chamados de *language brokers*, que sempre se dispõem a ajudar seus pais na comunicação. São os intermediários de idiomas, mediadores entre duas partes, ou ainda, os tradutores/intérpretes de línguas.

No mesmo sentido do termo mediadores ou intermediários, Preston⁹⁹ (1994, p. 146) acrescenta que “muitos homens e mulheres Cudas se tornam mediadores de cultura, entre surdos e ouvintes”. Além da língua, há também a intermediação da cultura, pois há necessidade de se adaptar, acrescer alguma informação na língua-alvo para que haja compreensão, e nisso os Cudas têm expertise.

Guaracy também se identifica com a questão de interpretar para seus pais, e lembra de uma situação específica com sua mãe.

Guaracy [1 – 55:00] Sim, lembro de uma situação bem complicada, quando minha mãe teve que fazer a operação das amígdalas. Sabemos que as amígdalas retiradas permitem uma vida continuada sem maiores complicações, dependendo ou não de remédios. Tive dificuldades de interpretar o médico pra ela, pois era importante retirar as amígdalas dela naquele momento, porque elas estavam muito inflamadas, e ela com dificuldades de almoçar, dores de garganta. Que

⁹⁹ These men and women became “culture brokers” between the Deaf and the Hearing. (PRESTON, 1994, p. 146).

a cirurgia não seria um impeditivo de continuar sua vida normal depois. Era importante fazer a cirurgia, e simples. E que depois já poderia voltar pra casa. Tive dificuldade de convencê-la a fazer a cirurgia. Talvez não por conta da cirurgia em si, mas pelo medo dela, pelo receio naquele tempo.

Quando a situação envolve o lado pessoal, pode ser mais difícil. Guaracy estava apreensivo e nervoso como sua mãe, que deveria aceitar a se submeter a uma cirurgia de retirada de amígdalas. Diante do médico e na situação de preocupação com sua mãe, Guaracy teve dificuldades de interpretar. Ele tinha que se controlar e convencer sua mãe a aceitar a cirurgia. Vejamos a resposta de Kayke quando perguntado se era intérprete e em quais situações.

Kayke [1 – 25:00] Sim, muitas vezes. Não só para meus pais, mas para os amigos surdos também. Era muito engraçado, pois eu morava no ponto final de ônibus, no bairro, eu morava num prédio. Entre o ponto de ônibus e o prédio havia uma subida. Eu jogava bola em frente ao prédio. Quando o ônibus chegava e descia um surdo, eu me escondia, pois sabia que ele me pegava pra interpretar. Eu conhecia os surdos. Daí eu me escondia. Porque eu perdia muita coisa. Quería brincar. Eu tinha muitas coisas, tarefas, ocupações com meus pais, escola, e também com os demais surdos. Eu interpretava temas muito íntimos e sensíveis, para os surdos, além de meus pais. Para mim era tudo muito natural. Mas hoje quando olho eu digo: “Caramba”. Era tudo muito louco.

– Em 1992, eu tinha 9 a 10 anos. Houve a visita do Papa João Paulo II, aqui em Vitória, onde inaugurou uma praça. Tinha 300 mil pessoas. Eu interpretei a missa. Eu tenho fotos no jornal, só que para mim era muito natural. Hoje quando penso, digo, “Nossa, estava do lado do Cara, via todo aquele movimento, mas não tinha noção daquilo”.

– Me pediam para interpretar política, eu ia. Pediam pra interpretar não sei o quê, eu ia. Não tinha essa questão de vou ou não vou. Nada disso! A gente simplesmente ia. Era em espaços diferentes. Com 9 anos eu já interpretava e para mim era muito natural tudo isso.

Kayke é muito comunicativo e, às vezes, bem-humorado nas suas colocações. Toda a sua experiência ao longo da vida como intérprete em espaços diferentes e situações desafiadoras, constitui um Coda Tils a partir de uma formação empírica. Ele era não apenas requisitado pelos seus pais, mas também pela comunidade surda da capital capixaba. Por isso, ele sempre estava ocupado com alguma interpretação. Não tinha muito tempo para jogar futebol com seus amigos do bairro. Não foi uma infância despreocupada e com tempo livre à toa. Porém, hoje, quando se volta ao passado, lembra com orgulho dos acontecimentos e dá valor a cada situação vivenciada e aprendida.

E mais adiante,

Kayke [1 – 30:21] Interpretava o jornal. Muito jornal. Minha mãe sempre foi de associação (de surdos), ela sempre gostava de direitos. E jornal impresso também. Apesar do Português pra ela ter muita limitação, mas

ela olhava a imagem e algumas palavras e ela queria entender. Isso exigiu muito de mim também.

– Interpretava na Pastoral da Igreja Católica. [...] Delegacias, julgamentos, reuniões de condomínio, reuniões com políticos, conselhos para pessoas com deficiência, cujas decisões iriam decidir diretamente a vida do surdo. E era interpretação sozinho por horas e horas. Interpretei um casamento quando tinha 12 anos. Vários casamentos.

Para Kayke, não havia situação ou tempo ruim para sua atuação. Muitas vezes, nada fácil. Era um trabalho não pago na maioria das ocasiões, mas, por outro lado, poderia haver recompensas como um jantar festivo por ocasião de um casamento. Eram muitos compromissos, às vezes.

Para Adams (2008, p. 281), que corrobora a respeito do sentimento do Coda enquanto Tils, fortalecendo esta sensação, afirma:

Codas sentem que é seu papel. Codas atuam como intermediários entre o mundo ouvinte – suas autoridades (policiais, funcionários de escolas, assistentes sociais) e a comunidade surda, muitas vezes como intérpretes (pagos e não pagos) e advogam informalmente [...] O Coda não é apenas colocado no papel de intérprete/informante/ligação, mas também tem o papel de intermediário ou de representante da família¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Codas feel it is their role. Codas act as intermediaries between the Hearing world and

É claro que se percebe o sentimento forte nos Codas, como um padrão, em se colocarem como intermediários entre surdos e ouvintes. É constitutivo desde a sua infância e formação ao longo da sua vida. Não é apenas um privilégio dos Codas brasileiros, entretanto. O sentimento de ser Tils se estende por todo o planeta, em famílias e comunidades surdas que tenham Codas em seu meio. É um sentimento nobre que constitui estes seres humanos singulares.

Para terminar este eixo, evocamos a concepção de Bakhtin da enunciação dialógica. O autor afirma:

Na dialogia as vozes estão presentes, as entonações (pessoais – emocionais) são fundamentais, valoram e ideologizam, as palavras e as réplicas são vivas, e as consciências estão em interação. Ao apagar isso tudo, temos a dialética. Pergunta e resposta não estabelecem relações lógicas, pois não podem caber em uma só consciência; elas supõem uma distância recíproca, exigem o diálogo. (BAKHTIN, 2013, p. 30).

Onde duas pessoas escutam, trocam, compreendem, constroem uma em relação a outra. Uma se constitui a partir do outro. Da mesma forma quando se trata de duas línguas, de duas culturas, no âmbito de tradução e interpretação. O profissional tem a responsabilidade de fazer acontecer as trocas entre os dois lados, isto é, dialogia entre as duas

its authorities (police officers, school officials, social workers) and the Deaf community, often as interpreters (paid and unpaid) and informal advocates [...] The Coda is not only put in the role of interpreter/informant/conduit of information but also is given the role of an intermediary or ambassador for the family. (ADAMS, 2008, p. 281).

línguas, as duas culturas. Não acontece nenhuma permuta sem o benefício de ação de ambos os lados; há inércia se o escambo não se manifestar. Por isso, trazemos a dialogia de Bakhtin nos processos de tradução e interpretação dos Códigos frente aos pais e à sociedade ouvinte.

Ao colocarmos um ponto final provisório nas análises dos dados e discussões dos núcleos de significação, não estamos encerrando em definitivo nenhum deles. É um ponto final para este estudo. As possibilidades de exames e costura dos fios que os núcleos nos possibilitaram, nos deram uma visão mais alargada em relação à constituição dos Códigos e às suas singularidades.

Nessa próxima etapa, traremos trechos das narrativas das entrevistas dos sujeitos participantes da pesquisa. As entrevistas foram filmadas e transcritas com todo rigor e detalhes para a Língua Portuguesa. O material foi reunido empiricamente a partir de temas que se repetiam, tendo como base o questionário inicial da entrevista. Assim, organizamos as tabelas que seguem, de forma metódica, sem esquecer a subjetividade do pesquisador. A metodologia utilizada está fundamentada nos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2013), cujo caminho foi a organização de todo o material das entrevistas em três etapas laboriosas chamadas de **Pré-indicadores**, que são organizados e agrupados em **Indicadores** e que finalmente, após nova reorganização e refinamento, passam a ser os **Núcleos de Significação**. Esses núcleos são os temas-chave (assuntos específicos), os quais servirão de base para as discussões das nossas análises.

5 NARRATIVAS

5.1 QUESTÕES DAS ENTREVISTAS COM OS CODAS

1. Identificação do entrevistado

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Formação:
4. Profissão e local:
5. Endereço completo:

2. Questões abertas para os encontros com os Codas:

1. Pensando nas suas memórias mais antigas, nos anos da sua infância, por favor, conte-me sobre as suas experiências mais memoráveis em família.
2. Quando você se deu conta de que seus pais eram diferentes da maioria dos outros pais? Em algum momento você pensou que poderiam ser diferentes?
3. Pensando novamente sobre sua infância até a adolescência, por favor, descreva uma situação específica onde você estava ciente, ou pensasse que poderia haver um mal-entendido entre seus pais e a pessoa ouvinte, e conte-me como você lidou com a situação.
4. Recordando seus anos de infância e adolescência, por favor, fale de uma ocasião quando você estava interpretando para seus pais em uma situação importante e você se deu conta que a interação estava além da sua

- compreensão e nível de conforto, e como você lidou com aquela situação.
5. Por favor, divida comigo, como a interpretação para seus pais durante sua infância e adolescência influenciaram quem você é hoje?
 6. Você se vê bilíngue desde a infância? Qual língua veio primeiro? Como você percebeu as duas línguas? E a(s) cultura(s)?
 7. Quem foi para você o modelo de língua oral? Você já fez atendimento fonoaudiológico?
 8. Na escola. Com que idade você foi para a escola? Como foi o primeiro dia? Seus professores? Os eventos da escola (festas, teatros, reuniões com os pais, etc.).
 9. Você teve dificuldades em aprender a escrita da Língua Portuguesa? Quais?
 10. Pensando agora na fase da adolescência. Alguma experiência que marcou? (positiva e/ou negativamente).
 11. No Ensino Médio. Houve algum episódio/experiência que você se lembre e gostaria de compartilhar?
 12. Na faculdade. Houve mais algum episódio/experiência que você gostaria de compartilhar?
 13. Como você se vê em relação à identidade, cultura, língua. Como você se constitui?
 14. Quanto ao estado atual e futuro, enquanto Coda. Hoje ainda você se depara com questões complexas de embate entre os dois mundos? Quais? Onde?
 15. Como você vê hoje as questões da militância social e educacional dos Codas? (Da legislação em relação aos surdos, às associações dos TILS e ao movimento nacional/internacional dos Codas).

5.2 NARRATIVAS DE NINA

Legenda: 1ª entrevista

em negrito - os pré-indicadores

{ } verbalização em Libras

[] número da entrevista e tempo de gravação

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
18/09/18 [1 – 00:00]	(1) Ernani: Nina, obrigado pela sua participação nesta investigação sobre Codas. Fale-me um pouco sobre você, seu trabalho e seu signal em Libras .	Nome próprio em Libras	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>(2) Nina: Eu acredito muito na pesquisa acadêmica que leva à reflexão e contribuição, e é um prazer participar do seu estudo. Obrigada pelo convite. Meu sinal é assim: Configuração de Mão é na mão direita aberta, dedos para baixo (dorso para frente), e {balancear/agitar} como se fosse dor, dolorido. Este sinal foi dado pelo meu tio materno, que é surdo. Um dia brincando, era pequenininha, não lembro a idade, estava brincando, machuquei a mão e, chorando, fiquei balançando a mão assim, como se fosse muito dolorido. Meu tio, irmão da minha mãe disse sinalizando:</p>	<p>Pesquisa acadêmica sobre Codas</p> <p>Nome próprio em Libras</p>	<p>A língua de sinais na constituição dos Codas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 10:30]	<p>– Este será o sinal dela. (risadas)</p> <p>(3) Ernani: Qual é a sua profissão e atuação no momento?</p> <p>(4) Nina: Sou pedagoga, com mestrado e doutorado (em andamento), em Educação. Sou professora da Rede Municipal de Belo Horizonte (à tarde), e à noite, professora na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tirei licença de um turno para poder concluir meu doutorado.</p> <p>(5) Ernani: Vamos falar sobre suas memórias de infância.</p> <p>(6) Nina: São tantas histórias que a gente tem com os pais da gente, né? Tenho duas histórias com minha mãe, e agora conversando com você me dei conta de uma história com meu pai.</p>	<p>Nome próprio em Libras</p> <p>Professora Coda atua em escola pública</p> <p>Codas com alta formação em Educação</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 12:49]	<p>Quando tinha um aninho, não me lembro ao certo, mas meu pai conta isso, com muito orgulho. Daí cheguei até meu pai e bati na perna dele e disse:</p> <p>– {Vovó está à porta} (sinalizando e apontando pra porta).</p> <p>Meu pai me olhou e ignorou.</p> <p>Aí minha vó disse:</p> <p>– Nina, fala pro papai que a vovó tá aqui. (Só que agora ela me disse em um tom de voz diferente, mais forte).</p> <p>Fui até meu pai. Segundo meu pai, a minha expressão foi diferente, mais enfática.</p> <p>Eu contei novamente pra ele (sinalizando), apontei pra porta. Daí meu pai me olhou, foi atender a porta e abriu.</p> <p>– Ah, como você sabia que estava aqui? (Perguntou a vovó pro papai).</p> <p>– {A Nina me disse.} Daí a vovó disse:</p>	<p>Histórias de vida de uma Coda</p> <p>Codas crescem bilíngues e identidades se fundem</p> <p>Codas crescem bilíngues e identidades se fundem</p> <p>Codas se adaptam ao meio que vive</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 16:00]	<p>– Não ouvi ela dizer. Meu pai disse: – {Ela é surda.} (risadas) (7) Nina: Meu pai disse isso com o maior orgulho (sorrisos). Eu acredito nessa questão de adaptação... A criança filha de pais surdos sabe que não adianta ela chorar que o pai não vai ouvir. Então, ela se adapta... Ele sempre conta o orgulho da filha. Uma outra história, acontecida com minha mãe, lida com a questão não por ser surda, mas de ser mãe, mulher e de muito das pessoas pensarem o que eu ia pensar... Ela foi uma mulher que não estudou, vivia na fazenda... e quando nós três, eu e meus irmãos éramos pequenos, meu pai tinha uma posição muito firme, machista. Lembro que estava passando o filme do Super Homem, primeira versão, no cinema. Daí meu pai disse:</p>	<p>Histórias de vida de uma Coda Orgulho dos pais pelos filhos Codas se adaptam ao meio que vive Histórias de vida de uma Coda Minha mãe surda com visão à frente do seu tempo Machismo e preconceito</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 20:23]	<p>– Nós vamos ao cinema. Lembro que fiquei super empolgada, pois eu nunca havia estado num cinema.</p> <p>Daí meu pai disse:</p> <p>– {Você não vai, por que cinema não é lugar de menina.} (Nina com uma expressão facial forte de indignação/decepção).</p> <p>– {Só vai eu, Pedro e Marquinho. Nós três vamos. Só os meninos vão. Filme do Super Homem}, disse o pai Ivan.</p> <p>– Eles foram ao cinema, assistiram ao filme e voltaram muito empolgados, contando como foi o filme. Eu fiquei muito arrasada, queria muito ter ido ao filme.</p> <p>(8) Nina: Aí, passou-se não sei quanto tempo, mas eu e minha mãe fomos à cidade. Passamos na frente da porta do cinema.</p>	<p>Cinema é para homem</p> <p>Por que menina não pode ir ao cinema?</p> <p>Tristeza e frustração</p> <p>Passeio com a mãe</p> <p>Conhecendo o cinema</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 22:44]	<p>Caminhávamos de mãos dadas e daí paramos na frente do cinema. Olhamos e estava em cartaz o filme <i>Nos tempos da brilhar-tina</i>, com John Travolta e Olívia Newton-John (lançado em 1978).</p> <p>Daí fiquei muito feliz por poder entrar no cinema e assistir ao filme. Mamãe comprou os ingressos, compramos pipoca e entramos. Lembro que fiquei extasiada com tudo. Sentamos. Lembro que quando começou o filme, virei pra ela e perguntei: (sinalizando) – {Você quer que interprete o filme?} (sinalizando) – {Ela disse. Não. Assista você}. Eu assisti ao filme inteiro e ela não assistiu ao filme. Ela estava uma alegria em estar realizando um sonho pra mim, algo que era importante pra mim. Ela tinha consciência da minha alegria. Eu queria interpretar o filme pra ela, mas ela não queria. Ela queria que eu assistisse ao filme. Pra eu assistir. Isso foi lindo.</p>	<p>Primeira vez no cinema</p> <p>Codas como intérprete, só que não</p> <p>Minha mãe tinha consciência da minha alegria</p> <p>Aprendendo a guardar silêncio</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 24:00]	<p>Dáí ela virou e falou assim: (sinalizando) – (Sinal do pai), {Ivan, não sabe. É surdo. Silêncio, não fala nada.}</p> <p>Eu fiquei numa felicidade só. Guardamos o segredo e até hoje ele não sabe. (risadas).</p> <p>(9) Ernani: Sua mãe madura e com outra visão.</p> <p>(10) Nina: Minha mãe tinha uma visão completamente diferente, à época. Uma mulher que tenho muito orgulho de ter sido filha.</p> <p>(11) Ernani: Quando você se deu conta que seus pais eram diferentes dos outros pais? Ou quando você percebeu que os outros pais eram diferentes dos seus pais? Como foi isso?</p>	<p>Visão de futuro de uma mãe madura</p> <p>Orgulho da minha mãe</p> <p>Quando você se deu conta que seus pais eram diferentes dos outros pais?</p> <p>Na escola que me dei conta de que meus pais eram diferentes</p> <p>No primeiro dia de aula eu percebi os olhares</p>	<p>Pais orgulhosos</p> <p>Os olhares preconceituosos na escola</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 26:30]	<p>(12) Nina: Foi a escola. Na escola que me dei conta de que meus pais eram diferentes. Na escola eu percebi. Aos 7, 8 anos de idade. Foi no meu primeiro dia de aula, ah, eu tinha 7 anos de idade. O primeiro dia de aula, me lembro que mamãe me levou à escola. Eu super empolgada, muita vontade de estudar. Quando chegamos à escola, eu senti o olhar outro, aquele olhar diferente. Porque minha família, apesar de ter meus pais surdos, eu tinha tios e primos surdos. Pra mim, meus pais conversavam diferente dos outros familiares, e eu não via uma outra diferença. Eu não me via como intérprete do meus pais, nunca me via. Eu acho importante, deixar esse registro, porque meu pai e minha mãe, eles nunca pediram para que eu e meus irmãos “interpretassem” alguma coisa.</p>	<p>Outros olhares para mim e minha mãe surda</p> <p>Para mim falavam diferente dos outros familiares</p> <p>Eu não me via como intérprete do meus pais, nunca me via</p> <p>Meus pais nunca pediram para que eu e meus irmãos interpretassem</p> <p>Papai tinha uma preocupação da influência da televisão sobre nós</p> <p>Intérprete dos pais aos 14 anos</p>	<p>Coda como Tils</p> <p>Pais conscientes</p>
[1 – 27:50]			

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 29:21]</p> <p>[1 – 30:30]</p>	<p>Papai tinha uma preocupação da influência da televisão sobre nós. Então, ele não deixava a gente assistir. Eu me lembro com muita clareza, que a primeira vez que papai perguntou alguma coisa, eu tinha por volta de 14 anos. Antes disso, meu pai não perguntou. Outra coisa importante, é que meu pai me levava ao médico para as suas consultas. Eu acompanhei meu pai numa consulta médica, eu tinha por volta dos 14 anos.</p> <p>(13) Ernani: Vejo a responsabilidade do pai para com a filha.</p> <p>(14) Nina: Sim, aos filhos. Eu acho importante tocar nessas questões. Acho importante tocar nessas questões, porque existem histórias e histórias de Codas, a gente sabe. A maioria não viveu essa situação. Claro, entra a questão da responsabilidade. A gente assume a responsabilidade.</p>	<p>Vejo a responsabilidade do pai para com a filha</p> <p>Codas e as responsabilidades sobre os pais</p> <p>Muitas histórias de vida dos Codas</p> <p>Codas e a responsabilidade sobre seus pais</p> <p>A responsabilidade é colocada nos ombros dos Codas</p> <p>Eles foram meus pais</p>	<p>Coda como Tils</p> <p>O bilinguismo dos Codas</p> <p>Empoderamento dos Codas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 31:22]</p> <p>[1 – 33:27]</p>	<p>Esta responsabilidade é colocada sobre nossos ombros. Muitas vezes, não temos nossos pais, muitas vezes temos familiares. E a gente assume essa responsabilidade. Mas assim, meu pai e minha mãe foram meus pais. Acho importante colocar isso! Depois, eu assumi responsabilidade sobre eles, assumi porque sou filha.</p> <p>(15) (Nina): Então, voltando pra escola, nós duas indo pra escola, no primeiro dia minha mãe me levando para a escola, eu senti que as pessoas me olhavam. Mas eu sempre tive muita liberdade com meu pai e com minha mãe. Eu acho que é uma liberdade diferente de muitos filhos ouvintes, filhos de pais ouvintes. Uma liberdade bem sem pudor, que a gente tem.</p>	<p>Eu assumi a responsabilidade porque sou filha</p> <p>Primeiro dia na escola</p> <p>Na escola senti os olhares preconceituosos dos outros</p> <p>Liberdade dos Codas dada pelos pais</p> <p>Liberdade sem pudor</p>	<p>Cuidar dos pais surdos</p> <p>As barreiras na escola</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 35:53]	<p>Que os pais surdos têm a liberdade muito grande de falar de tudo com a gente. Isso eu percebo. Uma liberdade que às vezes até assusta, mas têm.</p> <p>Então, falei com mamãe:</p> <p>Por que estão olhando para mim? Mamãe olhou pra mim e disse (com expressão de orgulho):</p> <p>Porque ela sabia da questão de ser surda e dos olhares.</p> <p>Sinalizando:</p> <p>{Porque você sabe duas: sinais e fala} (As duas se entreolharam e havia muito orgulho e satisfação na resposta da mãe.)</p> <p>– {Verdade} (respondi).</p>	<p>Acho que as famílias ouvintes têm uma liberdade diferente</p> <p>Uma liberdade que assusta</p> <p>Por que estão olhando para mim?</p> <p>Orgulho de saber duas línguas</p> <p>Orgulho da filha ouvinte</p> <p>Consciência sobre a língua de sinais</p> <p>Empoderamento de ser Coda</p> <p>Minha mãe me fez forte</p>	<p>Pais conscientes</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 37:43]	<p>Daí eu me senti. Ela queria mostrar isso pra mim. Me senti empoderada. Me senti forte. Porque a minha mãe me fez forte. Naquele momento foi importante ela me dizer isso: {Você sabe duas línguas, eles não sabem}. Minha mãe me fez forte. Mamãe sinalizou: – {Eles não sabem}. {Eles não sabem}. (16) Ernani: E naquele tempo Libras não era conhecida. (17) Nina: Não era nada, não era conhecida.</p> <p>Eu era a filha da mudinha, na verdade. Mas a escola para mim foi massacrante. Foi para mim e para meus irmãos. Daí começaram as reuniões de pais.</p>	<p>Minha mãe me fez forte</p> <p>Filha da mudinha</p> <p>A escola foi massacrante</p> <p>Mãe surda não entende a escola da filha</p> <p>Pais surdos são dispensados das reuniões de pais da escola</p> <p>A escola não serve para os pais de Codas</p> <p>A escola não vê os Codas</p> <p>A escola é burra</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 39:21]	<p>Mamãe foi com a minha vó uma vez, minha mãe não entendeu nada. Daí a própria escola falou, a professora falou que meu papai e minha mamãe não precisariam vir mais nas reuniões, porque é difícil. Não entendi, por que era muito difícil? Eu levava as questões para meus pais, mas não sabia do que se tratava. Mamãe disse: {A escola é burra. A escola não sabe conversar com a gente.}</p> <p>A partir daquele momento nunca mais meus pais foram (expressão de decepcionada, indignada). De vez em quando a minha vó ia. Não conheci meus avós maternos. Minha vó paterna tinha uma atitude muito protetora em relação ao meu pai, mas por outro lado também foi bom. Porque me lembro que peguei recuperação em Matemática. Sempre tive dificuldade com a Matemática. Me lembro que no segundo ano a professora chamou minha avó paterna e</p>	<p>A superproteção aos filhos surdos</p> <p>Codas são capazes</p> <p>Estudei e passei</p> <p>A escola mostrou para mim quem eram meus pais</p> <p>As pessoas me olhavam</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 40:40]</p> <p>[1 – 41:03]</p>	<p>disse: “– Sua neta vai tomar bomba em Matemática”.</p> <p>Vovó perguntou pra professora: – Você está dizendo que minha neta é incapaz? Minha neta é capaz. Ela vai passar! Porque você não sabe quem manda. E eu passei. Eu passei porque minha vó disse: – Você vai estudar (sinal de estudar, enfático), e passar de ano. De fato, estudei e passei. (risada)</p> <p>(18) Nina: Mas são pessoas, e Deus é muito bom pra gente, mas a escola mostrou pra mim quem eram meus pais. E foi dolorosa a forma com que a escola mostrou. As pessoas me olhavam.</p> <p>(19) Ernani: Há 40 anos havia muita discriminação, preconceitos e incapacidade da escola de ver.</p>	<p>Há 40 anos havia bem mais preconceito</p> <p>Codas se sentem obrigados a cuidarem sempre de seus pais</p> <p>Por que não posso sair de perto dos meus pais?</p> <p>Pais surdos cuidam dos filhos, depois os filhos cuidam dos seus pais idosos</p>	<p>Duas línguas, duas culturas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[00:43:45]	<p>(20) Nina: Sim. Daí me lembro que, quando minha avó materna faleceu, os familiares vieram dar os sentimentos pra mim. Tinha 15 anos. Eles falaram assim, eu tenho muita admiração pelo meu pai, eles falaram: – Nina, agora você nunca mais poderá sair de perto dos seus pais. (risadas). No mesmo dia que vovó foi sepultada, cheguei no papai e disse: {Papai, por que eu não posso sair de perto de vocês? Como é isso?} Papai disse: {Calma. Eu sou surdo, mas eu cuido de você agora, depois quando for velho você cuidará de mim.} Hoje, meu pai tem 80 anos, viaja, namora, me dá trabalho... faz sua vida e mora lá no interior.</p> <p>(21) Ernani: É o processo natural do ser humano. Os pais cuidam dos filhos e depois o contrário.</p>	<p>Diferenças entre Cudas e não Cudas</p> <p>Adolescência tranquila?</p> <p>Os meus pais trouxeram o mundo, as informações e principalmente o mundo surdo pra mim</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 45:40]	<p>(22) Nina: Ser Coda tem suas diferenças em relação aos não Codas, mas atitudes, comportamentos que nenhum pai ouvinte vai ter. Eu entendo perfeitamente.</p> <p>(23) Ernani: Então você diria que na infância e adolescência sua relação com seus pais foi muito tranquila?</p> <p>(24) Nina: Foi. Minha infância e adolescência foi muito tranquila em relação aos pais. Os meus pais trouxeram o mundo, as informações e principalmente o mundo surdo pra mim.</p>	<p>Início como Tils aos 14, 15 anos</p> <p>Entender primeiro para interpretar depois</p>	
[1 – 47:10]	<p>(24) Ernani: Na adolescência, você lembra de um episódio onde a situação de interpretação era além do seu entendimento, isto é, foi difícil de passar de uma língua pra outra? Por exemplo, numa consulta na área médica?</p>	<p>Interpretando na consulta médica</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[00:49:20]	<p>(26) Nina: Quando comecei a interpretar para meus pais nas consultas médicas, tinha 14, 15 anos de idade. Sempre tive isso comigo: se não entendesse, eu teria de perguntar. Então quando o médico falava e eu não entendia, eu falava pro médico:</p> <p>– Não entendi. Você tem que falar de um jeito que eu entenda. Se eu não entender, minha mãe também não vai entender.</p> <p>Uma vez, o médico falou das coronárias de meu pai. Para explicar, o médico desenhou uma casa e os barracões. Daí ele falou assim:</p> <p>– Suponhamos que o coração é a casa e os barracões, as veias. Então, alguns barracões não estão bem, mas a casa está boa. Ahã, então entendi. Expliquei para meu pai o que era cada um dos desenhos e as explicações do médico. Sempre tinha isso pra mim.</p>	<p>Entender primeiro para interpretar depois</p> <p>Entender primeiro para interpretar depois</p> <p>Entender primeiro para interpretar depois</p> <p>Entender primeiro para interpretar depois</p> <p>Codas são bilíngues</p>	<p>A primeira professora não se esquece</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 50:08]</p> <p>[1 – 51:12]</p>	<p>Compreender primeiro para interpretar depois. A importância da compreensão do contexto e o elo entre interlocutor e TILS.</p> <p>(27) Ernani: Sim, isso é fundamental para o intérprete. Compreender para interpretar.</p> <p>(28) Nina: Sim, (risada). Eu sempre tinha isso comigo. Eu dizia pra mamãe, espera. Dizia pro médico, não entendi nada. Você dá um jeito pra eu entender.</p> <p>(29) Ernani: Nina, você se vê bilíngue desde a infância?</p> <p>(30) Nina: Uma vez assisti a uma palestra do prof. Robert Johnson, professor da Universidade Gallaudet. Ele já se aposentou. Ele usou um termo que não tinha ouvido ainda. O termo é bilingualidade. Nós temos a capacidade de sermos bilíngues.</p>	<p>Codas são bilíngues</p> <p>Duas línguas</p> <p>Libras veio primeiro e o Português veio logo depois</p> <p>Confortável em Libras</p> <p>Confortável em Português</p>	<p>Os Codas e o Português</p> <p>As leituras favoreceram a alfabetização</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 53:00]	<p>Eu acredito que hoje eu sou bilíngue. E que fui adquirindo ao longo da minha vida, desde a mais tenra idade, duas línguas concomitantemente. Não é? Elas foram simultâneas.</p> <p>(31) Ernani: Você diria que a Libras veio um pouco antes do Português ou veio junto?</p> <p>(32) Nina: Libras veio um pouco antes. É uma língua visual, e a língua que tive contato primeiro, por ser filha de um pai e de uma mãe surdos, foi a primeira língua que tive contato.</p>	<p>Me sinto confortável na língua de sinais, em vários momentos</p> <p>Lá dentro é o visual</p> <p>Modelo de língua oral foi minha avó paterna, que morava perto</p>	<p>Alfabetização em Libras e Português em casa</p>
[1 – 55:08]	<p>Eu ouvia a outra língua. Mas eu acho que foi simultâneo. Claro que me sinto mais confortável em língua de sinais, em vários momentos. Em outros momentos me sinto mais confortável em Português. Na maioria das vezes eu me sinto mais confortável é no silêncio. No silêncio visual.</p>	<p>Eu falava como meus pais surdos</p> <p>Codas precisam falar certo</p>	<p>Formação profissional</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 57:45]</p> <p>[1 – 59:44]</p>	<p>(33) Ernani: Entendo. E culturalmente, o que cala mais lá dentro? Na alma? É o visual ou o sonoro?</p> <p>(34) Nina: É o visual. Totalmente visual.</p> <p>(35) Ernani: Quem foi seu modelo de língua oral?</p> <p>(36) Nina: A minha avó paterna. Morava perto da nossa casa.</p> <p>(37) Ernani: Você ouvia rádio?</p> <p>(38) Nina: Não, não tinha. Quando eu comecei ouvir sons, ouvir palavras, eu repetia a forma como meu pai falava: – sabádo, figádo... Aí minha vó notou que eu estava falando errado. Aí falou pra minha mãe e pro meu pai que eu estava falando tudo errado.</p> <p>– Ela precisa falar certo. Por isso, ela vai ficar comigo. Lá em casa ela vai aprender a falar certo. E a minha mãe entrou em pânico com isso, aí aquela preocupação, disse:</p>	<p>Nina precisa aprender as duas línguas</p> <p>Ouvia rádio na casa da avó paterna</p> <p>Fui modelo oral para meus irmãos</p>	<p>Pais se orgulham dos filhos</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:02:08]	<p>– {Nina precisa aprender duas línguas.} Daí minha mãe disse: (sinalizando) – {Apenas duas horas por dia. A vovó pode ensinar por duas horas. Só.}</p> <p>Minha vó era costureira. Costurava muito. E lá eu ouvia rádio. Eu adorava ouvir música. Eu ficava na casa da minha vó por duas horas. Aí, quando dava duas horas, minha mãe ia lá me buscar. (sorrisos). Depois quando meu irmão ainda pequeno, estava crescendo, minha vó queria que meu irmão fosse lá para aprender a falar também.</p> <p>Daí mamãe disse que não precisava, a Nina já fala, meu irmão não precisava. (risadas) (39) Ermani: Muito bem. Voltemos para o tempo da escola fundamental. Os eventos como festas, teatro. Como eram pra você?</p>	<p>Nas comemorações e eventos especiais na escola ficavam sempre do lado da minha mãe</p> <p>Me incomodava os olhares das pessoas pela situação</p> <p>Tudo começa pelos olhares dos outros.</p> <p>A primeira professora a gente não esquece</p>	<p>Pais se orgulham dos filhos</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:04:02]	<p>(40) Nina: Ahã, sim, as apresentações, as comemorações como dia das mães, nestas ocasiões eu ficava sempre do lado da mãe. No começo isso me incomodava. Não que eu tivesse vergonha, mas me incomodava os olhares das pessoas pela situação. Depois me acostumei.</p>	<p>Eu fiquei muito feliz em revê-la. Ela me abraçou, sentamos, conversamos</p> <p>Fiquei feliz quando soube que você também é professora</p>	
[1 – 1:05:20]	<p>(41) Ernani: Sei, entendo. Tudo começa pelos olhares dos outros. Questão interessante a ser pesquisada e ser discutida. Certo. E como foi seu processo de aprendizagem da Língua Portuguesa?</p> <p>(42) Nina: Engraçado, porque a gente nunca esquece a primeira professora que teve. A minha se chama Maria Antônia. Em 2008 foi o ano que minha mãe faleceu. Aí na semana que tinha ocorrido isso, eu estava em casa, em Uberaba, preparando o almoço. Meu irmão chegou e disse: – Nina, tem uma surpresa pra você.</p>	<p>Você é esperta</p> <p>Primeiro encontro nacional dos Codas</p> <p>Nunca tive dificuldade com o Português</p>	<p>A fala e os modelos orais</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:07:12]	<p>Aí eu olhei, ele saiu da frente e vi que era a professora, minha primeira professora. Eu fiquei muito feliz em revê-la. Ela me abraçou. Sentamos, conversamos.</p> <p>Ela me falou: – Fiquei feliz quando soube que você também é professora. Não me esqueço de como você é esperta. Você leu o livro <i>Barquinho amarelo</i> com muita rapidez. Porque esse era o título do primeiro livro que li. Era um livrinho da escola.</p> <p>Lembro que, em 2013, aconteceu o primeiro encontro nacional de Codas, no Rio de Janeiro. Lá houve muitos depoimentos de Codas falando dessa dificuldade com a Língua Portuguesa, dificuldades com a leitura. Daí me lembrei das aulas de Português e me perguntei: – Por que não tive esta dificuldade?</p>	<p>Os surdos têm dificuldades com o Português</p> <p>Os livros clássicos infantis me ajudaram na minha alfabetização</p> <p>Papai comprava os clássicos infantis</p> <p>Mamãe contava as histórias para nós</p>	Preconceito na escola

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 1:09:08]</p> <p>[1 – 1:10:03]</p>	<p>Fui relembando da minha professora Maria Antônia e do primeiro livro. Todos os surdos têm dificuldades com o Português. Na época do meu pai, a educação de surdos era muito aquém do que está hoje. Papai comprou todos os clássicos literários imagináveis. Branca de Neve, Os Três Porquinhos, Alice no País das Maravilhas e tantos outros. Temos esses livros até hoje. Ele comprava esses livros e eu devorava. Ele comprava livros e os dava pra mamãe. Nesses livros havia as imagens e eu via as imagens e pedia pra mãe ler pra mim. Mas ela não sabia. Ela contava as histórias pra gente baseadas nas imagens. Nós sentávamos e ela contava pra nós três filhos e dramatizava. Era fascinante!</p>	<p>Mamãe contava as histórias baseadas nas imagens</p> <p>Era coisa mais deliciosa as histórias da mamãe</p> <p>As histórias me fizeram buscar a leitura para melhorar</p> <p>Fui alfabetizada em língua de sinais e em Português em casa</p>	<p>Nossos professores mentores</p> <p>Identidade Coda</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:12:02]	<p>Não tinha coisa mais deliciosa pros três, ver a mamãe contar as histórias pra nós. (muita expressão facial eufórica). Nós pedíamos para contar histórias e ela incorporava. Mamãe era perfeita nisso. Então fui relembrando isso... eu tinha péssima leitura. Mas as histórias me fizeram buscar a leitura para melhorar. Fui alfabetizada em língua de sinais e em Português em casa. Depois de aprender a ler, eu relia várias vezes os mesmos livros com as histórias que minha mãe dramatizava. O livro <i>Barquinho amarelo</i> era da escola, que a minha primeira professora me emprestou. Não esqueço. Os pais foram meus primeiros professores aqui em casa, mas não esqueço da professora Maria Antônia, hoje aposentada. (43) Ernani: Certo. Vemos a importância dos pais e do primeiro professor em nossa vida.</p>	<p>Meus pais foram meus primeiros professores</p> <p>Não esqueço da minha primeira professora</p> <p>A importância dos pais e do primeiro professor em nossa vida</p> <p>Formação</p>	<p>As histórias que nos desenvolvem</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:17:08]	<p>(44) Nina: Verdade. Não se esquece.</p> <p>(45) Ernani: Pensemos agora no tempo da Faculdade. Pensemos na sua formação e no tempo da sua formação. Fale-me a respeito.</p> <p>(46) Nina: Cursei Pedagogia em Belo Horizonte, na PUC-Minas. Me interessava sempre na Pedagogia, na área da educação de surdos, mas sempre encontrava muito pouco. Mas tive uma professora na Pedagogia que me marcou muito. A professora Sandra Tosta. Onde ela ia em algum evento, congresso que participava, quando encontrava algo sobre surdos, ela trazia pra mim. Ela sempre se lembrava de trazer informações sobre surdos pra mim. Depois ela também foi minha professora no mestrado e no doutorado. Essa lembrança boa eu tenho da Pedagogia. Ela contribuiu muito</p>	<p>Formação no curso de Pedagogia</p> <p>Ela trazia informações de fora para mim, sobre surdos</p> <p>Professora na Pedagogia que me marcou</p> <p>Boas lembranças da Pedagogia</p> <p>Ela me incentivava a buscar, ser pedagoga, ser pesquisadora</p> <p>Orgulhos dos pais</p>	<p>A fala e os modelos orais</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:20:00]	<p>do quem eu sou, enquanto pedagoga, enquanto pesquisadora. Ela viu em mim o interesse, a busca na área dos surdos. Ela via porque estava ali. Ela é maravilhosa.</p> <p>E no dia da minha colação de grau em Pedagogia, meus pais estavam. Eu fui escolhida oradora da turma.</p> <p>(47) Ernani: Imagino o orgulho dos seus pais no dia da formatura.</p>	<p>Homenagens aos meus pais</p> <p>Eu não interpretei as palavras da homenagem, mas conversei em paralelo com meus pais</p>	
[1 – 1:20:03]	<p>(48) Nina: Sim. Na hora da homenagem aos pais, eu pedi para interpretar esta parte da formatura. Tinha intérprete presente, mas eu queria interpretar aquela parte. Não estava no cerimonial a minha atuação como intérprete. Mas eu queria fazer isso para meus pais surdos que estavam lá. Aí perguntei: – Eu posso interpretar a homenagem? Me permitiram e eu subi no palco.</p>	<p>Eu fugi daquilo que ela sonhava pra mim</p> <p>Orgulho dos pais</p>	<p>Pais e professores são nossa inspiração</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 1:22:45]	<p>Aí, na hora da homenagem aos pais, eu não interpretei as palavras da homenagem, mas conversei em paralelo com meus pais. Eu falei pra eles o que queria falar. Fiz a minha homenagem pros dois. Nós três choramos. Não lembro de outros detalhes, mas desta frase ainda me lembro, e eu disse: – {Mamãe, eu não fui nada daquilo que você sonhou que fosse.} Ela falou: – {Verdade.} (risos). Ela chorando, mas assentiu sinalizando. Ela queria que tivesse casado com um fazendeiro, tivesse tido uns cinco filhos, morasse na fazenda (risos). Eu fugi daquilo que ela sonhava pra mim. Os dois chorando... meu pai falou: – Melhor assim. (risadas). Os demais surdos que assistiam observavam nossa conversa. (49) Ernani: Então você é o que seu pai imaginou pra sua vida.</p>	<p>Meu pai tem orgulho do que faço</p> <p>Meu pai sempre foi meu fã número um</p>	<p>Constituídos pelos outros</p> <p>Realização/Orgulho</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>30/11/2018</p> <p>[2 – 00:00]</p>	<p>(50) Nina: Sim. Meu pai imaginou exatamente isso para mim. Estudar, avançar. Ele adora meu trabalho, o que faço. Ele tem o maior orgulho. É meu fã número um.</p> <p>(1) Ernani: Podemos começar?</p> <p>Tenho dois temas a serem discutidos. Um sobre sua família e outro a respeito do bilinguismo.</p> <p>Em relação a sua família, de onde são seus pais? Onde aprenderam a Libras? Como se constituíram enquanto família?</p>	<p>Família dos Codas</p> <p>Bilinguismo nos Codas</p>	<p>Codas e o bilinguismo</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 02:30]	<p>(2) Nina: Meus pais são, minha família é do interior de Minas, Uberaba. Meu pai nasceu ali na fazenda próximo a Uberaba. Minha mãe também, na zona rural, de uma cidadezinha próximo dali chamada Veríssimo. Meus avôs paternos e maternos eram primos consanguíneos e a avó paterna, ela também tinha um irmão surdo. Então, meu pai teve contato com a língua de sinais com meu tio surdo. E minha mãe foi a primeira surda na família. Depois veio um irmão caçula e sobrinhos surdos, cujos pais eram ouvintes.</p> <p>Minha mãe foi a primeira surda na família. Depois veio um irmão caçula e sobrinhos surdos, cujos pais eram ouvintes.</p>	<p>Família padrão</p> <p>Geração de surdos na família</p> <p>Única surda na família</p> <p>Histórias de vida de Coda</p>	<p>Família e surdez</p> <p>Histórias de vida</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 03:00]	<p>– Tem uma outra história da minha mãe, que meu tio-avô me contou, muito interessante, que eu nunca esqueci. Muito interessante. Eu tinha em torno de 10, 11, 12 anos de idade. É uma história bem pontual. Depois da graduação, no mestrado, eu trouxe essa questão num capítulo na minha dissertação, já que tive contato com a língua de sinais e a sua origem em nossa família. Meus avós paternos perceberam que meu pai era surdo quando ele tinha quatro meses de idade, pelo fato de ter um cunhado surdo e primos surdos na família, o que ajudou meus avós nessa questão da percepção da surdez do meu pai, que tinha então, 4 anos de idade. Aí meus avós discutiram entre si se deviam mudar de cidade para terem acesso a melhores recursos para o filho surdo. Era uma preocupação muito grande dos meus avós paternos.</p>	<p>A língua de sinais na nossa família</p> <p>Surdez na família</p>	
[2 – 05:10]	<p>Aí meus avós discutiram entre si se deviam mudar de cidade para terem acesso a melhores recursos para o filho surdo. Era uma preocupação muito grande dos meus avós paternos.</p>	<p>Surda inteligente e sua forma de expressar</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[2 – 06:41]</p> <p>[2 – 07:12]</p>	<p>Diferentemente com a família da minha mãe, que foi a primeira surda na família, e perceberam tardiamente que era surda. Tem um fato que meu tio-avô conta que um dia foi visitar a família da minha mãe, na fazenda. Eles se sentaram na sala, típica de fazenda mineira, enorme. Meu tio-avô pediu pra minha mãe, em língua de sinais, para ir ver que horas eram. Minha mãe foi para ver as horas e demorou para retornar. Havia um relógio cuco na outra sala e minha mãe demorava.</p> <p>Daí minha avó disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Tadinha da Chiquinha, ela não vai saber as horas, está demorando. Disse vovó. – Não. Ela vai dar um jeito de mostrar as horas, ela é inteligente. Afirmou meu tio-avô. 	<p>Aquisição da linguagem</p> <p>Acesso à leitura apesar das dificuldades A importância do acesso à leitura</p> <p>Mamãe contava as histórias através das imagens</p>	<p>Alfabetização de Codas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 09:14]	<p>– Daí minha mãe chegou e mostrou as horas assim: levantando ambos os braços lateralmente, tipo formato de cruz, significando que eram 09h15min. Ela esperou para o ponteiro grande chegar até o número três para mostrar uma lógica na expressão corporal das horas que eram naquele momento.</p> <p>– Eu tinha 11, 12 anos. Eu cresci vendo minha mãe sempre fascinada por relógios. Ela adorava ganhar relógios. Tinha muitos relógios diferentes. De pulso, de parede, etc.</p> <p>– Quando se perguntava pra ela que horas eram, ela fazia assim (usando língua de sinais): mostrava o sinal de nove e depois, sinal de pouco. Isso significava que eram entre nove e nove e quinze. Ela tinha sua forma de expressar.</p>	<p>Visão diferente sobre o passarinho Ele canta? Grita?</p> <p>Coda é diferente. Foge das regras</p> <p>Filhos de Codas</p>	<p>Visão de mundo</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 10:13]	<p>– Daí, quando fui estudar a aquisição da linguagem, entendi essa questão da minha mãe, da forma como ela usava para se comunicar conosco. Entendi muitas coisas, por exemplo, meu pai sempre se preocupava com a questão para que nós, os filhos, tivéssemos acesso à leitura, apesar das dificuldades dele com a língua escrita. Assim, nós tínhamos livros de contos, fábulas, os clássicos infantis em casa. Cinderela, Os três porquinhos, Branca de neve, esses livros nós tínhamos em casa.</p> <p>– Minha mãe abria os livros diante de nós três irmãos, e ela contava as histórias. Meu pai não contava histórias, mas minha mãe contava histórias. Ela lia as gravuras e a partir daí contava as histórias a partir das imagens.</p>	<p>Codas sem pressão</p> <p>Letramento na escola</p> <p>Facilidade no Português</p> <p>Não tive dificuldades para aprender a ler.</p>	<p>Codas na escola</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 12:06]	<p>– Ela mostrava um passarinho e sinalizava: – Olha o passarinho. Que lindo. Que cores lindas nas penas. Isso me marcou muito. Assim, não prestava atenção nos cantos dos passarinhos, mas nas expressões visuais, formas, cores. (Risadas)</p> <p>Outro dia a minha vó me perguntou: – Você viu que o passarinho canta? – Não, ele canta? (risadas) Para mim ele grita e não canta. Cantar era outra coisa, pra mim. (Risadas) Nestes e noutros aspectos eu vejo que Coda é diferente. A gente é diferente. Foge das regras (risadas).</p> <p>(3) Ernani: Sim, entendo e acho sensacional a visão do Coda em relação às coisas. O Coda foge das regras.</p>	<p>Aprendi rápido a ler</p> <p>Não tive dificuldade com a produção escrita</p> <p>Meus irmãos tiveram um pouco mais de dificuldades para ler e escrever</p> <p>Eu voltava muito para os livros da mamãe</p> <p>As histórias contadas pela mamãe tinham expressões faciais assustadoras</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 18:28]	<p>(4) Nina: Sim, foge. Mas quero contar outra coisa, que aconteceu com meu filho de 14 anos. Ontem, eu conversava com ele. Ele estuda numa escola particular e ele vai agora para o Ensino Médio e estava muito angustiado, arrependido, porque ele vai fazer seleção para ir para uma escola técnica federal. “Eu não estudei tanto quanto meus amigos.” Eles estão estudando muito para conseguir entrar. Daí falei pra ele:</p> <p>– Meu filho, na realidade você não quer entrar lá. – Sei, mas papai quer que eu estude lá, e os pais dos meus amigos querem muito que eles entrem lá, respondeu meu filho. Eu disse: – Os pais dos seus amigos querem que eles curse o técnico federal lá, porque depois eles terão prioridade na universidade pública. A escola pública garante isso. Será que eles querem estudar este curso lá? Eu só quero que você seja feliz. Faça o curso e a faculdade que quiser. Você decide.</p>	<p>Não precisei fazer fonoterapia Facilidades com o Português</p> <p>Há Codas que tiveram dificuldades com o Português</p> <p>A escrita se sistematizou na escola</p> <p>O teatro me ajudou a me desenvolver na língua de sinais</p> <p>A militância surgiu na minha casa com a associação de surdos</p>	<p>Histórias que dão vida</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 18:28]	<p>(5) Ernani: Sim, entendo.</p> <p>(6) Nina: Há muita pressão em cima do filho. Estudar em escolas públicas, cotas, reservas, Enem e assim por diante. Nenhum surdo faz essa pressão no seu filho. A gente não viu isso. Eu nunca fui cobrada.</p>	<p>Festas de Natal em minha casa</p> <p>Padre Vicente Burnier</p>	
[2 – 20:16]	<p>Meus pais nunca me cobraram em frequentar uma escola pública, para depois ter garantias de entrar numa universidade pública. E eu vejo isso também com meus irmãos. Eles não fazem isso com seus filhos. Não fazem mesmo.</p> <p>(7) Ernani: Vamos falar sobre o bilinguismo. Como foi a aprendizagem da primeira língua e da segunda? Como foi o processo de letramento na escola?</p> <p>Como foi o processo de ter sido apresentada ao Português, tardiamente ou não. Podemos falar sobre isso?</p>	<p>Eu secretariava as reuniões da associação de surdos, onde meu pai foi o presidente por duas vezes</p> <p>Sempre estive mais voltada para a sala de aula, para as escolas</p> <p>Fundação da Febrapils</p>	Cultura surda

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 22:00]	<p>(8) Nina: Entrei na escola aos 7 anos, como faço em setembro, e completei 8 anos na primeira série. Não tive dificuldades para aprender a ler. Penso que, pela forma que minha mãe buscava ler as histórias nos livros de historinhas, isso me aguçou muito a procurar a leitura. Eu gostava. Eu lembro que na sala de aula eu fui a primeira a aprender a ler.</p> <p>– Na escola, foi rápido. Eu fui uma das primeiras a ler. Me lembro desse episódio. Eu não tive dificuldade. Gostava muito de ler. Eu não tive dificuldade com a leitura. Não tive dificuldade com a produção escrita.</p>	<p>Mesmo sendo uma intérprete estava mais ligada à escola básica, sendo professora</p> <p>Início do movimento dos intérpretes de Libras</p> <p>Início na Febrapils</p> <p>Coda assumida e uma profissional intérprete</p> <p>Ser Coda é mais cultural do que linguística</p>	<p>Febrapils e militância</p>
[2 – 23:30]	<p>Não foi nenhum entrave. O mundo das letras foi uma entrada muito tranquila pra mim. Pouco diferente para os meus irmãos. O meu irmão do meio, Paulo, teve um pouco mais de dificuldade. O Marquinho não teve. Paulo mais dificuldade. Eu não. Foi muito tranquilo, muito.</p>	<p>Me conheci e assumi minha identidade de Coda.</p> <p>Minha vida pessoal e profissional e meu olhar mudaram</p> <p>Encontros anuais de Codas, no Brasil</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 24:00]	<p>(9) Ernani: E depois você voltava nos livros da sua mãe e entendia o que estava escrito.</p> <p>(10) Nina: Sim. Voltava muito para ler os livrinhos de mamãe. Gostava muito, principalmente de Cinderela. Adorava ler Cinderela (risadas). E também a Bela Adormecida. Depois os Três Porquinhos, porque mamãe fazia o lobo, que era muito assustador {expressão facial de assustador}.</p> <p>– Antes de saber ler, a gente sempre pedia mamãe para contar de novo essa história. Isso por causa da ação que envolvia os porquinhos, o lobo assustador (risadas).</p>	<p>Ajudamos a entender como são os Codas e como são nossos pais</p> <p>Início da militância na Febrapils</p> <p><i>Coda International</i></p>	<p>Codas e identidade</p>
[2 – 25:05]	<p>(11) Ernani: E na escrita. A professora precisou focar em você e dizer, é assim que se escreve. É assim que se fala. Você não precisou fazer fono?</p>	<p>Me conheci e assumi minha identidade de Coda</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[00:27:30]</p> <p>[2 – 29:00]</p>	<p>(12) Nina: Não precisei fazer fonoterapia. A professora comentava o quanto eu tinha facilidade com o Português. Sei de muitos casos, de muitos Codas que tiveram dificuldades com o Português, mas eu não tive. Fui rapidinho (risadas).</p> <p>(13) Ernani: Então a escrita se sistematizou na escola?</p> <p>(14) Nina: Sim, a escrita se sistematizou na escola. Meus irmãos foram na mesma escola. Eu, depois de adulta, depois de já trabalhando como professora, encontrei minha primeira professora. Ela me disse que ficou feliz em saber que também sou professora, e lembro que eu havia aprendido rapidamente a ler e escrever.</p>	<p>Mudou minha vida pessoal e profissional</p> <p>Encontros nacionais de Codas</p> <p>Ajudamos a entender como são os Codas, como são nossos pais surdos</p> <p>Livro editado sobre Codas</p>	<p>Codas e identidade</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 32:40]	<p>(15) Ernani: Além da sala de aula, algum esporte, arte, outro ajudaram você, do qual você reconhece hoje?</p> <p>(16) Nina: Teatro. Eu fazia teatro e me ajudou a desenvolver pela língua de sinais. Sim, teatro no Ensino Médio, {assentimento de confirmação com a cabeça}, gostava muito.</p> <p>(17) Ernani: E sobre a sua militância, antes da Febrapils. Seus pais eram militantes da causa surda?</p>		
[2 – 36:20]	<p>(18) Nina: A militância iniciou na associação de surdos de Uberaba, que foi fundada em minha casa, no tempo dos meus pais. Acho que sou a primeira Coda de nascida em Uberaba. A associação foi fundada em 1981/82. Antes, os surdos se reuniam nas casas. Na época de Natal, uma semana antes do Natal, havia festa de Natal nas casas. Lá em casa foram muitas festas de Natal.</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Me lembro muito do padre Vicente Burnier, ele sempre vinha aqui. Veio para várias festas. Ele casou papai e mamãe. Me lembro que o casamento de papai e mamãe saiu no jornal e na rádio de Uberaba. Foi aquela notícia, casal de surdo-mudo (risadas), por um padre surdo-mudo (risadas).</p> <p>(19) Ernani: Conheço o padre Vicente. Uma figura muito importante para a comunidade surda brasileira.</p> <p>(20) Nina: Então, as festas de Natal eram nas casas de um e de outro. Então, a associação foi fundada lá em casa. Papai foi presidente da associação por duas vezes. Nos mandatos de papai eu acompanhava, secretariava as atas das reuniões, a gente tava sempre presente.</p> <p>– Depois que eu vim pra Belo Horizonte, eu acompanhava muito mais a questão educacional</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>do que a tradução/interpretação. Sempre estive mais voltada para a sala de aula, para as escolas. Acompanhei muito o processo da escola bilíngue, o processo bilíngue, e fui acompanhar mais de perto a tradução/interpretação no surgimento do curso de Letras/Libras, bacharelado, em 2008, ano da fundação da Febrapils. Mas assim, acompanhei a fundação da Febrapils, foi quando fui acompanhar mais de perto a questão da tradução/interpretação no Polo Cefet, aqui em Belo Horizonte, a partir de 2008.</p> <p>– Anterior a isso, estava na área educacional. Mesmo sendo uma intérprete estava mais ligada à escola básica, sendo professora, a minha questão era mais educacional. A partir de 2008, acabei me envolvendo com o curso Letra/Libras, com as questões da tradução/interpretação e com os estudos nesta área, na academia.</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>– Daí comecei a ver o movimento numa reunião dos tradutores/intérpretes, que teve em Florianópolis, o pessoal estava discutindo, mas não me envolvi.</p> <p>Em 2011, quando teve eleições, o Ernando me chamou para participar da diretoria, eu conheci o trabalho da Febrapils.</p> <p>(21) Ernani: Entendo. A partir daí você é uma Coda assumida e uma profissional intérprete.</p> <p>(22) Nina: Sim, eu já sabia que ser Coda é ser diferente, mas ser Coda é mais cultural do que linguística, foi a partir de 2012, sob muita insistência da profa. Ronice Quadros, fui participar de um evento em Miami. Foi a partir daí que me conheci e assumi minha identidade de Coda. Lá havia 300 participantes Codas. Aí voltei outra pessoa. Este encontro fez toda a diferença em minha vida pessoal e profissional. Mudou.</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Entendi muitas coisas de meus pais. Coisas minhas. Meu olhar mudou.</p> <p>(23) Ernani: Certo. Entendo.</p> <p>(24) Nina: Aí voltamos de lá, decidimos fazer um encontro nacional. Já estamos em nossa sétima edição, sempre no Rio, pois lá é mais barato.</p> <p>Assim ajudamos os outros Codas. Ajudamos a entender como são os Codas, como são nossos pais surdos, etc.</p> <p>– Lembro que, em 2013, aconteceu o primeiro encontro nacional de Codas, no Rio de Janeiro. Hoje já fizemos sete encontros. Sempre no Rio de Janeiro, pois lá é mais barato. Alugamos uma casa de retiros e muitos Codas vão, ficamos três dias juntos. Ano que vem, em outubro, 2019, será em Florianópolis.</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Assim, ajudamos os Codas a entenderem a si mesmos, a entenderem seus pais. O último encontro que teve foi um dos melhores.</p> <p>– O evento fez um livrinho contando os 5 anos de histórias dos Codas brasileiros. Vai ajudar na sua pesquisa.</p>		

5.3 NARRATIVAS DE KAUÊ

Legenda: 1ª entrevista

em negrito – os pré-indicadores

{ } verbalização em Libras

[] número da entrevista e tempo de gravação

() autor da fala e explicações de contexto

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
11/09/18 [1 – 00:00]	(1) Ernani: Olá, Kauê. É um prazer ter você como meu sujeito participante da pesquisa. Muito obrigado. (2) Kauê: O prazer é todo meu. (3) Ernani: Qual é o seu sinal em Libras e por que é assim?		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 04:10]	<p>(4) Kauê: Meus pais me deram esse sinal desde criança: configuração em R, na bochecha. Não tem relação com meu nome, mas com a bochecha, e não sei por quê. (Risos).</p> <p>(5) Ernani: Certo. Entendo. Você poderia me falar sobre sua infância com seus pais? Lembranças que aconteceram nas relações em família?</p> <p>(6) Kauê: Desde cedo, quando comecei a compreender, em casa era supernatural conversar em língua de sinais, moramos sempre próximo aos meus avós maternos, com eles, eu falava em Português. la e vinha entre língua de sinais e Língua Portuguesa. Só percebia isso depois de alguns anos. Via outras famílias conversando apenas em Língua Portuguesa, mas, no início, eu não percebia</p>	<p>Meu nome em Libras</p> <p>Aquisição natural da Libras</p> <p>As línguas em família</p>	<p>Sinal pessoal em Libras</p> <p>Crescer bilíngue</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 04:10]	<p>diferença. Meus pais sempre me davam conselhos. Não lembro quando me ensinaram LS, conversamos naturalmente e eu ia aprendendo, não lembro de perguntar qual o sinal de caneta, telefone, medicamento.</p> <p>Conversávamos naturalmente, e eu ia aprendendo, nunca imaginei trabalhar com isso, era supertranquilo o diálogo com eles. Só mais tarde percebi que eu já tinha um vocabulário para conversas.</p>	Diferenças imperceptíveis	
[1 – 07:27]	<p>(7) Ernani: Hum. Certo. Você lembra de um marco, um fato que fez você perceber que seus pais são diferentes dos outros pais?</p> <p>(8) Kauê: Então, um marco que pode ter acontecido foigeralmente, quando</p>	Professor e Tils de Libras	
[1 – 07:27]	<p>depois de algum tempo eu comecei a comparar que em outras famílias, elas conversavam em Português, então era uma forma de convivência diferente para mim. Na minha casa</p>	Comparação com outras famílias, ouvintes	Subjetividade

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 09:02]</p> <p>[1 – 12:10]</p>	<p>não tinha nada disso. Na minha casa tinha sons próprios de surdos. A gente falando, eu chamando alto, havia sempre muito barulho. (Risadas). E às vezes eu ia na casa de ouvintes e era um silêncio. Na casa de ouvintes era silêncio. As famílias de ouvintes são mais silenciosas. Percebia que era mais quieta. Aí eu comparava com minha família. Diziam: nossa, minha família é barulhenta. Minha concepção de família é diferente, sabe, de família, de vida, pois há barulho. Quando eu ia na casa de amigos ouvintes, de família que não usava a língua de sinais, eu percebia que lá era mais silencioso e fazia comparações. Como era em casa e como era lá. Minha cabeça ficava imaginando, mas nunca externalizava essa diferença. Mas ficava comigo essa questão, nunca falava para ninguém [ironia/subjetivo] sobre isso. (sinal do dedo médio no meio em cima da cabeça).</p>	<p>Minha casa havia barulho</p> <p>Casa de surdos, casa de ouvintes</p> <p>Minha concepção de família é diferente</p> <p>Essas questões ficavam comigo, não falava para ninguém</p>	<p>Subjetividade</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 14:14]	<p>(9) Ernani: (Risadas). Sim, entendo. Muita subjetividade.</p> <p>(10) Kauê: (Risadas). Sim, é.</p> <p>(11) Ernani: Esse sinal que você usou agora é o máximo. É um sinal forte na Libras. É um dos sinais intraduzíveis na sua total equivalência para o Português, mas que resume bem essa questão subjetiva que você, menino, imaginava lá na família ouvinte.</p> <p>– Qual era sua idade então? Você lembra?</p> <p>(12) Kauê: Acho que foi na faixa dos 10 anos de idade. Não foi no tempo de entrar na escola, foi depois, que começava a comparar, começava a perceber a diferença, sabe, entre a minha família e as outras.</p> <p>(13) Ernani: Fale-me de seus pais. Onde seus pais aprenderam a língua de sinais? Onde estão as raízes deles? Onde se nutriam da língua?</p>	<p>Comparações entre a minha família e outras</p>	<p>Subjetividade</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 16:50]</p> <p>[1 – 18:33]</p>	<p>Kauê: Meu pai nasceu surdo e tinha uma irmã mais nova que ele, que também nasceu surda. Não usava a língua de sinais enquanto criança. Só gestos. Por muito tempo a comunicação entre eles era só gestos, expressões faciais e apontamentos. Mas ao longo do tempo que foram crescendo, na juventude encontrou outros surdos aqui da comunidade e foi aprendendo a língua de sinais. Mudou-se para Brasília e passou um tempo lá. Quando retornou para Manaus, conheceu minha mãe. Se conheceram na igreja que tinha aqui, o Tabernáculo Batista. Minha mãe não conhecia a língua de sinais, mas aprendeu a mesma ao se aproximar dele. Ela não nasceu surda. Ela, na infância ainda, sofreu um acidente, me parece um afogamento e teve trauma. Esse trauma resultou na perda auditiva.</p>	<p>Meu pai e uma irmã dele nasceram surdos e usavam gestos, não sinais</p> <p>Naquele tempo era só gestos, expressões faciais e apontamentos</p> <p>Meu pai aprendeu a língua de sinais com outros surdos da região</p> <p>Minha mãe aprendeu Libras com meu pai</p>	<p>Bílingue</p> <p>Família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 19:43]	<p>Ela não consegue falar o Português. Só oraliza algumas palavras. Ela se expressa melhor em Libras, hoje.</p> <p>(15) Ernani: Entendo.</p> <p>(16) Kauê: Ela fala algumas palavras isoladas, mas é mais compreendida depois que aprendeu língua de sinais, mas só aprendeu adulta.</p> <p>(17) Ernani: A questão da sua mãe me fez lembrar do filme <i>O Piano</i>, cuja protagonista também usa uma língua de sinais, apesar de ser ouvinte, mas ela se expressa somente em língua de sinais, após passar por um trauma.</p> <p>(18) Kauê: Ah, sim. O trauma dela foi na fala. Sei.</p> <p>(19) Ernani: Então ambos os seus pais são de Manaus?</p> <p>(20) Kauê: Meu pai é de Manaus. Minha mãe e sua família vieram do interior para Manaus, há muitos anos.</p>	<p>Minha mãe aprendeu a Libras quando adulta</p> <p>Filme <i>O Piano</i></p>	<p>Família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 22:11]	<p>(21) Ernani: Muito bem. Você lembra se interpretava para seus pais em casa e/ou na rua?</p> <p>(22) Kauê: Sim, sim, sempre fui intérprete. Houve uma época em que meus pais costumavam receber amigos surdos da região, até da Bolívia, Venezuela, Peru. Minha casa era um ponto de encontro dos surdos, ficavam conversando. Alguns surdos iam para lá e meu pai sempre dizia, meu filho sabe tudo, meu filho sabe isso, meu filho sabe aquilo, e eles sempre me perguntavam. Para meu pai, tinha um significado muito grande ali. Sempre quando havia alguma dúvida sobre qualquer assunto, ele me perguntava. Os surdos que visitavam minha casa não tinham alguém que compreendessem eles em língua de sinais. Embora adultos, eles não tinham alguém próximo que pudesse servir de intérprete, como aqui em casa tinha.</p>	<p>Coda intérprete para seus pais</p> <p>Minha casa era um ponto de encontro de surdos</p> <p>Para meu pai eu sabia sobre tudo, ele sempre perguntava</p> <p>Meu pai sempre me perguntava sobre qual assunto</p> <p>Os outros surdos não tinham intérprete para eles</p>	<p>Associação</p> <p>Orgulho do filho</p> <p>Tis sempre</p> <p>Família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 25:03]	<p>Muitas vezes, pediam para meu pai me liberar para ir com eles e interpretar para eles.</p> <p>Meu pai dava essa autorização.</p> <p>(23) Ernani: Você lembra que idade você tinha então?</p> <p>(24) Kauê: Com mais frequência a partir dos doze anos. Eu sempre tive que traduzir, traduzir em casa, conversas em família, meus avós paternos não sabiam língua de sinais. Isso fazia com que meus pais não gostassem muito das reuniões em família, as reuniões de fim de ano, pois ficavam ali no cantinho, isolados. Mas quando iam, eles queriam ficar conversando com todos os familiares. Pediam para eu ficar junto, conversando com eles, interpretando. Às vezes eu não queria ficar perto, queria brincar, assim como toda criança.</p>	<p>Meu pai me liberava para ser intérprete para os outros surdos</p> <p>Coda é Tils nas reuniões familiares</p> <p>Meus pais ficavam isolados nos encontros de família</p>	<p>Tils sempre</p> <p>Família</p>
[1 – 26:30]	<p>queria brincar, assim como toda criança.</p> <p>(25) Ernani: Você queria brincar com as primas e primos.</p>	<p>Eu não podia sair para brincar lá fora com os primos</p>	<p>Coda é diferente</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 29:45]	<p>(26) Kauê: É isso mesmo. Eu via e comparava. Os outros podiam brincar lá fora, mas eu tinha que ficar ali com meus pais, interpretando as conversas chatas. Pra mim não fazia o menor sentido. (Risadas). Mas eu ficava ali conversando, porque tinha que obedecer a meu pai, eu sempre estava interpretando, caso contrário, ficaria de castigo. Assim, eu sempre interpretava. Todos os momentos das reuniões de família, de amigos.</p> <p>(27) Ernani: Entendo. E em casa. Você também interpretava?</p> <p>(28) Kauê: Sempre, sempre, sempre. Quando era um filme ou algum acontecimento, minha mãe me requisitava, mas era bem menos do que meu pai. Para o meu pai, eu tinha que interpretar toda noite o jornal, e ainda eu tinha que fazer uma síntese. Tudo que passava ele perguntava.</p>	<p>Interpretava conversas chatas dos familiares</p> <p>Obediência aos meus pais para não ficar de castigo</p> <p>Em casa eu interpretava sempre, sempre, sempre.</p> <p>Minha mãe me requisitava para interpretar menos que meu pai</p> <p>Coda interpretando o jornal da TV, em casa</p>	<p>Família</p> <p>Tils sempre</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 32:21]	<p>O que foi isso, o que foi aquilo. Para cada matéria dos jornais eu tinha que trazer as informações. Ao final tinha que fazer uma síntese e explicar em Libras. Muitas vezes, eu dizia o que eu próprio entendia. Às vezes eu dizia o que sabia, às vezes eu dizia o que eu achava que sabia. Podia até ser, mas eu não tinha nenhuma segurança. Mas ele queria que eu dissesse alguma coisa. Mas eu não poderia ficar sem dizer algo. Ele achava que por ser ouvinte, tinha que saber o que estavam ouvindo, mesmo que eu não entendesse. Passava 10, 15 segundos de fala em Português, eu tinha que interpretar alguma coisa, pois eu era ouvinte e sabia sobre tudo. Então, o jornal era sempre. Mas, às vezes, meu pai gostava de programas de humor. Gostava mesmo do programa do Ratinho, eu tinha que ficar ali.</p>	<p>O que foi isso, o que foi aquilo?</p> <p>Muitas vezes, eu dizia o que eu próprio entendia</p> <p>Meu pai achava que, por ser ouvinte, tinha que saber o que estavam ouvindo</p>	<p>Tils sempre</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 33:24]	<p>(29) Ernani: O Ratinho tem muita expressão e linguagem visual no seu programa.</p> <p>(30) Kauê: Sim. As brincadeiras que apareciam. Então, eu tinha que ficar ali com ele, traduzindo tudo. Eu não queria isso, mas era assim. Virava uma rotina diária. O que eu menos interpretava eram filmes. Eles assistiam na boa e tiravam suas próprias conclusões. Não precisavam muito de interpretação. Não me chamavam muito para interpretar filmes. Era mais jornais, notícias, informações. Filmes e novelas eram poucas vezes.</p>	<p>O programa de TV do Ratinho tem muita expressão e linguagem visual no programa</p> <p>Eles assistiam na boa e tiravam suas próprias conclusões</p>	<p>Tils sempre</p> <p>Tils sempre</p>
[1 – 35:08]	<p>(31) Ernani: Seu pai lhe chamava mais do que sua mãe?</p> <p>(32) Kauê: Sim, bem mais do que minha mãe. Ele fazia questão. Acredito que ele queria sempre estar bem informado, quando encontrasse os surdos, queria estar sabendo tudo, para ter</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 37:39]	<p>segurança nas conversas, se atualizava assistindo aos jornais. Eu lembro que, muitas vezes, eu não fazia ideia do que estava sendo dito e ia pela intuição. Ele queria saber sobre tudo e ter sua opinião na conversa com os amigos dele.</p> <p>(33) Ernani: Isso é muito interessante. Os Coda jovens são solicitados para interpretar o que não conseguem entender, muitas vezes, como nas consultas médicas, notícias sobre política na TV, etc. O Coda ainda não está maduro para interpretar esse assunto.</p> <p>(34) Kauê: Sim. Eu dizia (interpretava) muita coisa pela intuição. Quando não entendia eu acabava fazendo uma conclusão minha, colocava o que eu achava.</p>	<p>Meu pai sempre queria estar bem-informado sobre tudo, para poder opinar diante dos outros surdos</p> <p>Muitas vezes não fazia ideia do que estava sendo dito e ia pela intuição</p>	<p>Tils sempre</p>
[1 – 39:10]	<p>(35) Ernani: Entendo. Sim. Já aconteceu algum mal-entendido na comunicação entre seus pais e a sociedade ouvinte, no qual você estava junto,</p>	<p>O Coda jovem ainda não está maduro para interpretar certos assuntos</p>	<p>Tils sempre</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 41:26]	<p>interpretando, no qual você tentou satisfazer algum dos lados? Você lembra?</p> <p>(36) Kauê: Não, não me lembro. Então, neste caso, eu sempre tentava satisfazer o lado dos meus pais. Eu nem sempre conseguia satisfazer o lado dos ouvintes. Eles queriam falar uma coisa e eu não conseguia fazer a tradução, como ficaria em Libras, daí eu passava para meu pai de uma forma que ele entendesse. Mas as vezes quando ele me falava era quando ficava procurando umas palavras que significava tal sinal, nem sempre era classificador. Hoje eu sei que é um classificador, mas na época não tinha a menor ideia.</p> <p>(37) Ermani: Nossa, claro. Entendo. É uma coisa nova pra nós (risadas).</p> <p>(38) Kauê: Meu pai usava muito classificador, ele descrevia tudo, eu sabia o que ele estava falando, mas não conseguia passar isso</p>	<p>Eu interpretava, muitas vezes, pela intuição</p> <p>Eu sempre tentava satisfazer o interesse dos meus pais</p> <p>Interpretação de uma forma que ele entendesse</p> <p>Procurando palavras que significavam tal sinal, nem sempre era classificador</p>	<p>Tils sempre</p> <p>Família do Coda</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 43:37]	<p>para o Português. Eram coisas simples. Talvez não fossem diálogos, mas coisas simples, por exemplo: meu pai me pedia pra compra uma coisa. Estou contando coisas bem de casa, de convivência familiar. Ele me pedia para ir comprar (...) ele fazia assim: Ele dizia: você pode comprar</p> <p>{classificador de lâmpada enroscar algo por cima da lâmpada para enroscar no teto} Se eu perguntava o que é isso, ele ficava nervoso. Eu simplesmente dizia: Tá, ok. Daí eu ia comprar, chegava lá na loja de materiais de construção e pedia o que eu tinha entendido. Perguntava assim: Você tem um, um objeto que a gente coloca por cima da lâmpada pra ela funcionar,</p>	<p>Gestos e classificadores era a Libras no passado</p> <p>Narrativas do cotidiano familiar de um Coda</p> <p>Compreensão do objeto, mas sem palavras em Português</p>	<p>Crescendo bilingue</p>
[1 – 45:23]	<p>de número 20 ou 40 (...). Mas quem não entendia era o vendedor. Ele me perguntava: Como assim? O que é isso? Qual o nome? Eu não</p>		<p>Crescendo bilingue</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 47:37]	<p>sei, dizia. Mas é uma coisa de tal formato e tem dois pontinhos e é pequeno assim, mais ou menos (...), mas eu não sabia o nome. Então, o vendedor ficava dizendo: é isso? é aquilo? esse é o nome? Então, às vezes eu acertava, às vezes eu não acertava. Então, quando acertava, estava ótimo. Mas, às vezes, eu esquecia o que era, por que eram tantos nomes (...) lâmpada, led, relê, (...), meu pai explicava, mas não sabia o nome daquilo. Sabia que faria a lâmpada funcionar, mas qual elemento era? Então, eu também sabia o que era, mas não sabia o nome em Português. Eu tentava satisfazer meu pai. O vendedor tinha que se virar, por exemplo, para entender o que era aquilo ali, e me vender.</p> <p>(39) Ernani: E o relê, quase nem é usado mais hoje em dia (risadas).</p>	<p>Como assim? O que é isso? Qual o nome? Eu não sei, dizia</p> <p>Não sabia os nomes das coisas em Português</p> <p>Meu pai explicava, mas não sabia o nome daquilo</p> <p>Não sabia os nomes das coisas em Português</p> <p>O vendedor tinha que se virar</p>	<p>Crescendo bilíngue</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 50:37]</p> <p>[1 – 53:34]</p>	<p>(40) Kauê: É. Mas se eu chegasse em casa, com outra coisa que não o pedido, meu pai dizia {errado, não entender}. Daí ele explicava de novo, mas com menos paciência. Às vezes ele ia comigo, eu fazia de tudo para isso não acontecer. Então, eu sempre buscava entender o lado dele, o lado dos meus pais. Que o vendedor se virasse para entender o produto e vender pra mim. Ah, agora o cúmulo era quando eu errava várias vezes e ele tinha que ir lá na loja comigo. Ele desenhava, apontava e explicava até conseguir o que queria. Daí, quando conseguia, levava pra casa. Eu fazia de tudo pra isso não acontecer (não chegar a esse ponto). Fazia de tudo pra entender ali (em casa), e chegar até a loja e levar o objeto que achei que tinha entendido.</p>	<p>Eu fazia de tudo para não deixar meu pai nervoso</p> <p>Eu sempre buscava entender o lado dele, o lado dos meus pais</p> <p>Que o vendedor se virasse para entender o produto e vender pra mim</p> <p>Filho dedicado e obediente</p>	<p>Crescendo bilingue</p> <p>Coda na família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 55:31]	<p>Esse foi apenas um exemplo e eu nem estava esperando falar sobre isso. Mas apenas um exemplo simples.</p> <p>(41) Ernani: É um exemplo rico na sua narrativa e engloba um monte de informações importantes. A palavra relê é usada em diversos contextos e em muitos motores elétricos, não é mais usada hoje em dia. (risadas). Seu pai trabalhava no quê? O que sustentava a sua família?</p> <p>(42) Kauê: No início ele vendia adesivos do alfabeto manual. Tinha um ponto onde se encontrava com surdos, ele tinha um ponto de encontro e ficava lá. Eu ia com ele. Minha mãe trabalhou em uma fábrica de jogos de videogames. Primeiro ela trabalhava numa fábrica de relógios e depois foi para a de videogames. Meu pai saía para vender e eu muitas vezes ia</p>	<p>Filho dedicado e obediente</p> <p>Exemplos ricos do cotidiano de um Coda em família</p> <p>Meu pai vendia adesivos na rua para sustento da família</p> <p>O trabalho da mãe era numa fábrica de videogames</p>	<p>Coda em família</p> <p>Orgulho dos pais</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 57:12]	<p>com ele. O que vem na memória da infância é a imagem do meu pai sair pra vender os cartões com o alfabeto manual (...), mas em casa ele sempre consertava as coisas, como lâmpadas, fiação, encanamento, cortava. Ele gostava disso. Muitas vezes eu acompanhava ele. Íamos até o ponto de venda. Eu ficava com outros surdos que ficavam por lá, enquanto ele ia vender os cartões nas imediações, ele pedia para que os surdos me vigiassem e cuidassem de mim. Depois, no fim do expediente, ele me pegava lá com o pessoal.</p> <p>(43) Ernani: Seu pai é oralizado? E sua mãe?</p> <p>(44) Kauê: Não, meu pai não é oralizado e minha mãe um pouco mais.</p> <p>(45) Ernani: Com que idade você foi pra escola? Como foi a alfabetização?</p>	<p>A venda de cartões com o alfabeto manual</p> <p>Meu pai consertava tudo em casa</p> <p>Meu pai saía pra vender cartões e eu era cuidado pelos outros surdos</p>	<p>Orgulho dos pais</p> <p>Orgulho dos pais</p> <p>Escola</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 59:38]	<p>(46) Kauê: Foi (...), inicial foi com 4 anos de idade. Na época tinha Jardim, creche, né? Não tinha seriação na educação infantil. Então era Jardim I, Jardim II e depois a alfabetização aos 7 anos.</p> <p>(47) Ernani: Esqueci de perguntar sobre a constituição da sua família. Quantos vocês são?</p> <p>(48) Kauê: Somos em quatro. Meus pais, minha irmã que é dois anos mais nova e eu.</p> <p>(49) Ernani: Ela também sabe língua de sinais?</p> <p>(50) Kauê: Sim, sabe. Hoje sim, mas antes não. Eu era o filho mais velho e meu pai sempre me perguntava e pedia para interpretar. Sempre era eu. Eu sempre tinha que estar à frente. Agora, recentemente, minha irmã começou a se interessar pela língua de sinais e a se envolver na área e a trabalhar com língua de sinais recentemente.</p> <p>(51) Ernani: Que legal. Isso é muito bom. E na sua</p>	<p>Meu pai não é oralizado e minha mãe um pouco mais.</p> <p>Início escolar aos 4 anos</p> <p>Coda mais velho é mais cobrado</p> <p>Filho mais velho à frente dos outros</p>	<p>Coda na família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 01:01:53]	<p>juventude. Lembra de um episódio que aconteceu e você lembra?</p> <p>(52) Kauê: Lembro que comecei a traduzir, interpretar na igreja, com 14 anos, para meus pais. Tinha um grupo que interpretava na igreja, até que um dia meu pai dizia que eu podia interpretar. Acabei suprimindo a falta de intérprete na igreja e aí eu fui solicitado. Meu pai disse: Claro, ele pode. Ele sabe. Antes eu não prestava muita atenção nos intérpretes na igreja. Via só eles interpretando, meus pais assistindo. Eu olhava um pouco mas sem atenção. Ficava junto com os demais colegas ouvintes assistindo, mas não pro intérprete. Então, naquele dia que faltou intérprete, fui eu lá para a primeira vez em público, onde outras pessoas me olhando. Isso aconteceu na minha adolescência. Então, depois que interpretei, eu comecei a interpretar e ficou uma rotina.</p>	<p>Início da interpretação aos 14 anos, na igreja</p> <p>Na igreja eu ficava junto com os demais ouvintes</p> <p>Substituindo intérprete na igreja</p> <p>Quando os surdos me viam na igreja, sabiam que iria ter interpretação</p>	<p>Tils na igreja</p> <p>Tils na igreja</p>
[1 – 01:02:44]			

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 01:04:37]	<p>(53) Ernani: Assim, quando os surdos viam você na igreja, eles já sabiam que iria ter interpretação. Você ficou de referência como intérprete.</p> <p>(54) Kauê: Sim. Os surdos gostavam. Aí meu pai me pedia para interpretar. Daí fui seguindo e mais organizado. Chegava no horário ou antes mesmo do início. Havia outros intérpretes e a gente se organizava para o culto.</p> <p>(55) Ernani: A princípio, então, você interpretava em casa para seus pais e na igreja para o grupo de surdos, além dos seus pais.</p> <p>(56) Kauê: Sim, sim. Mas daí comecei a interpretar fora de casa, sempre quando alguém do grupo de surdos me pedia.</p> <p>(57) Ernani: Na escola, como você se sentiu como um menino ouvinte que tinha que falar somente com a boca, mas em casa falava com as mãos. Você percebeu essa diferença? Tem alguma lembrança daquele tempo?</p>	<p>Pai pedia para interpretar</p> <p>Preparação para interpretar</p> <p>Grupo de Tils na igreja</p> <p>Interpretando fora de casa para surdos quando solicitado</p>	<p>Tils na igreja</p> <p>Tils para a comunidade surda</p> <p>Tils para a comunidade surda</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 01:06:45]	<p>(58) Kauê: Então, acontecia que as aulas que eram em Português, eu não tinha dificuldade em ler, em acompanhar, mas, às vezes, tinha vontade de fazer em Libras alguma coisa, e eu sabia que tinha habilidade, uma habilidade diferente. Era uma situação que na escola que ia, queria que fosse estimulado esse lado e tinha vontade que as pessoas soubessem que eu conhecia Libras, que eu conversava em Libras. Não tinha muita situação que tinha preconceito, por exemplo. Não sentia isso muito. Eu com surdos em casa e os colegas acharem estranho ou algo assim. Eu sempre gostei da minha situação. Porque nunca vi meus pais como necessitados, coitados. Talvez eu tenha assumido o próprio discurso deles. Eu sempre tinha isso comigo. Não havia nada de mais em saber Libras (...) e na</p>	<p>Entendia o Português mas a vontade era de fazer em Libras</p> <p>Eu sabia que tinha uma habilidade diferente</p> <p>A escola não se importava com meu conhecimento em Libras</p> <p>Não sentia preconceito na escola</p>	<p>Crescer bilíngue</p> <p>Barreiras na escola</p> <p>Identidade Coda</p> <p>Identidade Coda</p>
[1 – 01:07:37]			

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 01:08:46]	<p>escola, quando tinha alguma coisa, eu sempre dizia pras pessoas: eu sei Libras; uso Libras em casa; meus pais são surdos. E os professores não viam aí algo que pudesse ser abstraído de mim. Não tinham interesse na minha habilidade. Mas eu queria que os outros soubessem que eu sabia Libras, ali na escola, na minha juventude.</p> <p>(59) Ermani: A escola, os professores e seus colegas não imaginavam o outro universo que você conhecia e fazia parte, naquele tempo. Hoje já existe bem mais divulgação da Libras na sociedade brasileira.</p> <p>(60) Kauê: Sim. Na escola eu precisava mais me concentrar eram nessas disciplinas como Matemática, cálculos, Física. Porque em História, Geografia, Estudos Sociais, nessas eu tinha muita facilidade. Porque quando o professor falava era algo que eu já sabia.</p>	<p>Eu sempre gostei da minha situação como Coda</p> <p>Talvez eu tenha assumido o próprio discurso dos meus pais</p> <p>Eu queria que as pessoas soubessem que eu sabia Libras</p> <p>A escola e os professores não tinham interesse na minha habilidade em Libras</p>	<p>Barreiras na escola</p> <p>Aluno diferente e competente</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 01:08:46]</p> <p>[1 – 01:09:43]</p>	<p>Porque eu já tinha aprendido em casa. Eu tinha que fazer essas coisas em casa, estar inteirado dos assuntos, das informações da sociedade. Por isso tinha muitas facilidades nestas disciplinas. Os professores percebiam que, sempre quando falava, parecia que eu não era dessa idade. Os professores ficavam observando, assim, que eu sabia daquele assunto, né? Me questionaram algumas coisas, até. Hoje eu sei por que estava com meus pais surdos. Eles não tiveram oportunidade de estudar. Mas sempre me falavam: Estude. É importante você estudar; não deixa de estudar. Quando estudava, eles não me chamavam, eles não interrompiam para que eu pudesse estudar. Era um dos poucos momentos, mas não me chamavam. Hoje eles me contam que observavam de longe, e me deixavam quieto.</p>	<p>Eu queria que as pessoas soubessem que meus pais são surdos</p> <p>A escola, os professores e seus colegas não imaginavam do outro universo que você fazia parte</p> <p>Mais dificuldades nas áreas das exatas</p> <p>Nas outras áreas do conhecimento tinha facilidade</p> <p>Quando o professor falava sobre algo, eu já sabia, pois tinha aprendido em casa</p> <p>Meus pais me incentivaram a estudar, sempre</p>	<p>Orgulho dos pais</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>24/11/2019 [2 – 00:00]</p> <p>[2 – 01:04]</p> <p>[2 – 08:42]</p>	<p>Depois, quando terminavam, eu era solicitado a intermediar, interpretar pra eles. Claro, havia exceções, mas no geral eles me deixavam estudar. Quando dizia que precisava estudar, eles me deixavam. Isso eu percebia. Era diferente dos meus colegas que pediam ajuda para seus pais, com explicações de tarefas, acompanhavam alguma coisa, tiravam alguma dúvida. Eu era sozinho e tinha que me virar nos estudos.</p> <p>(61) Ernani: E o Português, como foi o início do Português pra você? Você precisou fazer fonoterapia? E a escrita?</p> <p>(62) Kauê: Não, não precisei fazer fono. Português sempre gostei e sempre me saí bem. Penso que pelo fato de querer explicar aos meus pais, eu tive essa expressão de interesse no Português. Tinha interesse em</p>	<p>Os professores percebiam que eu tinha mais maturidade do que meus colegas de escola sobre determinados assuntos</p> <p>Meus pais não me interrompiam nos estudos</p> <p>Meus pais respeitavam os momentos de estudar em casa</p> <p>Meus colegas ouvintes podiam pedir ajuda para seus pais nas tarefas da escola, eu era sozinho</p> <p>Não precisei fazer fonoterapia, sempre me saí bem no Português</p>	<p>Orgulho dos pais</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 12:34]	<p>aprender palavras, tinha um dicionário para saber o significado das palavras. Só eu tinha esse dicionário, na sala. Quando queria saber uma palavra, ia lá e aprendia o significado. Inconscientemente eu achava interessante isso.</p> <p>Depois fui ver como era para passar para o Português o que eu tinha entendido em Libras, e tentava fazer comparação. Tive dificuldade um pouco em gramática, quando comecei a estudar, mas interpretação de texto, de redação, de escrita e entender assuntos eu compreendia muito bem. Algo relacionado à acentuação, ou algo de composição de texto, juntar algumas palavras. Mas o Português sempre me chamou atenção, assim. Sempre</p>	<p>Tinha interesse em aprender as palavras no Português, pois eu tinha um dicionário que usava em sala de aula</p> <p>Só depois fui ver como passar uma língua pra outra</p> <p>Dificuldades na gramática, no início escolar</p> <p>Sempre tive interesse no Português</p>	<p>Aluno atencioso</p> <p>Crescer bilíngue</p>
[2 – 15:16]	<p>tive interesse. A minha fala foi aquisição de forma natural, não tive dificuldades. A minha fala foi natural.</p>	<p>Aquisição natural do Português</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 20:25]	<p>(63) Ernani: O que veio primeiro: Português ou Libras?</p> <p>(64) Kauê: Libras, claro.</p> <p>(65) Ernani: E agora, o Kauê adulto. O que vem primeiro no seu pensamento? Libras ou Português, ou as línguas misturadas?</p> <p>(66) Kauê: A experiência que fui adquirindo, às vezes eu preciso me comunicar em Português, mas eu acredito que em Libras eu possa expressar mais as situações de emoção. Quando estou tímido prefiro conversar em língua de sinais, e ela quebra um pouco essa timidez, é onde me sinto muito mais à vontade e eu me expesso. Há coisas que diria em língua de sinais e que não diria em Português. Me vejo expressando mais eu. Até hoje, minha preferência é usar a língua de sinais, dependendo da situação. Mas em língua de sinais sou mais natural. Por exemplo, esta entrevista é feita em vídeo. Algumas vezes, uso as mãos. Não sei se</p>	<p>Libras vem primeiro, claro</p> <p>Prefiro Libras quando estou tímido, é onde me sinto mais à vontade</p> <p>Há coisas que diria em língua de sinais e que não diria em Português</p> <p>Em língua de sinais sou mais natural</p> <p>Dependendo da situação acabo falando em Libras ou mais em Português</p>	<p>Crescer bilíngue</p> <p>Crescer bilíngue</p> <p>Crescer bilíngue</p> <p>Crescer bilíngue</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 23:44]	<p>estou me controlando para não falar em Libras ou falando naturalmente. Dependendo da situação acabo falando em Libras ou mais em Português. Se falo com um ouvinte que não sabe muito a língua de sinais, eu uso mais o Português do que os sinais. Se o ouvinte sabe língua de sinais, talvez eu usasse mais língua de sinais. Mas eu consigo me expressar melhor em língua de sinais.</p> <p>(67) Ernani: Entendo. Por isso eu gravo em áudio e vídeo, para poder transcrever também as expressões que se fizerem necessárias.</p> <p>(68) Kauê: Sim, claro.</p> <p>(69) Ernani: Você se lembra de algum sinal próprio, exclusivo que usam em casa? Havia algum?</p> <p>(70) Kauê: No momento não lembro, mas tem. Agora fugiu, mas tem (risada).</p> <p>(71) Ernani: Muito obrigado pelo seu tempo.</p> <p>(72) Kauê: Obrigado. Certo. Eu que agradeço.</p>	<p>Se falar com um ouvinte que sabe, eu usaria mais a língua de sinais</p> <p>Me expresso melhor em Libras</p> <p>Sem sinal familiar próprio</p>	<p>Crescer bilíngue</p>

5.4 NARRATIVAS DE KAYKE

Legenda:

em negrito – os pré-indicadores

{ } verbalização em Libras

[] número da entrevista e tempo de gravação

() autor da fala e explicações de contexto

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
14/09/18 [1 – 00:00]	(1) Ernani: Vamos falar sobre sua infância. Conte-me como foi. Que lembranças você tem dela? (2) Kayke: O que marcou muito e tenho muito essa lembrança. A minha constituição dentro de associação de surdos, na Associação de Surdos de Vitória, fundada em 1989. Meu tio foi o fundador e minha mãe foi secretária. Ali estavam os meus	Crescido na associação de surdos	As histórias de vida dos Codas a partir das suas narrativas

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 05:03]	<p>amigos. Tinha bilhar na época, era baralho, sinuca, eram brinquedos que eu não tinha em casa, não tinha na rua, mas tinha na associação. Viagens eram muito bacanas, pois os surdos se encontravam muito em clubes, então era piscina. Pra infância era tudo isso e meus pais estavam sempre ali, porque a gente se comunicava em língua de sinais e isso marca muito a minha infância.</p> <p>Conheci muitos lugares por causa da associação, pois acompanhava a associação em eventos esportivos. A minha história e que me marca é isso, meus pais, meu crescimento em associação.</p> <p>(3) Ernani: Fala sobre a constituição da sua família:</p> <p>(4) Kayke: Meus pais são surdos, os dois. Por parte de mãe tenho mais dois tios surdos e dois</p>	<p>Tudo era Libras</p> <p>Coda em família</p>	<p>As histórias de vida dos Coda a partir das suas narrativas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 09:27]	<p>primos surdos. Por parte de pai, meus cinco tios e sete primos todos são surdos, devido à Síndrome de Waardenburg. Meu pai é baiano e minha mãe capixaba. Eles se conheceram nesses encontros de associação. Meu pai veio até o Espírito Santo onde meus pais se conheceram. Daí minha mãe se mudou pra Bahia, onde se casaram e eu nasci em Salvador. Depois se separaram e meu pai voltou pra Salvador e eu vim pra Vitória.</p> <p>Então, tanto do lado paterno como materno tenho familiares surdos. Sou o filho mais velho. Tenho dois irmãos mais novos, são ouvintes, sabem Libras, mas não são intérpretes. Não são profissionais em Libras, mas se comunicam em língua de sinais, seguiram outras áreas. Eles participam de eventos de surdos, mas não são da área. Somente eu que estou na militância.</p>	Coda em família	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 10:24]	<p>Sou concursado pelo Instituto Federal do Espírito Santo para a função de TILS, no campus de Serra, onde hoje não tem surdos, então eu atendo câmpus vizinhos que têm alunos surdos. Então hoje eu atendo o Campus Vitória, que tem alunos surdos que fazem mestrado em educação profissional. Atuo nestes dois câmpus, Vitória e Serra. Lá eu atuo como intérprete por alguns dias e depois venho pra cá, onde atuo como professor voluntário na disciplina de Libras, na graduação. É uma disciplina optativa, aqui no Campus Serra.</p> <p>Então, hoje sou intérprete com mestrado e atuo como professor de Libras na graduação. Também atuo no Centro de Formação do Instituto Federal, onde são feitos os editais todos acessíveis em Libras, onde interpreto os editais.</p>	Coda Tils	TILS

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[00:14:10]	<p>(5) Ernani: E seus pais, onde aprenderam Libras? (6) Kayke: Um dos irmãos da minha mãe sempre foi muito ativo militante. Muito amigo do Fernando Valverde e do Antônio Campos de Abreu, da Ana Regina e Souza Campello (fez sinal em Libras deles), eles iam na casa dele e meu tio ia muito pro Rio. Meus avós não sabem língua de sinais, ela nunca foi proibida naquele contexto familiar. Aí veio minha mãe, que teve uma referência linguística do meu tio, que levava minha mãe nos encontros de surdos. No caso do meu pai, a referência foi a própria família, em que era grande o número de surdos. Os irmãos do meu pai eram mais velhos e, por serem surdos, foi esta a referência linguística dele, na família, mas também na associação de surdos. Os dois, pai e mãe, sempre foram muito participativos na questão associativa. Meus pais estudaram ambos em Apaes nos seus respectivos estados, e já eram ativos militantes nas associações e outros espaços de</p>	<p>Coda Tils</p> <p>Coda em família</p> <p>Família militante dos movimentos surdos</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 16:44]	<p>surdos, além das viagens. Devido ao contexto histórico familiar os dois não são oralizados, usam a língua de sinais.</p> <p>(7) Ernani: Quando o Kayke se percebe e tem consciência de que seus pais eram diferentes dos pais dos amigos?</p> <p>(8) Kayke: Tem uma história muito interessante, foi na idade escolar. Minha família tinha um monte de surdos, mas também tinha ouvintes. Entretanto, nunca teve essa questão de olhar para os surdos da família e pensar que eram incapazes, que não cuidariam dos seus filhos. Eles sempre foram muito autônomos em relação a isso. A família não interferia. Eu sempre fui criado com meus pais. Os avós nunca interferiram. Os pais assumiram esse papel de criar e educar os filhos. Aí, quando cheguei na escola, sempre lembro dessa história, eu estava com sede e eu falava “apo” para água. Porque, “apo” é a pronúncia que</p>	<p>Coda em família</p> <p>Codas em família</p> <p>Pais capazes</p> <p>Barreiras na escola</p>	<p>As histórias de vida dos Codos a partir das suas narrativas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[00:17:50]</p> <p>[1 – 19:45]</p>	<p>minha mãe faz pra água. Aí eu olhei e pedi “apo”. Só que em casa era normal. Quando cheguei na escola foi uma dificuldade, porque eu fiquei pedindo “apo, apo, apo” e nada.</p> <p>Aí foi que a professora me levou pra fora da sala e eu vi o bebedouro e eu falei: “apo”, “apo, apo”... e aí ela assimilou. E depois mais tarde, quando começaram as reuniões e eventos na escola, comecei a entender, pois eu não participava. Por exemplo, eles falavam que amanhã todos iriam se encontrar, mas eu não iria. Não era chamado, por quê? Porque a escola não tinha a comunicação com os pais, não é? Com o tempo fui entendendo. Na escola eu não interpretava. A escolha da escola foi excluir. Era muito mais fácil excluir do que tentar envolver.</p> <p>(9) Ernani: O que vem primeiro: Libras ou Português?</p>	<p>Barreiras na escola</p> <p>Coda bilíngue</p>	<p>Preconceitos</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 25:00]	<p>(10) Kayke: Primeiro vem a Libras, pelos colegas da minha mãe, do meu pai, surdos, tios e outros familiares surdos. Todos sinalizavam. Só via familiares ouvintes quando ia na casa dos meus avós. Dificilmente eles vinham até nossa casa. A maioria eram surdos que nos visitavam e tudo era em língua de sinais. O Português veio na idade escolar, na idade entre 7 e 8 anos, quando adentrei à escola.</p> <p>(11) Ernani: Você era solicitado para ser intérprete dos seus pais?</p> <p>(12) Kayke: Sim, muitas vezes. Não só para meus pais, mas para os amigos surdos também. Porque a minha família sempre foi referência pelo número expressivo de surdos na família... tios, primos, pais. Todos ajudaram na fundação da Associação, que ficou como referência.</p>	Coda Tils e os movimentos surdos	TILS

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 28:15]	<p>e também com os demais surdos. Eu interpretava temas muito íntimos e sensíveis, para os surdos, além de meus pais. Para mim era tudo muito natural. Mas hoje, quando olho eu digo: “Caramba”. Era tudo muito louco. Pra você ter uma ideia, vou te contar uma história. Estou lembrando agora.</p> <p>Em 1992, eu tinha 9 a 10 anos. Houve a visita do Papa João Paulo II, aqui em Vitória, onde inaugurou uma praça. Tinha 300 mil pessoas.</p> <p>Eu interpretei a missa.</p>	Coda Tils	TILS
[1 – 30:21]	<p>Eu tenho fotos no jornal, só que para mim era muito natural. Hoje quando penso, digo, “Nos- sa, estava do lado do Cara, via todo aquele movimento, mas não tinha noção daquilo”. A questão cultural do Português, a importância da Igreja, para mim, isso era indiferente.</p> <p>Quando ia interpretar, era só mensagem.</p>		

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Me pedia para interpretar política, eu ia. Pedia pra interpretar não sei o quê, eu ia. Não tinha essa questão de vou ou não vou.</p> <p>Nada disso! A gente simplesmente ia. Era em espaços diferentes. Com 9 anos eu já interpretava e para mim era muito natural tudo isso.</p> <p>(13) Ernani: Em casa você interpretava algum programa específico?</p> <p>(14) Kayke: Sim, jornal. Muito jornal. Minha mãe sempre foi de associação, ela sempre gostava de direitos. E jornal impresso também. Apesar do Português pra ela ter muita limitação, mas ela olhava a imagem e algumas palavras e ela queria entender. Isso também exigiu muito de mim também.</p> <p>(15) Ernani: E na igreja, você também interpretava?</p> <p>(16) Kayke: Sim, sim. Tinha uma Pastoral da Igreja Católica e lá interpretava. Foi a partir</p>	<p>Coda Tils</p>	<p>TILS</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 35:09]	<p>dos 9 anos até 14 anos eu ficava na igreja. Eu viajava muito e conheci o padre Vicente, o falecido padre Vicente. Para você ter uma ideia, em 1994, teve um encontro nacional da Pastoral no Recife. Tinha 12 anos. Fui com meu tio surdo do Espírito Santo até lá. Ele era o presidente da Associação daqui. Ele arrumou uma namorada e sumiu. Me deixou sozinho lá no internato, e eu, uma criança, representando o Espírito Santo. Pensa. Ele me sacaneou. Você lembra do padre Wilson? Nesse encontro da Pastoral, no primeiro dia quando chegamos, meu tio ficou alojado no mesmo quarto do padre Wilson e do padre Vicente. No segundo dia, meu tio surdo veio e me pediu pra trocar com ele. Eu fiquei com outras pessoas ouvintes. Eu aceitei a troca. Daí meu tio sumiu com essa namorada e só fui encontrar ele na rodoviária, quatro</p>	<p>Coda e os movimentos surdos</p> <p>Coda Tils</p>	<p>Militância</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 37:30]	<p>dias depois, quando fomos de volta pro Espírito Santo. Mas eu descobri por que meu tio queria trocar. Porque os padres acordavam de hora em hora pra rezar. Meu tio não gostava disso (risadas). São muitas histórias que me constituíram o que sou hoje, neste mundo surdo.</p> <p>O padre Vicente é muito gente boa.</p> <p>(17) Ernani: Na infância, houve uma situação difícil para interpretar?</p> <p>(18) Kayke: Sim, várias vezes. Delegacias, julgamentos, reuniões de condomínio, reuniões com políticos, conselhos para pessoas com deficiência, cujas decisões iriam decidir diretamente a vida do surdo. E era interpretação sozinho por horas e horas. Interpretei um casamento quando tinha 12 anos. Vários casamentos.</p>	Coda e os movimentos surdos	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 40:05]	<p>Em 1995 a Associação de Surdos de Colatina. Tinha 13 anos. Nas associações tem as fotos e eu apareço lá. Às vezes, não acredito quando vejo as fotos.</p> <p>(19) Ernani: Da sua infância até a adolescência, houve algum momento em que aconteceu um mal-entendido entre surdos e ouvintes, e você estava lá no meio?</p> <p>(20) Kayke: Sim. Já aconteceu. Numa palestra sobre Pessoas com Deficiência, um grupo de surdos e era um ambiente em que falavam da pessoa com deficiência. O surdo dizia:</p>	Coda Tils	
[1 – 41:30]	<p>– “Não sou deficiente. Sou surdo.” Foi uma discussão enorme. Eram conceitos que ainda estavam sendo trabalhados, construídos. Nem as próprias pessoas lá sabiam e nem os próprios surdos sabiam. Então, era complicado quando</p>	Coda e os movimentos surdos	As histórias de vida dos Coda a partir das suas narrativas

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 42:44]</p> <p>[1– 43:00]</p>	<p>surdos mais velhos e experientes queriam comunicar uma coisa, daí era complicado entender a questão dos sinais, o contexto. Havia tensão e discussão, pois, não havia sinais para muitos conceitos que já havia em Português, mas não na Libras. Aí vinha outro surdo e colocava algo particular em público, misturava os assuntos e não havia entendimento. E eu aí, no meio disso tudo, como intérprete (risadas). Fugiam do contexto.</p> <p>(21) Ernani: Fale-me sobre seu tempo na adolescência e juventude, como TILS.</p> <p>(22) Kayke: Quando completei 18 anos, a maioridade. Na minha idade escolar não gostei muito de estudar. Não que fosse uma pessoa rebelde, mas a questão do estudo não me atraía. Por que também naquela época, 12, 13 14, 16 anos de idade, algumas interpretações rendiam algum dinheirinho pra mim.</p>	<p>Coda e os movimentos surdos</p> <p>Coda e a escola</p> <p>Coda Tils</p>	<p>A constituição da Libras e dos Tils</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 50:50]	<p>A gente acabava recebendo, às vezes. Lembro, no entanto, quando completei 18 anos, tive meu primeiro contato educacional com a questão da surdez. Daí comecei a receber trabalhos. Porque no contexto da associação, seu contexto é completamente diferente.</p> <p>Lá interpretava muito eventos sociais, esportivos.</p> <p>Quando completei 18 anos uma escola particular, que naquele tempo não exigiu certificação de interpretação, era o ano de 2000 quando não tinha leis. Aí quando entrei, começou a questão do planejamento. Na escola tinha livros e artigos sobre isso, eu tive um choque.</p>	Coda Tils	
[1 – 52:54]	<p>Uma língua que pra mim era natural. Não tinha a noção da grandeza que ela era. Não tinha noção do que era língua. Falava em Libras, mas não tinha noção o que era língua.</p>	Descoberta da Libras	A constituição da Libras e dos Tils

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 55:33]	<p>Quando fui entender isso, ... foi um choque. Aí comecei a agir diferente. A olhar diferente para as minhas práticas. Porque entendi que pra mim tudo isso era muito natural. Sabia das minhas responsabilidades.</p> <p>Sabia de tudo isso. Mas quando você entende que existe uma questão maior e começa a olhar.</p> <p>Pô, gramática?</p> <p>Daí veio a Lei da Libras, em 2002. No final de 2002, a prefeitura de Vitória foi o primeiro município a contratar intérpretes de Libras. Tinha um vereador que era cadeirante, que era próximo à comunidade surda.</p> <p>Abriu um espaço público chamado aqui de Casa do Cidadão, cujo órgão público nacional foi o primeiro a contratar intérpretes para atender o cidadão surdo. Contrataram 14 TILS de uma vez só.</p>	<p>Legislação da Libras</p> <p>Legislação da Libras</p> <p>Coda Tils</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 59:44]	<p>Porque era um prédio, era totalmente acessível. Tinha rampa, braile. Os intérpretes contratados foram colocados em diversos locais para atender os surdos que iam lá para resolver problemas. Para cada recepção tinha intérprete. Para cada serviço tinha um intérprete. Isso foi uma questão muito bacana, que não acontecia no Brasil.</p> <p>Aí, quando sai um edital para a contratação de intérpretes e pedem curso de Libras, eu me perguntei: – “Como assim?” Aí comecei a entender essa questão. Quando eu cheguei neste espaço e vi outros 13 intérpretes, até então eu era o único intérprete. Não conhecia outros. Nas viagens por muitas cidades do estado, eu nunca tinha encontrado um outro intérprete. Era eu somente. Todos estes aqui são intérpretes de Libras? Até então o espaço era meu. Eu conhecia todos os surdos. Eu era o único intérprete da Associação e o único Coda também.</p>	Coda Tils	
[1 – 1:02:00]		Coda Tils	A constituição da Libras e dos Tils

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 1:04:20]</p> <p>29/11/2018</p> <p>[2 – 00:00]</p>	<p>Aí fui entender que eram de igrejas. A maioria dava cursos. Só que na prática, ficou evidente, que foi vista pela própria gestão.</p> <p>Tinha 14 intérpretes, mas todos os surdos que iam lá me procuravam. Tudo o que tinha que resolver lá, eles me procuravam. Essa referência foi uma marca minha. A contratação de intérpretes do edital saiu a partir da demanda da Associação de surdos, liderada pelo vereador mencionado.</p> <p>(23) Ernani: E sua profissão hoje?</p> <p>(24) Kayke: Na terça-feira passada fui a um Cemei, na Grande Vitória, para fazer aos professores, já que na escola tem alunos surdos, também fiquei sabendo de uma criança Coda de 3 anos de idade, lá na escola. Daí provoquei os professores em relação a estas questões:</p> <p>– O que a escola tem feito pra essa Codinha?</p>	<p>Coda na escola</p>	<p>A constituição da Libras e dos Tils</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 04:19]	<p>Alertei os professores e dei meu exemplo de vida, quando estive na escola fundamental. Perguntei o que a escola tem feito? Há a escola bilíngue para surdos, mas esta escola, o que tem feito pela aluna Coda? Ela está em sala de aula, passa na escola pelo processo de musicalização, oratória, enfim, passa na escola por todo o processo educacional, mas a maior parte do dia ela passa por um mundo completamente diferente, com seus pais em casa. Aí os professores ficaram surpresos com essa questão. É uma criança bilíngue onde Libras é sua primeira língua e Português a segunda, onde na escola tem acesso direto à língua oral.</p> <p>Aí os professores ficaram pensando... aí eles me perguntaram:</p> <p>– E se colocássemos a Coda na sala de aula que tem os outros alunos surdos? Como vai funcionar?</p>	Coda na escola	Bilinguismo

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[2 – 06:00]</p> <p>[2 – 07:12]</p>	<p>Eu disse: – Não sei. Mas é uma ideia. Façam o teste e depois me falem como aconteceu. O Cemei é grande e essa Coda está junto com outras crianças da mesma idade, e os alunos surdos estão em outras turmas. Eu me identifiquei com essa aluna.</p> <p>Os professores disseram: – Ela ouve e fala. – Sim, disse, mas e o resto? Ela fala e ouve, mas na casa dela é diferente, os pais são surdos sinalizantes.</p> <p>– Vou ver o que acontece e darei retorno, pois sua indagação também é minha sobre essa criança Coda. (25) Ernani: falemos sobre o bilinguismo. O que vem primeiro, Libras ou Português para você?</p>	<p>Histórias de Coda na família</p>	<p>As histórias de vida dos Coddas a partir das suas narrativas</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 09:23]	<p>(26) Kayke: – Libras, com certeza.</p> <p>(27) Ernani: Como foi o seu início na escrita? Teve dificuldades com a fala?</p> <p>(28) Kayke: Mamãe sempre tentou me ajudar, apesar das suas dificuldades. Eu faço o mesmo com minha filha. Quando ela tem dificuldades escolares, me chama na <i>webcam</i> e me mostra. Eu explico pra ela. Tem 9 anos. Lembro muito bem da ajuda da professora Michelle. Me lembro disso até hoje. Ela foi meu modelo oral na Língua Portuguesa. Ela não tinha essa consciência sobre mim, como Coda. Mas sempre tive reforço no Português. Porque em casa não tinha essa prática de falar e escrever em casa. Só na escola. Por isso, o reforço. A professora morava próximo à minha casa e eu ia constantemente à casa dela para reforço.</p>	<p>Histórias de Coda na família</p> <p>Histórias de Coda na família</p>	<p>Militância</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2– 10:25]	<p>E o filho dela era meu amigo de sala e acabava estudando junto. Tinha entre 7 e 8 anos. O reforço durou até a 8ª. série, por ali. Minha mãe sempre teve essa preocupação de eu ir bem na fala, no Português. Sempre pagou o meu reforço em Português. Ela sempre procurou me dar uma educação na escola particular e reforço.</p> <p>(29) Ernani: Há algum destaque em sua vida para as artes?</p> <p>(30) Kayke: Sempre joguei futebol na associação de surdos de Vitória, o que me ajudou a socializar.</p>	<p>Coda e os movimentos surdos</p>	<p>Militância</p>
[2 – 02:12]	<p>Particpei sempre na Associação dos eventos – você sabe que as associações de surdos são muito movimentadas com o esporte, com eventos esportivos. Assim, eu sempre estava no meio. Hoje continuo como juiz de futebol e técnico.</p>	<p>Associação de surdos</p>	

5.5 NARRATIVAS DE GUARACY

Legenda:

em negrito – os pré-indicadores

{ } verbalização em Libras

[] número da entrevista e tempo de gravação

() autor da fala e explicações de contexto

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
06/09/18 [1– 00:00]	(1) Ernani: Vamos falar sobre sua infância. Conte-me como foi. Que lembranças você tem dela? (2) Guaracy: As memórias que tenho, são quando meus pais começaram a me ensinar Libras. Eles mostravam o objeto , mostravam a geladeira, a televisão e faziam o sinal da geladeira e da televisão. Sempre quando ia pedir alguma coisa e eu não sabia o sinal, eu mesmo ia lá e mostrava o que queria. Essas imagens são muito fortes em	Pais, meus professores	Codas e suas narrativas de vida em família

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 02:03]	<p>minhas memórias. Por exemplo, eu queria comer macarrão, estava com vontade de comer macarrão, daí ia lá e apontava o macarrão. Daí meus pais mostravam o sinal. Numa segunda vez, eu já fazia o sinal. Assim ia aprendendo com eles. Tinha aproximadamente 3 anos de idade, então.</p> <p>Lembro que eu descobri muito cedo que precisava fazer sinal para minha mãe, para receber retorno dela. Devo ter à época 1 ano e meio de idade.</p> <p>Pois, sei que ela me respondia com sinais, e não adiantava falar para ela. Lembro de outra ocasião, quando nós saímos. Íamos frequentemente aos domingos para uma praça e ficávamos sentados conversando, eu, meus pais e meus dois irmãos mais velhos, e muitas pessoas ficavam olhando e outras curiosas e perguntavam:</p> <p>– “O que vocês estão conversando?”</p> <p>– “O que é isso?”</p>	<p>Libras, a língua na família</p> <p>Pais, os primeiros professores</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>– “Que tipo de língua é essa?”</p> <p>Naquele tempo não se sabia muito sobre Libras. Isso foi em 93, 94. Se hoje a Libras precisa ainda mais do uso e da difusão, imagina no século passado. Então, me lembro bem das vezes que íamos passear na praça. Passava um carro, uma bicicleta, passava alguma coisa, meus pais apontavam e me mostrava como era o sinal. Por meio da vivência na aquisição da Libras, era assim que meus pais me ensinaram a língua de sinais. Esses dois momentos são importantes para mim, quando penso na minha infância quando comecei a aprender Libras.</p> <p>(3) Ermani: Fala sobre a constituição da sua família:</p> <p>(4) Guaracy: Meus pais são surdos. Minha mãe nasceu em Corumbá/MS e era a única pessoa surda em sua família. Os seus pais não</p>	<p>Coda constituído em família</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[1 – 03:10]</p> <p>[1– 05:32]</p>	<p>aprenderam a língua de sinais, o que trouxe dificuldades pra minha mãe em aprender a mesma, pois tinha poucos contatos. Ela teve os primeiros contatos com a língua de sinais na igreja, onde a família dos meus avós participava e lá tinha outros surdos. Isso foi na década de 70. Ela teve contato mais tarde com a língua de sinais e com o Português. Isso atrasou ela na aquisição tanto da linguagem como das duas línguas. Depois, meus avós maternos se mudaram para Cuiabá/MT.</p> <p>A história do meu pai foi diferente. Ele nasceu no interior da Bahia e desde cedo teve contato com a língua de sinais, pelo fato de estar sempre com surdos na igreja e também com uma intérprete. Assim, seu desenvolvimento aconteceu dentro do esperado, da normalidade. Meus avós paternos se mudaram do interior baiano para Cuiabá.</p>	<p>Coda constituído em família</p> <p>Coda constituído em família</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 06:50]	<p>Como naquele tempo a capital era pequena e com poucos habitantes, a comunidade surda era muito menor e todos se conheciam. Foi aí e nesta ocasião que meus pais se conheceram e se encontravam nos locais que os surdos se reuniam. Um deles era a igreja. Tenho dois irmãos mais velhos e são ouvintes. Tenho dois irmãos ouvintes, filhos de outro pai. Nossa família seriam cinco pessoas. Os meus dois irmãos de outro pai, que já se casaram e já saíram de casa. Eu continuo com meus pais. Minha mãe usava a Libras com todos, mas eu sou dos filhos que mais desenvolveu a Libras, pelo fato do meu pai fazer questão de me pegar no braço e me levar e me mostrar os sinais, que era possível comunicar em Libras e no oral. Meu pai também sempre muito presente na escola. Então, lá não tinha como comunicar.</p>	Coda constituído em família	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 10:23]	<p>que isso contribuiu para ter outra visão sobre mim e os surdos.</p> <p>(5) Ernani: Vamos falar do início do seu letramento. Como foi?</p> <p>(6) Kayke: Por conta dos meus irmãos, que me ajudaram com a Língua Portuguesa e por conta do meu pai que era professor de arte e que sabia bem o Português, eu não tive dificuldades com a língua oral. Em casa meu pai me ensinava. Escrevia no quadro que tinha em casa, meus irmãos me ensinavam. Foi muito tranquilo esse aprendizado, a construir uma palavra, uma frase.</p> <p>Meu pai foi meu professor na escola também. Mas meu irmão mais velho tem 10 anos a mais e ele me ajudou muito.</p> <p>Tive um ótimo desempenho na escrita e sempre fui bom no Português, na escrita.</p>	Pai professor	Escola

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[00:13:50]	<p>Não houve necessidade de algum apoio extra para me desenvolver na escrita. Tem um primo meu, filho de pais surdos, também. Eles moram no interior, num assentamento. Ele não tem irmãos. Moram só ele e os pais surdos. Meu primo tem dificuldade na língua oral. Não oraliza bem. Está com 6 anos de idade. Somente agora, quando entrou na escola, ele melhorou sua oralidade. Por outro lado, tem um domínio gigantesco de Libras. Conversar com ele em Libras é tão natural, as suas expressões manuais e faciais são incríveis. Ele fala com o rosto, praticamente. É tão rápido, tão gostoso de conversar com ele, que fiquei impressionado.</p> <p>(7) Ernani: Quando você se deu conta de que seus pais eram diferentes dos pais dos seus colegas. Como foi?</p> <p>(8) Guaracy: Lembro assim, que o dia na praça foi muito importante. Era um evento da Prefeitura pra família. Eu tinha 5 para 6 anos.</p>	Letramento	Codas e suas narrativas de vida em família

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 16:43]	<p>Era como se fosse um piquenique na praça. Havia muitas famílias e muitas crianças. Nós brincamos com as outras crianças. Elas vinham e ficavam perguntando:</p> <p>– “Seu pai e mãe são diferentes?”</p> <p>Eu disse que sim e que meus pais conversam com as mãos. Eles acharam o maior barato. Mais pra frente, depois quando estava na adolescência, começou a questão de bullying, de preconceito.</p> <p>Era tipo 12 a 13 anos de idade. Nesta idade geralmente as crianças são diferentes no geral, sofre preconceito e tira onda entre si. Mas no início a criançada gostava muito.</p> <p>– “Nossa, seu pai fala com as mãos. Você sabe falar com as mãos?”</p> <p>Foi neste dia na praça. Daí eu dizia:</p> <p>– “Claro, eu sei falar com as mãos”. Eu estava todo feliz e orgulhoso por conta de saber</p>	<p>Codas em família</p> <p>Memórias de família de Codas</p>	<p>Preconceitos</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 25:22]	<p>problema nenhum nos estudos. Então, isso acaba mostrando um preconceito, mas depois, com o tempo, as pessoas viam que Libras era uma língua mesmo.</p> <p>(9) Ernani:O que vem primeiro: Libras ou Português?</p> <p>(10) Guaracy: A minha vida como um todo, agora, o Português acaba se sobressaindo um pouco, por conta das relações sociais que tenho. Minha relação com a faculdade e com o serviço que tenho. Mas no momento da infância, com certeza, a Libras acaba sobressaindo mais. Naquele tempo, Libras sempre veio primeiro. Até hoje, me pego fazendo sinais em pleno mercado onde faço compras, e outras situações onde penso em Libras. Claro, quando era pequeno, a minha relação com os pais era mais próxima. O uso da Libras era mais frequente. Hoje não.</p>	<p>Preconceito</p> <p>Preconceito</p>	<p>Preconceito</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 28:25]	<p>Claro que converso com meus pais em Libras, mas as minhas relações são mais fora de casa, como os estudos e o trabalho, faz com que a Língua Portuguesa tenha mais avanço na minha comunicação.</p> <p>(11) Ernani: Na infância, você teve muitas interações com seus pais? Como eram?</p> <p>(12) Guaracy: Sim, foi. Principalmente por conta do meu pai. E também meu professor de Artes, era muito preocupado com a educação. Meu pai escrevia muito bem. Lembro de diversos brinquedos, como por exemplo, uma vez me deu um globo terrestre, uma sanfona mesmo sendo surdo. Ele é nordestino e queria que eu tocasse sanfona. Então, tivemos uma relação muito próxima. Quando nasci papai já tinha 40 anos. Então, ele tentou potencializar o máximo que tinha ainda de juventude, pra poder ter uma maior interação comigo.</p>	<p>Bom aluno na escola</p> <p>Coda cresce bilíngue</p>	<p>Bilinguismo</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 32:10]	<p>(13) Ernani: Fale-me sobre suas lembranças no tempo da adolescência. Algum fato que vem à memória?</p> <p>(14) Guaracy: Lembro de uma vez específica na adolescência. Eu passei mal, estava ruim. E quem me levou ao médico foram meus pais. Eu estava tão ruim que não conseguia oralizar. Aí eu sinalizava pra minha mãe e ela tentava passar pro médico, que não entendia absolutamente nada.</p> <p>Isso foi uma situação constrangedora, do ponto de vista da língua. Mas o que me marca na adolescência foi ser tradutor para meus pais pra tudo. Se meu pai ia ao banco eu teria de ir junto pra traduzir. Se minha mãe ficasse doente, eu também ficava doente entre aspas, aí ela não iria ao médico, se não fosse junto. E na escola era a mesma coisa.</p>	<p>Libras vem primeiro</p> <p>Coda na família</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Na conversa com a professora era eu que acabava sendo mais importante na comunicação entre eles.</p> <p>O que me marcou sempre foram estes processos de tradução e interpretação. Hoje temos a lei mais regulamentada, apesar das dificuldades de ainda encontrar intérpretes nos diversos locais, naquela época era muito mais difícil ainda.</p> <p>Então, na época da minha infância lembro dos processos de tradução/interpretação para meus pais em tudo. Por exemplo, recadinhos, padaria, qualquer coisa.</p> <p>Também em situações de interpretação dentro de casa. Lembro da reeleição de 94, acho que foi 94, do Fernando Henrique Cardoso. Tinha sido criado o Plano Real, então, e a minha mãe não gostava do presidente. Aí ela queria saber o que esse cara tava falando. Essas situações eram constantes lá em casa e eu traduzia pra ela.</p>	<p>Bílingue</p> <p>Pai, meu herói</p> <p>Pai, meu professor</p>	<p>Tils</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 35:47]	<p>Outra lembrança da época, foi quando meu avô ouvinte me deu um rádio de pilha. Tinha o costume de ouvir a “Voz do Brasil”, e ouvir futebol pelo rádio. Eu tinha o costume de ficar com o radinho de pilha, para brincar ou escutar algum programa. A minha mãe queria saber o que tava escutando. Aí eu traduzia o que estava ouvindo pelo rádio. Era assim lá em casa, com a televisão e com o rádio.</p>	Coda adolescente e Tils	Tils
[00:37:00]	<p>(15) Ermani: Quem foi seu modelo oral? (16) Guaracy: Foram meus dois irmãos mais velhos. Eles foram muito importantes. Porque ele já em casa me alfabetizava em Língua Portuguesa. Ele já tinha uma idade mais superior que a minha e já estava na escola. Quando cheguei na escola, fui matriculado no prezinho, fiquei uma semana só na sala do prezinho. Depois, já fui colocado na 1ª série. Porque já estava alfabetizado. Já sabia ler e escrever.</p>	<p>Coda como Tils</p> <p>Codas em família</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1– 40:50]	<p>Aí ele foi muito importante. Só que no 1º ano, eu acabei pedindo pra voltar pro Pré, por causa dos meus amigos e vizinhos que eram da turma do Pré e eu queria ficar com eles. Minha relação com eles era muito forte, e com os outros colegas do 1º ano era uma relação nova. E eu como criança fiquei com medo, meio que perdido, de sofrer e apanhar. Era o aluno mais novo daquela turma. E meus irmãos foram muito importantes. Lembro que na frente da escola havia uma praça e nós íamos juntos na escola. A gente sentava lá e conversava. Eles repetiam e falavam as palavras para eu repetir e falar correto as palavras. Eles foram meus modelos orais da Língua Portuguesa para mim. Mas nunca precisei fazer terapia fonoaudiológica.</p> <p>(17) Ernani: Lembra de uma situação com seus pais, complicada para interpretar para eles?</p> <p>(18) Guaracy: Sim, lembro de uma situação bem</p>	<p>Coda na escola</p> <p>Codas em família</p>	<p>Tils</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 44:32]	<p>complicada, quando minha mãe teve que fazer a operação das amígdalas.</p> <p>Sabemos que as amígdalas retiradas permitem uma vida continuada sem maiores complicações, dependendo ou não de remédios.</p> <p>Tive dificuldades de interpretar o médico pra ela, pois era importante retirar as amígdalas dela naquele momento, porque elas estavam muito inflamadas, e ela com dificuldades de almoçar, dores de garganta. Que a cirurgia não seria um impeditivo de continuar sua vida normal depois. Era importante fazer a cirurgia e simples. E que depois já poderia voltar pra casa. Tive dificuldade de convencê-la a fazer a cirurgia.</p> <p>Talvez não por conta da cirurgia em si, mas pelo medo dela, pelo receio naquele tempo.</p>	<p>Coda como Tils</p> <p>Coda como Tils</p>	<p>TILS</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 49:36]	<p>o mundo ouvinte são mundos diferentes, cada qual tem sua dinâmica e sua velocidade, seu entendimento. E isso faz com que a comunicação entre um e outro acabe se desentendendo às vezes.</p> <p>(21) Ernani: Você se considera bilíngue?</p> <p>(22) Guaracy: Tive essa consciência em relação ao meu bilinguismo bem mais tarde. Acho que foi quando estava próximo à entrada na faculdade. Eu pensava que era bilíngue, outras vezes, eu achava que não. Havia textos que falam sobre isso. Para mim sempre foi natural comunicar em Libras e em Língua Portuguesa, que não tinha esse entendimento e essa compreensão que eu seria bilíngue. Libras era a língua de comunicação com meus pais e com meus irmãos. Não via essa questão como bilíngue.</p>	Coda bilíngue e bicultural	
[1 – 50:00]	<p>Não me via como bilíngue. No terceiro ano do Ensino Médio, quando fui lendo alguns textos sobre isso, teve uma palestra no mês de setembro,</p>	Coda bilíngue	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 52:09]	<p>inclusive, sobre o Dia do Surdo, e tudo aquilo, o setembro azul, aí acabou uma pessoa surda dando essa palestra. Tinha um intérprete da surda e eu me via muito ali, interpretando no lugar do intérprete. Foi no auditório da escola. A partir daí, tive essa consciência de que são duas línguas realmente, e fui me encarando nesta perspectiva bilíngue. E na universidade, consolidei meu pensamento enquanto consciência, enquanto conscientização, enquanto categoria, enquanto ser bilíngue.</p> <p>(23) Ermani: Você interpretava para seus pais? E como isso influenciou na sua constituição?</p> <p>(24) Guaracy: A relação do meu pai com minha mãe foi uma relação muito bonita. E pelo fato de aprender a Libras com eles, essa questão muito visual, me influenciou muito em ser</p>	<p>Coda bilíngue</p> <p>Coda como Tils</p> <p>Coda bilíngue</p>	<p>Coda Tils</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 55:00]	<p>visual. Sou uma pessoa muito visual. Tanto do ponto de vista de observar as coisas ao meu redor, mas também gostar do visual. Tudo o que escrevo e vou fazer no quadro da sala de aula, são esquemas ou desenhos. Pois tento visualizar o menor número possível de palavras e fazer desenhos, esquemas. Depois explico para os alunos em Português, mesmo porque dou aulas para ouvintes.</p> <p>Entretanto, dentro da Cartografia, da Geografia, gosto de trabalhar com os mapas, mas de forma mais visual.</p> <p>Pelo fato de meu pai ter sido professor de Artes, talvez eu aprendi a gostar de cores, de artes, e talvez esse seja um dos itens do universo surdo que carrego, que é um universo visual, e pelo fato de gostar tanto de trabalhar visualmente Geografia em minhas aulas. Faz a diferença para mim, é</p>	<p>Coda em família</p> <p>Duas línguas e dois mundos</p> <p>Influência da Geografia</p>	<p>Bilíngue e bicultural</p> <p>Bilinguismo</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 57:52]	<p>para desenvolver nenhum tipo de oralidade ou qualquer outro estímulo. Acabei aprendendo com meus irmãos.</p> <p>(27) Ernani: Fale sobre a escola, seu bairro, a igreja que frequentavam. Tinham algo diferente?</p> <p>(28) Guaracy: O pessoal gostava muito da minha mãe por conta de ser muito religiosa. O pessoal da igreja era muito preocupado com ela e dava um jeito de haver um intérprete, mesmo que a igreja não tivesse seu próprio. Mas lembro que chegou um período em que a igreja ofereceu um curso de Libras, para que as pessoas que lá chegassem tivessem condições de interagir e estar em comunhão com minha mãe. Na escola lembro que não tinha nada de diferente. Ela seguia seu ritmo e fluxo normal, independente se minha mãe pudesse estar presente lá ou não. Não tinha mudança! No nosso bairro tinha um pouco de preocupação.</p>	<p>Coda consciente</p> <p>Barreiras na escola</p>	<p>Militância</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[1 – 58:58]	<p>O presidente de bairro morava aqui, frente de casa, e praticamente foi a vida toda como presidente de bairro. Ele sempre me perguntava:</p> <p>– “Pedrinho, sua mãe está entendendo? Pedrinho, sua mãe está entendendo? Pedrinho, fala pra sua mãe...” Ele tinha a preocupação de que ela entendesse, mas não corria atrás de outros métodos ou mecanismos para ter um tradutor ou intérprete, e mecanismos que atendessem as especificidades dela. Ele exercia seu papel de mandar, de chefe, e se preocupava se eu estava passando pra ela as reuniões e recados.</p> <p>A Igreja foi a única instituição, único lugar que se preocupou de passar para ela o que o padre estava falando ou o pastor falando. O meu pai é evangélico e minha mãe católica. Lembro que aos domingos ia com meu pai na</p>	<p>Coda no bairro</p> <p>Coda como Tils</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
29/11 [2 – 00:00]	<p>escola dominical, na igreja evangélica e no final da tarde, com minha mãe na missão da igreja católica. Isso foram vários domingos assim, nestes dois ambientes no mesmo dia.</p> <p>(29) Ernani: Teve alguma dificuldade com a aquisição do Português escrito?</p> <p>(30) Guaracy: Por conta de meus irmãos serem ouvinte e serem mais velhos, eles tiveram primeiro na escola do que eu, isso me facilitou muito. Eles me ensinaram a maneira correta de falar, de escrever. Isso foi fundamental! Se não tivesse dois irmãos mais velhos, talvez eu teria maior dificuldade na modalidade na escrita. Lembro que era um aluno muito bom na Língua Portuguesa. Na verdade, quando tinha 17 para 18 anos, prestei meu primeiro vestibular e foi para Letras e Literatura. Gostava muito da questão da Língua e fui muito bem na</p>	Letramento no Português	Codas e suas narrativas de vida em família

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[2 – 02:10]</p> <p>[00:04:24]</p>	<p>redação no vestibular, tirei nota 10, aqui na Universidade Federal. Por conta dos meus irmãos, eu ia sempre muito bem no Português.</p> <p>(31) Ernani: Você é o intérprete da família ou os seus irmãos também atuavam?</p> <p>(32) Guaracy: Foi. Tenho uma tia ouvinte, irmã da minha mãe, ela é a que tem mais domínio da Libras. São quatro irmãos, sendo três surdos. Então são dois tios surdos e a minha mãe. A tia caçula é ouvinte. Por preocupação por conta dos irmãos ela buscou aprender Libras. Mas depois que se casou e mudou de cidade, não se dedicou mais a isso. Ela me disse que deu uma afastada disso, por conta de ainda não conhecer os surdos que moram lá na cidade dela, nem se tem associação, escola e procurá-los para continuar na Libras.</p>	<p>Letramento no Português</p> <p>Coda em família</p> <p>Coda em família</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 05:03]	<p>Do ponto de vista da educação, talvez eu tenha avançado um pouco mais que os outros. Essa minha tia ouvinte foi a única, além de mim, que fez faculdade, aliás em Geografia, mas em uma faculdade particular. Eu fui o único que estudei em universidade pública e segui caminho com especialização, no mestrado e no doutorado. Então, sempre em questão dos universos tanto dos surdos, quanto dos ouvintes, eu sempre estive envolvido. Também sempre estive envolvido com os meus pais, quanto no mundo acadêmico.</p> <p>(33) Ernani: Você diria que sua tia materna ouvinte, lhe influenciou na escolha por Geografia?</p> <p>(34) Guaracy: Eu sempre gostava de Geografia. Me lembro quando ela foi fazer o vestibular, ela não sabia ao certo o que fazer. Ela queria dar</p>	<p>Bílingue e bicultural</p> <p>Coda em família</p> <p>Influência da Geografia e da tia</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 10:10]	<p>aula. E eu queria fazer Geografia. Eu vou fazer Geografia. Talvez eu tenha influenciado ela, mais do que ela a mim.</p> <p>(35) Ernani: Falemos sobre o Ensino Médio. Há lembranças suas à época quando você foi na escola, como filho de pais surdos?</p> <p>(36) Guaracy: Lembro de questões mais em relação a preconceito. Muitos alunos tinham essa questão de zoar, fazer bullying, você pegar colegas na idade de 15, 16 anos, é uma fase da adolescência bem complicada. Você foi adolescente, sabe como é (risadas) essa criança. Hoje as coisas estão completamente diferentes. Vou contar um caso pra você que eu acho importante citar. Na época que eu estudava a escola tinha uma disciplina maior, uma rigidez maior. Hoje eu dou aula e a questão da disciplina é bem complicada. Tem uma colega ouvinte minha que tem um filho surdo, que estuda em uma escola</p>	Barreiras no Ensino Médio	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 12:30]	<p>aqui em Cuiabá, e os alunos dessa escola, por malvadeza, pegaram esse colega surdo, o sentaram numa cadeira e amarram suas mãos atrás para que se comunicasse oralmente. Para não poder sinalizar, porque era língua de bicho, de animal, língua de não sei o quê, entendeu? Ele foi inserido nessa escola de ensino regular, e legitimam isso em nome da inclusão, mas no começo ele não tinha intérprete, agora tem. Isso não é inclusão!</p> <p>Comigo isso nunca aconteceu. Mas meus colegas chamavam minha mãe de “aquela mudinha”, “seu pai é mudinho”, “seu mudinho”. Eu ficava com raiva e dizia que não eram mudinhos, até porque o médico me explicou e eu tinha essa concepção de que meus pais não eram mudos, mas surdos, mas não desenvolveram a</p>	<p>Barreiras na escola</p> <p>Preconceito</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 15:50]	<p>oralidade. Eu já tinha isso claro comigo. Só que eu sofria muito essa questão no Ensino Médio, principalmente no 1º ano. Era um bullying, de sofrer, foi de carregar esse estigma.</p> <p>(37) Ernani: Agora falemos sobre o tempo da faculdade. Algum episódio que lembra do tempo nos anos da Universidade?</p> <p>(38) Guaracy: Lembro do primeiro dia de aula da Libras. Foi muito legal e interessante. Utilizo isso com os professores quando tenho curso. O professor de Letras/Libras, nos cursos de licenciatura. Nosso professor de Libras aqui da universidade é ouvinte. No primeiro dia de aulas ele entrou e se apresentou como professor e começou a aula, usando a Libras. Todos pensavam que ele era surdo. Ninguém conhecia ele. A primeira aula inteira foi em Libras. Os meus colegas começaram a me cutucar para traduzir pro Português.</p>	<p>Preconceito</p> <p>Coda na faculdade</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
	<p>Eu entendia tudo o que estava sendo apresentado. E assim foi o tempo todo. No final da aula, ele oralizou e falou. Os meus colegas ficaram chocados e surpresos, falaram:</p> <p>– “Quase morri do coração. Como assim, você não é surdo?”</p> <p>O professor usou a seguinte frase:</p> <p>– “É assim que muitos alunos surdos ficam em sala de aula, quando o professor não sabe Libras ou quando não tem intérprete para eles”. Alguns colegas até choraram. Foi uma coisa assim, que marcou o início meu na faculdade. Foi um episódio marcante.</p> <p>Depois da aula eu e o professor conversamos sobre minha interpretação da aula e sobre minha história de vida, como Coda. O professor achou muito bacana.</p> <p>Hoje nós temos uma amizade muito forte. Ele defendeu o mestrado dele agora e é o nosso professor daqui da universidade (UFMT).</p>	<p>Coda na faculdade</p> <p>Coda na faculdade</p>	<p>Identidade</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[2 – 18:10]</p> <p>[2 – 20:20]</p>	<p>(39) Ernani: Você é um Coda adulto hoje. Militante e consciente de sua identidade, cultura e língua.</p> <p>(40) Guaracy: Do ponto de vista da identidade, as pessoas me conhecem como o “Pedro da comunidade surda”; “aquele Pedro, o filho do Raimundo e da Fátima”, por que aqui em casa teve uma associação de surdos de 2001 até 2010 mais ou menos, funcionou essa associação, aqui em casa. Lembro que os surdos de Cuiabá e do interior se reuniam aqui em casa, como o ponto de encontro deles, de conversarem, de estabelecimento da sua identidade e trocar ideias. A construção cultural da própria língua foi fundamental na minha infância. Eu participava e via isso.</p> <p>Eu tenho isso comigo. Se alguém falar mal de surdo, eu já entro no papo e vou defender os surdos. Se vejo alguém se comunicar em Libras,</p>	<p>Militância nos movimentos surdos</p> <p>Constituição bilingue do Coda</p> <p>Militância</p>	<p>Militância</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 25:50]	<p>quero entrar no meio e participar do papo. Se houver um surdo em qualquer lugar, tento ao máximo ajudar na socialização dele com os demais, se for o caso. Acho que isso foi muito importante na minha infância, apesar de hoje ter uma mãe surda, a correria do dia a dia nos distancia dessas coisas de cultura, de língua. Ela faz as coisas dela, eu saio pro trabalho, viajo. Quando viajo quero encontrar, conversar com os surdos. Eu gosto de estudar e de entender essas questões. Então eu me constituo enquanto ouvinte, mas tendo e fazendo parte da comunidade surda, tendo um pouco dessa questão da identidade, da cultura e da língua.</p> <p>(41) Ernani: Agora sobre sua profissão. Seus estudos como doutorando. Dois mundos, surdo e ouvinte. Relação entre os dois.</p>	<p>Coda fazendo pontes entre comunidade surda e ouvinte</p> <p>Identidade</p> <p>Coda consciente</p>	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2– 26:00]	<p>(42) Guaracy: O que faço. Busco sempre uma relação na prática e viver numa perspectiva de totalidade, devido à prática cotidiana. Não vivendo separadamente nesses mundos, compreendendo a especificidade de cada um, mas vivendo nesses mundos onde há uma ponte na qual posso passar, estar presente em ambos continuamente. Assim, os surdos podem estar caminhando para o mundo dos ouvintes e os ouvintes estar caminhando para o mundo dos surdos. Tenho os dois mundos e tento viver de forma contínua. Não sei se já virou uma forma automática. No meu estudo de doutorado, pesquisei duas escolas. Uma escola especial para surdos, outra regular para ouvintes. A escola especial para surdos eu sei que a língua lá é Libras. Entro lá e interajo naturalmente lá, naquele mundo. E na outra escola, a</p>	<p>Coda consciente</p> <p>Coda em dois mundos</p>	<p>Bilinguismo</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 28:25]	<p>escola regular para ouvintes, lá tem uma aluna surda. Fico na sala de aula com ela e os demais quase não ouvem a minha voz, pois me comunico em Libras com esta aluna surda, que é meu sujeito de pesquisa.</p> <p>Assim, consigo entender e valorar qual é o momento e qual a condição, que o mundo deve não sobressair um pro outro, mas qual o mundo que deve valorizar mais naquele determinado momento. Por exemplo, quando acontece uma entrevista, uma palestra para os ouvintes e minha mãe estiver próxima, eu vou comunicar em Libras, vou tentar valorar aquilo para quem precisa mais comunicação. Tento valorizar isso.</p> <p>(43) Ernani: Você diria que há alguma profissão que limita ou destaca o Coda?</p>	Coda bilíngue	

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
<p>[2 – 30:03]</p> <p>[2 – 31:20]</p>	<p>(44) Guaracy: Não sei. Acho que isso vai depender muito das relações e condições que esse Coda viveu. Qual a condição teve o sujeito, falo em condição social, geográfica, histórica, de entendimento, da condição familiar. Não sei se existe um impeditivo do sujeito ser melhor nisso ou pior naquilo, por conta de ser filho de surdo. Acho que ser filho de surdo não te impossibilita nada, talvez te acrescente diversas outras coisas, como a Libras, para poder entender melhor as coisas. Acho meio difícil falar isso. Mas para mim tudo depende da condição que vivenciou, da sua construção enquanto sujeito. Porque a construção do sujeito é importante quanto outras coisas. Mas ser Coda me permitiu desenvolver percepções visuais bem mais do que os outros, acho. Já trabalhei uma vez numa secretaria do estado que analisava</p>	<p>Coda em dois mundos</p> <p>Coda pode tudo</p> <p>Constituição do Coda</p>	<p>Codas e suas narrativas de vida em família</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 32:46]	<p>fotos de áreas de desmatamento. Eu era sempre chamado para dar minha opinião. Tenho certeza de que pelo fato de saber a língua de sinais, isso me ajudou muito. Além disso, gosto muito de desenhar mapas, construir e usar a cartografia na sala de aula, pois gosto de ser didático e os alunos entenderem e verem com maior facilidade os conceitos geográficos.</p> <p>(45) Ernani: Falemos um pouco sobre a legislação atual sobre TILS, Surdos, Libras. Militância.</p> <p>(46) Guaracy: Acredito que avancamos muito do ponto de vista da legislação. Desde 2002, com a Lei da Libras, depois o Decreto em 2005, depois com a Lei do Tils, cada estado tem sua especificidade, e muito mais. Mas precisamos melhorar em muitas coisas. A materialização do que está escrito no papel. Precisamos arrancar o que está escrito lá e colocar em</p>	<p>Coda é visual</p> <p>Coda e as práticas sociais atuais</p>	<p>Militância</p>

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 35:00]	<p>prática. Principalmente termos o tradutor em órgãos públicos, em hospitais e diversos outros lugares. Porque a comunicação é premissa para a construção do conhecimento. Sem comunicação não se estabelece diálogo, nem conhecimento. E a falta de comunicação acaba tendo uma falta isolada, que se isola, fica num mundo isolado. E não é isso que prevê uma lei, a Constituição, todas as leis de um modo geral. Penso que algumas pessoas, alguns professores se aproveitam dessas leis, para oferecerem cursos rápidos e ganhar dinheiro.</p> <p>– “Olha, você vai aprender a Libras em duas semanas.”</p> <p>Isso eu acho horrível. Tem muitos picaretas neste mundo, nesta área. Deve ter formação e certificação para intérpretes e professores.</p>	Coda e as práticas sociais atuais	Militância
[2 – 36:10]	<p>todas as leis de um modo geral. Penso que algumas pessoas, alguns professores se aproveitam dessas leis, para oferecerem cursos rápidos e ganhar dinheiro.</p> <p>– “Olha, você vai aprender a Libras em duas semanas.”</p> <p>Isso eu acho horrível. Tem muitos picaretas neste mundo, nesta área. Deve ter formação e certificação para intérpretes e professores.</p>	Coda e as práticas sociais atuais	Constituição

Data/tempo	Excertos	Pré-indicadores	Indicadores
[2 – 40:54]	<p>Em relação à militância, minha mãe e eu recebemos uma homenagem (Moção de Aplausos) da Assembleia Legislativa do Estado do Mato Grosso, pela associação de surdos que tivemos em nossa casa por muitos anos.</p> <p>Muitos professores me ligam e me perguntam sobre a associação, procuram informações. Então sempre que possível estou nesse meio.</p>	Coda, a formação e militância	Constituição
[2 – 44:54]	<p>(47) Ernani: Você tem sinais caseiros? Próprios da sua família.</p> <p>(48) Guaracy: Usamos em nossa casa tomar chá. Minha mãe sempre usou este sinal para chá-mate: Braço forte. Bater no outro braço. Uso da iconicidade (desenho na própria lata do produto), quando se refere ao Mate Leão. Faz sinal de leão.</p>	<p>Coda, a formação e militância</p> <p>Sinais caseiros</p>	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, discutimos o que filhos ouvintes de pais surdos – Codas – narram sobre o seu desenvolvimento linguístico, familiar, educacional e social. De forma mais específica, analisamos as marcas que revelaram a constituição da/na identidade/subjetividade dos Codas, os quais se reconhecem como sujeitos bilíngues e biculturais.

Para respondermos aos objetivos propostos, utilizamos como metodologia as “Histórias de vida”, de Moriña (2017, 2018). Tal metodologia conduziu à investigação e análise das narrativas de quatro Codas participantes da pesquisa, coletadas em entrevistas de áudio e vídeo, com questões abertas semiestruturadas, em encontros recorrentes, que foram transcritas para o Português.

Os dados obtidos para a análise foram organizados com base nos Núcleos de Significação de Aguiar e Ozella (2006, 2013), que foram estabelecidos em cinco núcleos de significação, com o objetivo de apreensão dos sentidos. São eles: 1. Narrativas que marcam a maturidade precoce na constituição da subjetividade dos Codas; 2. Formação dos Codas como sujeitos bilíngues e biculturais; 3. Orgulho dos pais como cidadãos de direito em sociedade; 4. Aspectos do processo formativo escolar e universitário; 5. Codas: os primeiros Tils nas relações dos pais surdos em sociedade.

A constituição dos Codas, que se identificam como um grupo, é singular no seu crescimento, porquanto trazem marcas que se estabelecem ao longo da vida, mas de modo

peculiar durante a infância com seus pais. Posto isso, chegamos à primeira marca, que diz respeito à maturidade precoce, experiências que forjam sua condição de filhos ouvintes e usuários da língua de sinais, como intermediários entre seus pais e a sociedade fora de casa. A casa é um espaço seguro e acolhedor pelo caráter da comunicação sem obstáculos, natural, pelo ambiente dialógico, pela construção de visão de mundo. Porém, fora do lar, há barreiras para a condição dos pais, empecilhos para a língua visual e um modo de ver marcado pela hegemonia ouvintista. A subjetividade/identidade se estabelece nas experiências dos preconceitos, da alteridade, do modo de ser que será questionado ou mesmo desprezado pela sociedade majoritária e pelos sujeitos que a compõem. A maturidade precoce constitui a subjetividade dos Cotas.

A segunda marca concerne à condição bilíngue e bicultural dos filhos ouvintes de pais surdos, estabelecendo continuamente a sua existência nas zonas de fronteira, entre duas línguas e duas culturas. Uma língua é de modalidade oral-auditiva, de uma cultura majoritária ouvinte da sociedade, língua e cultura de prestígio. A outra língua é de modalidade visual-espacial, de menor prestígio e de cultura de minoria. Nessas idas e vindas entre as duas línguas e as duas culturas, os Cotas pertencem a uma terceira cultura (USEEM, 1952; NAPIER, 2008; QUADROS, 2017), cujo espaço singular é de exclusividade para os sujeitos que crescem em duas línguas e, conseqüentemente, em duas culturas. Porém, há uma especificidade maior nos Cotas, pelas modalidades diferentes das línguas em questão, que se entrecruzam constantemente. Para Quadros (2017), é o “interstício Coda”, cujo tempo e espaço leva à terceira cultura, consequência das línguas e cul-

turas envolvidas. Ainda concebemos a visibilidade do Coda, que surge somente a partir do uso da língua de sinais com seus pais, ou seja, na alteridade. Caso contrário, eles seriam invisíveis na sociedade majoritária.

A terceira marca construída a partir dos Codas participantes é o orgulho dos pais surdos como cidadãos de direitos em sociedade. Todas as narrativas trazem aspectos dos pais enquanto sujeitos surdos usuários da língua de sinais, em cujas famílias cresceram os Codas, com interações contínuas pela língua de sinais, com seus pais. Percebemos que há um orgulho dos pais surdos pelos seus filhos ouvintes e há, por outro lado, uma satisfação dos Codas participantes por terem crescido no meio da sua família. O orgulho se constitui a partir da consciência do próprio sujeito. Em vista disso, Ladd (2003, I 291) usa o termo “ser surdo”, que é concebido como “[...] um processo pelo qual os indivíduos surdos passam a efetivar sua identidade surda, [...] através de que são afetados por vários fatores, como nação, época e classe”. Assim, há o estabelecimento do sentimento de orgulho como sujeito surdo no mundo. Esse orgulho, de acordo com as narrativas da pesquisa, e de acordo com Silva (2018), se estabelece pela resiliência existencial, pelas resistências na militância, na participação da fundação de associações de surdos em suas próprias casas, enquanto líderes dos movimentos surdos na sua região, e ainda pelo incentivo dos pais aos filhos na busca de estudos e formação. Destacamos as associações de surdos, mencionadas pelos Codas, que foram redutos fundamentais de resiliência e de resistência da identidade, língua e cultura surdas, legados aos Codas participantes. Todas as quatro famílias dos Codas participantes foram

baluartes de associações de surdos, cujos espaços eram divididos entre membros da família e demais amigos surdos da comunidade da região, que se reuniam semanalmente em suas casas.

Embora nos tempos idos dos pais surdos a situação fosse outra, época na qual não se via a língua de sinais empoderada como a temos e a vemos hoje, não era motivo de se sentir menos importante, menos capaz ou menos produtivo. O valor surdo e a sua língua já existiam. O orgulho dos pais e sua “visão excedente”, segundo Bakhtin (2003, p. 23), “do conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento”, em relação aos filhos, assim como o senso de valorização dos pais pelos filhos ouvintes, é imensurável. É um valor epistemológico e histórico para toda a existência dos Cotas e das suas famílias.

A quarta marca da constituição dos Cotas que elencamos refere-se aos aspectos do processo formativo escolar e universitário. Os pais mencionados em nosso estudo certamente influenciaram seus filhos, quer no processo escolar, quer na profissão. Todas as narrativas relatam a visão positiva e entusiasta dos pais em relação aos filhos, no ensino da língua e uma parte importante do sujeito surdo de ser, do apoio aos estudos, do ânimo para com uma formação acadêmica para a vida. Os pais legam aos filhos uma herança valiosa que é a língua, a visão e os instrumentos de luta e de resistência. É na geração seguinte que se dará continuidade e maior profundidade às questões epistemológicas e existenciais dos pais surdos. Não é por acaso que todos os nossos participantes são militantes da causa surda e são profissionais na área da Educação ou da Tradução e Interpretação da Libras.

A quinta marca é que traz a visibilidade do Coda pelo uso fluente da língua e pela mediação com que se constituem, ainda cedo, para seus pais e para a sociedade. Não há questionamentos: eles foram os primeiros Tils que a história nos descreve. Alguns mais cedo, outros mais tarde, mas todos foram mediadores para seus pais surdos. Nessas fronteiras de línguas que se cruzam ininterruptamente, tentam negociações e aproximações entre os dois lados, cujas vivências diárias oportunizam muitos desafios e sucessos para ambos os lados – surdos e ouvintes – como também para si mesmos. Ganham com visão de mundo, compreensão e empatia com as questões e indivíduos. Se por um lado há maturidade precoce, forçada pelos desafios que enfrentam sem opções, por outro lado ganham em possibilidades nos horizontes da vida, êxito na carreira profissional, logro nas oportunidades e resiliência na vida.

A identidade é outra marca muito importante, pela sua especificidade. Codas se identificam não só pelas línguas envolvidas, que no Brasil são a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, mas também pela visão de mundo, sociedade, ser humano, entre outros, que os aproximam. Essa identificação é com Codas de todo o mundo, mesmo que não saibam se comunicar com a língua oral e de sinais de outro país. A identidade Coda transcende qualquer barreira. Eles falam sobre si, suas experiências. São histórias hilariantes, outras emocionantes, cujas trajetórias expõem momentos difíceis marcados pelas dores. São marcas de altos e baixos do cotidiano humano, que esculpem e estabelecem a identidade e a subjetividade Coda. Entretanto, trazem, outrossim, marcas de vitórias, de superações, de alegria e

de satisfação, que constituem também a subjetividade deste indivíduo singular.

Todavia, os Cudas são pessoas como as demais e, na concepção de Bakhtin, são sujeitos inacabados e em contínua evolução. De acordo com o autor, a história tem constituição central no ser humano, pois há a possibilidade de revisita-la. O ser humano produz história e é produzido por ela, por isso, é descontínua. Nunca é igual. Os elementos e/ou atores da história nunca serão os mesmos e nunca repetirão o mesmo ato no tempo e espaço. Por isso inacabados. Este acabamento é provisório até o encontro com outra alteridade, segundo Bakhtin.

Os dados coletados foram analisados à luz dos postulados de Bakhtin e o seu Círculo, com as concepções do grupo, em especial no que diz respeito à identidade, subjetividade, língua e linguagem. Foram acrescentados autores Cudas aos tópicos discutidos, que enriquecem academicamente as análises e trazem a cientificidade ao estudo.

Há ainda possibilidades outras de tecermos imbricações entre os núcleos de significação construídos para este estudo e tantos postulados outros de Bakhtin, que não foram trazidos aqui. A exemplo, teríamos as concepções de entonação, volitivo emocional, história, memória, entre outras. Por outro lado, optamos por áreas como o multiculturalismo, o hibridismo cultural, interculturalidade, subjetividade, surdidade, identidade e verbivocovisualidade fazendo pontes com a área do estudo.

Para o autor, a identidade são os pensamentos, opiniões, visão de mundo, consciência, entre outros, que se constituem a partir de relações dialógicas. O eu constitui-se a partir do outro, na relação de trocas com o outro. Cada sujeito

é único e singular, portanto, a identidade é o fundamento da alteridade a partir do outro. Nós refletimos e refratamos baseados no outro. O que Bakhtin chama de subjetividade está conectado à concepção de identidade. O sujeito não se constitui sozinho, mas identifica-se e difere-se na dialogia com o outro. Essas concepções estão epistemologicamente estabelecidas no ser humano e difíceis de separá-las para uma compreensão na sua essência.

Quanto à concepção de Bakhtin a respeito da língua, diz que ela é viva, que está em constantes movimentos e mudanças, assim como os próprios seres humanos. Nada na língua é morto. Ela é a expressão da linguagem, por excelência. Como afirma o autor (2013, p. 18): “Dentro do universo da linguagem, o signo tem seu espaço particular por operar como uma ponte entre a língua sistêmica e a realidade sócio-histórica, articulados pela ideologia”. O autor faz uma diferença entre a língua gramatical, metódica e a linguagem popular, marcada pela ideologia.

A área da pesquisa é pouco conhecida, aborda uma minoria social, linguística e cultural bem restrita e, por isso, há pouca literatura a respeito, em especial de autoria não Coda.

Devido ao fato de os Codas serem invisíveis na escola – em relação à condição linguística e à especificidade da constituição familiar –, é importante trazermos uma proposição plausível, que foi a motivação inicial para este estudo há alguns anos. Sugerimos que, nos centros educacionais do ensino fundamental, tenha um profissional que possa acolher conscientemente os Codas matriculados na escola. Que esse profissional possa fazer uma ponte entre os alunos Codas, os colegas de sala de aula e os demais professores. Que os Codas sejam vistos com respeito

e admiração no espaço da escola por todos, tornando o ambiente acolhedor, prazeroso e inclusivo. Esse alerta sugestivo é extensivo aos pais surdos dessa escola. É necessário haver profissionais tradutores/intérpretes de língua de sinais para dar acessibilidade aos pais surdos da escola, como nas reuniões com os professores, conversas com a direção e demais nos eventos escolares. É direito de acessibilidade e mostra respeito. São garantias fundamentais no acolhimento de ambos, pais surdos e filhos Codas, no ambiente escolar.

Todas as experiências, lembranças e percepções da memória dos entrevistados para este estudo são preciosas, pois ficarão registradas para as futuras gerações de Codas, servindo de modelos, pelas narrativas que cada um expõe. Em relação aos quatro participantes deste estudo – **Nina, Kauê, Kayke e Guaracy** –, é um grupo seletivo pela sua formação acadêmica, assumidos em suas identidades, como também em relação ao aspecto volitivo e acolhedor para com este estudo e as questões trazidas por este pesquisador não Coda.

São sujeitos representativos de um grupo que apresenta especificidades que, com certeza, possuem determinadas confluências em suas histórias que não encerram pela complexidade das múltiplas experiências de tantos outros sujeitos Codas.

Que este estudo abra outros temas e outros caminhos de pesquisa na área, no sentido de incentivar e de acolher histórias outras de Codas em suas experiências de pertencimento à comunidade surda, à comunidade ouvinte e os seus desdobramentos frente à jornada vivida de cada um.

REFERÊNCIAS

ADAMS, S. Characteristics of the coda experience in 21st-century contemporary culture. In: BISHOP, M.; SHERRY, E.; HICKS, L. (Ed.). **Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008.

AGUIAR, W. M. J. (Org.). **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 222-246, 2006.

AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, abr. 2011.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

ANDRADE, P. R. **Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização**. 2011, 129 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)

Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1607>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ARAÚJO NETTO, L. F. S. A.; RAMOS, R. S. Cultura, identidade e trabalho: inter-relação de conceitos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 53, n. 2, p. 213-222, abr./jun. 2000.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Letteris, 2010.

BAKHTIN, M. (V.N. Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Glossário termos de Bakhtin**. Palavras e Contrapalavras – Cadernos de Estudos I – Grupo de Estudos do Gênero do Discurso – Gege, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. Disponível em: <<http://linguagenseminteracao.blogspot.com/2012/11/glossario-bakhtin.html>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1988, p. 71-210.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotelo e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza (tradução não revisada, exclusiva para uso didático e acadêmico) da edição americana *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993. E-book.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. N., **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAUMAN, Z. **Fronteiras do pensamento**. 2011. (30m25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBN0-D4A>>. Acesso em: 7 fev. 2020.

BISHOP, M.; HICKS, S. (Ed.). **Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008. E-book.

BOENO, N. S. Como falar das às palavras. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 355-387, jan./jun., 2013.

BOGAERDE, B. van den; BAKER, A. E. *Bimodal language acquisition in kodas*. In: BISHOP, M.; HICKS, S. L. (Ed.). **Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008, p. 99-131.

BRASIL. **Decreto 10.502, de 2020**. Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>>. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Brasília-DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão. Brasília-DF, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Plano nacional de educação: 2014-2024**. Lei 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Ed. Câmara, 2014. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacao-original-144468-pl.html>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

BULL, T. H. **Deaf family issues: Codas and identity**. Reach Canada, 2013. Disponível em: <http://www.codaukireland.co.uk/uploads/1/3/0/0/13000270/bull_t._deaf_family_issues.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BURGE, J. **Children of deaf adults: interpreting identity**. Dissertação em Sociologia da Infância e dos Direitos da Criança. UCL Institute of Education. September 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/37497366/Children_of_Deaf_Adults_Interpreting_Identity>. Acesso em: 18 jan. 2020.

CAMPAROTO, S. V. de S. Maringá, 19 mar., 2018. **Facebook**: Sílvia Vitória. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100003656084762>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997, p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CASTRO, A. P. de. A entrevista dialógica como instrumento para pesquisar a escrita on-line na aprendizagem do professor em formação: reflexões iniciais. In: FREITAS, M. T. de A. (Org.). **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 91-100.

CODA BRASIL. **5 anos de história.** Revista distribuída no VI Encontro Nacional de Codas. Rio de Janeiro-RJ, 2018. 14 f. Circulação interna.

CUMMINS, J.; DANESI, M. **Heritage language.** The development and denial of Canada's linguistic resources. Québec: La Maitresse d'école inc., 1983.

DIE ANDERE Heimat: Chronik einer Sehnsucht. (A outra pátria: Crônica de um desejo). Direção de Edgar Reitz. Alemanha: Christian Reitz, 2013. (3h 55min).

DUARTE, N.; MARTINS, L. M. **As contribuições de Aleksei Nikolaevich Leontiev para o entendimento da relação entre educação e cultura em tempos de relativismo pós-moderno.** 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_945_julia_malanchen%40hotmail.com.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2020.

DUMMER, C.; SCHMÖCKEL, A. M. **100 anos de ensino, pregação e testemunho.** Santa Cruz do Sul: LupaGraf, 2002.

ENGELMANN, E. G. **A saga dos alemães do Hüsnrick para Santa Maria do Mundo Novo.** Igrejinha: Editora Própria, 2007, v. 3.

EUROPE PMC. **Central de repositório europeu.** Disponível em: <<https://europepmc.org>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

EXEDRAJOURNAL. **Revista da Escola Superior de Coimbra.** Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

FANTI, L. J. Jr. **Blessings from my parents' deafness**. In: VI Conferência Nacional dos Codas, em 15-18 de julho de 1989. Local: Auditório College Conference Center do Hotel Quality Inn, MD, EUA. Disponível em: <https://www.coda-international.org/resources/Documents/Keynote/1989_Keynote-Lou%20Fant.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

FANTI, M. da G. C. Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e pes-pontos. **Veredas, Rev. Estudos da Linguagem**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 95-111, jan./dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25268>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. 1. reimp. São Paulo: Parábola, 2010.

FERNANDES, S. **Educação de surdos**. Curitiba: IBPEX, 2011.

FOX, M. L. A place to belong: A support group curriculum for hearing adolescents of deaf parents (Kodas). **JADARA, Author manuscript**. Set. 2018, n. 52, p. 2-15. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6953970/>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

GERALDI, J. W. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GERALDI, J. W. **Perspectivas críticas dos estudos da linguagem do Círculo de Bakhtin**: passagens. 2016. Disponível em: <<http://blogdogeraldi.com.br/perspectivas-criticas-dos-estudos-da-linguagem-do-circulo-de-bakhtin>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GIPES – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gipes/>>. Acesso em: 9 ago. 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-133.

HUNSCHE, H. C. **O ano de 1826 da imigração e colonização no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso: 19 jan. 2020.

KARNOPP, L. B. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: FERNANDES, E.; QUADROS, R. M. (Org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

KUMAR, A. P. V. Translation as “dialogic agreement”: A Bakhtin’s perspective. **International Journal of English and Literature (Ijel)**, Hyderabad. 4 (6): 89-94, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.tjprc.org/publishpapers/--1467378588-13.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

LADD, P. Understanding deaf culture. **Search of deafhood**. Londres: Channel View Publications. Edição do Kindle. 2003.

LANE, H. **When the mind hears**: a history of the deaf. Nova York: Vintage, 1989.

LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the deaf-world**. San Diego: Dawn Sign Press, 1996.

LE FILS de l'autre (O filho do outro). Direção de Lorraine Lévy. França: Virginie Lacombe, Raphael Berdugo. 2012. (1h 50min).

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LOPES, M. C. **Surdez e educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MACHADO, I. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 136-156, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/09.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MARKUS, G. **Teoria do conhecimento no jovem Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1974.

MAROMBA, J. **Espírito espartano**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UC-OP3fBvW0CG0TTrI-flwU3A>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MARTIN, L.; QUADROS, R. **Best practices for building a bimodal/bilingual child language corpus**. 2016. Disponível em: <<https://europepmc.org/abstract/MED/28736476>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Centauro, 2004.

MATURANA, H. R.; REZEPKA, S. N. de. **Formação humana e capacitação**. Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MELLO, M. B.; MIRANDA, M. L. Em busca de uma possível imagem amorosa de si e do outro. In: BAKHTIN, M. **O espelho ao homem**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 13-36.

MONTEIRO, M. S. Histórias dos Movimentos dos Surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **Revista ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 292-302, jun. 2006. – ISSN: 1676-259 2. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20802394/historia-dos-movimentos-dos-surdos-e-o-reconhecimento-da-libras-no-brasil-myrrna->>. Acesso em: 13 abr. 2010.

MORIÑA, A. **Investigar con historias de vida: metodología biográfico-narrativa**. Madrid: Narcea, 2017.

MORIÑA, A. Using life history with students with disabilities: researching with, rather than researching on. **Educational Review**. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00131911.2018.1550054>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MOROE, N. F.; de ANDRADE, V. Hearing children of deaf parents: gender and birth order in the delegation of the interpreter role in culturally deaf families. **Ajod (African Journal of Disability)**. 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/29850437>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

NAPIER, J. Coda identity and experience. In: BISHOP, M.; HICKS, S. (Ed.). **Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008, p. 219-243.

OLIVEIRA, S. M. de. **Os artefatos culturais surdos nos currículos de graduação do tradutor e intérprete de língua de sinais/ língua portuguesa**. 2020. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. Belo Horizonte, MG.

OMOTE, S. Estigma no tempo da inclusão. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 10, n. 3, set.-dez. 2004, p. 287-308. Disponível em: <https://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista10numero3pdf/3omote.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhтинiana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

PEREIRA, G. B.; SANCHIS, I. P.; MOREIRA, L. R. Sujeitos, sociedade e discurso. **Rev. Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200002/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

PEREIRA, O. R. **Nascidos no silêncio: as relações entre filhos ouvintes e pais surdos na educação**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/990>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

PERLIN, G. T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS.

PETRILLI, S. A visão do outro. Palavra e imagem em Mikhail Bakhtin. In: BAKHTIN, M. **O espelho ao homem**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, p. 68-105.

POLLOCK, D. C.; VAN REKEN, R. E. **Third culture kids: the experience of growing up among worlds**. Yarmouth: Intercultural Press, 2001.

PRATT, M. L. **Arts of the contact zone**. Academic Discourse: Readings for argument and analysis. Ed. Gall Stygall. Fort Worth: Harcourt College Publishers, 2000, p. 573-587.

PRESTON, P. Chameleon voices: Interpreting for deaf parents. **Rev. Social Science & Medicine**, jul. 1996, v. 42, n. 12, p. 1681-1690. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/14420281_Chameleon_voices_Interpreting_for_deaf_parents>. Acesso em: 18 set. 2020.

PRESTON, P. F. Prefácio. In: BISHOP, M.; HICKS, S. (Ed.). **Hearing, mother-father deaf: hearing people in deaf families**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008. (e-book).

PRESTON, P. **Mother father deaf: living between sound and silence**. EUA: Harvard, 1994.

PROQUEST. **Empresa global de conteúdo e tecnologia da informação**. Disponível em: <<https://www.proquest.com>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PUBMED. Publicações médicas. **Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/PubMed>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

QUADROS, R. M. **Língua de herança**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M.; MASSUTTI, M. Códas brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, R. M; PERLIN, G. (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M; PERLIN, G. (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

REGIS, L. Identidades consumidas. **Revista Ambivalências**, Sergipe, v. 3, n. 5, p. 290-295, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/3932/3295>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

REPPERT, R. A. **Adventures of a Coda**: child of deaf adult. Maitland, EUA: Xulon Press, 2016.

RIESTRA, D. Professora da Universidad Nacional de Rio Negro, Argentina, convidada para o curso na pós-graduação Unesp/ Marília, mai. 2018. Apontamentos de sala de aula. Registros pessoais do autor.

RODRIGUERO, C. R. B.; YAEGASHI, S. F. R. **A família e o filho surdo**: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural. 1. ed. Curitiba: CRV, 2013.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANDER, R. E. **Educação bilíngue de filhos ouvintes de pais surdos (Codas): com o olhar de pais surdos**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, PPE, 2016. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2016/2016%20-%20Ricardo%20Ernani%20Sander.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SANTOS NETO, P. M. dos. **Cartografia escolar e inclusiva para alunos surdos**: mapa-Libras em suas mãos. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2020.

SCIELO. **Scientific electronic library online** – Biblioteca eletrônica de periódicos científicos brasileiros. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nr-m=iso>. Acesso em: 5 fev. 2020.

SILVA, F. G. **O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento.** (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, J. R. da. **Resistências Surdas: Quando as narrativas dos Tradutores e Intérpretes de Libras e Português nos contam as histórias.** 2018. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190985/SILVA%20Josué%20Rego%20da%202018%20%28dissertação%29%20UFES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

SILVA, M. M. da. **Intérpretes Codas: percurso profissional.** 2016. 204 f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/173667>>. Acesso em: 18 jan. 2020.

SILVA, R. C. D. da; MARTINS, S. E. S. O. Surdez e alteridade: o encontro entre o tilintar das vozes e o tremular das mãos. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31, p. 1-23, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100505>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SILVA, T. N. O retrato de Dorian Gray: uma leitura dialógica da vaidade humana. In: PAULA, L. de (Org.). **Vozes discursivas.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Petrópolis, 2014.

SINGLETON, J. L.; TITTLE, M. D. **Deaf parents and their hearing children**. Journal of Deaf Studies and Deaf Education, 2000. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15454502/>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

SKLIAR, C. (Org.) **Educação e exclusão**: abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUSA, J. **As crianças ouvintes filhas de pais surdos e a aquisição da língua gestual portuguesa e catalã: história de vidas cruzadas**. (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, Portugal. 2010. Disponível em: <<http://www.exedrajournal.com/exedrajournal/wp-content/uploads/2013/01/32-numero-tematico-2012.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SOUZA, J. C. F. **Intérpretes Codas: construção de identidades**. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136479/336246.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SUCUPIRA-CAPES. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

USEEM, R. H. **Third culture kid**. 1952. Disponível em: <<http://www.tckworld.com/useem/art1.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R.; VIGOTSKII, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone; Edusp, 1988, p. 103-117.

VYGOTSKI, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALKER, L. A. **A loss for words: the story of deafness in a family**. Nova York: Harper Perennial, 1987.

WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad**. Luchas (de) coloniales de nuestra época. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2009.

WOOD, B. A. **A survey of hearing children with deaf parents regarding their role as sociolinguistic agents**. 2016. 103 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Harold Abel School of Social and Behavioral Sciences. Universidade Capella, 2016. Acesso em: <<https://pqdtopen.proquest.com/doc/1847988803.html?FM-T=ABS>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.